

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HISTÓRIAS DE SENSIBILIDADES:
Espaços e narrativas da loucura em três tempos
(Brasil, 1905/1920/1937)

Nádia Maria Weber Santos

Porto Alegre, maio de 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HISTÓRIAS DE SENSIBILIDADES:

Espaços e narrativas da loucura em três tempos

(Brasil, 1905/1920/1937)

Tese apresentada como requisito parcial e final para conclusão do curso de Doutorado em História do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Sandra Jatahy Pesavento.

Nádia Maria Weber Santos

Porto Alegre, maio de 2005

Histórias de Sensibilidades:
espaços e narrativas da loucura em três tempos
(Brasil, 1905/1920/1937)

Tese apresentada para apreciação da banca examinadora

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Sandra Jatahy Pesavento.

Membros da Comissão Examinadora

Prof.^a Dr.^a Márcia Ivana de Lima e Silva

Prof. Dr. Jacques Leenhardt

Prof. Dr. José Augusto Avancini

Prof.^a Dr.^a Yonissa Marmitt Wadi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

L881r Santos, Nádía Maria Weber

Histórias de Sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos
(Brasil, 1905/1920/1937) / Nádía Maria Weber Santos.

Porto Alegre, 2005.

f.

Tese. (Doutorado) - IFCH, UFRGS

1.História 2. Literatura 3. Loucura 4.Sensibilidades
5. Escritos literários 6.Saúde Pública

I.Título.

Histórias de Sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos
(Brasil, 1905/1920/1937)

Índices para o Catálogo Sistemático:

História: História Cultural

Sensibilidades : Escritos Literários

Saúde Pública :Loucura

Bibliotecária Responsável:

"Se nós tivéssemos sempre a opinião da maioria, estaríamos ainda no Cro-Magnon e não teríamos saído das cavernas. O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana"

Lima Barreto

TOMO I

Lista De Abreviaturas

ABL – ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

AHRS – ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL

HP II – HOSPÍCIO DE PEDRO II (RIO DE JANEIRO)

HNA – HOSPÍCIO NACIONAL DE ALIENADOS (RIO DE JANEIRO)

HPSP – HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO (PORTO ALEGRE)

HSP – HOSPÍCIO SÃO PEDRO (PORTO ALEGRE)

LB – LIMA BARRETO

RP – ROCHA POMBO

TR – ABREVIATURA DO NOME DO PACIENTE INTERNO NO HPSP

INL – INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

CRB – CASA DE RUI BARBOSA

VM – VIANNA MOOG

MCSHC – MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO DA COSTA – PORTO ALEGRE-RS

CP – CORREIO DO POVO

APRS - ARQUIVO PÚBLICO DO RGS

AGRADECIMENTOS

Muitas são aquelas pessoas que fazem parte de um processo que dura no mínimo quatro anos, nesta trajetória de realização de uma tese de doutorado. Portanto, muitos são os agradecimentos a fazer.

Em primeiro lugar, devo muito à minha orientadora, Dra. Sandra Jatahy Pesavento. Desde os tempos do mestrado, que não são tão remotos para não serem lembrados, sua acolhida benéfica e sem preconceitos, neste PPG em História da UFRGS, como coordenadora, professora e orientadora, ajudou a constituir-me como historiadora e pesquisadora, fazendo-me sempre acreditar na força e na importância da "interdisciplinariedade" em minha vida. Mas não é só isto. Sua "garra" ao enfrentar problemas, sua disposição ímpar para a vida, para abarcar as mudanças que o mundo inventa - o que percebemos, inclusive, em sua vasta e importante obra de produção historiográfica e intelectual - ensinaram-me muito, principalmente nos aspectos mais sensíveis desta nossa tão frágil existência. Ela bem sabe a tudo que agradeço e o respeito que carrego dentro de mim por ela, por sua competência e por nossa amizade, construída passo a passo neste tempo todo. Sem Sandra e seu inesgotável apoio, esta tese não existiria desta forma.

Agradeço, de maneira bem especial, aos professores que constituem a banca de avaliação desta tese: Dra. Ângela de Castro Gomes, Dr. Jacques Leenhardt, Dr. José Augusto Avancini e Dra. Yonissa Marmitt Wadi. O contato intelectual com todos, nossas discussões e conversas durante esta trajetória, iluminaram de tal forma meus pensamentos que julgo poder dizer que suas idéias, de uma forma ou de outra, também foram fonte de água cristalina onde fui matar minha sede de saber.

De outra forma, meus agradecimentos ao próprio Programa de Pós Graduação em História da UFRGS, aos seus coordenadores e à CAPES, pelas oportunidades de estudo nesta Instituição, bem como pela bolsa de doutorado concedida em alguns períodos destes anos.

Importante também é lembrar a fase em que passei em Paris, com bolsa proporcionada igualmente por este órgão de pesquisa, para um "doutorado sanduíche" na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). O estágio francês ocorreu no primeiro semestre de 2003, dentro do quadro CAPES-COFECUB, do projeto de pesquisa intitulado "Narrativas e imagens: redescobertas do Brasil", cujos coordenadores Dra. Sandra Pesavento e o Dr. Jacques Leenhardt abriram-me a possibilidade de ir em uma de suas missões de estudo, previstas no projeto. Porém, este estágio só aconteceu devido à acolhida em Paris pelo professor Leenhardt, diretor de estudos da instituição francesa mencionada, ao qual agradeço imensamente.

Gostaria de deixar registrado, aqui, minha admiração e respeito por alguns professores que foram importantes neste trajeto, cada um à sua maneira e no seu tempo e lugares próprios - acho que eles sabem a que me refiro: professor Dr. José Augusto Avancini do PPG em História da UFRGS, professora Dra. Susana Bleil de Souza, deste mesmo programa, professora Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva, do programa de Letras desta Universidade, professora Dra. Kátia Pozzer, atualmente da ULBRA-RS, professor Dr. Roger Chartier, da EHESS de Paris. Todos são de uma dedicação exemplar à sua profissão e fazem, também, da relação com seus alunos algo digno de ser registrado.

Devo um "muito obrigada" especial aos colegas e funcionários da Casa de Ruy Barbosa, pela acolhida para o II Simpósio de História Cultural nesta instituição e pela oportunidade de pesquisa na mesma. Através das pessoas de Antônio Herculano Lopes, historiador e diretor do

setor de História, Patrícia, estagiária e José Luis, funcionário do LAMIC (laboratório de microfilmagem), agradeço a todos que se ocupam desta Casa Museu, desta casa de historiadores!

Não canso de reiterar agradecimentos especiais à diretora do Musée Zadkine, Mme. Lanson, em Paris, que abriu literalmente o expositor de vidros de uma exposição sobre os irmãos Van Gogh, para favorecer-me a fotocópia de um material raro sobre a doença de Vincent. Era um laudo psiquiátrico, em forma de escrito literário, feito em uma de suas internações na Holanda. Apaixonei-me não só pela exposição - diversas esculturas de Théo e seu irmão, feitas por Zadkine, entre outras obras plásticas - como também pelo rico material sobre a vida daquele que foi sempre considerado um louco pintor, que existia na "biblioteca-acervo" do museu, um sótão parisiense lotado de livros raros e interessantes. Como este foi um "achado de pesquisa tardio", isto é, eu estava já retornando do estágio francês, ela dispôs-se a fotocopiar todo o material que eu quisesse e enviar pelo correio. A eficiência foi tanta, que o material quase chegou antes de mim ao Brasil.

Não menos importante é agradecer à família, que é estofo emocional, que nos suporta e sustenta nestes momentos ímpares, principalmente nas ausências de casa, na falta de paciência para outros assuntos que não seja a tese, entre outras coisas miúdas do dia a dia. Ao meu filho Ayan e à minha mãe, Maria Magdalena, sempre tão presentes mesmo nas ausências, sempre tão sábios nestas polaridades da vida humana - infância e velhice -, dedico todo o meu amor e carinho. Não há palavras que revelem o quanto são importantes para mim.

No momento de agradecer aos amigos, sempre presentes nos mais variados momentos, corre-se o risco de esquecer alguém, ou de provocar ciumeira na "gurizada"!

Bem , amigos, não façam assim, gosto de todos, cada um em sua especificidade!

Amigos antigos, amigos novos, amigos brasileiros feitos no exterior, amigos do exterior conquistados lá mesmo. Enfim, amigos são sempre o adubo para nossos dias, sombrios ou ensolarados, em qualquer lugar que estejamos. Considero amigos todos aqueles que mencionei acima, mas eles também tinham outras qualificações. Às vezes há os amigos-colegas. Ou os amigos historiadores. Ou os amigos professores. Ou os amigos pacientes. Ou os amigos médicos. Mas não menos importantes são aqueles que são só amigos, como se ser amigo fosse ser "só"!

Agradeço a todos vocês que me fizeram sentir o prazer de suas companhias, de seus carinhos, de seus olhares, de suas dúvidas, de suas ajudas, de seus telefonemas e e-mails; àqueles que ajudaram a corrigir meus textos, durante e no final desta escritura; àqueles que confiaram e me colocaram diante de desafios novos; àqueles que nunca me deixaram duvidar de que é importante respeitar o outro, mesmo nas situações mais complicadas. Enfim, um grande beijo a todos: Lurdi Blauth, Carmen Brunel, Rachel Caligiorne, Lilian de Lacerda, Fernando Mattos, Marga Markus, Mara Péres, Ricardo Pacheco, Yonissa Wadi, Jaque Ferreira, Angélica Boff, Alice Trusz, Luis Fernando Beneduzi, Roswithia Weber, Deise Dias, Paulo Moreira, Dani Vallandro, João Bittencourt, Carla Rodeghero, Jack Estivallet, Sandra Ledesma, Carina Rippel, Patrícia da Rosa, Ana e Hector Calvo Pardo, Eduardo Elgelsing, Eduardo Weber e Bela Moraes, Fred e Delfin (da Maison du Brésil).

Muitas outras pessoas passaram por minha vida neste período, mas creio que nomeá-las, aqui, seja desnecessário, pois todos com quem me relaciono sabem da importância que as histórias pessoais e os seres humanos têm para mim. Portanto, ninguém é esquecido. Ficam em algum lugar da memória que, vez em quando, quando a vida dá suas voltas, vêm à tona para mais algumas trocas.

Para terminar, gostaria de fazer um agradecimento simbólico. Simbólico, pois eles não vão ler este trabalho e nem dá para dizer que tomarão conhecimento dele. Quero agradecer a Lima Barreto, Fileto e TR, estes escritores loucos, estes loucos escritores, estes pacientes loucos, estes loucos personagens que não se viam como loucos. E a tantos outros, anônimos e não, que sofreram pelo fato de terem uma lucidez diferente da comum. Sem eles todos e seus escritos não poderíamos avaliar algumas dimensões do ser humano e suas sensibilidades - mundo afora, vida adentro...

Resumo

A realização deste texto envolve um exercício interdisciplinar, que possui o intuito de perceber a forma pela qual os *escritos de si* são reveladores de sensibilidades sobre a loucura. A partir do diálogo da História Cultural com a Literatura e com a Psicologia Analítica lançam-se luzes nas fontes da ficção e dá-se a voz ao próprio louco. Ele conta sua história. Ele expressa sua sensibilidade sobre sua doença, sobre o meio que o abriga e sobre o mundo em que vive. São analisados três conjuntos de textos - romance, diário e cartas – que versam sobre loucura e internações em hospícios. Revisitando a história da psiquiatria brasileira nas primeiras três décadas do século XX e cruzando com a vida e obra dos três autores e de personagens da ficção, em que alguns escrevem seus textos durante hospitalização em manicômio, descortinam-se nuances na sensibilidade fina destes escritores. Alguns aspectos deste longo processo de rupturas e permanências, que foi o complexo movimento de institucionalização da loucura no Brasil, poderão ser percebidos e avaliados sob um outro enfoque, desde dentro dos escritos de pessoas que, de alguma forma, se viram envolvidas com esta temática. A literatura, neste sentido, aparece como uma fonte profícua para este fim.

Abstract

The present text is an interdisciplinary exercise. It aims at showing that self-writings can reveal sensibility about madness. The sources of fiction are enlightened and the mad is given voice from the dialog established among Cultural History, Literature and Analytical Psychology. The mad himself tells his history. He expresses his sensibility about his sickness, about the environment that surrounds him and about the world in which he lives. Three groups of texts are analyzed – novels, diaries and letters about madness and admissions in mental hospitals. By revisiting the history of Brazilian Psychiatry in the early decades of the 20th century and by crossing these pieces of information with the lives of the three authors studied and their fiction characters – some of them wrote their texts during hospitalization – one can notice nuances in the fine sensibility of these authors. Some aspects of this long process of rupture and permanence, which was the complex movement of the institutionalization of madness in Brazil, can be seen and evaluated under another focus – from inside the writings of people who, in a certain way, saw themselves involved with this theme. Literature, in this sense, comes up as one useful source for this aim.

SUMÁRIO

TOMO I.....	6
LISTA DE ABREVIATURAS	6
AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	12
ABSTRACT	13
SUMÁRIO.....	14
INTRODUÇÃO.....	16
HISTÓRIA, LOUCURA E SENSIBILIDADES	16
PRIMEIRO CAPÍTULO	47
ANDANÇAS PELO TEMPO E PELO ESPAÇO: A LOUCURA E O HOSPÍCIO EM DIVERSAS NARRATIVAS.....	47
1.1 NARRATIVAS SOBRE A LOUCURA: UM BREVE PANORAMA SOBRE HISTÓRIA E SENSIBILIDADES	48
1.2 A LOUCURA NARRADA: LENDO O DELÍRIO	58
1.3 O HOSPÍCIO NARRADO: IMAGENS REAIS ?.....	78
SEGUNDO CAPÍTULO	100
DOZE CARTAS E UM VERSINHO: O TEMPO DE TR NO HOSPÍCIO (1937) – UM ESCRITOR "ENGAVETADO", ANONIMATO E RESENTIMENTO.....	100
2.1 – O REGISTRO EPISTOLAR COMO FONTE HISTÓRICA	108
2.2 UM ARQUIVO PESSOAL (IN)VOLUNTÁRIO: AS CARTAS DE TR E OS ELEMENTOS DE SUA FICÇÃO.....	119
2.3 - DELÍRIO OU IMAGINÁRIO? MODOS DE ESCREVER, JEITOS DE SENTIR, MANEIRAS DE REFLETIR: A ESCRITA REVELANDO SENSIBILIDADES	169
TERCEIRO CAPÍTULO.....	193
O TEMPO DE LIMA BARRETO NO "DIÁRIO DE HOSPÍCIO" E "CEMITÉRIO DOS VIVOS" (1920): UM ESCRITOR NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA.....	193
3.1 “VOCÊ, QUARESMA, É UM VISIONÁRIO...”	205
3.2 ESTA SOMBRIA CIDADE DE LUNÁTICOS	219
3.3 O MOSAICO INACABADO - UM CEMITÉRIO PARA OS VIVOS.....	244
QUARTO CAPÍTULO.....	268
O TEMPO DE ROCHA POMBO E SEU ROMANCE "NO HOSPÍCIO" (1905): MISÉRIA HUMANA E ESPÍRITO LIVRE.....	268
4.1. A RECEPÇÃO DE ROCHA POMBO NO MEIO LITERÁRIO	280
4.2. UMA LÁGRIMA FURTIVA DE UM DOIDO BEM ESQUISITO: SENSIBILIDADE NOS JARDINS DO HOSPÍCIO.....	294
4.3 A OBRA E A LOUCURA COMO A FACE DE <i>JANUS</i> – PASSADO E FUTURO NA INTIMIDADE DAS LETRAS	338
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	351
PERMANÊNCIAS E RUPTURAS	351

REFERÊNCIAS	367
<i>Bibliográficas</i>	367
<i>Fontes</i>	378
<i>Literárias:</i>	378
<i>Hospitalares:</i>	378
<i>Jornais:</i>	379
<i>Homepages:</i>	379
TOMO II	380
ANEXOS.....	381
ANEXO I CERTIFICADO DE INTERNAÇÃO HPSP.....	382
ANEXO II A OBRA DE TR.....	383
<i>CARTAS DE HOSPÍCIO</i>	383
ANEXO III AS OBRAS DE LIMA BARRETO	384
1920.....	384
ANEXO IV A OBRA DE ROCHA POMBO.....	385

INTRODUÇÃO

História, Loucura e Sensibilidades ...



Barsa Planeta Internacional Ltda. Todos os direitos reservados.

A NAU DOS INSENSATOS

HIERONYMUS BOSCH



MANICOMIO OU
CASA DE LOCOS

FRANCISCO DE
GOYA

Barsa Planeta Internacional Ltda. Todos os direitos reservados.

Toda obra humana é fruto da fantasia criativa, dizia C. G. Jung.¹

Em contrapartida, quase toda fantasia criadora, em qualquer linguagem, que fale sobre loucura, traz estes traços acima expostos: os loucos são desgrehados, são "irracionais", parecem animais, são feios, são lunáticos, vivem em confusão, são "insensatos". Representações estas que respaldaram em muitas sociedades – e o fazem até hoje – práticas sociais e culturais de exclusão.

Agora aparece um anjinho, traz nas mãos uma corbeille de rosas em forma de cruz/ vi disse a santa todas ellas a teus pés puz/ aquelle queimaram em plena via pública naquella republica/ no “tempo” da inquisição. Podes agora fallar ao padre – Vem comigo amôr luz dos olhos meus onde toda flôr tem perfumes teus esta aldeia amiga tem um coração, soffre tua ausência, tem pois compaixão! A palidez da luz etérea canto esta linda canção de amôr, vem meu benzinho os teus olhos “Maria” ver esta hora queria – Vem cá santíssimo padre Benjamim Aragão, eu sou besta tu intelligente, não digas que não/ tu no jardim florido do Sinclair és pinto/ e te perdes no proprio labyrintho/ e a cada passo das com a testa no murro/ oh...santíssimo imbecil gigantissimo burro/ e se ainda não sentes o cheiro/ daquelle que para ti parecia dinheiro/ então não sei mais se fede o cigarro/ ou é perfumado mas esta te amarro/ e se algum dia encontrases o diretor da faculdade Dr. Blessmam Guerra/ pede-lhe no teu sabidissimo craneo o bisturí ferre/ Agora chega vou por ti rezar um padre nosso/ mas é impossivel não posso/ que tu és capaz ainda de me canonizar o dia em que eu na cova parar/ mas deixa-me ao menos o descanso/ quando na vida o tema, então avanço/ ao dizer-te isso ...²

O trecho acima, quando lido pela primeira vez e ainda desconectado de seu contexto, remete a um tipo de escrita, em rimas, que se assemelha, na forma e mesmo até em seu conteúdo, a muitos outros escritos de poetas que deixaram suas marcas na literatura de sua época. Porém, é um trecho de uma das muitas cartas escritas por um dito louco, durante sua internação em manicômio, nas quais ele expõe, muitas vezes diretamente, outras simbolicamente, suas reflexões sobre o mundo contemporâneo, bem como algumas questões que afligiam sua vida pessoal, naquele momento e no passado.

¹ Esta frase encontra-se no livro Jung, C.G. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1986. Vol. XVI/1, p.43.

² Excerto de uma carta escrita por um paciente interno do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, em junho de 1937. O conjunto desta correspondência será analisado em sua íntegra no segundo capítulo da tese.

Mas é difícil ver-se, bem fundamentada, a assertiva de que as fantasias e imagens provenientes da psique do indivíduo considerado “louco” possam ser imagens simbólicas, pertencentes a um “sistema” também inconsciente de sensibilidades, e que revelam, na sua dialética com os dados conscientes, uma outra maneira de ver o mundo, tão sensível e digna como outra qualquer.

É a partir deste outro ponto de vista, que se vai falar sobre loucura neste trabalho. Dar-se-á direito e legitimidade à voz do louco, à sua sensibilidade. A questão da escrita - e particularmente, *a escrita de si* ou *escrita auto-referencial*- constitui-se em elemento central desta tese, objeto que se desdobra no tema da loucura, a partir de textos escritos por sujeitos considerados "loucos", dentro de um certo contexto social e cultural.

Desta forma, esta pesquisa de doutorado insere-se na corrente historiográfica da História Cultural, no campo temático de História, Literatura e Sensibilidades e tem como objeto-tema a loucura, inserida nos *escritos de si* de textos literários, os quais constituíram as fontes primárias da tese.

Cada vez mais o cruzamento entre História e Literatura proporciona novos olhares sobre o Brasil, o que permite, também, deparar-se com novos objetos e novas fontes. Alguns temas, como a questão da loucura e internações em hospícios, que só recentemente foram descobertos pela historiografia, há muito perpassam temáticas literárias no Brasil.

Nesta tese, são analisadas e interpretadas três obras - literárias - que versam sobre a loucura e hospitalizações em manicômios. Através de três gêneros literários distintos, os quais remetem a escritas *auto-referenciais*, são mapeadas algumas *sensibilidades* sobre a loucura por

aqueles que a vivenciaram, ou a sentiram muito próxima, e/ou somente escreveram sobre ela, por serem sensíveis à sua manifestação.³

Estes textos, fontes primárias da pesquisa, são os seguintes: o romance simbolista de Rocha Pombo *No Hospício*, publicado em 1905, no Rio de Janeiro⁴; o *Diário do Hospício* de Lima Barreto, inserido na edição de sua obra (romance) inacabada *Cemitério dos Vivos*, que relata suas memórias e reflexões durante uma internação em hospício, Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, em janeiro e fevereiro de 1920⁵; e as doze cartas de TR⁶, um paciente internado no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre/RS, em 1937, às quais denominou-se *Cartas de Hospício*⁷.

Os estudos sobre a loucura são cada vez mais instigantes nas ciências humanas, atualmente, e vê-se um interesse crescente, por parte de pesquisadores, de adentrar este campo ainda obscuro na historiografia brasileira.

³ Utiliza-se o termo sensibilidade em relação a um certo campo de estudos e leituras, que serão detalhadamente explicitados no primeiro capítulo da tese. Parte-se da premissa que *sensibilidade* trata de questões subjetivas do ser humano, como uma forma de apreender o mundo dos sentimentos e afetos e também de exteriorizá-los.

⁴ Utiliza-se a segunda edição da obra, organizada por Afrânio Coutinho e publicada pelo Instituto Nacional do Livro (INL), em 1970.

⁵ Utiliza-se a edição das obras completas de Lima Barreto, publicada pela Brasiliense (São Paulo), em 1956, organizada por Francisco de Assis Barbosa. O nome do livro é *O Cemitério dos vivos*, tem prefácio de Eugênio Gomes, e inclui como primeira parte o *Diário de Hospício* (páginas 30 a 118), que são as notas manuscritas de Lima Barreto, durante sua última internação no Hospício Nacional de Alienados, de dezembro de 1919 a fevereiro de 1920. Numa segunda parte deste volume existe, então, o romance propriamente dito, inacabado, chamado *O Cemitério dos vivos* (páginas 119 a 225). Uma terceira parte do volume compreende o *Inventário da biblioteca particular de Lima Barreto*, feito por ele mesmo e denominado “Coleção Limana” (páginas 227 a 253). Uma quarta parte foi ainda acrescentada neste volume por seu organizador, chamada *Documentos*, onde foram colocadas uma entrevista ao jornal *A Folha* do Rio de Janeiro, durante esta internação de LB, com data de 31 de janeiro de 1920; e uma cópia dos três registros médicos (“Caso Clínico”) de suas duas internações no HNA.

⁶ Opta-se em deixar o nome deste paciente com suas iniciais, pois por questões éticas não se pode revelar a identidade do mesmo.

⁷ As cartas manuscritas encontram-se arquivadas no Prontuário médico 7381, de 1937, Hospital Psiquiátrico São Pedro, guardado no APRS.

Aquela pessoa considerada "louca" e, portanto, excluída da sociedade - como é e parece que sempre foi, na grande maioria dos povos, a prática comum -, não tem seus direitos de cidadão estabelecidos, muito menos respeitados, ficando "à margem da história", como se poderia dizer.

Averigua-se que esta exclusão é feita desde o ponto de vista externo, social, sendo admitido - tacitamente - que estes *personagens do urbano* nada têm a colaborar com a cidade, com seu meio, com sua família, com sua sociedade. É uma regra aceita, tácita e legalmente, de que eles podem ou devem ser trancafiados em clínicas ou hospícios, não trabalhar, aposentar-se "por invalidez mental" e para sempre receberem uma pensão do Estado para seu sustento de subsistência.

Há anos atrás, nas décadas de 1920-40, eles deveriam, inclusive, ser esterilizados sexualmente para que não procriassem "rebentos degenerados". Esta realidade, caudatária da eugenia, tão cara aos nazistas, vingou em nosso meio social e urbano, inclusive no discurso e na prática de alguns psiquiatras brasileiros - e gaúchos, também - considerados excelentes médicos pela população. Embora sendo uma realidade que perturba a grande maioria das pessoas - pois, é extremamente "chocante" aos olhos mais sensíveis -, pouco são ainda aqueles que se debruçam sobre a questão do doente mental, desde o ponto de vista interior à própria loucura, tentando resgatar uma compreensão mais humana ou uma saída para este enclausuramento involuntário na doença; doença, esta, corroborada pelo meio social.

Sendo médica-psiquiatra e conhecendo a realidade de nossos hospícios contemporâneos, onde ainda existem muitos pacientes que aí residem desde várias décadas e são considerados sem cura, questiona-se neste trabalho qual a influência que o imaginário e as práticas sobre a loucura,

de épocas passadas, tiveram sobre esta realidade atual. Mesmo a luta anti-manicomial, que ora se instala em muitas cidades brasileiras, não dá conta destas questões históricas.

No momento em que pesquisava prontuários médicos do Hospital São Pedro de Porto Alegre, ainda durante o percurso para a dissertação de mestrado ⁸, encontrou-se doze cartas e um versinho de um paciente internado neste hospital, em 1937. Estas cartas constituem depoimentos contundentes, dramáticos, de uma pessoa em sofrimento psicológico profundo, bem como da sua experiência transcorrida em internação psiquiátrica. Além disso, o grau de instrução e o nível cultural elevado do paciente em questão proporcionaram um outro olhar sobre este material: os textos das cartas podem ser considerados pequenas obras literárias, devido ao conteúdo que expõem, bem como à forma dada quando vieram à luz.

No terceiro capítulo da dissertação, trabalhou-se um pouco com estas cartas, sob um ponto de vista interpretativo. Buscou-se, em seus conteúdos, imagens simbólicas que correspondiam à história pessoal do paciente e identificação de possíveis fatores que o levaram à crise psíquica. Denominou-se estas imagens de *imaginário desde dentro*, isto é, pertinente ao próprio imaginário do paciente, correspondendo ao imaginário da "loucura" percebido pelo próprio "louco".

Foi questionado, também, o limite entre saúde e doença mental, cotejando com este imaginário "interior", o *imaginário desde fora*, isto é, pertencente às representações que a sociedade e o meio médico-psiquiátrico estabelecem.

⁸ Dissertação de mestrado defendida no ano de 2000, no PPG em História da UFRGS, intitulada *A Tênu fronteira entre a saúde e a doença mental: um estudo de casos psiquiátricos à luz da Nova História cultural- (1937-1950)*.

Tendo em vista o trabalho realizado, porém limitado, na dissertação de mestrado, decidiu-se aprofundar a temática, resgatando outros imaginários e formas de sensibilidades em escritos sobre loucura.

Desta forma, ao entrar em contato com alguns textos literários que também versam sobre loucura e hospícios no início do século XX, tornou-se importante pensar este fenômeno social - loucura e internações psiquiátricas - no Brasil, a partir dos olhos de um historiador que se debruça sobre as sensibilidades do passado. Como é sabido, ao historiador de hoje é oferecida uma outra forma de “fazer história” e de escrevê-la.

Ao invés de fazer relatos extensos do que passou, ele tece interpretações sensíveis do passado, seja este recente ou distante, em uma múltipla rede de associações. Estas, por sua vez, vêm dar conta de versões de histórias que existem nas "entrelinhas de um outro tempo" - levando o pesquisador, pela dialética com o presente, a descobrir novas formas de pensar a realidade.

À aproximação inicial dos textos literários escolhidos, descortinou-se uma primeira problemática de pesquisa. Partiu-se da constatação de que estes três escritores produziram gêneros literários diferentes, em três momentos históricos diferentes, sob condições de vida diferentes. As obras com as quais se ocupa esta pesquisa são bastante distintas, não somente nos tempos em que foram escritas, mas, também, em relação às condições de vida de cada um de seus autores e do lugar de onde escreveram ou de onde partiram seus escritos.

Rocha Pombo (1857-1933), paranaense, foi um historiador-filólogo e um escritor engajado na política da Monarquia e da República. Publicou muitos ensaios e livros, durante sua vida, bem como editou jornais e participou de revistas consagradas ao Simbolismo Brasileiro. Pertenceu à antiga Academia Paranaense de Letras. Embora a crítica daquela época tenha se

interessado pouco por um de seus principais romances, *No Hospício*, quando de sua publicação em 1905, Pombo foi considerado, ainda vivo, um escritor importante das Letras Brasileiras. Resgata-se, com ele, imagens da loucura expressas pela escrita de um literato, que nunca passou por internações psiquiátricas ou práticas de exclusão social.

O segundo autor pesquisado, Lima Barreto (1881-1922), foi um escritor "maldito" em seu tempo, marginalizado no meio literário "de elite", muito contestado em sua época e que passou por duas internações em hospício (Hospício Nacional do Rio de Janeiro) devido a seus "delírios" e alcoolismo - embora tenha sido reconhecido, posteriormente, como um dos grandes escritores brasileiros, deixando-nos um legado de vastas e importantes obras literárias.⁹

Pobre, descendente de escravos, mulato, alcoolista, louco e muito culto, mas marginalizado em vida por sua literatura - um autêntico *outsider* em sua "literatura militante" -, experimentou profundos sentimentos de rejeição social e familiar. A crítica literária quase nunca lhe foi favorável, em vida, e pouco teve retorno com o que publicou, até sua morte. A crítica mais comum era sobre a mistura que fazia em sua literatura das passagens de sua vida - era uma literatura "autobiográfica", diziam. De suas sucessivas internações em hospitais e hospício, Lima guardaria sempre a "dolorosa sensação de rebaixamento moral"¹⁰. Funcionário público e também escritor em jornais e revistas, não fez da política sua paixão, embora muito tenha criticado o Brasil de sua época, em suas crônicas, romances e contos.

⁹ Lima Barreto é um escritor sobre o qual muito já se escreveu, dele e de sua obra, o que torna impossível, para esta tese, resgatar todo este material para uma análise rigorosa. Assim, apenas alguns estudos que se julga serem importantes para o contexto da loucura foram utilizados, no intuito de compreender o entorno deste autor. Eles serão apresentados ao longo do texto.

¹⁰ Utiliza-se como fonte biográfica de Lima Barreto a obra de Francisco de Assis Barbosa, intitulada *A Vida de Lima Barreto (1881-1922)*, publicada em 1952, pela editora José Olympio, do Rio de Janeiro. P. 290.

Sua única paixão revelada era a literatura. Sendo assim, neste trabalho, tentou-se ver Lima Barreto *por ele mesmo*, a partir do diário escrito em sua última internação em manicômio e que deu origem ao romance que ele próprio chamava de sua obra prima, não fosse inacabado (*Cemitério dos Vivos*).

O terceiro autor analisado nestas andanças pelas narrativas sobre a loucura, TR (1903 -?), foi um anônimo qualquer, desconhecido do público leitor, internado em manicômio pela família, porque ele gostava muito de ler e escrever. Em sua única internação de que se tem notícia, no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, por quatro meses do ano de 1937, ele escrevia cartas. Diante destas belas missivas depreendeu-se que ele queria ser escritor e – é válido ressaltar – tinha vocação para isto.

O conjunto desta correspondência foi conservado em seu prontuário médico - arquivado com milhares de outros no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul -, para a felicidade de historiadores e pesquisadores, mas para a tristeza deste pobre moço que não sabia que suas cartas não seriam entregues. Algumas missivas eram bastante simbólicas, outras bem realistas e outras até "filosoficamente visionárias". Nelas encontra-se uma obra desconhecida aos nossos meios acadêmicos. Desde o relato de sua história pessoal, dos conteúdos de sua doença, passando por análises das situações econômica, política e religiosa mundiais daquele período histórico, indo até a exposição de críticas sobre sua internação e sobre a própria Medicina, resgata-se, nos manuscritos de TR, uma fina sensibilidade do autor, não compreendida naquele momento.¹¹

Considera-se, também, estas escritas e percepções textuais em seu duplo aspecto: *imaginário desde dentro*, isto é, sensibilidades das pessoas que experimentaram a loucura e

¹¹ O nome dado a este material, *Cartas de Hospício*, e utilizado nesta tese, foi dado por mim, no momento da transcrição e digitalização do mesmo, em 1999.

internações psiquiátricas, e o *imaginário desde fora* - relativo ao olhar de quem escreve sobre ela, a princípio não comprometido pessoalmente com a realidade psíquica da loucura.

Justifica-se o período histórico escolhido, as três primeiras décadas do século XX, por tratar-se de uma época em que a sociedade brasileira sofria profundas transformações políticas, econômicas, urbanas e por que não dizer, das suas sensibilidades sobre as questões sociais. Ao mesmo tempo, a população mundial via crescer os regimes totalitários que se instalaram nas várias ditaduras, desembocando, no Brasil, no Estado Novo de Getúlio Vargas e, no mundo, na Segunda Guerra Mundial e no Holocausto.

Neste momento histórico, a literatura, no mundo inteiro, já fazia da loucura um tema privilegiado para suas escrituras, sob os mais variados aspectos.¹²

As artes, de um modo geral, mas as artes visuais (plásticas), principalmente, já trabalhavam com a questão do inconsciente como suporte teórico para pensar o próprio ser da arte - vide o Simbolismo decadente e o Surrealismo nascente, na época..

¹² Na literatura mundial, no século XIX, o elemento "fantástico" passou a explorar a dimensão psicológica, sendo o sobrenatural substituído por imagens assustadoras cuja origem está na loucura, em alucinações, pesadelos, sendo a causa da angústia localizada no interior do sujeito. O conto de Hoffmann, *Der Sandmann (O Homem de areia)*, de 1817, por exemplo, considerado como o marco da descoberta do inconsciente - exatamente na literatura romântica fantástica - explora a questão da loucura em Natanael, passando pela questão dos sonhos e aparições fantásticas. Negando a morte e todos os fatores de aprisionamento ou limitação do indivíduo, o fantástico abre as portas à imaginação, à liberação dos impulsos, à experimentação de novos recursos de criação ficcional, legitimando o espaço para o surgimento da loucura como temática, nas páginas da ficção. Nos contos fantásticos, o elemento sobrenatural aparece sempre carregado de sentido, como a irrupção do inconsciente, do reprimido, do esquecido, do que se distanciou de nossa atenção racional. Vide as angústias existenciais e psicológicas em *A queda da Casa Usher* (de 1839), de Edgar Allan Poe e mesmo em *A Metamorfose* de Kafka, escrito já em 1915, onde os absurdos do mundo ganham esta dimensão subjetiva e individual. Esta representação do absurdo e falta de sentido da vida por meio da criação de situações insólitas, incompreensíveis, ilógicas, põem em xeque nossa capacidade racional de entender a realidade. No Brasil, tem-se o exemplo de *O Alienista* de Machado de Assis, de 1882. Embora este conto não seja classificado como fantástico, ele revela, através de uma grande "irrealidade" - todos os habitantes de uma cidade são trancafiados em uma casa hospício - questões pertinentes à sua época, como uma crítica ao cientificismo e ao poder despótico de governantes sob o primado da razão, através dos meandros e das discussões sobre loucura. Mais pontualmente, e isto é matéria de discussão no último capítulo da tese, a loucura - e estas formas "anômalas" de representar a realidade da alma - é uma das temáticas preferenciais dos poetas decadentistas franceses e europeus, entre 1880 e 1886, os quais prepararam este fértil terreno, cronologicamente, aos escritores simbolistas que vieram posteriormente, inclusive aos brasileiros.

Por sua vez, alguns psiquiatras europeus, desde finais do século XIX, tentavam trazer a concepção de inconsciente para dentro da sua disciplina, uma vez que esta, até então, encontrava-se nas discussões da filosofia. Começavam, assim, a prestar atenção nas alucinações e delírios de pacientes internados, nestas imagens simbólicas que emanavam destas mentes insanas. Esta abordagem, na virada para o século XX, daria origem à obra psicanalítica de Freud. E, seria através da obra do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, que levaria à postulação de arquétipo e da noção de que existe um substrato psíquico comum a toda a humanidade, saudável de antemão, e que condensa toda a experiência cultural da humanidade - ao que ele chamou de inconsciente coletivo.

Mas, basicamente, ainda, na virada do século XIX, as noções sobre doença mental ainda se dividiam em dois grandes ramos: organicista e psicológica (ou vitalista, para alguns). No primeiro, os médicos e pesquisadores acreditavam que o fundamento último das doenças mentais estava no cérebro, que este era a sede dos males e que também as infecções adquiridas poderiam causar estas doenças.

No outro, as doenças mentais eram equacionadas a males do espírito e, num movimento de abarcar as noções positivistas e darwinistas, compreendiam a doença como falha moral, como uma degenerescência do organismo humano de alguns.¹³

A eugenia, elevando o organicismo e o darwinismo a uma potência incomensurável, também foi utilizada no tratamento e prevenção das doenças mentais. Ela aportou no Brasil a partir do final da primeira década do século XX, tendo deixado profundas marcas em nossos hospícios. Muito é dito sobre as condições de vida dos internos, sobre a precariedade de higiene

¹³ Estas noções, aqui muito resumidamente expostas, são estudadas com profundidade na obra de Henri Ellenberger, *El descubrimiento del Inconsciente - historia y evolución de la psiquiatría dinámica*. Madrid: editorial Gredós, 1976.

dentro dos hospícios, sobre as práticas repressivas, da falta de alimentação e da violência da parte dos funcionários. Mas poucos se debruçam sobre outras fontes para resgatar estas sensibilidades e estas "verdades", por exemplo, a partir dos dados daquele mesmo que as viveu.

A necessidade de criação de hospitais que contivessem "alienados mentais", aqui no Brasil, fez-se sentir no século XIX. A loucura, já elevada à categoria de doença mental nos finais do século XVIII na Europa e que podia manifestar-se tanto na realeza como numa pessoa comum do povo, vai tornando-se problema, à medida que sua presença começa a engrossar o contingente dos "inadaptados" e "inúteis", que, quando não estão nos porões das Santas Casas e nas Casas de Detenção, restam esquecidos e em condições sub humanas nos quartos-prisão das famílias abastadas.

Foi mais especificamente no Segundo Império, que se fundou o primeiro hospício no Brasil - Hospício de Pedro Segundo, no Rio de Janeiro, em 1852. A este, seguiram-se criações de vários outros, no decorrer do século, contabilizando de 1852 a 1898 a fundação de dezoito hospícios no país.¹⁴

Assim, no tempo histórico a que se propôs esta pesquisa, os maiores manicômios brasileiros já estavam construídos e abrigavam de centenas a milhares de pacientes, o que, sem dúvida, proporcionou um certo imaginário na sociedade sobre o que seria uma internação psiquiátrica e a própria loucura. Também o fenômeno que se convencionou chamar de "superlotação" dos hospícios já estava iniciando.

¹⁴ Fonte: Medeiros, T. A. *Formação do Modelo Assistencial no Brasil*. Instituto de Psiquiatria da UFRJ, dissertação de mestrado, 1977.

Alguns trabalhos de historiadores brasileiros, de importância capital, colocaram-se no rumo de resgatar e avaliar o processo de construção da loucura como doença mental, no Brasil do século XIX, até as primeiras décadas do século XX. Historicizaram e analisaram, sob diferentes enfoques, a implantação dos mecanismos de controle social sobre o "louco", a partir da criação de instituições asilares, como o hospício¹⁵ e do processo de normatização da loucura, que se deu em vários planos, político, médico, acadêmico e jurídico.

Dentre estes trabalhos, existem alguns que, devido a seu pioneirismo e importância como fonte historiográfica, servirão de referenciais de contingência a esta tese.¹⁶

Em todos estes textos historiográficos sobre a psiquiatria no Brasil, encontram-se as mesmas questões, feitas sob diferentes formas e enfoques teórico-metodológicos, respeitando a especificidade de cada autor e o lugar de onde estão fazendo suas perguntas e de onde estão escrevendo.

¹⁵ Utiliza-se, neste trabalho, os nomes hospício e manicômio de forma indistinta, pois até onde se percebeu por esta pesquisa, não há diferença, na prática, entre estas instituições no Brasil. São utilizadas como sinônimos. A maioria delas leva o nome de Hospício, ainda no século XIX, e algumas mudam seu nome para Hospital Psiquiátrico, com o advento da República, ou já no século XX, obedecendo à sedimentação da Psiquiatria como uma disciplina médica que cria poderes e determina saberes nesta área específica. Já na literatura, os autores pesquisados utilizam a designação "Hospício" em seus textos, para caracterizar a instituição sobre a qual estão escrevendo, embora usem, também, em algumas passagens - isto aparece no romance de RP e no diário de LB - a palavra "Manicômio", como recurso literário de sinônimo. Já o paciente TR, no cabeçalho de suas missivas, ou no final das mesmas, junto à assinatura, usa a expressão "Hospital de Alienados Mentais", para localizar de onde está escrevendo. Nas fontes pesquisadas, expressões exclusivamente literárias também são utilizadas para caracterizar este lugar de "doidos", onde estes são simplesmente depositados ou tratados pela Medicina, como no caso de "Cemitério dos Vivos" de Lima Barreto.

¹⁶ Estes textos e seus autores serão apresentados e discutidos logo adiante.

Estas questões, tão bem formuladas por Wadi, possuem nuances em suas respostas, embora cheguem quase sempre a um denominador comum.¹⁷

Ou seja, no Brasil, desde o século XIX, houve a necessidade da construção de um espaço institucional que contivesse a população de "loucos", que se acumulava em vários locais da *urbs* (como hospitais, cadeias públicas e a própria rua), havendo assim um poder do Estado sobre a exclusão da loucura, e, da parte da medicina e da psiquiatria, travou-se uma luta paralela para adquirir o *seu* saber e o *seu* poder sobre a mesma.

No Brasil republicano jovem, foi Juliano Moreira - diretor do Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, de 1903 a 1931 -, um dos mais proeminentes psiquiatras do momento, que pensou e agiu sobre a institucionalização da loucura. Ele foi o responsável por estudos que resultaram na primeira legislação de abrangência nacional sobre a loucura, na República (Decreto n. 1.132 de 22-12-1903), que reorganizou a assistência a alienados. Ele postulava, em estudo realizado e publicado em 1905 nos *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias affins*, que o aumento das cifras de loucos no país, isto é, o aumento dos "índices de loucura", tinha uma relação direta com o crescimento das cidades e com o aumento das dificuldades na "luta pela vida".

¹⁷ Estas questões, que, conforme pesquisa de Wadi, balizam o entendimento que tornam manifestas as práticas que permitiram à psiquiatria se constituir como saber, construindo um aparato institucional (o hospício) e obtendo poder sobre este e seu objeto (a loucura), são: "a) em que momento histórico surge o problema de internação dos "loucos"?; quando sua internação junto aos demais torna-se problema?; b) quem dirige esta discussão?; quem ou que grupo toma as iniciativas de separar os loucos dos demais internos?; c) quando a medicina reivindica espaço para falar da loucura, quando a loucura se torna problema médico?; d) de que forma o saber médico adquire poder/legitimidade para falar da loucura? ". Wadi, Yonissa. *Palácio para guardar doidos - uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 2002, p.29. Acrescentar-se-ia, ainda, a estas perguntas formuladas, uma outra, bastante evidente nos textos historiográficos: quais as causas - sociais e ideológicas - que fizeram com que se iniciassem estas discussões pelo Brasil afóra ?

Magali Gouveia Engel, em sua obra *Os delírios da razão - médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*, aborda e discute de forma exemplar as idéias e as vivências da loucura, presentes na cidade do Rio de Janeiro no período longo em que aquela era apropriada e transformada pelos alienistas em doença mental. Esta discussão é fundamental por dois aspectos de interesse à pesquisa, pois é no Rio de Janeiro, Capital Federal, onde começaram as discussões brasileiras sobre as questões de construção de hospícios no país e sobre o que fazer com o número crescente de loucos que andavam pelas ruas da cidade.

Também é no hospício desta cidade que Lima Barreto foi internado, ele que, além de escritor, era um cronista desta cidade que amava. A autora revela, em sua tese, pormenores das lutas travadas na cidade entre acadêmicos, médicos, juristas e políticos, num complexo enredo de normalizar a loucura e limpar as ruas, até colocarem a doença mental em seu estatuto científico, tendo o médico maior poder sobre ela. Estas discussões realizadas na cidade central do país, impulsionaram o mesmo processo em escala nacional.¹⁸

Num enfoque semelhante, porém referente à Porto Alegre e ao Rio Grande do Sul, a obra de Yonissa Marmitt Wadi *Palácio para guardar doidos; uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da Psiquiatria do Rio Grande do Sul* também foi de fundamental importância para o entendimento mais amplo desta discussão em nosso estado.

Ela historiciza a criação do Hospício São Pedro de Porto Alegre, desde as lutas iniciais que intentavam conquistar um espaço urbano que contivesse os loucos, porém fora do convívio

¹⁸ Na discussão com a historiografia, ressalta-se que durante o andamento desta pesquisa encontrou-se esta tese, feita em 1995 e publicada em 2001, que se ocupa de algumas temáticas inseridas neste trabalho atual. Como o enfoque deste se propunha, também, a examinar aspectos gerais da formação da psiquiatria no Brasil, a partir da cidade do Rio de Janeiro - em função da internação de Lima Barreto no hospício daquela cidade e por ser o Rio a capital da República naquele momento -, usou-se a tese de Engel como referencial e não mais se foi em busca das fontes que ela magistralmente analisou nesta tese - e que era a intenção original desta pesquisa.

com outros doentes. Isto incluía, assim, sua retirada da Santa Casa de Misericórdia, hospital onde, desde sua fundação, eram internados. Wadi abrange, também, neste seu trabalho, o estudo do processo relativo à construção do saber especializado, a partir dos progressos da ciência e da fundação do Hospício, chegando até a discussão sobre a entronização do perito psiquiatra nas instituições.

No cotejo do trabalho de Engel, que enfoca o Rio de Janeiro, com a pesquisa de Yonissa Wadi, sobre a institucionalização da loucura no Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre, e com os próprios achados de minha dissertação de mestrado, também sobre o Rio Grande do Sul, pôde-se perceber que as lutas travadas nestes dois lugares distintos do Brasil deram-se com algumas semelhanças, respeitando, sem dúvidas, especificidades de cada local e uma certa defasagem de tempo.

Brevemente, pois isto será retomado no curso da escrita do texto, pode-se dizer que com o afã de retirar os loucos que lotavam as ruas das cidades em expansão ou as enfermarias das Santas Casas de Misericórdia, realizou-se um longo processo de discussão, em vários setores destas sociedades urbanas. Destes debates surgiu respaldada a idéia, entre outras, da necessidade de construção de hospícios, situados em locais distantes da densidade urbana.

Acabou sendo uma "verdade histórica" em nosso país, contada em inúmeras versões, o fato de que a construção de hospícios serviu para a reclusão de pessoas que, em sua inadaptação às condições "normais" do mundo, deveriam ser retiradas do convívio social. No Rio de Janeiro, "vaguear pelas ruas tornava-se, cada vez mais, um sinal que evidenciava e legitimava a internação no hospício".¹⁹ Vê-se este relato, por exemplo, na vida de Lima Barreto que, andando

¹⁹ Engel, Magali Gouveia. *Os delírios da razão - médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*, Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2001, p.51.

vagueando, delirante, pelas ruas da cidade, no dia de Natal de 1919, foi colocado num "carro-forte" e levado ao Hospício.²⁰

Interessa, aqui, colocar uma diferença importante entre as duas cidades - Porto Alegre e Rio de Janeiro - naquilo que compreende as demandas de criação de "locais" exclusivos para loucos: no Rio Grande do Sul, a luta pela criação de um hospício não foi iniciada pela liderança de médicos, diferentemente de como ocorreu no Rio de Janeiro, que se deu a partir da década de 1830, pela Sociedade de Medicina. No nosso estado, foi o provedor da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre que deflagrou, em 1873, o movimento que levaria a internação de pacientes loucos a um outro local, distante da cidade e com características assistencialistas.

Mas, de qualquer forma, os médicos também travaram suas lutas para conquistar um espaço, o que foi diferente em um e outro hospício (HNA e HPSP), levando ao questionamento da forma como os tratamentos médicos foram introduzidos nestes ambientes hospitalares e que conseqüências isto trouxe.²¹

²⁰ Barbosa, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

²¹ Outras obras, não de menor importância, serviram como referencial de contingência a essa vertente da discussão, por terem uma abrangência nacional no estudo da formação das instituições psiquiátricas no Brasil, bem como reproduzirem questões regionais, sobre a loucura, no caso Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Na dissertação de mestrado de Alexandre Schiavoni intitulada *A institucionalização da loucura no Rio Grande do Sul: o Hospício São Pedro e a Faculdade de Medicina*, cuja pesquisa compreende o período de 1880 a 1920, encontra-se o tema das relações de poder que se estabelecem através do saber psiquiátrico na criação destas duas instituições que se legitimam e se organizam, por seus discursos, sobre as práticas de exclusão do louco. O autor diferencia sua pesquisa, no momento em que debate a inserção do discurso da medicina social na base do discurso oficial sobre a loucura (e também de suas práticas), aquele pretendendo "organizar o caos da cidade colonial". Mostrando também um pouco da história e da luta pela legalização da prática médica enquanto disciplina acadêmica e científica no Rio Grande do Sul (Império e República Velha), coloca-nos frente às problemáticas enfrentadas pela Medicina e sua Faculdade (e conseqüentemente pela psiquiatria) na sua diferenciação e legitimação sobre a chamada medicina popular (ou sobre as práticas curativas populares). A dissertação de Tácito Medeiros *Formação do Modelo Assistencial no Brasil*, de 1977, é fonte para todos que se debruçam sobre estas questões, pois é pioneira em resgatar a história da formação das instituições asilares no Brasil, que, de forma descritiva, com leis e números, dá uma noção adequada de como estas instituições surgiram. Outras obras, na mesma vertente de análise, surgiram também como obrigatórias: *Danação da norma - Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil* de Roberto Machado et alii ; *História da Psiquiatria no Brasil - um corte ideológico*, de Jurandir Freire Costa e *O Espelho do mundo - Juquery, a história de um asilo* de Maria Clementina Pereira Cunha.

Sob um outro ponto de vista, a obra do psiquiatra e historiador da psiquiatria Henri Ellenberger *Descubrimiento del inconsciente: historia y evolución de la psiquiatria dinámica*, de 1970, foi de importância capital para as análises da tese, pois ele nos remete a questões mais amplas, de cunho histórico e cultural. Ele narra o processo de formação da disciplina psiquiátrica, desde a Grécia antiga até as concepções modernas de Freud e Jung, dando um panorama profundo e fidedigno de como esta matéria se inseriu nas discussões acadêmicas e nas práticas para com a doença mental, pelo mundo inteiro.

Ele trabalha com a disciplina médico-psiquiátrica em suas contextualizações sociais, culturais e de vida dos autores das teorias mais importantes, em todas as épocas, mostrando, por dentro desta disciplina, como foram construídas as noções de doença mental - que são várias - que vigem no mundo de hoje.

Nesta tese opta-se por inverter a equação da maioria destes trabalhos de nossa historiografia ²²: parte-se da narrativa do próprio "louco", que narra sua condição como personagem, tanto de uma exclusão, como de um texto literário que conduz, em si mesmo, um

²²Importante pesquisa e uma das poucas exceções na historiografia brasileira sobre esta temática é a tese de doutorado de Yonissa Marmitt Wadi, defendida em 2002 no quadro de História Social da PUC de São Paulo, intitulada *Louca pela vida: a História de Pierina*, que resgata, com toda propriedade, o discurso do louco. A autora analisa, entre outros documentos, as cartas de uma paciente interna no Hospício São Pedro de Porto Alegre, em 1909, a qual matou a própria filha afogada e submetia-se a um processo criminal por contra disto. Escreve Wadi no resumo de sua tese: "Em julho de 1909, a camponesa Pierina Cechini, branca, casada, filha de imigrantes, habitante de uma antiga colônia italiana do Rio Grande do Sul, foi internada no Hospício São Pedro de Porto Alegre sob a suspeita de 'sofrer das faculdades mentais', depois de ser indiciada em processo criminal por ter afogado sua filha pequena. Através da contextualização das cartas que Pierina escreveu no hospício - entre outros documentos -, procurou-se elucidar aspectos do cotidiano de um tempo e lugar, onde se cruzaram e mesclaram relações de gênero e relações sociais. As relações entre indivíduo, sociedade, sistema judiciário e saber médico psiquiátrico, no Rio Grande do Sul do início do século XX, foram configuradas para que pudessem se tornar visíveis as experiências de uma mulher tida como 'louca'. O desvelamento de experiências singulares, como a de Pierina, surge assim como condição para novas interpretações sobre a condição feminina, bem como para a compreensão de quão múltiplas são as dimensões mobilizadas em processos singulares por pessoas tidas como loucas e homogeneizadas pelo modelo interpretativo da medicina psiquiátrica. Neste sentido, esta tese é, antes de tudo, um exercício de interpretação histórica, onde se buscou desocultar as inúmeras possibilidades de apreensão de uma 'escritura', bem como da vida contada por ela."

imaginário e uma sensibilidade específica sobre a loucura.

O objetivo atual desta pesquisa condensa-se, assim, em perceber mudanças (ou não) e nuances na sensibilidade sobre o que se convencionou chamar "loucura", através do cruzamento de textos literários. Alguns aspectos deste longo processo de rupturas e permanências, que foi o complexo movimento de institucionalização da loucura no Brasil, poderá ser percebido e avaliado, sob um outro enfoque, desde dentro dos escritos de pessoas que, de alguma forma, se viram envolvidas com esta temática. A literatura, neste sentido, aparece como uma fonte profícua para este fim.

Buscando-se um significado social neste trabalho, há procedência na afirmação de que é revendo o passado sob outras lentes, que se pode mexer no futuro, ainda incerto, da humanidade e, por inclusão, da própria questão sobre a loucura, na nação brasileira.

Seguindo uma corrente contemporânea da Sociologia da Leitura francesa,

Conhecer em sociedade não é somente produzir um saber sobre o mundo, é também e num mesmo gesto, produzir uma *imagem sobre o mundo*. Pensar o conhecimento social como uma dialética instável entre imagem do mundo e o saber do mundo é também se questionar retroativamente sobre o que chamamos "ciência social" e sobre a função cognitiva da imaginação como atividade social.²³

Ainda segundo Leenhardt, a Literatura, tanto na escrita como na leitura, se revela exemplar para dar conta destas análises. E, acrescenta-se, é no seu cruzamento com a História que se pode observar melhor como isto acontece, ao tentar-se analisar um fenômeno social - um viés da loucura, onde a *imaginação* é componente fundamental -, que se inscreve na narrativa literária - onde a *imaginação* se descortina tanto na escritura como na recepção do leitor.

²³ Leenhardt, Jacques. Teoria da comunicação e teoria da recepção. In: *Anos 90, revista do PPG em História da UFRGS*. Porto Alegre: Editora UFRGS, (8), dez-1997, p.7-13.

Exemplo disto é a relação do romance de Rocha Pombo, *No Hospício*, com as outras obras pesquisadas. Ele revela um certo pano de fundo: o sanatório hospeda o protagonista "louco", Fileto, um rapaz sensível e "filósofo-místico", levado à internação compulsória pela família, e também o narrador, que se internou aí voluntariamente, a fim de ter a maior aproximação possível com este "louco", que ele queria conhecer melhor. Isolado em sua "cela", Fileto escrevia. Escrevia em uma quantidade grande de cadernos, registros estes de cunho pessoal, que davam conta de sua vida e do mundo em que vivia, ao mesmo tempo que mostravam grande capacidade de reflexão filosófica e mística.

Embora sendo uma obra de ficção, seus conteúdos emparelham-se com algumas vidas reais que foram enclausuradas em hospício, como no caso do paciente TR. Este, que também foi internado à revelia por sua família, filosofava encostado a uma latrina, escrevendo em papéis muitas vezes sujos, para dar vazão à sua criatividade e pensamentos que discutiam sua própria "loucura". TR era apenas um louco, para o seu meio social, mas com desejo de ser escritor e, assim, "deixava aparecer", em suas cartas, a expressão criativa do inconsciente, sua "imaginação criativa".

No Hospício pode relacionar-se, também, em conteúdo, às memórias de Lima Barreto, cuja hospitalização também foi compulsória. Ele reflete sobre isto desde dentro do manicômio em que viveu alguns meses de sua vida e de onde esboçou um de seus mais contundentes romances. Lima, mesmo criticado, não deixou de fazer literatura, de tal forma excelente, que seu diário de hospício, suas "memórias de hospício", deram origem à obra que, postumamente foi reconhecida e louvada. Escrito em 1920, em um hospício e num momento efervescente para a psiquiatria brasileira, o diário revela, também, idéias surpreendentes, para a época, sobre loucura e sua disciplina médica.

O debate teórico desta tese insere-se, desde o início, na vertente das reflexões da História Cultural (representações simbólicas, imaginário e sensibilidades), em seus cruzamentos com a Literatura (a questão da ficção e da escritura) e com a Psicologia Analítica - a qual postula a existência de um complexo inconsciente criativo na psique humana e afirma que toda obra de arte criativa é um símbolo.

A relação entre história e literatura é pensada em termos da aproximação e cotejos dos elementos de narrativas de ficção com a história daquilo que um dia se passou. Considere-se o historiador, como um tipo especial de leitor que se debruça sobre um texto literário e que tem por meta tanto a narrativa deste passado como a interpretação do mesmo. Com isto ele constrói uma versão do passado, daquilo que aconteceu um dia, versão esta plausível e coerente.²⁴ Sua aproximação da obra literária se faz, contudo, tendo em vista que esta é um tipo especial de fonte: ela não é um mero dado ou documento "formal".

Conforme Pesavento, o texto literário faz o historiador deparar-se com *sensibilidades passadas*, isto é, "possibilidade de atingir aquela 'sintonia fina' que permita captar o passado de outra forma e que deve obedecer ao que chamamos uma nova 'pedagogia do olhar'".

Em outras palavras, a literatura traz a subjetividade e a sensibilidade do passado, daquilo que um dia foi vivido, sentido, percebido de uma outra forma, ou da forma como podia ser naquele momento. Ciente de que este novo olhar é apenas uma versão sobre o passado, o historiador tenta apreender o registro das nuances das sensibilidades de uma época, seus valores, conceitos, noções sobre a vida dos homens e suas práticas sociais.

²⁴ Para esta argumentação ver: Pesavento, Sandra. Com os olhos de Clío ou a literatura sob o olhar da história a partir do conto *Alienista* de Machado de Assis. In: *Confrontos e Perspectivas*. Revista Brasileira de História, ANPUH - editora Contexto, SP, v.16, n 31 e 32, 1996, pp108-118.

Fazendo esta aproximação com o objeto atual de estudo (a loucura), foi a partir destas três narrativas da (e sobre) loucura que se pôde mapear e redescobrir, no início do século XX brasileiro, como esta sensibilidade "fina" percorreu este tema e foi-nos apresentada por quem a viveu de perto ou debruçou-se em sua observação.

Procurou-se, diante disto, historicizar a loucura com os olhos voltados para a literatura como fonte. Isto colocou em confronto as realidades sensíveis dos escritores e dos "loucos" com as realidades concretas das práticas de exclusão institucionais - desde a criação de manicômios até a perpetração, nestes, de técnicas médico- psiquiátricas instituídas pelos detentores do saber médico.

Neste percurso quase iniciático que é a construção – não linear – de um texto histórico, a partir de uma pesquisa de vários anos, envolvendo desde a escolha de um objeto, sua relação com as fontes, passando pelos interstícios teóricos que acompanham toda reflexão, e chegando até a narrativa interpretativa que se constrói, a descoberta de estudos sobre *escritos de si* foram de grande relevância. De origem recente no Brasil, estes trabalhos proporcionaram uma virada, ainda a tempo, na grade interpretativa dos conteúdos da tese.²⁵

Não se tratando apenas de registros epistolares, mas também de diários, escritos dentro do próprio hospício, durante uma internação, as práticas de "produção de si" estudadas ressaltam a importância destes achados para a temática trabalhada. Da mesma forma, os escritos do personagem da ficção de Rocha Pombo - escritos de si, dentro de um romance - evidenciam similitudes com aquelas escritas "reais" dos autores "reais".

²⁵ Importante obra brasileira foi organizada por Ângela de Castro Gomes: *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

A partir da análise histórica destes documentos únicos, que são os escritos pessoais de pacientes ditos "loucos", pode-se resgatar a importância destes indivíduos, segregados e excluídos da sociedade, em um contexto mais amplo. O que passa a importar ao historiador, conforme Gomes ²⁶, é a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa, isto é, como ele experimentou determinado acontecimento - no caso, a loucura e sua internação manicomial, bem como as práticas, sociais e médicas, administradas sobre ele. Embora com riscos de más interpretações, é um ponto de vista profícuo e acredita-se poder utilizá-lo com rigor neste trabalho.

O enfoque concebido para a tese, permite, também, um outro cruzamento teórico, qual seja, com a psicologia e a obra textual criativa encarada sob o ponto de vista psíquico, uma vez que o objeto "loucura" insere-se, epistemologicamente, nesta questão. Como, então, pensar o escrito de um doente, internado em hospital, como um ato literário e não simplesmente delírio conectado à sua doença?

O referencial principal a ser seguido, neste caso, é a obra de C G Jung *O espírito na arte e na ciência* ²⁷, onde o autor mostra como um "complexo criativo" surge numa obra de arte, independente da psicologia pessoal consciente de seu criador, a qual, de maneira alguma, explica a totalidade da sua obra. Sendo os conteúdos dos delírios dos pacientes também simbólicos, não deveriam ser necessariamente considerados patológicos, mas expressão de algo, dentro deles, que quer tomar forma e vir à tona. Muitas vezes, transformam-se em obras criativas, porque simbólicos. Ao cotejar diferentes gêneros literários que versam sobre "loucura" (romance, memória e cartas, onde os três se aproximam de atos criadores da imaginação), vê-se, ao final,

²⁶ Gomes, Ângela de Castro. Prefácio. In: *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004, p.15.

²⁷ Jung, C.G. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985.

nuanças psicológicas nos personagens destes escritos, o que servirá também para distinguir nuanças na sensibilidade sobre a loucura.

Comparando, portanto, estas "imagens do sensível", encontradas nos textos, com os pressupostos teóricos da Psicologia Analítica de C.G. Jung, argumenta-se que a loucura, ou doença mental, não deve ser entendida como uma patologia estanque, que deva ser critério para exclusão social de um indivíduo. Ela comporta, em si, elementos criativos que podem dar um outro rumo a uma vida humana e, portanto, a uma sociedade.

A categoria da ficção é o ponto teórico, dentro da reflexão da História Cultural, que melhor pode fundamentar estas análises, bem como respaldar a utilização da literatura como fonte histórica. E a discussão da "loucura" como ponto fronteiro entre a sanidade e a criação humana, isto é, como uma possibilidade de conter em si o germe do processo criador, arremata o que se quer demonstrar.

A ficção, e no caso presente ficção literária, através de sua linguagem simbólica, coloca em evidência o poder da representação na vida cotidiana humana. Ela comporta o "estatuto do real" intrínseco à capacidade de representação de todo ser humano, isto é, seu sistema simbólico.

Todo o sistema simbólico de representações que ela traz em si, significa a projeção do que estava até então no inconsciente humano, seus sentimentos, sensações, pensamentos, maneiras de ser e ver o mundo, mais íntimos, próprios de cada um (subjetivo) e/ou de cada época (objetivo, ou o "espírito" da época). Através deste sistema imaginário, o estabelecimento da "verdade" unívoca desaparece por inteiro através da tarefa mais interessante e promissora que é o questionamento da "narrativa das sensibilidades".

Assim como a literatura comporta a ficção, a escrita histórica também comporta elementos de ficcionalidade em sua ontologia, desde que bem amparados em bases “documentais”, em fontes, como preza e precisa o historiador. O entrecruzamento de história e literatura - esta como fonte das sensibilidades de um passado - se dá, pois, através do plano ficcional, onde as representações do sensível aparecem nos personagens e narrativas literárias.

Desta forma, a questão metodológica desta pesquisa se adere à atitude do historiador de explorar novas formas de acesso à realidade sobre a loucura e seus sucedâneos sociais, quais sejam, práticas e discursos sobre ela. Uma breve e momentânea diluição da fronteira entre história e literatura terá que ser considerada legítima e importante no percurso desta tese, onde as questões sobre ficcionalidade e veracidade levarão, mais uma vez, ao campo da interdisciplinabilidade.

Tem-se em vista que a História é sempre uma atribuição de sentido, é uma tentativa de explicação da realidade, sem perder de vista que ela é apenas uma versão, uma possibilidade que fala daquilo que se passou um dia. Assim, a metodologia empregada, aquela referente à História Cultural, consistiu na revisão dos textos literários - fonte - e bibliografia pertinente que, numa espécie de "garimpagem", articularam-se entre si na busca de pistas e indícios que nos falassem a respeito das sensibilidades passadas sobre a loucura e tais experiências de internações psiquiátricas.

Além disto, alguns outros documentos, relacionados ao final, foram importantes apoios documentais para o cruzamento de alguns dados da "realidade concreta" dos hospícios com as questões que os autores apresentam em seus textos literários. Entre eles, os relatórios dos diretores do hospício de Porto Alegre, de alguns períodos pertinente à esta pesquisa.

Através do cruzamento destes dados, obtendo um maior número de relações possível, fez-se a tarefa de "montagem" destes achados, "cacos do passado", que se interligam na busca de um significado, de um sentido, expresso na reconstrução de um outro texto narrativo, desta vez, de cunho histórico.²⁸

Conforme refere Leenhardt, tanto a narrativa histórica como as de ficção somente existem, enquanto fenômeno social (histórico), devido a uma demanda da sociedade por representações imaginárias. Seguindo Paul Ricoeur, este autor afirma que a literatura de ficção fornece ao leitor um reconhecimento de mundos verossímeis ao seu, que o levam a um processo de identificação, numa "relação de reconhecimento, conhecimento e imaginação".²⁹

Mas para ele, ainda, a leitura se efetua em diferentes níveis "nos quais se exercem também diferentes competências, *sensíveis*, *memoriais*, ou *enciclopédicas* e, enfim, *intelectuais*". A leitura, assim, não se constitui no resultado de um simples processo de compreensão:

O verdadeiro saber ler, se for tomado este termo a sério, na sua complexidade, é, em realidade, a soma das variadas competências que um sujeito é capaz de realizar face a um texto literário dado. (...) Cada gênero, mais ainda do que cada obra, faz apelo a um dispositivo de compreensão ou interpretativo, diferentemente constituído.³⁰

Nesta tese une-se o ato de ler - que, conforme Leenhardt, pode constituir-se, como atividade simbólica, em um modelo de atividade construtora do vínculo social - ao ato de fazer história - pois a partir da análise da narrativa literária, conforme Pesavento, uma versão histórica

²⁸ Para esta discussão ver: Pesavento, Sandra Jatthy. Que história é esta? Uma incursão nos desafios do presente. In: *Projeto-Revista de educação: História/Porto Alegre*: ed Projeto, v2,n.2,2000.

²⁹ Leenhardt, J. e Pesavento, S. *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: ed. Unicamp, 2000, p.47.

³⁰ Leenhardt, Jacques. *As luzes da cidade - Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado*. Texto apresentado no I Simpósio Nacional de História Cultural, em Porto Alegre (PUC-RS), setembro de 2002, p.3.

pode ser construída -, através da fonte, que é o texto literário.³¹

A partir do cruzamento dos dados que foram recolhidos nestes referenciais de contingência e da leitura das fontes primárias, iluminados pelas leituras teóricas citadas, foram definidos o caminho que a tese percorreria e sua narrativa, estipulando os capítulos que a mesma deveria conter.

Ressalta-se, ainda, que se optou por contemplar cada “autor – escritor” com um capítulo especial, pela importância que suas obras adquiriram nesta pesquisa. Porém, sua ordem cronológica, se assim se pode dizer, aparecerá em sentido inverso, fato este que tem uma finalidade. Os capítulos de TR (1937) e de LB (1920) surgem antes daquele de Rocha Pombo (1905) com um propósito bem definido. Existe uma “marca de temporalidade” que pode ser invertida, diante deste contexto da loucura, em que sensibilidades de épocas distintas entrecruzam-se, para diante e para trás, num “momento único”, sincrônico e não diacrônico, que é o da escritura.

Pois, afinal, existem continuidades ou rupturas nestes trinta anos que separam estes escritos entre si? O tempo real destas escrituras sobre a loucura não poderia ser sobrepujado pelo “tempo psicológico” da sensibilidade de cada autor?

Se, por um lado, não se pode negar a existência dos processos sociais e culturais a que está submetida uma sociedade, numa certa época, e sua influência sobre as práticas nela exercida – sociedade, esta, que é ela mesma a idealizadora e realizadora destes processos -, por outro,

³¹ Consultar para estas questões alguns textos básicos como os de Jacques Leenhardt e Sandra Pesavento, além dos já citados: Leenhardt, Jacques. *Lire la lecture, essai de sociologie de la lecture*. Paris: Le Sycomore, 1982. Pesavento, Sandra. (org.) *Leituras cruzadas. Diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2000. Pesavento, Sandra. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: editora da. UFRGS, 1999.

também não se pode fechar os olhos a determinadas maneiras de ver e sentir o mundo, muitas vezes independentes das correntes sociais da superfície.

Em outras palavras, a escritura de cada autor revela um mundo de sensibilidades que, embora sendo específicas a cada um, também demonstram uma certa continuidade de percepções sobre a loucura e suas práticas.

A tese ficou, assim, dividida em quatro capítulos, como segue.

O primeiro capítulo, intitulado **Andanças pelo tempo e pelo espaço: a loucura e o hospício em diversas narrativas**, tem por objetivo apresentar e relacionar aportes teóricos da tese e dados da historiografia sobre loucura com aspectos das narrativas propostas. Inicia fundamentando a relação existente, nesta tese, entre história, literatura e loucura, revisitando autores e obras que discutem esta temática, em abordagens diversas. Busca fundamentar o ponto de vista que relaciona loucura, delírio e imaginação criadora, a fim de entrar nos textos literários pesquisados, com um enfoque que se diferencia daqueles até o momento expostos na historiografia brasileira sobre a temática da loucura e história manicomial.

Em seguida, desenvolve e discute a idéia da existência de um espaço psiquiátrico (hospício) privilegiado para a exclusão de doentes mentais no Brasil, relacionando os referenciais de contingência - sobre a psiquiatria no Brasil e a necessidade da criação de hospícios desde meados do século XIX - com os espaços descritos nos textos literários em questão. Discute, também, alguma representação que os escritores possuem sobre este espaço, iniciando, assim, o mapeamento das sensibilidades sobre a loucura e sua exclusão, nos três momentos históricos distintos. São propostas, também, algumas questões sobre os espaços concretos a que se referem os textos e seus autores (Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro e Hospital

Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre) e um "espaço imaginário" (aquele da literatura), no que diz respeito às suas diferenças, semelhanças e especificidades.

No capítulo 2, intitulado **Doze cartas e um versinho: o tempo de TR no hospício (1937) - um escritor "engavetado" - anonimato e ressentimento**, é contemplado o conteúdo das cartas escritas por TR e a justificativa de como se pode tratar cartas como fonte histórica, a partir da noção de *escritos de si*. Relaciona-se o contexto de sua vida e do período histórico em que está escrevendo com os pressupostos da psiquiatria da época e o contexto institucional. Mostra-se a visão de mundo de quem emprega estes pressupostos e a forma pela qual excluem de seu campo de saber a sensibilidade do doente. Por fim, a relação desta intrincada rede de conhecimento e saberes sobre a loucura é cotejada com as "imagens do inconsciente" e o processo literário criativo, projetando outros olhares sobre esta fonte.

Já o terceiro capítulo da tese, **O tempo de Lima Barreto no "Diário de Hospício" e "Cemitério dos vivos" (1920): um escritor na contramão da história**, mostra as memórias de hospício de Lima Barreto, suas críticas e depoimentos mais contundentes sobre o local, aprofundando o que começou a ser exposto no capítulo I. Apresenta, através destas suas memórias e do enredo do romance *Cemitério dos Vivos*, a noção que tinha sobre o seu estado enfermo. É feita a contextualização de sua vida e obra em sua época, como escritor excluído dos meios oficiais do momento e algumas leituras que críticos e sociedade faziam de sua obra. A partir do cruzamento de todos estes dados e indícios, são mapeadas as representações que se cristalizam na obra de Lima, bem como sua sensibilidade pessoal e criativa, que ultrapassou sua loucura e se instalou em sua literatura; a forma como isto se deu e qual seu legado à literatura brasileira é cotejado com seu "estado mental" (LB por ele mesmo) e re-colocado e re-discutido nas concepções de loucura que se tinha na época e que se tem hoje no Brasil.

O quarto e último capítulo, **O tempo de Rocha Pombo e seu romance "No Hospício" (1905): miséria humana e espírito livre**, discute a relação dos pressupostos de um romance simbolista com a obra em questão e seu autor; contextualizando, assim, o escritor em sua época e o movimento literário a que está ligado - Rocha Pombo como historiador e escritor. Interagindo e por vezes contrapondo-se às críticas recebidas pelo meio literário, o texto apresenta e discute as representações da loucura que aparecem no romance, e relaciona-as com a sensibilidade que o personagem da ficção apresenta sobre seu estado de "loucura". Propõe-se como elemento interpretativo o fio condutor do romance, isto é, o esfacelamento dos limites entre sanidade e loucura.

Nas considerações finais da tese, retoma-se a discussão sobre história, literatura e loucura e revisita-se a noção do "espaço ficcional ou imaginário" da literatura como fonte das sensibilidades para o historiador, a partir dos achados da pesquisa e suas relações interdisciplinares (história cultural, escritos de si e psicologia analítica). Estas considerações retornam criticamente às problemáticas estabelecidas na introdução, apresentando os distanciamentos e as aproximações dos textos pesquisados, sugerindo, com isto, outros olhares sobre a chamada "loucura".

Optou-se em fazer, ainda, um volume separado com os anexos (Tomo II), onde constam as obras literárias, aqui selecionadas como fontes, em sua íntegra. Isto porque as mesmas são raras e inexistem em edições recentes do mercado editorial. As cartas encontradas no prontuário do hospital, que são também inexistentes como publicação, até o momento só aparecem na íntegra na dissertação de mestrado mencionada.

Intenta-se, nesta tese e em seu processo de realização, lançar novas luzes sobre esta problemática tão antiga – a loucura – que não encontra sua discussão somente em manuais de psiquiatria. Ela é uma questão histórica, e, portanto, cultural e social, mais ampla, e não somente uma preocupação médica ou de correntes psicológicas. E, por isso, vale a pena, sempre e de novo, debruçar-se sobre seus labirintos e, neste caleidoscópio de imagens e discursos, presenças e ausências, verdadeiros e falsos, correr o risco de emitir novos olhares e de criar novas interpretações, mesmo sabendo que é apenas mais uma tentativa de esclarecimento.

Convida-se o leitor a entrar neste caminho, meio labiríntico, que é refletir sobre a "loucura", e a prosseguir sua caminhada com o "fio de Ariadne" que é proposto a partir destas considerações iniciais.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Andanças Pelo Tempo e Pelo Espaço: a loucura e o hospício em diversas narrativas

"Que ciência é esta que assim condena uma pobre criatura humana sem ouvi-la e abandona assim um espírito à solidão horrível de um hospício... Que ciência é esta que não cura os loucos!... Que sociedade então fizemos que não salva os perdidos!..."

Rocha Pombo, *No Hospício*

"...mas afinal, a maior, senão a única ventura, consiste na liberdade; o Hospício é uma prisão como outra qualquer, com grades e guardas severos que mal nos permitem chegar à janela"

Lima Barreto, Entrevista ao jornal *A Fôlha*

"A todo instante sou interrompido por loucos que, ora me pedem cigarros, ora fogo, ora a penna. Para dizer-vos basta que estou escrevendo encostado da latrina e de cigarro na bocca, transformando o púlpito da igreja em latrina, prego a palavra de Deus."

TR, *Cartas de Hospício*

1.1 Narrativas sobre a loucura: um breve panorama sobre história e sensibilidades

Os loucos são as vítimas individuais por excelência da ditadura social; em nome dessa individualidade intrínseca ao homem, exigimos que sejam soltos esses encarcerados da sensibilidade, pois não está ao alcance das leis prender todos os homens que pensam e agem.

Antonin Artaud, *Carta aos médicos-chefes dos manicômios*

On voit des esprits qui vous parlent en plein jour, des fantômes bien formés, bien exacts pendant la nuit, on croit se souvenir avoir vécu sous d'autres formes, on s'imagine grandir démesurément et porter la tête dans les étoiles, l'horizon de Saturne ou de Jupiter se déroule devant vos yeux et des êtres bizarres se produisent à vous avec tous les caractères de la réalité.

Gérard de Nerval, *Aurélia*

A "eterna" e arquetípica busca do sentido da História e de seus fatos, a partir de fragmentos ou "cacos" do passado, legitima a diversificação de fontes e métodos do historiador contemporâneo. Certamente esta possibilidade está calcada em uma *Weltanschauung*, uma "cosmovisão", que, perceptivelmente, se instala em nosso mundo. Após tanto tempo lutando e enfrentando regimes autoritários, talvez o ser humano esteja abrindo seus olhos para captar outras visões sobre ele mesmo e outras formas de se relacionar com o mundo que o abriga.

A História é uma construção de histórias sobre o mundo; nela, compõem-se enredos sobre o passado: é narrativa. A Literatura, por sua vez, é o registro de alguma coisa que também se passou, na esfera do sensível; é o registro de algo que diz respeito a anseios, sensibilidades,

medos, apreensões, percepções sobre o mundo³²: é também narrativa. A loucura, qualquer que seja sua forma ou diagnóstico, em matéria de seu conteúdo, é a representação dos conteúdos psicológicos de um sujeito, simbolizados em discursos ou imagens: é, portanto, narrativa.

A “loucura”, num sentido amplo, não é uma invenção do século XIX, nem do século XX. Tem-se notícias de “tratamentos psíquicos”, embora o nome não fosse este, desde tempos muito remotos, mas quando a narrativa já se fazia presente.

Por exemplo, na antiga Grécia, entre os séculos VI a.C. e III d.C., há relatos de procedimentos de terapia muito complexos, ligados a curas pelos deuses. Seus relatos encontram-se, principalmente, em Pausânias³³, que narra como eram realizadas curas nos templos de Asclépio (Esculápio) na região de Epidauro, na Argólida, a partir do ritual de “incubação”.

O livro de C.A Meier³⁴, com suas brilhantes amplificações sobre Epidauro e o culto a Esculápio, lança luzes sobre esta narrativa antiga e demonstra as relações entre o antigo culto da psique e suas relações com a doença e cura psíquicas.

A incubação, sendo uma espécie de “cura cerimonial”, parece ter alcançado sua máxima perfeição, na antiga Grécia, nos Asklepeia, ou templos de Asklepios (Esculápio), um dos deuses da Medicina. A palavra incubação significa “jazer na terra”, e ao paciente cabia passar uma noite

³² Conforme Pesavento, Sandra. *A Literatura como fonte histórica*. Apresentação realizada no encontro do GT Regional de História Cultural/ANPUH-RS. Porto Alegre, outubro/2002.

³³ Pausânias. *Description of Greece*. IV, book 9. Cambridge: Harvard University Press, 1955. Relatos e obra citados por Meier, C.A. *Sonho e ritual de cura - incubação antiga e psicoterapia moderna*. São Paulo: Paulus, 1999. Ver capítulos 1 “A doença divina” e 2 “Epidauro”. Também citado em: Ellenberger, Henri. *El descubrimiento del Inconsciente - historia y evolución de la psiquiatria dinámica*. Madrid: editorial Gredós, 1976. (principalmente capítulo I “Los antepassados de la psicoterapia dinámica”, em especial pp. 54 e 55). Como vê-se nestes livros, outras narrativas antigas também falam sobre estas “curas cerimoniais”, entre elas as de Apolodoro, Píndaro, Eurípedes, Hesíodo e Luciano.

³⁴ Meier, C.A. *Sonho e ritual de cura - incubação antiga e psicoterapia moderna*. São Paulo: Paulus, 1999.

numa caverna, estendido sobre a terra. Ele então sonharia com uma visão que o curaria e que seria interpretada pelo sacerdote do templo.

O templo de Esculápio era uma instituição importante, como podemos deduzir dos relatos dos autores antigos e da moderna investigação arqueológica. Os enfermos vinham de muito longe buscar cura nestes locais sagrados:

Antes de ser admitido no santuário, submetiam-se a uma preparação determinada, purificação que incluía jejum, beber água das fontes sagradas e outros vários ritos. O momento culminante do tratamento era a incubação, isto é, o sonho no santuário. Vestia-se o paciente com uma túnica especial adornada com franjas púrpuras e em algumas ocasiões colocavam uma coroa sobre sua cabeça. A estância sagrada onde tinha que passar a noite era um lugar subterrâneo denominado abaton. (...) Durante a noite que o paciente passava no abaton, podia ver aparições, receber um oráculo ou ter visões ou sonhos. Uma "aparição" significava que o paciente, estando todavia desperto, via a figura de um deus, em geral Esculápio, que permanecia em silêncio ou trazia uma mensagem; ou bem podia ouvir vozes, sentir um sopro de ar ou ver uma luz cegante. O oráculo significava que o paciente tinha um sonho no qual o deus ou o sacerdote lhe davam instruções. Uma visão era um sonho em que se dava ao paciente a precognição de um sucesso próximo a ocorrer. O "sonho próprio" era um tipo especial de sonho que levava em si a cura. (...) ³⁵

Não é necessário aprofundar estas questões sobre tratamento da "loucura" na antigüidade clássica, mas salienta-se que estes autores revelam, através de sua pesquisa histórica, não somente a existência de relatos sobre doença "psíquica" já em tempos remotos, como também a base terapêutica do que veio a ser a psicoterapia moderna. Muitas das noções que se encontram na Medicina antiga, deram, sem dúvidas, raízes para posteriores tratamentos, passando pelo magnetismo animal no século XVII, pelo hipnotismo no século XIX, chegando até o século XX, nas terapêuticas psicológicas, como as de Freud e Jung.

Estas reflexões serão importantes para algumas constatações que serão feitas no decorrer da tese sobre os tratamentos dos pacientes no período examinado.

³⁵ Citado por Meier, C A (op. cit.), apud Ellenberger, Henri, op. cit., p.55.

Por ora, é importante vislumbrar que a literatura está plena de narrativas sobre/da loucura, desde estes tempos mais longínquos, e que há muito elas fazem parte do imaginário das sociedades. Seria muito difícil, senão impossível, re-traçar, historicamente, esta trajetória, de sensibilidades que nos chegam, a partir de textos literários e que digam como o "louco" era percebido. Tem-se, por exemplo, a loucura que acomete Hércules (Hércules), enviada por Hera, sua madrasta ciumenta, descrita em narrativas greco-romanas.

Há muitos escritores e artistas, de todas as épocas, que também se preocuparam em relatar estados alterados de seu psiquismo, bem como relatar experiências pelas quais passaram em manicômios. Resgatar-se-ia, em todos estes textos, se fosse possível elencá-los, curiosas e contundentes sensibilidades de outras épocas, sobre questões que sempre foram assuntos de relatos...A literatura, assim como outras artes, é expressão de sensibilidades, por excelência.

Mas é pertinente, aqui, começar a elucidar o que se entende por sensibilidade, um termo tão amplo e que pode levar a equívocos. Por exemplo, um dos dicionários da língua portuguesa, possui quatorze acepções para este termo, indo da filosofia à medicina, passando pelas artes e pela física .³⁶

³⁶ O dicionário Houaiss da língua portuguesa (versão eletrônica CDRom, 2001) traz o seguinte verbete para a palavra "sensibilidade": **Sensibilidade**: s.f **1** qualidade do que é sensível **2** emoção, sentimento, esp. a faculdade de sentir compaixão, simpatia pela humanidade; piedade, empatia, ternura **3** faculdade de receber informações sobre as mudanças no meio (externo ou interno) e de a elas reagir através de sensações; capacidade de estesia; excitabilidade, receptividade **4** capacidade de captar e expressar sentimentos e coisas **5** facilidade para ser ferido ou incomodado por algum agente físico **6** disposição especial para sentir influências, para se ofender, se melindrar; suscetibilidade **7** disposição favorável que se experimenta em relação a uma coisa ou uma idéia; simpatia, solidariedade **8** capacidade de detectar e amplificar minúsculas variações **9** capacidade de reação imediata a um contato qualquer **10** AUT o menor sinal de entrada capaz de produzir, num sistema, um sinal de saída com características específicas **11** EST probabilidade de que um teste estatístico seja positivo para uma verdade estatística **12** FIL faculdade responsável pela recepção das impressões sensoriais, determinando os fundamentos empíricos do processo cognitivo, tal como o vínculo inicial e intuitivo que o sujeito humano estabelece com os objetos do conhecimento **12.1**FIL no *kantismo*, captação direta, sensitiva e empírica da natureza, embora constituída por formas apriorísticas (espaço e tempo) originadas exclusivamente no interior do espírito humano **13** FIL no *tomismo* e no *kantismo*, a disposição afetiva ou passional diretamente vinculada às impressões sensoriais, e em conflito potencial com os ditames éticos da razão **14** FÍS capacidade apresentada pelos instrumentos de medida

Na nomenclatura médica, por exemplo, refere-se à expressão do sistema sensorial humano, ligado aos sentidos, como nós os conhecemos (visão, audição, tato, olfato e gustação), tendo ligação com o sistema nervoso central e medular, através das terminações nervosas, cuja disfunção pode levar à dor.

A sensibilidade de cada época muda, como se vê expresso nos efeitos literários, na escolha de metáforas, etc. Nas artes plásticas e visuais, também, observa-se muito a transformação das sensibilidades, por exemplo, a partir dos períodos já convencionados pela História – classicismo, barroco, expressionismo, dadaísmo, e todos outros.

Uma característica é certa: a sensibilidade muda de natureza, mudando de direção conforme as épocas e as sociedades.

Sensibilidade é uma velha palavra que teve várias acepções no correr dos séculos. Ela aparece na linguagem ocidental pelo menos desde o século XIV e seu adjetivo, sensível³⁷, precedeu-a um pouco. E, como é natural, seu sentido foi-se modificando conforme as representações coletivas e imaginário de épocas e lugares. Por exemplo, no século XVII, na França, a palavra parecia designar sobretudo “uma certa sensibilidade do ser humano às impressões de ordem moral (sensibilidade ao verdadeiro, ao bem, ao prazer)”. Já no século

de reagirem a sinais, em geral definida pela magnitude do menor sinal capaz de ser detectado e de produzir uma resposta; etimologia lat tardio *sensibilitatis* 'sentido, significação', 'sensível'.

³⁷ Parece-me que a conceituação do adjetivo “sensível” complementa, de certa maneira, à “sensibilidade”. Veja-se o verbete do dicionário Houaiss para ela: Sensível: adj. 1 que sente; que tem sensibilidade 2 que recebe facilmente as impressões ou sensações externas 3 que é percebido pelos sentidos; que impressiona os sentidos; perceptível 4 que faz sentir dor, que produz dor; doloroso; 5 receptivo a impressões sensórias 6 capaz de sentir e captar o que existe e de expressá-lo 7 que requer tato ou habilidade 8 que se faz sentir; que produz impressão; que se percebe como real ou material 9 que se faz perceber ou se nota facilmente pela razão ou pelo entendimento; visível, evidente, manifesto 10 de alguma importância; apreciável 11 que tem sensibilidade em alto grau; dotado de uma vida afetiva intensa, rica; apto a sentir profundamente as emoções, fazendo que delas participe todo o seu ser; emotivo 12 que se comove facilmente, que se impressiona 13 propenso a participar das dores alheias 14 emocionalmente favorável e compreensivo; solidário 15 que facilmente se ofende ou se melindra 16 que indica a menor diferença ou alteração (diz-se de instrumento) 17 diz-se de ou o sétimo grau de uma escala diatônica que diste um semitom da tônica ; etim lat. sensibilise 'que está sujeito aos sentidos, sensível'.

XVIII, a palavra designava uma certa maneira particular de ter sentimentos humanos: sentimentos de piedade, de tristeza de alegria, etc. Ainda para alguns, a sensibilidade era um estado passivo, relativo às sensações, em oposição à ternura, que estava ligada ao sentimento e era uma atitude ativa.³⁸

Poder-se-ia caracterizar este termo, no presente estudo, como tudo o que se refere à “vida afetiva e suas manifestações”, como o fez Lucien Febvre. Ou como Florence Lotterie, em seu livro *Littérature et sensibilité*, que diz que o termo sensibilidade aparece em seu estudo como especificamente ligado à pesquisa das práticas culturais do sentimento como recurso documentar dos arquivos, mas também das artes e da literatura.³⁹

Nas palavras desta autora, a sensibilidade – palavra ambígua - aparece, ainda, como uma “aventura da individualidade”, que se aplica tanto aos estados afetivos, como aos “sentidos”, enquanto meio de percepção. “Mas sobretudo, a etimologia mantém a flutuação entre o domínio do sensível e o domínio do razoável (razoável enquanto razão humana)”.⁴⁰

Porém, embora estas acepções sejam também pertinentes no momento, chegar-se-á num ponto de uma especificidade outra, ligado também ao “sensível”, qual seja, o material simbólico (fantasia) inconsciente e criativo que se manifesta no imaginário do próprio louco.

Mais abrangente para o historiador é a concepção de “sensibilidade”, como a define Pesavento:

³⁸ Para esta discussão, mais aprofundada, ver : Febvre , Lucien. La sensibilité et l’histoire. Comment reconstituer la vie affective d’autrefois ? In : Chartier, Roger, Duby, Georges, Febvre, Lucien et alii (org). *La sensibilité dans l’histoire*. Brionne (France) : Gérard Monfort, 1987, p.95-111.

³⁹ Lotterie, Florence. *Littérature et sensibilité*. Paris : Ellipses, 1998. p.3.

⁴⁰ op. Cit , p. 14.

Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real.⁴¹

É importante esta conceituação, pois é exatamente a realidade sensível de sua alma que se vê no “delírio” do louco. Para C. G. Jung, todas as manifestações da psique são reais, o psíquico é real, pois “real é tudo o que ATUA no ser humano”.⁴²

⁴¹ Pesavento, Sandra. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.58.

⁴² Jung, Carl.Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. Carl Gustav Jung (1875-1961), médico e psiquiatra suíço, foi um grande empirista, e, também, o primeiro a postular um modelo teórico fisiológico para os processos psíquicos, já no início do século XX. Ele considerava o inconsciente como sendo um órgão, psíquico, e acreditava que este possuía, assim como os outros órgãos do corpo humano, um grande poder de regeneração e auto- regulação. Podemos dizer, assim, que o paradigma da Psicologia Analítica (nome dado por ele mesmo ao conjunto de sua teoria) constitui-se no "princípio da totalidade psíquica", que define o self (o si- mesmo) como a dialética entre a consciência e o inconsciente, e no "princípio da energética psíquica", cujo ponto de vista quantitativo e finalista dos processos energéticos leva a formular que a psique é um órgão que possui uma auto-regulação intrínseca. Jung procurou desvendar a psicologia normal, sendo que nós podemos dizer que sua teoria abrange um modelo teórico fisiológico dos processos psíquicos. Ele não se deteve na psicopatologia, embora tenha trabalhado diretamente com doentes mentais na base de sua profissionalização, no Hospital Burghölzli. Preocupava-se sempre em ver o lado sadio até mesmo das fantasias, delírios e alucinações dos pacientes psicóticos, pois ele parte da noção de saúde e não da noção da doença. Considera que o ser humano é a priori saudável, estruturalmente saudável, "normal", como a própria natureza. E foi por ter esta visão que ele, mais tarde, pôde postular o conceito de 'inconsciente coletivo', pois viu que no material simbólico dos delírios e alucinações dos doentes mentais havia muitas semelhanças com os temas mitológicos, simbólicos, das mitologias, religiões, psicologia dos povos primitivos, desde os tempos mais remotos, simbolismos estes pertencentes à humanidade. É este substrato, o inconsciente coletivo - que dá origem aos processos psíquicos. E de forma alguma este substrato é patológico; ele possui, na realidade, contido em si, toda a gama de experiências humanas desde os tempos mais remotos e também todas as possibilidades do que está por vir. Pois também é no inconsciente que estão os germens criativos do ser humano. A própria consciência tem sua gênese no inconsciente (e não ao contrário, como supunha Sigmund). Por partir do princípio de saúde é que Jung pode conceber o inconsciente como um órgão psíquico, assim como temos os outros órgãos do corpo. Da mesma forma que o nosso organismo, seus órgãos e sistemas, tem uma grande capacidade de regeneração e auto-regulação, o inconsciente, entendido como um órgão, também tem este potencial, podendo levar a nossa psique a se auto-regular, tanto em momentos normais como de crise. Nesta linha de pensamento, até a sintomatologia de uma doença é ao mesmo tempo uma tentativa de cura; os sintomas são simbólicos de algum estado do ser... Já a produção de sonhos é um exemplo do funcionamento normal deste órgão. Sendo assim, Jung postula que há um sentido nos processos psicológicos. Ele acrescenta ao ponto de vista causal - mecanicista, o ponto de vista finalista destes processos. Existe uma meta, um fim em todo o processo psicológico - e isto define a direção de toda teoria junguiana. Uma outra consequência prática de sua teoria diz respeito à psicopatologia. A noção de uma função auto- reguladora com o caráter auto- curativo da psique (como a natureza) é importante ao encararmos as doenças mentais. Postulando a orientação finalista (meta) e não mecanicista, pode-se dizer que a neurose ou até mesmo a psicose se instalam tendo um sentido para a vida psíquica. Elas acontecem mesmo a fim de restaurar um equilíbrio psicológico momentaneamente comprometido. Seus sintomas nada mais são que conteúdos simbólicos que precisam ser reintegrados à personalidade. Por fim, gostaria de salientar um outro ponto importante: Jung é sensível às imagens; através delas é que o inconsciente aparece de forma mais clara,

Para Pesavento, ainda, é este mundo do sensível que incide justo sobre as formas de valorizar, classificar o mundo ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais. Em suma,

as sensibilidades estão presentes na formulação imaginária do mundo que os homens produzem em todos os tempos. Pensar nas sensibilidades, no caso, é não apenas mergulhar no estudo do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar – ou esconder – os sentimentos.⁴³

Embora a vida seja difícil de ser fixada num papel, é na relação da literatura com a história que se pode chegar mais perto destas sensibilidades passadas. E cabe ao historiador, através de seu olhar e de seu questionamento, recriar este passado no presente, dando-lhe um (novo!) significado.

Pesavento, utilizando o referencial teórico de Jauss, sustenta a afirmação de que história é sempre a construção de uma experiência, o que se torna bastante válido quando se trata de repensar, ou de reconstruir, sensibilidades de um outro tempo, a partir da literatura.

O historiador é obrigado a realizar sempre uma ficção perspectivista da história, dado que é impossível a existência de uma história que recolha simplesmente o passado nos arquivos... Não se chega, pura e simplesmente, a fatos aprioristicamente estabelecidos por fontes. A história é, neste sentido, sempre construção de uma experiência, que tanto reconstrói uma temporalidade quanto a transpõe em narrativa. Neste sentido, argumenta Jauss, a estetização, ou a colocação em ficção da experiência histórica, é uma obra, uma construção.⁴⁴

perceptível. Pela imagem, a energia psíquica se condensa para poder aparecer na consciência sob a forma simbólica. A psique possui, para ele, uma função criadora de símbolos. Ele observa que a imagem (vide as imagens oníricas) traça o caminho, orienta a ação. Os sonhos e fantasias preparam os comportamentos, mesmo quando o sujeito não está consciente disto, assim como os mitos (de onde vêm as imagens arquetípicas) propunham, no passado, respostas às principais situações da vida. Outras concepções de Jung sobre a psique e seus fenômenos serão discutidas no decorrer da tese

⁴³ Pesavento, Sandra. Op. Cit., p.58-59.

⁴⁴ Pesavento, Sandra. *Fronteiras da ficção - diálogos da história coma literatura*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2000, p.38-9.

A literatura é um tipo especial de fonte, pois entre tantas outras funções, possui o papel de dialogar com o seu tempo, de uma forma ou de outra. Conforme Leenhardt, ela é usada, seguidamente pelos historiadores, para dar existência ao que não é claramente visível, legível, nos documentos habituais:

A literatura apresenta, neste aspecto, a vantagem de ser explícita, legítima, e, ao mesmo tempo, de pouca consequência, pois é claro, para cada um, que não se poderia conceder fé às ficções! A literatura é assim, a boa filha do historiador, sempre a servir, se for preciso, ou silenciosa, se necessário. Ela é, então, um objeto particularmente útil no momento de pensar ou de não pensar os movimentos que agitam, ainda que implicitamente, as calmas águas da História.⁴⁵

Os diferentes gêneros literários que serão examinados fazem com que se aprofunde a questão de como a literatura ficcional pode remeter a formas distintas de sentir e pensar a loucura, nos tempos distintos em que foram escritos.

Conforme Pesavento, ainda, o processo de representação do real que a história se propõe, envolve criação, invenção, opções, estratégias de conhecimento e pode se situar "na esfera que chamamos de produção fictícia de uma temporalidade". "Reconstruir o vivido pela narrativa é, praticamente, dar a ver uma temporalidade que só pode existir pela força da imaginação: primeiro do historiador, depois do leitor do seu texto."⁴⁶

Nada mais justo, portanto, que, nesta reconstrução de um passado "sensível", se utilize fontes que balizem este caminho, como as narrativas de ficção literária que, ao mesmo tempo, relatam sensibilidades da imaginação. É o que foi dito, na introdução deste trabalho: é a

⁴⁵ Leenhardt, Jacques. *As luzes da cidade - Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado*. Texto apresentado no I Simpósio Nacional de História Cultural, em Porto Alegre (PUC-RS), setembro de 2002, p.3.

⁴⁶ Pesavento, Sandra, op. Cit. ,p.41.

imaginação (loucura) exposta pela imaginação (escrita e recepção), num movimento dialético que leva ao conhecimento social no tempo e, portanto, histórico, através da narrativa do historiador.⁴⁷

No dizer de Leenhardt,

Olhando-se mais de perto, a literatura de ficção, considerada como documento histórico, desempenha em efeito sobre dois planos: primeiro, aquele da expressão de teses ou idéias por um narrador mais ou menos onisciente. Neste caso, ele dá uma formulação clara aos discursos que provém desta cultura, do explícito ao qual o historiador gostaria de permanecer. Por outro lado, ela é o teatro daquilo que faz, realmente, o corpo da ficção: a ação. A ação não é um discurso. É mesmo difícil de reduzi-la ao discurso pois, precisamente, o modo de agir dos personagens do romance permanece infralingüístico, infradiscursivo, submetido a imponderáveis, a contradições, a contingências, a tudo aquilo do qual o discurso tem horror. Eles agem e, entretanto, esta ação tem um sentido!⁴⁸

As narrativas que fazem parte do *corpus* de análise desta tese são distintas quanto ao seu gênero literário, mas todas possuem em comum o fato de serem narrativas de personagens que tiveram o diagnóstico de loucura e possuem seu *locus* de ação o hospício. Qualquer um deles - seja Fileto, do romance de Rocha Pombo, ou Lima Barreto e seu "alter-ego" Mascarenhas, de *Cemitério dos Vivos*, ou ainda o "escritor engavetado" TR, em suas *Cartas de Hospício* - vive e age neste espaço, no tempo do romance. Sendo pessoas, reais ou fictícias, carregam traços, marcas, de uma temporalidade e de uma sensibilidade única, particular, que remete o historiador a nuances até então desconhecidas.

⁴⁷ O termo imaginação também é importante que seja definido. Refere-se, neste estudo, à representação de idéia ou imagem, pela psique humana. Conforme o dicionário Houaiss, Imaginação: *s.f.* **1** faculdade que possui o espírito de representar imagens **1.1** capacidade de evocar imagens de objetos anteriormente percebidos **1.2** capacidade de formar imagens originais **2** faculdade de criar a partir da combinação de idéias; criatividade **3** *p.met.* criação artística, literária **4** obra criada pela fantasia; mentira **5** ENT processo de transformação em imago ou inseto adulto i. antecipatória PSIC representação de acontecimentos futuros, esp. de objeto a ser alcançado ou dos processos necessários à obtenção desse objeto i. criadora PSIC **1** capacidade de criar ou fabular **2** PSIC recombinação intencional de imagens feita pelo simples prazer de realizá-la ou como um plano de ação fantasiosa PSIC aquela na qual a pessoa permanece relativamente passiva, e a recombinação de parcelas de sua experiência passada parece fazer-se sem intervenção da vontade (sonhos, devaneios, delírios, alucinações) reprodutora PSIC representação mais ou menos completa de um objeto, ou de um acontecimento anteriormente experimentado, articulada com o reconhecimento de que esse objeto ou acontecimento representa realmente algo já vivido ou percebido ETIM lat. *imaginatio* 'imaginação, imagem, representação, visão; pensamento, idéia, meditação; ilusão'; ver *imag-* SIN/VAR ver sinonímia de *conjectura* e *quimera*

⁴⁸ Leenhardt, Jacques. Op. cit., p.3.

Note-se, ainda, que não se pretende, nesta tese, utilizar a literatura para fazer diagnóstico de distúrbios mentais e perpetuar a noção médica de que os escritos dos loucos revelam sua doença. Supõe-se, ao contrário, que os olhos do historiador hão de achar novas questões e respostas – mesmo que parciais e relativas – para o sofrimento psíquico (e suas manifestações) destes considerados doentes. Permite-se, aqui, recolocar perguntas, inverter padrões, re- apresentar as narrativas. Afinal, não importa o sentido que se dê, parece que a “sensibilidade” sempre se portou como um caminho de conhecimento, uma contribuição específica da atividade do espírito humano.

1.2 A loucura narrada: lendo o delírio ...

Trata-se apenas de sublinhar a existência histórica de diversas possibilidades de se conceber a loucura e de se lidar com ela, distintas daquelas que caracterizariam sua transformação em doença mental, submetida ao controle do alienista.

Magali Engel, *Delírios da razão*

Um escritor, cuja grandeza consistisse em abstrair fortemente das circunstâncias da realidade ambiente, não poderia ser, creio eu, um grande autor. Fabricaria fantoches e não almas, personagens vivos. Os nossos sentimentos pessoais, com o serem nossos, são também reações sociais e a sociedade se apóia na terra.

Lima Barreto, *Bagatelas*

A literatura, como uma portadora fiel de um imaginário que se encontra "do outro lado" do concreto, pode constituir-se numa "narrativa do sensível" fidedigna sobre a loucura, no momento em que mostra a voz do paciente revelada pelo personagem O "louco", através de um discurso "não oficial", mostra o outro lado da realidade. Em outras palavras, existe o discurso oficial, uma "instituição" (leia-se cultura) consciente de normas e padrões a serem aceitos e

realizados, e, em contrapartida, existe sempre uma subcorrente de fantasias inconscientes complementares.

A ficção ultrapassa, o que parece certo, a expressão consciente de seu narrador e, bem entendido, de seus personagens. Ela contém, portanto, não exatamente uma mensagem que seria, por definição, consciente e enunciada, mas um signo. A ficção sinaliza para mundos possíveis. A ficção propõe, sob a forma somente potencial de um dever ser e não de um fato, ela abre um horizonte para além do real. Em função desta possibilidade de abertura, desta capacidade de desenhar um mundo, segundo regras que ultrapassam o cotidiano, a ficção adquire um estatuto muito particular, na formulação daquilo que anima os movimentos de fundo da história. Ela não é *profética*, no sentido dos videntes, que dão o futuro já por assegurado, mas ela é *visionária*, na medida em que autoriza a organizar o mundo das ações e dos fins de outra forma para além daquela que existe.⁴⁹

É exatamente pelo fato de a ficção sinalizar para mundos possíveis, conter nela um "signo" (que aqui será definido como símbolo, mais adiante) e ser visionária, como Leenhardt sublinhou, é que se torna possível falar nela como um alimentador do imaginário das sociedades. Ela remete a algo que ultrapassa a formulação consciente de e sobre uma dada época; sendo assim, traz à tona as sensibilidades, mais coletivas do que individuais, mais inconscientes que conscientes, de um determinado momento histórico.

Parte-se de uma definição simples: o imaginário refere-se a um conjunto de imagens, isto é, é um depositário de imagens. Sendo assim, há duas formas distintas de pensar este "conjunto", isto é, a noção de imaginário trabalhada aqui tem uma dupla face.⁵⁰

A primeira, é aquela que trabalha com sua noção desde o ponto de vista do conjunto de representações coletivas forjadas por uma coletividade para expressar suas idéias, crenças e comportamentos comuns - concepção esta utilizada por historiadores e sociólogos

⁴⁹ Leenhardt, Jacques. Op. cit. p.4. Grifos do autor.

⁵⁰ Sobre as conceituações de imaginário e símbolo, analisei-as no capítulo 1, "As representações simbólicas nas ciências humanas", da dissertação de mestrado referida.

contemporâneos. Ela diz respeito às formulações da "consciência coletiva"⁵¹ a respeito de seus símbolos. Este imaginário desde fora representa a face voltada para o exterior, para a realidade social, possibilitando quase que uma "construção consciente" de um imaginário. Esta face realiza-se no tempo e no espaço, por exemplo, quando do surgimento de movimentos sociais e políticos, e presta-se à manipulação e jogos de poder. Em outras palavras, é possível à consciência coletiva de uma determinada sociedade construir seu imaginário a partir do que chama de "símbolos coletivos".

A segunda, tão complexa quanto a primeira, trata de uma concepção de imaginário desde dentro, isto é, utiliza a noção de inconsciente, como matriz/fonte das manifestações humanas, e delimitada principalmente por teóricos da psicologia. Ressalta o caráter simbólico das imagens das fantasias humanas, que aparecem em suas mais variadas manifestações provindas do "âmbito" do inconsciente. Estas surgem espontaneamente na psique dos indivíduos, tomando forma, através de imagens, no mundo exterior consciente. Remete ao caráter criativo do inconsciente humano.

(...) Na verdade, a concepção do imaginário como função criadora se constrói pela via simbólica, que expressa a vontade de reconstruir o real num universo paralelo de sinais. ... A noção de símbolo é, pois, central e se encontra ligada à de representação ... Assumimos, pois, o pressuposto das representações simbólicas e alegóricas do imaginário coletivo (...)⁵²

Define-se, aqui, símbolo como sendo a melhor expressão possível, insuperável numa dada época, do que ainda é desconhecido e compreende-se que ele possa surgir no momento mais complicado e diferenciado da atmosfera espiritual, social e cultural de um dado tempo⁵³. Utiliza-

⁵¹ "Consciência coletiva" é uma expressão utilizada por C.G.Jung, quando se refere ao conjunto de normas e padrões coletivos, enfim, a tudo aquilo que é socialmente e coletivamente consciente e identificado como tal.

⁵² Pesavento, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista Brasileira de História* São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.15. n.29, 1995, pp. 21 e 22.

⁵³ Jung. C.G. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981, p.546.

se neste trabalho a noção de símbolo resgatada por C.G. Jung para as ciências humanas. Um símbolo é sempre mais do que podemos entender à primeira vista; ele não dissimula, ele revela no tempo oportuno, ele ensina.

Chama-se de símbolo um conceito, uma figura ou um nome que podem ser conhecidos em si, mas cujo conteúdo, emprego ou serventia são específicos ou estranhos, indicando um sentido oculto, obscuro e desconhecido.⁵⁴ Ao contrário, um sinal ou signo, é sempre menos do que a coisa que quer significar. Esta diferença é fundamental para o ponto de vista deste trabalho, pois é necessário diferenciar as diversas concepções de símbolo que povoam os textos das ciências humanas. "O símbolo exprime sempre que, em sua forma, reside, mais ou menos, uma possibilidade de nova manifestação de vida, de uma redenção dos vínculos e do cansaço vital".⁵⁵

Respeitando a etimologia da palavra, símbolo é *symbolon*, do grego (a partir do verbo *symbollo*), que significa "lançar juntos", no sentido de síntese, integração. A palavra alemã para símbolo é *Sinnbild*, cuja tradução literal será: *Sinn* é sentido e *bild* é imagem. Portanto, símbolo significa "imagem do sentido". Mostra que imagem e sentido andam juntos, podendo lembrar o que Jung fala: a imagem dá o sentido, traça o caminho e orienta a ação.

O símbolo possui, também, sempre uma dupla face: ele é inconsciente e consciente, individual e coletivo (transpõe-se para as realidades social e cultural), "olha" para o passado e para o futuro quando traz o que é radicalmente novo.⁵⁶ Ele pressupõe uma síntese, como se viu em sua etimologia. Como unificador de antagonismos, ele dá uma idéia de multiplicidade, e ele é uma inteireza que não pode nunca se dirigir a uma única capacidade do homem. O símbolo

⁵⁴ Jung, C.G. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes. 1998. p.189

⁵⁵ Jung, C.G. *Tipos Psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981, p.547.

⁵⁶ Seria correto, inclusive, dizer que o símbolo enraíza-se no passado e olha para o futuro, tal qual face de *Janus*, o "deus das passagens" da mitologia romana.

solicita nossa totalidade, afeta todo nosso ser. Por isto ele se tornou a via adequada para análises históricas mais apuradas. Em sua especificidade (seu significado intrínseco) ele comporta as noções de discurso indireto, imagem, sentido, algo que pode ser "pressentido" (a via das sensibilidades), potencial criativo, efeito criador e estimulante.

Literatura, loucura e história cultural, todas trabalham com sistemas simbólicos, passíveis de serem interpretados em ambas as faces do imaginário. Com isto, quer-se dizer que sua inter-relação, no campo mesmo deste imaginário, pode satisfazer a meta de descortinar sensibilidades sobre a loucura, ocultadas pelas práticas sociais de exclusão.

Utilizando o pensamento de Leenhardt para nosso enfoque analítico, pensar simbolicamente os textos literários em análise, é resgatar os sentidos das falas dos personagens, é trazer à tona a fineza de suas sensações e de seus sentimentos a respeito da loucura, o que organizará, de certa maneira, um imaginário. Este permitirá esboçar algumas reflexões, num caminho de mão dupla, respeitando aquelas duas faces.

O primeiro conjunto de reflexões levará pelo caminho de perceber o sentido que o escritor quis dar, conscientemente, sobre a temática da loucura. Mas, também, permitirá vislumbrar como se dá a organização social a respeito da loucura, recriando-se, assim, um "imaginário desde fora" sobre a mesma. Sem cair na falácia, obviamente, de que a literatura explica o social.

O outro sentido, desta via de dupla mão, é aquele que resgata a sensibilidade do próprio louco sobre si mesmo e sua "loucura".

As múltiplas experiências que uma pessoa tem com a loucura, e não menos desprovido de sentido é falar-se nas experiências com a internação psiquiátrica pela qual passa ou passou, não

somente deixa marcas em sua vida "real" - esta entendida aqui como uma vida vivida externamente em seu meio social - mas também em seu psiquismo. O que afetará, sem dúvida, tudo aquilo que ela será no futuro, que ela sentirá por si mesma, que ela perceberá no mundo, daqui para a frente. Enfim, deixará marcas em seu imaginário.

Também múltiplas são as formas pelas quais a loucura deixa-se transparecer nos gestos, atitudes e delírios das pessoas que habitam "a casa dos loucos". E é neste mundo imaginário, onde se permite "ler o delírio" de um louco, que se identifica um mundo de transgressões, transgressões estas, inclusive, das normas coletivas. Assim, é nesta expressão simbólica onde se pode perceber a sensibilidade mais fina sobre o que o "louco" (ou um paciente na situação em que se encontra) pensa e sente.

Ler o delírio do louco, em textos literários de gêneros diversos é, de certa forma, um desafio, que orienta uma leitura em direção ao simbólico, pois o que se chama delírio, nada mais é do que conteúdo simbólico do imaginário de uma pessoa (no caso, de pacientes internados, que serão lidos em cada uma das obras), retratando, muitas vezes, um imaginário coletivo. Na verdade, este "sistema simbólico" constituinte do imaginário de um paciente, traz à tona a sensibilidade sobre a loucura de uma certa época dada, onde ele se insere na corrente histórica que lhe deu origem.

Conforme pesquisa de Engel ⁵⁷, o ponto de partida para a discussão sobre "loucura" e sobre a criação de hospícios no Brasil situa-se nos anos 30 do século XIX.

⁵⁷ Engel, Magali Gouveia. *Os delírios da razão - médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: editora da Fiocruz, 2001.

Interessa, neste momento, perceber a noção que os médicos envolvidos nesta luta possuíam sobre a matéria que pretendiam discutir.

Os primeiros médicos em exercício da Medicina no Brasil - nenhum deles era brasileiro - a tratar deste assunto, em relatórios médicos e em revistas especializadas, foram os doutores portugueses José Martins da Cruz Jobim e J.J. Silva, no "*Relatório da Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro*", de 19 de abril de 1830.

A seguir, o doutor J. F. X. Sigaud, francês, publicou, no Diário de Saúde, de 18 de abril de 1835, um artigo intitulado "Reflexões acerca do trânsito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro". E, em 1839, um médico italiano, L. V. De-Simoni, mas também atuante na medicina do Rio, escreve "Importância e necessidade de criação de um manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados", na *Revista Médica Fluminense*. Estes três médicos estrangeiros integraram o grupo de fundadores da Academia Imperial de Medicina, em 1829.⁵⁸

Neste mesmo período histórico, é defendida a primeira tese sobre alienação mental no Brasil, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pelo doutor Antonio da Silva Peixoto, em 1837.

Conforme Engel, que examinou detidamente estes documentos, nos textos de Jobim e de Sigaud a loucura não seria definida explicitamente como doença mental, embora ambos conservassem a idéia, proveniente dos médicos alienistas franceses Pinel e Esquirol, de que os loucos eram doentes que precisavam de tratamento físico e moral específicos.

⁵⁸ Citado por Engel, Magali, op. cit., p.119.

A autora refere, ainda, o interessante fato de, nestes escritos, a palavra louco ser substituída, muitas vezes, pelas palavras miserável, desgraçado e infeliz. Já os textos de Peixoto e de De-Simoni apresentavam a loucura como uma moléstia mental específica.⁵⁹

Mas como estes médicos definiam a moléstia ou a enfermidade mental? Para os autores do relatório de 1830 e para o doutor Sigaud, ela era definida genericamente como "ausência da razão"; já o doutor De-Simoni, caracterizou-a como "privação do juízo, do entendimento e da livre vontade". Mas é na tese de Peixoto que ela adquire uma definição mais precisa: "perverte e aniquila à espécie humana o que ela tem de mais precioso, tal é a ação fisiológica da inteligência...".⁶⁰

De qualquer forma, estes primeiros "pensadores" da loucura no Brasil, caracterizavam-na como uma doença que atingia a inteligência (a oposição "clássica" entre razão e loucura), e remetia o louco à animalidade - o que deixaria profundas marcas, em meu entender, em todo o processo de constituição da disciplina psiquiátrica em nosso país, bem como na formação de um "imaginário nacional" a respeito da loucura. "Por meio desta concepção, o saber médico retirava do louco a condição de ser humano completo - ao qual faltava a razão, ou seja, o traço essencialmente distintivo da espécie - abrindo profundas brechas para o exercício de um poder absoluto e irrestrito sobre ele."⁶¹

⁵⁹ Idem, p. 120.

⁶⁰ Para esta discussão mais pormenorizada, ver Engel, Magali, op. Cit., p. 120 e ss.

⁶¹ Idem, p. 120/1.

Este imaginário iria, por estes anos e nos seguintes, aparecer nas peças de teatro e escritos de Qorpo Santo, de 1866, em textos literários como os de Machado de Assis, *O Alienista*, de 1882, de Rocha Pombo, *No Hospício* de 1905, de Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma* de 1911, apenas para citar alguns dos textos mais conhecidos.

Uma outra característica da loucura está inserida na seguinte questão: se ela é a privação da razão e afeta a inteligência, ela se manifesta através de delírios, que são alterações, em maior ou menor grau do intelecto. O próprio conceito de "monomania", introduzido pelo francês Esquirol em 1819 e difundido mundialmente a partir desta data, influenciou sobremaneira estes médicos "brasileiros"⁶², recebendo a conotação de "delírios intelectuais localizados".

As concepções expressas pelos médicos da Academia Imperial de Medicina e da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na década de 30 do século retrasado, incorporam as questões e os impasses essenciais que caracterizavam o alienismo francês na época, sem revelar, contudo uma preocupação em explicitá-los e discuti-los. De modo geral, tais concepções distinguiam-se por uma perspectiva que conferia à loucura uma visibilidade fácil e direta. (...) na descrição feita pelo Dr. Sigaud de alguns personagens integrados à paisagem urbana do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século retrasado, a loucura aparece como um espetáculo perceptível aos olhos de qualquer um. O vestuário "grotesco" ou "exótico", ou as "palavras sem nexos nem seguimento", ou ainda o delírio, faziam do louco uma presença explícita e inconfundível nas ruas da cidade. *A loucura estaria, sempre, de algum modo, associada ao delírio.*⁶³

Este mesmo Dr. Sigaud, na caracterização de um tipo "de rua" daquela época, refere que João era louco, devido à paixão pelo estudo, "ao esgotamento provocado pelo excessivo desenvolvimento das atividades intelectuais", o que mostra que as idéias deste médico estavam "permeadas por convicções correntes no senso comum que sobrevivem até hoje".⁶⁴

⁶² Vê-se muito este diagnóstico em prontuários médicos do HPSP e também do HNA, no século XIX; o próprio Qorpo Santo, quando examinado por alienistas cariocas e gaúchos, teve este diagnóstico. Deixar-se-á, aqui, de fazer uma explanação mais pormenorizada de todas as tendências sobre doença mental no momento histórico em questão, pois esta discussão será inserida na tese quando de sua necessidade. Por ora, interessam apenas as noções apresentadas.

⁶³ Engel, Magali, op. cit., p. 122. Os grifos são meus.

⁶⁴ Citado por Engel, Magali, op. cit, p.123.

As reflexões intelectuais desenvolvidas por indivíduos suspeitos de alienação (ou diagnosticados como doentes mentais) eram vistas, em geral, como estranhas e absurdas e, dessa maneira, consideradas pelos psiquiatras como provas de distúrbios mentais. Muitas vezes, tomando como objeto a própria loucura, tais reflexões que eram pautadas sobre noções bem diferentes daquelas que os especialistas tinham, questionavam o próprio saber alienista.

A partir dos anos 60 do século XIX, a opção pela abordagem materialista da insanidade seria claramente definida e discutida no Brasil. Em 1861, o Dr. José Luiz da Costa apresenta uma Memória à Academia Imperial de Medicina, onde diz que as faculdades intelectuais e morais - especificamente humanas - não poderiam ser vistas como produto exclusivo da alma, pois muitos fatos já demonstraram que "o encéfalo é a condição física indispensável para a sua manifestação".⁶⁵ Relacionando, assim, esta afirmação à questão do delírio, este seria concebido como "produto das modificações orgânicas apreciáveis pelos sentidos", estando ainda indissociavelmente vinculado à alienação mental.

Aliás, esse seria um dos traços fundamentais que, herdado dos escritos dos anos 30 do século XIX continuaria a marcar os alienistas brasileiros, apesar de todos os esforços para estabelecerem cortes diferenciais profundos entre o enfoque médico e, conseqüentemente, científico e verdadeiro da doença mental e os equívocos das percepções leigas da loucura. *A associação entre delírio e alienação mental seria transformada, algumas vezes, até mesmo em identidades.*⁶⁶

Mudou o século, mas mudou o imaginário sobre a loucura?

Idéias idênticas serão encontradas nos textos literários examinados do início do século XX, bem como no imaginário de familiares que levaram alguns pacientes para internação.

⁶⁵ Citado por Engel, Magali, op. cit, p. 128.

⁶⁶ Engel, Magali., op. cit., p.128. Os grifos são meus.

As *Cartas de Hospício* do paciente TR, por exemplo, que foram escritas entre junho e setembro de 1937 durante sua internação no HPSP de Porto Alegre, e que serão trabalhadas no próximo capítulo desta tese, formam uma espécie de "diário íntimo" do autor. Consideradas pelos médicos de então como delírios e sintomas da doença mental que lhe afligia, são muito mais do que isto, pois constituem-se em confidências, reflexões, que mostram tanto o problema que afligia este indivíduo em particular, como aqueles pelos quais estava passando a humanidade, naquele período histórico.⁶⁷

Três excertos de cartas de TR, durante sua hospitalização no HPSP, de maio a setembro de 1937, servirão para exemplificar as questões discutidas até o momento e, ao mesmo tempo, chama-se a atenção para seu conteúdo, que transita entre o simbólico e o "realista".

Na carta número 11, em que o próprio paciente colocou o título de "Meditações e previsões sobre o futuro", está apresentada a noção, que existia no imaginário de médicos e da sociedade (aqui dos familiares de TR), de que ler demais enlouquecia. Seu pai e irmão, na baixa hospitalar, referiram ao médico que TR lia e escrevia muito e isto era um dos sinais de sua "loucura" e de seus delírios.⁶⁸

⁶⁷ Este caso que será relatado significa muito. Por várias razões. Por toda situação da vida deste paciente, até onde foi possível percebê-la através da história que ele deixa transparecer nas cartas; a situação em que se encontra na internação psiquiátrica; sua cultura e o belíssimo português em que escreve (não só no sentido formal da língua, mas principalmente pelas situações simbólicas que descreve) - tudo isto faz com que se afirme de antemão: sua individualidade é invulgar. Significa também que não há rótulo (ou diagnóstico!) que se coloque em alguém, que consiga descrever toda a complexidade de uma personalidade e faça justiça ao que realmente esta pessoa sente e pensa de si e do mundo. Exemplifica de forma contundente tanto o entorno físico de um paciente internado, as más condições das instalações em que foi colocado, como a precariedade das relações humanas dentro de um hospício. As cartas que o paciente escreveu, durante sua internação, são muito importantes. Elas não somente permitem que possamos traçar um retrato de uma vida particular, mas também mostram aspectos de uma época, de uma cidade e de um imaginário coletivo.

⁶⁸ Ver páginas 146 e 147 da dissertação de mestrado "A tênue fronteira...".

Meu pae esteve aqui me visitando no sabbado passado. Eu querendo conseguir mais liberdade em casa, disse-lhe em resposta a sua pergunta se já tinha deixado a mania de escrever que se era loucura porque não me deixa esta. Foi quanto bastou para que pouco depois sahisse...almente se despediu de mim. Para mim acho que esta contrariedade até é uma vantagem, pois que tenho notado, quando me incomodam, tenho até mais inspiração. É verdade que as vezes desanimo um pouco e não faltava muito me convencer da minha loucura...⁶⁹

Um pouco antes, nesta mesma carta, há uma lúcida crítica, dentro de seu "delírio", sobre a situação do mundo e TR arrisca, então, uma "previsão" sobre o futuro:

Se o mundo continuar nesta marcha a hecatombe universal é inevitável. Uns devorarão aos outros, como lobos famintos...Vianna Moog disse: "No Brasil tudo muda, ninguém se entende e tudo vai bem!" O que se dá no Brasil dá-se com a maioria dos paizes. Nem o facismo, nem comunismo, nem ismo nenhum dará ao mundo a prosperidade se os povos não se convencerem de seu egoísmo. Comunismo e facismo não passam de um jogo passa-tempo. Onde surge o comunismo surge o anticomunismo. Onde surge o nazi e o fasci surge o adversário. Poderão nascer destas "creanças" quantas quizerem, nada adiantará...O Brasil deve e está deixando de coxilar naquella confiança inerte de que amanhã descobriremos um homem que pagará as dívidas do paiz, com seu bom governo. No Brasil tem de tudo menos união, e somente esta poderá salvá-lo de sua ruína completa. Deus foi brasileiro e ainda é,(...)⁷⁰

Magali Engel menciona a existência de cartas em prontuários de pacientes no HP II, no período pesquisado por ela - desde sua fundação em 1852 até 1930. Estas cartas seriam escritas pelos pacientes a fim de questionar, reivindicar ou expressar sua revolta em relação à internação a que foram submetidos. Ela diz que, "para os indivíduos cuja posição social não lhes assegurava o acesso a advogados, juizes, ministros ou à imprensa, o recurso mais comumente empregado para reivindicar e pressionar pela saída do hospital eram as cartas bilhetes enviados aos diretores e médicos do hospital".⁷¹ Estas cartas, segundo a autora, eram anexadas nos prontuários dos autores, servindo apenas como evidência do diagnóstico previamente estabelecido.

⁶⁹ Excerto da carta número 11 de TR, de 02 de setembro de 1937. Tomo II, Anexo 2, *Cartas de Hospício*, p. 44. Todas as cartas foram deixadas em sua grafia original, a fim de respeitar e ressaltar o belíssimo português em que foram escritas.

⁷⁰ Idem, p. 42.

⁷¹ Engel, Magali, op. cit., p.280.

Citando um exemplo de um bilhete de uma mulher de 26 anos, que solicitava ao médico a gentileza de lhe dizer quanto tempo deveria permanecer ali ainda "para ficar boa" (pois já vivia no hospital há 8 meses), Engel refere que este mesmo bilhete, anexado ao prontuário, seria utilizado pelo doutor Moura, em 1923, para sua tese intitulada *Manifestações artísticas dos alienados*, cuja análise limita-se, contudo, "a sublinhar os erros de grafia contidos no bilhete, estabelecendo claramente uma associação entre ignorância e alienação mental..."⁷²

O que se terá oportunidade de perseguir em análise, nos capítulos que se seguirão, será um traço em comum dos pacientes internos dos três textos literários: tanto Fileto, como Lima Barreto/Mascarenhas e TR são pensadores, questionadores do mundo e da vida, quase "filósofos".

Que psiquiatria é esta que, ao excluir, homogeneiza condutas e pensamentos humanos em teorias a respeito do doente, não vendo a especificidade de cada ser humano e, mesmo, de cada caso clínico? Não enxerga a pessoa, e sim o diagnóstico. Não percebe sua inteligência, mas sim o delírio, que em seus conceitos, é a alteração desta inteligência. O que diriam os psiquiatras do século retrasado se soubessem que Lima Barreto, em sua última internação, em 1919, pediu para mudar de seção, dentro do HNA, só para ficar numa em que havia biblioteca?

Esta rigidez e homogeneização no tratamento dispensado aos conteúdos das doenças também levava a uma arbitrariedade dos poderes socialmente estabelecidos, no que dizia respeito às internações. "Pouco importa a postura assumida pelo indivíduo ao ser internado num hospício, pois seja ela qual for, será sempre um sintoma de doença mental."⁷³

⁷² idem., p.281.

⁷³ idem., p.94.

É no referencial teórico da Psicologia Analítica, formulada na primeira metade do século XX por Jung, que se encontrará uma outra forma de pensar e tratar os delírios e as manifestações da doença mental. Importa salientar que, mesmo fazendo parte dos meios médicos e acadêmicos europeus, na efervescência dos 1900 – ano em que se formou em Medicina – , Jung trouxe à tona uma nova visão sobre o binômio saúde - doença mental, calcada numa *Weltanschauung* humanista, que vê na psique humana sadia a condição *sine qua non* para uma vida plena.

Ele parte do pressuposto, como já apresentado, de que o ser humano é constitucionalmente saudável inclusive sob o ponto de vista psicológico. Postula a psique - e por conseguinte, o inconsciente - como um órgão, da mesma forma que temos os outros órgãos do corpo. Ela tem sua fisiologia própria e também adoece, como os outros órgãos. E possui uma grande capacidade de regeneração e auto- regulação. A psique sendo encarada desta forma, os sintomas de uma doença psíquica passam a ser, ao mesmo tempo que uma tentativa de cura, símbolos daquilo que se quer curado.

Desta forma, o surgimento de uma "neurose" ou "psicose" acontece com a finalidade de restabelecer o equilíbrio psicológico perdido em alguma situação extrema, ou num momento de crise. "O médico não deve jamais perder de vista o seguinte: as doenças são processos normais perturbados e nunca *entia per se*, dotados de uma psicologia autônoma."⁷⁴

Além disto, estar "louco" é uma concepção extremamente relativa. "Estar louco" é um conceito social, explica Jung.⁷⁵

⁷⁴ Jung, C.G. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1998. P.24

⁷⁵ Op. Cit. p.51. Citações extraídas do texto "Fundamentos de Psicologia Analítica" de 1935.

Ao debruçar-me sobre os doentes e seu destino, compreendera que as idéias de perseguição e as alucinações se formam em torno de um núcleo significativo. No fundo, há os dramas de uma vida, de uma esperança, de um desejo. Se não lhes compreendemos o sentido, é uma falha nossa. Nessas circunstâncias, compreendi pela primeira vez que na psicose jaz e se oculta uma psicologia geral da personalidade e nela se encontram todos os eternos incuráveis, obtusos, apáticos e se agita mais vida e sentido do que pensamos. No fundo, não descobrimos no doente mental nada de novo ou de desconhecido; encontramos nele as bases de nossa própria natureza...⁷⁶

Na sua obra publicada com o título *O espírito na arte e na ciência* (volume XV das Obras Completas)⁷⁷, que possui artigos e conferências realizados entre 1922 e 1941, há dois de especial importância que serão úteis para tratar esta questão do delírio e dos conteúdos da loucura, sob um outro prisma - no que concerne à relação com a literatura. Chamam-se: "Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética" (de 1922) e "Psicologia e poesia" (de 1930).

Jung começou seu texto de 1922, fazendo uma advertência: somente aquele aspecto da arte que existe no processo de criação artística pode ser objeto da psicologia, não aquele que constitui o próprio ser da arte. Seguindo este caminho, vai-se tentar expor quais são os parâmetros que fazem com que se possa encarar as imagens do inconsciente de um paciente (imaginário desde dentro) de uma forma a integrá-las a seu processo, principalmente se elas tomarem uma forma criativa, neste caso, literária. Parte-se do pressuposto de que uma consideração psicológica, nesta instância, só se aplica aos fenômenos simbólicos, sem tocar na essência da arte.

Este autor postula que existem duas origens distintas da obra de arte: aquelas que nascem totalmente da intenção e determinação do autor, visando algum resultado específico, e aquelas

⁷⁶ Jung, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 117/8.

⁷⁷ Jung, C.G. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985.

que "nascem prontas e completas, inteiramente armadas como *Pallas Athene* que nasceu da cabeça de Zeus".⁷⁸

Nas primeiras, o autor submete o material a ser trabalhado a um tratamento com propósito definido, aplica seu julgamento sobre o material, tornando-se, nas palavras de Jung, "idêntico ao processo criativo". Isto é, "ele é a própria realização criativa e está completamente integrado e identificado com a obra em todos os seus propósitos e conhecimentos"; o autor parece, aqui, ser o criador, completamente livre e sem a mínima coação.

Nas segundas, a obra praticamente se impõe ao autor, "sua mão é de certo modo assumida, sua pena escreve coisas que sua própria mente vê com espanto" - aí, a obra traz em si a sua própria forma, e tudo aquilo que o autor gostaria de acrescentar será recusado e o que ele não gostaria de aceitar será imposto. "Enquanto seu consciente está perplexo e vazio diante do fenômeno, ele é inundado por uma torrente de pensamentos e imagens que jamais pensou em criar e que sua própria vontade jamais quis trazer à tona."

Jung mostra, neste momento, que o ponto de interesse da psicologia deslocou-se para o processo criador, enquanto que o autor, como pessoa, interessa apenas "como objeto reagente". Ele acredita que a convicção do escritor de estar criando em liberdade absoluta seria uma ilusão de seu consciente.

Isto faz lembrar a maneira como Lima Barreto escreveu *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Este romance foi escrito em dois meses e meio, em 1911. Segundo um de seus mais importantes biógrafos, Francisco de Assis Barbosa, a vida de Lima, no momento em que escrevia

⁷⁸ Para estas argumentações ver páginas 61 a 63 de: Jung, C.G. *Relação da Psicologia Analítica com a obra de arte poética*. In: *O Espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985. As próximas citações deste autor, neste subcapítulo, serão retiradas destas páginas.

este romance, beirava os 30 anos e passava para uma fase onde a boemia e a bebedeira seriam seus companheiros constantes, daqui em diante, até sua morte, em 1922. Mas mesmo isto não o impediu de colocar no papel ("trezentas e poucas laudas do melhor papel almaço...") o melhor que tinha para dar à literatura:

Entregue à vida boêmia, já nessa ocasião, fora num instante de fuga ao burburinho dos cafés e ao tédio da repartição (pública) que Lima Barreto escreveu, em menos de três meses, pode-se dizer que de uma arrancada só, o mais bem composto e equilibrado de seus romances.

Trabalhou-o com paixão, entregando-se por inteiro à sua composição, vertiginosamente, como se estivesse em estado de transe.⁷⁹

Também as cartas de TR, ao ler seus manuscritos e ver seus conteúdos, dão a impressão de que assim foram escritas. Na carta número 4, de 26 de junho de 1937, chamada por ele "A confissão", encontra-se o que os médicos chamariam de "o auge de seu delírio". Porém, ela apresenta o material mais simbólico de todas as cartas, que, cotejada com as outras e, recolocada no contexto de sua vida, retrata a situação psicológica de sua vida, além de ser uma poesia escrita "na melhor vertente simbólica":

⁷⁹ Barbosa, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952, pp.200 e 201, respectivamente.

Vê lá Vianna vou-te contar um sonho violeta/ de ódio de ironia/ de escárneo e amor/ baseado na mais linda flôr/ a santa Therezinha/ - É ella que vai fallar/ odiar, amar e com ella outra santa/ - já que não soffrena o pingo/ que dá a cada passo respingo/ do furor d'alma que odeia com calma/ e apanho neste apanage/ porque são “versos” de Boccage/ - Mas vamos ao sonho: ...vai nosso crack Risadinha/ quem é adivinha?/ que toda interrogação e tens de mim compaixão/ vi em minha frente um jornal/ que berra e não faz mal/ em que descripto vinha/ o sonho, inspiração Minha – do eterno – mostrando-me paraizo e inferno/ verão e inverno...Mas vou abreviar/ senão nada posso contar: - Vi o risada o formidável/ em brinquedo confortável/ que a seus pés Christo poz/ e disse-lhe a mão no hombro pousando/ Vê lá depois disto/ se tudo conquisto/ “Mergulhei-te (afirma?) em dois tinteiros a penna” – Mas contigo apanha “todo” mundo/ neste shoote profundo”/ - Risada agora alegre deus bolaço que rompendo das nuvens o véo/ indo parar lá no sétimo céu/ e numa janella aparece um anjinho ligeiro/ cretino, damninho, brejeiro/ e diz: “não me amole/ se não queres que vivo te esfole/ eu tb. Estou a procura de um padre cura/ e não acho aqui um trouxa com quem me divertir/ (...)”⁸⁰

O psiquiatra suíço ressalta que a análise prática dos artistas (e por sua clínica passaram alguns, como Artaud, Nijinski, Joyce, entre outros) mostra sempre de novo quão forte é o impulso criativo que brota do inconsciente, e também quão caprichoso e arbitrário ele é.

Para ele, a obra inédita na alma do artista é uma força da natureza que se impõe, ou com tirânica violência ou com aquela astúcia sutil da finalidade natural, sem se incomodar com o bem-estar pessoal do ser humano que é veículo da criatividade. “O anseio criativo vive e cresce dentro do homem como uma árvore no solo do qual extrai seu alimento. Por conseguinte, faríamos bem em considerar o processo criativo como uma essência viva implantada na alma do homem.” A psicologia denomina isto de *complexo autônomo*.⁸¹

É ao atingir a dimensão simbólica que a obra se impõe, então, com um sentido, tanto para quem a realiza, como para a sociedade daquele tempo. Na obra reconhecidamente simbólica, sua linguagem está cheia de “pressentimentos”, que dizem mais do que se poderia entender racionalmente; o símbolo é sempre um desafio à nossa reflexão e compreensão.

⁸⁰ Excerto da carta número 4 de TR, de 26 de junho de 1937. Tomo II, Anexo 2, *Cartas de Hospício*, p. 13. Esta carta possui, no total, 10 páginas, na digitação de computador, e foi escrita em 4 folhas de papel almaço pelo paciente. Devido a seu conteúdo ímpar, esta carta foi a mais analisada na dissertação de mestrado já referida.

⁸¹ Jung, C.G., op. cit., p.63.

Para Jung, o processo criativo consiste numa ativação do inconsciente coletivo (do arquétipo) e numa elaboração e formalização da obra acabada. De certo modo, diz ele, a formação da imagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado. "É aí que está o significado social da obra de arte: ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita." ⁸²

Para este autor, o artista teria uma profunda insatisfação com o presente, e sua ânsia recua até encontrar, no inconsciente, a imagem primordial (arquétípica) adequada para compensar de modo mais efetivo a carência e unilateralidade do espírito da época. Esta ânsia, como diz Jung, se apossa daquela imagem e, enquanto a extrai da camada mais profunda do inconsciente, fazendo com que se aproxime do consciente, ela modifica sua forma até que esta possa ser compreendida por seus contemporâneos.

Assim, o gênero da obra de arte (aqui, os gêneros literários em análise) permite uma conclusão sobre a característica da época na qual se originou. Por exemplo, "o que significa para cada época o realismo, o naturalismo e o romantismo? E o helenismo? São tendências da arte que trazem à tona aquilo de que a respectiva atmosfera espiritual mais necessitava". ⁸³

⁸² idem, op. cit., p.71.

⁸³ ibidem.

Assim como os indivíduos isoladamente, também os povos e as épocas têm suas atitudes ou tendências espirituais características. A própria palavra *atitude* já revela a unilateralidade necessária que acompanha cada tendência determinada. Onde há tendência há exclusão. Exclusão significa que muitos elementos psíquicos, que poderiam participar da vida, não podem fazê-lo por serem incompatíveis com atitudes gerais. O homem normal consegue suportar a tendência geral sem se prejudicar; mas o homem que caminha por atalhos e desvios, que não pode, como o homem normal, andar pelas amplas estradas principais, será o primeiro a descobrir o que se encontra afastado da grande estrada à espera de poder participar da vida. A relativa inadaptação do artista significa para ele uma vantagem real, permite-lhe permanecer afastado da estrada principal, seguir seus próprios anseios e encontrar aquilo de que os outros, sem o saber, sentiam falta. Assim como no indivíduo a unilateralidade de sua atitude consciente é corrigida por reações inconscientes, assim a arte representa um processo de auto-regulação espiritual na vida das épocas e das nações.⁸⁴

Desta forma, pergunta-se: até que ponto uma pessoa que se dizia escritora e não o foi por causa de pareceres antagônicos de seu meio, estava neste caminho de rotas desviantes e não pôde cumprir seu "destino" como escritor? O que diferenciaria a atitude de TR de outros loucos ou de outros escritores? Pode-se conceder, ao "delírio" deste louco em especial, assim, o mesmo tratamento que se dá a uma obra textual criativa? E o que juntaria isto é o fato de ambos escritos serem simbólicos?

O caminho que esta tese percorrerá até o fim será o de ir fazendo estas distinções e aproximações, o quanto permitir a análise dos textos. As questões sobre símbolo e o sensível integram estes dois pensamentos, a literatura e as manifestações do inconsciente, na busca de sensibilidades sobre a loucura em épocas passadas... Por isso dar o estatuto de literatura às cartas de TR que, mesmo parecendo "delírio", são narrativas simbólicas que se emparelham aos escritos dos outros autores.

Antes de entrar nos textos propriamente, ainda será necessário examinar o "*locus*" que foi inventado pela sociedade para enclausurar aqueles que eram os "encarcerados da sensibilidade".

⁸⁴ Ibidem.

1.3 O hospício narrado: imagens reais ?

O século XIX teria marcado assim a emergência de uma nova sensibilidade quanto à loucura. A internação da loucura, prática antiga, tomou nova forma: o louco foi separado dos demais desajustados sociais, requerendo-se um espaço adequado para a loucura. Desta forma, o hospício surgiu como uma necessidade de uma época histórica, ligada a outras transformações do período.

Yonissa Wadi, *Palácio para guardar doídos*

Je les ai vu grossièrement nourris, privés d'air pour respirer, d'eau pour étancher leur soif,
et des premiers besoins de la vie.

Ésquiroi, *Des établissement d'aliénés en France*

Lima Barreto escreve já no século XX. O hospício em que se encontrava havia sido construído no século XIX e, portanto, possuía as características almeçadas daquele período: ser longe de uma zona populacional densa e ser perto da natureza. Mas, aos olhos do escritor, o que importava era o que ele via, ou sentia.

Na internação de 1919, que viria a ser a última de sua vida, Lima vagueou por diversas alas- dormitórios do HNA, começando pela de indigentes, até parar na Calmeil, que aos seus olhos era melhor, pois nela havia uma biblioteca

Ao descrever o hospício em que ficou por alguns meses de sua vida, parecia estar mostrando este personagem com as características que somente um “poeta” poderia mostrar... Ou então, era com os olhos de escritor que tentava minimizar a dor que sentia....

Observe-se o que ele mesmo disse nesta narrativa, trazendo à luz em sua memória, o momento em que vai "passear" com um dos funcionários pela chácara do hospício:

É muito grande e, apesar de estiolada e maltratada, a sua arborização devia ter sido maravilhosa. Os ricos de hoje não gostam de árvores...

O hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul desta linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais... Lá entra por ela adentro uma falua, com velas enfunadas e sem violentar; e na rua embaixo passam moças em traje de banho, com as suas bacias a desenharem-se nítidas no calção, até agora inúteis.⁸⁵

Como entender esta relação que se estabeleceu entre um cômodo de hospício e a encantadora luz azul da enseada de Botafogo? Note-se que o aspecto de prisão do hospício não deixa de ser apontado. Como entender o que se passa na alma sensível de um escritor? Quando descreve esta "paisagem", Lima já está internado na seção Calmeil, onde havia pedido para permanecer, pois era lá que havia a biblioteca.... Relata, mais adiante, que havia mais oito pacientes com ele neste "quarto".

Algumas páginas antes, Lima havia escrito sobre a seção de indigentes, onde ficou, logo de sua chegada: "o mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par."

Ambos relatos são de 4 de janeiro de 1920, onze dias após sua internação, e são as primeiras linhas que escreve em seu diário... Ele começa esta narrativa assim: "Estou no hospício, ou melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra aqui pelas mãos da polícia."

Estranho deve ser o que acontece no imaginário de quem passa por esta experiência! Alguns dias depois que escreveu o relato acima, ele concedeu uma entrevista a um repórter de *A Fôlha*, do Rio de Janeiro. Esta matéria começa com as seguintes palavras:

⁸⁵ Barreto. Lima. *Diário de Hospício*. In: *Cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

Lima Barreto, o romancista admirável de Isaías Caminha, está no Hospício. Boêmio incorrigível, os desregramentos da vida abateram-lhe o ânimo de tal forma, que se viu obrigado a ir passar uns dias na Praia da Saudade, diante do mar, respirando ar puro dêsse recanto ameno da cidade. Lá está seguramente há um mês. É verdade que não está maluco, como a princípio se poderá cuidar; apenas um pouco excitado e combalido. O seu espírito está perfeitamente lúcido, e a prova disto é que Lima Barreto, apesar do ambiente ser mui pouco propício, tem escrito muito.⁸⁶

É nesta entrevista que LB descreve o hospício como uma prisão "como outra qualquer, com grades e guardas severos que mal nos permitem chegar à janela". A liberdade é a maior ventura para o ser humano, como menciona em outra parte de seu diário. Para o hospício, ele nunca mais voltaria, prometeu, e assim aconteceu. A expressão "cemitério dos vivos" nasceu durante esta última internação, após dizer: "estou seguro que não voltarei a ele (HNA) pela terceira vez; senão saio dele para o São João Batista, que é próximo."⁸⁷

O hospício narrado de Lima em que difere daquele "real" aos olhos dos documentos tradicionais? Sua sensibilidade de escritor daria uma outra coloração a este "personagem" centenário de nossa história?

C.G.Jung relata, em uma de suas obras, uma passagem muito apropriada a esta discussão:

Sendo eu ainda médico na Clínica Psiquiátrica de Zurique, acompanhei certa vez uma pessoa leiga, mas inteligente, pelos diversos departamentos de enfermos. Tal pessoa nunca vira antes, por dentro, um manicômio. Quando terminamos a visita, exclamou: "Mas escute, isto é a cidade de Zurique em miniatura! É a quintessência de sua população. Parece que aqui reuniram todos os tipos que encontramos diariamente nas ruas, em seus exemplares clássicos! Gente bizarra, exemplares típicos de todas as alturas e profundidades!" Eu nunca pensara no caso sob tal ponto de vista, mas acredito que o visitante tinha razão em grande parte.⁸⁸

⁸⁶ "Uma entrevista". In: *Cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 257.

⁸⁷ *Diário de Hospício*, op. cit., p.34.

⁸⁸ Jung, C.G. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1982, p.18. Este texto foi escrito em 1936.

Estas observações de uma pessoa suíça possui uma "intertextualidade" com impressões de outros autores, sobre a "população" de um hospício. Por exemplo, João do Rio, em sua crônica sobre a cidade do Rio de Janeiro, "*Cinematógrafo*", fala do manicômio como sendo o resumo da cidade, um "microcosmo do urbano", onde o comportamento estereotipado dos que lá se encontram é possível de ser achado nas ruas da cidade.⁸⁹

Durante mais de três séculos, os hospícios brasileiros não se caracterizavam como casa de loucos, mas sim, um lugar, geralmente administrado por religiosos, que acolhia os pobres, órfãos, doentes sem recursos, velhos abandonados, peregrinos e outros necessitados. Era uma casa de caridade, nem tinha mesmo este nome, "hospício". A imagem que o "visitante suíço leigo" fez do hospício, em sua terra natal, bem podia ser real também em *terra brasilis*...

Lembra, também, a tônica do conto *Alienista*, de Machado de Assis, que, pela ficção, colocou no hospício todos os tipos humanos encontrados em uma cidade, mostrando que os limites entre sanidade e loucura eram muito tênues. Desde o barbeiro que demonstrava uma "ambição de governo", passando por aqueles que possuíam traços "anti-sociais", ou pelo rapaz com dom de oratória, ou até por dona Evarista, a respeitosa senhora, esposa do médico, que se tornara frívola e apresentava o "furor das sedas, veludos e pedras preciosas", toda uma cidade confinada ao manicômio. Nem mesmo o médico, responsável por todas estas insânias, não escapou do confinamento em sua "Casa Verde".

⁸⁹ João do Rio, *Cinematógrafo*, p.205. Apud Pesavento, Sandra. *O imaginário da cidade - visões literárias do urbano - Paris, rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 1999. P.205.

Também no "hospício ficcionado" de Rocha Pombo se irá perceber nuances que identificam uma certa realidade brasileira. Principalmente, no que diz respeito aos motivos da exclusão, que como se verá no quarto capítulo, revelam outros parâmetros que não aqueles relativos a uma doença propriamente dita. Mas ele também se refere aos "ares lúgubres" dos "dias ominosos", transcorridos dentro de um destes "palácios para guardar doidos". Impressões compartilhadas com todos os outros autores e personagens...

Em 1830, quando o relatório da Comissão de Higiene da Sociedade de Medicina e cirurgia do Rio de Janeiro recomenda "aos loucos, o hospício", a recomendação não é ainda historicamente compatível com o reconhecimento do hospício como lugar exclusivo para loucos e seu tratamento. O que ocorreu foi o reconhecimento da loucura muito mais como objeto de caridade do que qualquer outro tipo de abordagem, e do hospício, como um lugar apropriado para sua exclusão social, com rótulo de "caritativa". Esse relatório revela, no que diz respeito aos alienados mentais, tendência maior para o tratamento moral, posição inicial da nascente medicina brasileira sobre o problema. Além disto, inaugurava-se na época a fase de saneamento das cidades: cada problema deveria ter um lugar apropriado para resolvê-lo.

Foi na segunda metade do século XIX que o hospício brasileiro deu início ao processo que viria a consagrá-lo como asilo de loucos. Deve-se essa iniciativa ao reinado do Imperador D. Pedro II, ao fundar em 1841 e ao inaugurar em 1852, no Rio de Janeiro, um monumental hospício, de arquitetura ímpar, exclusivo para alienados e que recebeu seu nome.

Cabe ressaltar que o asilo Provisório de Alienados da capital de São Paulo, ao ser instalado a 14 de maio de 1852, antecipa-se à inauguração do Hospício Pedro II, que ocorreu a 5 de dezembro do mesmo ano. No Rio de Janeiro, o Asilo provisório foi instalado em 1841, no

mesmo terreno onde posteriormente foi construído o Pedro II, portanto 11 anos antes do de São Paulo, o que confere à cidade do Rio de Janeiro a primazia na inauguração de modelos assistenciais para alienados no Brasil.

Durante o Segundo Império no Brasil, tem-se a criação de 15 instituições exclusivas para alienados, como segue:

1841 - Asilo Provisório, RJ

1852 - Hospício Provisório de alienados, SP

1852 - Hospício Pedro II, RJ

1860 - Casa de Saúde Dr. Eiras, RJ

1864 - Hospício de alienados Ladeira de Tabatinguera, SP

1864 - Hospício de Visitação de Santa Isabel, Olinda-Recife

1865 - Enfermaria do Hospital de Caridade, Belém

1873 - Hospício de Alienados, vizinhança do Hospital dos Lázarus, Belém

1874 - Asilo de São João de Deus, Salvador

1875 - Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, Paraíba

1878 - Enfermaria do Hospital de São João Batista, Niterói

1883 - Hospício de alienados Tamarineira, Recife

1884 - Hospício São Pedro, Porto Alegre

1886 - Asilo de alienados de São Vicente de Paula, Fortaleza

1887 - Asilo de Loucos, Maceió⁹⁰

Ao encerrar o Império, o hospício já estava consagrado como casa de loucos. O decreto n. 142-A, de 1890, portanto já na República nascente, "desanexa do hospital da Santa Casa de

⁹⁰ Fonte : Medeiros, TA. *Formação do Modelo Assistencial no Brasil*. Instituto de Psiquiatria da UFRJ, 1977, dissertação de mestrado.

Misericórdia desta capital (RJ) o Hospício Pedro II, que passa a denominar-se Hospício Nacional de Alienados".⁹¹ Assim pode-se constatar que caiu D. Pedro II, mas não caiu o hospício. Já estava consagrado! E foi assim que também atravessou a República, chegando a Belém (1892), Manaus (1894), Sorocaba (1895), São Paulo (1898), Natal (1911), Vitória (1944) e Goiânia (1950).⁹²

Retrocedendo um pouco no tempo e seguindo o pensamento de Figueiredo, pode-se dizer que a vinda da família real ao Brasil, nos inícios do século XIX, sob a coroa de D. Maria I, foi fundamental para a criação do ensino médico no Brasil e para a realização das primeiras discussões sobre "psiquiatria" em solo colonial.

A primeira rainha a pisar em solo brasileiro foi D. Maria I, de Portugal. Pisou solo colonial baiano de início e carioca depois. Chegou louca e interditada, em 1808.⁹³

D. Maria I assumiu a Coroa Portuguesa em 1777, com pouco mais de 40 anos de idade, como herdeira de D. José I, seu pai, cujo reinado havia sido marcado por um período tirânico, com muitas perseguições e execuções. Ela tinha em torno de 55 anos quando foi interditada.

Os autores referem-se a sua doença como loucura, vesânia, demência, entre outros. Júlio Dantas, citado por Figueiredo, considera "fora de dúvida que muito concorreu para sua doença uma série de choques psíquicos determinados por emoções de caráter político, religioso e doméstico".⁹⁴

⁹¹ Coleção das Leis do Império e da República, 1891. Apud Figueiredo, Gabriel. *Século XIX no Brasil: D. Maria I, fundação do ensino médico e hospício de alienados*. Revista ABP-APAL 20 (3): 75-85, 1998.

⁹² Medeiros, op. cit.

⁹³ Um primeiro ponto de apoio para análise desta história sobre a "rainha louca" no Brasil encontra-se no texto "Século XIX no Brasil: D. Maria I, fundação do ensino e hospícios de alienados", dos psiquiatras paulistas Gabriel Figueiredo e Marcos Ferraz. In: *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria*, RJ, 20(3): 75-85, 1998.

⁹⁴ Figueiredo, Gabriel, op. cit., p. 78.

Foi o cirurgião-mor do reino, o pernambucano José Correia Picanço, que, formado em Lisboa e tendo realizado estágio em Paris, assinou o laudo de interdição de D. Maria I, juntamente com o doutor Francisco de Mello Franco. Assumiu, assim, seu tratamento na chegada à colônia, em 1808. Ele ficou conhecido como o fundador do ensino médico brasileiro e mentor da psiquiatria legal brasileira – foi por sua influência e solicitação (!) assinada, neste ano, a lei para a fundação da Escola Médico-cirúrgica da Bahia.

Além disto foi ele que, durante anos, assistiu a rainha louca em sua longa enfermidade, até que ela viesse a falecer, em 1816, no Rio de Janeiro. Em seus últimos anos de vida, no Brasil, ela nunca foi hospedada em hospício. Ficou no Paço do Palácio Real, no Rio, certamente por sua condição de rainha. Mas é importante ressaltar que foi a partir da vinda da família imperial para a colônia brasileira, fato este que trouxe tantas mudanças para esta terra, que a Medicina e a Psiquiatria também começaram a ser pensadas e colocadas em prática.

A população do Rio de Janeiro, que no final do século XVIII era de pouco mais de 40.000 habitantes, elevou-se para mais de 110.000 em 1821⁹⁵, ano em que o já consagrado rei D. João VI retorna a Portugal. Milhares de portugueses vieram com o rei e a abertura dos portos facilitou a presença de estrangeiros, sobretudo os ingleses, e depois espanhóis e italianos. Holandeses, suecos, dinamarqueses e russos aqui também desembarcaram. A cidade do Rio de Janeiro começou a ficar parecida com cidade européia. "As antigas persianas coloniais estavam sendo abolidas e trocadas pelas novas janelas com vidros, embora lentamente. Só nisto vai um capítulo da história social." ⁹⁶

⁹⁵ Citado por Melo Franco (1944), apud Figueiredo, op. Cit.

⁹⁶ Melo Franco. *Desenvolvimento da civilização material no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1944.

Era, indubitavelmente, o Rio de Janeiro a grande e promissora cidade brasileira, com a permanência da Coroa em seu solo. Nenhuma cidade brasileira sentiu mais a evolução urbana, econômica e cultural do que ela, neste período.

Mas a presença majoritária de negros e mulatos incomodava os cidadãos da urbe:

As línguas, os costumes, a construção e o acúmulo dos produtos industriais de todas as partes do mundo, dão ao Rio de Janeiro uma aparência européia. A única coisa estranhável era a negrada, a mulatada, visão surpreendente e desagradável. A natureza primária e baixa dessa gentinha seminua fere o sentimento europeu. (...) Pode-se dizer que o Rio cresceu muito mais do que melhorou. ... O povo continuava, cada vez em maior quantidade, a viver acumulado nas alcovas das casinhas térreas. O calçamento era mau, a iluminação péssima, e o estado sanitário não era bom.⁹⁷

No restante do país, a presença da Coroa parece ter determinado impactos menores do que os sentidos na cidade do Rio de Janeiro. No período de 13 anos em que a Coroa esteve no Brasil merece destaque a explosão demográfica, que de 3 milhões em 1808 salta para 4 milhões em 1821, dos quais apenas 920 mil eram brancos, ou seja, cerca de um quarto da população geral, segundo ainda Melo Franco.

Este salto demográfico começou a expor ainda mais as dificuldades de uma sociedade organizada secularmente para movimentar sua economia num regime escravagista, em que a concepção de trabalho foi introjetada como atividade servil e indigna. Entre as categorias de senhores e escravos, havia uma terceira, caracterizada como de "desclassificados, inúteis e desadaptados". Esta seria a mais degradada, incômoda e nociva, "dos desocupados permanentes, vagando de léu em léu, à cata do que se manter e que, apresentando-se a ocasião, enveredam francamente para o crime."⁹⁸

⁹⁷ Melo Franco, op. cit.

⁹⁸ Prado Júnior. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

Com a Independência, proclamada logo após o retorno da Coroa para Portugal, e instituída sob regime monárquico e parlamentar, observa-se no período entre 1822 e 1889 uma série de transformações econômicas e o agravamento dos problemas sociais.

A população do grupo indefinido socialmente era cerca de metade da população geral, que já era de 14 milhões no final do segundo Império. A ela se somava "a casta numerosa de vadios, que na cidade e no campo é tão numerosa, e de tal forma caracterizada por sua ociosidade e turbulência, que se torna uma das preocupações constantes das autoridades e o *leitmotiv* de seus relatórios..."⁹⁹ A presença de escravos livres e de imigrantes desadaptados agravou ainda mais a situação.

Historicamente, foi Philippe Pinel que inaugurou uma nova era na Psiquiatria, quando em 1792 retirou os loucos de suas correntes.¹⁰⁰ “Mesmo que a palavra ‘psiquiatra’ apareça somente em 1802 e ‘psiquiatria’ em 1842, a liberação dos alienados é o ato fundador a partir do qual a nova disciplina se elabora e se pratica.”¹⁰¹

A ruptura, pois, que acontece é essencial: até então considerados um pouco mais que animais, ou criaturas do diabo, o louco começa a ser olhado como um doente. Na França, diz-se, foi a partir deste ato de Pinel, que com a Revolução, ele ganhou o estatuto de paciente. Sua

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Há controvérsias históricas a respeito deste ato de Pinel, conforme desencontros observados na historiografia e na iconografia francesas.

¹⁰¹ Murat, Laure. *La Maison du docteur Blanche*. Paris: Hachette littératures, 2002. *A maison du docteur Blanche* é uma das instituições mais célebres da França no século XIX. Fundada em 1821 pelo médico Esprit Blanche, herdeiro de uma história familiar de médicos e “alienistas”, em Montmartre – na época um arrabalde de Paris - constituiu-se num “asilo”, numa casa de saúde bastante diferente. Primeiro em Montmartre e depois em Passy, os pacientes partilhavam da vida cotidiana do médico e de sua família. Esta *maison* seria o refúgio da geração romântica. Ela abrigaria, entre outros, Gérard de Nerval, Charles Gounod e Marie d’Agoult. Théo Van Gogh, irmão de Vincert, seria um de seus últimos pacientes, juntamente com Guy de Maupassant. Através da hidroterapia, mas também da “terapia moral”, Esprit Blanche e depois seu filho Émile, tentaram dar um tratamento aos doentes, muitos artistas, mais animador e menos aviltante.

atitude era revolucionária, pois fazia coro com o discurso político da época – liberdade, igualdade, fraternidade.

Mas as correntes visíveis de Pinel foram se transformando em correntes invisíveis, através do controle social exercido sobre o doente e, mais tarde, pelos tipos de tratamentos administrados.

Já havendo modelos assistenciais próprios na Europa e nos Estados Unidos, o Brasil sente, neste período histórico do Segundo Império, a necessidade de acolher a recomendação da Comissão de Higiene: *Aos loucos, o Hospício!!* . Na verdade, o hospício ingressa no cenário brasileiro, no Segundo Reinado, para exercer sua função de controle social numa sociedade em transformação e, portanto, geradora de conflitos e contradições localizados no coração do governo e da sociedade.

Encabeçada pelos médicos da Academia Imperial de Medicina e fortalecida pelo apoio político do prestigiado provedor da Santa Casa do Rio de Janeiro, José Clemente Pereira, a recomendação é aceita pelo Império em 1841 e torna-se realidade edificada em 1852, junto à Praia da Saudade, no Botafogo:

O Hospício Pedro II, fundado por decreto de 18 de julho de 1841, debaixo da Augusta Proteção de Sua Majestade o Imperador, he destinado privativamente para asylo, tratamento e curativo dos alienados de ambos os sexos de todo o Império, sem distinção de condição, naturalidade ou religião.¹⁰²

¹⁰² *Coleção de leis do Império do Brasil de 1852*. Citado por Figueiredo, op. Cit.

A escolha da denominação hospício foi providencial, tendo em vista que a noção de caridade contida na expressão podia ser adaptada às idéias do tratamento moral em voga. E nenhuma outra instituição assistencial brasileira tinha mais força moral e tradição de caridade do que a Misericórdia. Então: "O mesmo hospício, em virtude do Decreto da sua fundação, e do termo da sua incorporação na Santa Casa de Misericórdia da cidade do Rio de Janeiro, he igual em direitos, prerrogativas e isenções aos outros pios Estabelecimentos da mesma Santa Casa."¹⁰³

Mas as intenções de tratamento e cura enunciadas no decreto imperial não alcançaram os seus objetivos, segundo Medeiros, que considerou o hospício mais "uma organização cujos fins eram de proteção social e secundária, e eventualmente curativos."

Esta consideração encontra forte apoio histórico, tendo em vista que a psiquiatria chega no Brasil décadas depois dos primeiros hospícios de alienados, cujas fundações seguiram paralelo à crescente urbanização das cidades brasileiras e à necessidade de "saneamento" social e moral, conforme "mentalidade" da época.

Já foi comentado, na seção anterior, o início desta luta pelos médicos, que viam a necessidade de serem instalados hospícios na capital do Brasil e a noção que eles tinham de "alienação mental". Quando a nascente psiquiatria brasileira, no final do século XIX, ingressou no hospício, entrou num contexto de intenções e recomendações de tratamento, em que prevaleciam ainda as noções de caridade e controle social.¹⁰⁴

¹⁰³ *Coleção de leis do Império do Brasil de 1852*, op. Cit.

¹⁰⁴ Machado et alii. *Danação da Norma*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Idéia esta unânime entre os historiadores da psiquiatria do Brasil. Ver também a obra citada de Magali Engel, p. 194.

Neste momento, os psiquiatras começaram a influenciar mais e a assumir, nos inícios da República, a direção de alguns hospícios como os do Rio de Janeiro e São Paulo, e progressivamente foram ampliando o domínio da psiquiatria em outros hospícios.¹⁰⁵

Em 1890, bem no início da República, o jovem doutor Franco da Rocha ingressou no corpo clínico do Hospício Provisório de São Paulo, fazendo duras críticas à Instituição, denunciando seu modelo arcaico, “superado e anticientífico”. Ele pregou o monopólio do setor médico sobre a loucura (saber médico?), em contraposição ao hospício leigo, buscando assim equacionar a contradição do social com o científico. Propôs a clínica e o tratamento para os doentes mentais e elaborou o discurso científico brasileiro sobre a questão. Foi considerado, na época, o “nosso Pinel”.¹⁰⁶ Em 1896, com a autoridade do saber médico, ele assumiu a direção deste hospício e, em seguida, com o apoio de setores políticos importantes da República, desenha os contornos daquele que viria à luz em 1898, o grande e majestoso hospício de São Paulo, o Juqueri.

¹⁰⁵Esta luta, travada durante quase todo século XIX, foi matéria, como já mencionado, da brilhante tese de Magali Engel e, portanto, não será retomada aqui. Os dados gerais que interessam a esta pesquisa, no momento, estão sendo colocados quando de sua necessidade.

¹⁰⁶ Figueiredo, Gabriel. *O príncipe e os insanos*. São Paulo: Cortez, 1988. p.121 e ss.

É portanto com Franco da Rocha, no final do século XIX até meados dos anos 20 do nosso século, que a loucura vai sendo incorporada pelo saber psiquiátrico e o grande hospício é inaugurado como sede deste saber.

Fundamentados nas teorias organicistas da época, Franco da Rocha e seus seguidores reproduziam no interior do Hospício uma prática questionável no plano científico e que no plano microssocial da instituição reproduzia os modelos adequados para a República oligárquica e de ascensão da burguesia industrial e comercial da época.

¹⁰⁷

Quanto às intervenções, no interior dos hospícios – não importa se estamos falando do Rio de Janeiro ou de São Paulo – eram utilizadas "camisolas de força, jejuns impostos, cacetadas, maus tratos e até assassinatos."¹⁰⁸

Os hospícios de alienados já atravessaram toda a segunda metade do século XIX com uma lotação limítrofe. O Hospício de Pedro II foi inaugurado para receber 350 pessoas e já excedia este número um ano depois. O hospício de São Paulo, já no primeiro ano de sua existência, devido à superlotação, foi "palco de uma rebelião que teve como consequência a total depredação do edifício" da rua São João; o hospício São Pedro, em Porto Alegre, conhecido como "cadeião" estava abarrotado.

Para a historiadora Sandra Pesavento, foi todavia na década de 70 do século XIX que o Rio passou a se interrogar sobre a sua condição urbana:

¹⁰⁷ Ibidem, p.124.

¹⁰⁸ Medeiros, op. Cit.

O peso da velha cidade colonial, com o seu centro espremido entre o mar e as montanhas, começa a se revelar incômodo. De pacata cidade colonial, o Rio de Janeiro exibiu, no terceiro quartel do século XIX, os efeitos de um crescimento progressivo e cuja transformação se dava por acréscimos. (...) A "questão urbana" se colocava como um problema posto para os dirigentes de uma cidade de mais de 200.000 habitantes. Limpeza pública, transporte, segurança, moradia e iluminação eram exigências de uma capital que respondia às necessidades do café, principal produto de exportação, e a um crescente fluxo de imigrantes.¹⁰⁹

Embora de caráter lento, indo somente se concretizar com o prefeito Pereira Passos, no início do século XX, o processo de urbanização do Rio de Janeiro já se fazia sentir. Com a República, veio a modernização da cidade carioca, que coincidiu com a reforma no HNA. Já sob a direção de Juliano Moreira, desde 1903, as novas instalações (ampliações de pavilhões e construção de outros) foram inauguradas em 1905, com o intuito de desfazer a superlotação que existia em algumas unidades.

Também os psiquiatras e os outros profissionais do ramo sofreram influências da cultura estabelecida e encontraram dificuldades para conciliar suas práticas com as recomendações contidas no edifício teórico construído pela psiquiatria e ciências afins, a partir deste período.

Existiu, portanto, uma relação estreita entre criação de hospícios de alienados e práticas de caridade e de controle social, numa sociedade tradicionalmente católica e num século em que a libertação de escravos, imigração, explosão demográfica e urbanização conduziram a contradições sócio-econômicas que impunham políticas de confinamento para "desclassificados, inadaptados e inúteis". Também o princípio do isolamento, fundamentado na escola institucional francesa de Pinel e Esquirol, para alienados mentais, legitimou o discurso médico da época e reforçou os princípios da caridade e a necessidade do Estado de implementar novas formas de controle social.

¹⁰⁹ Pesavento, Sandra. *O imaginário da cidade - visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 1999, p.167.

Ao entrarem, no final do século XIX, nesse contexto de caridade e controle social, os psiquiatras brasileiros e demais profissionais de saúde mental herdaram esta cultura, assim como os pacientes psiquiátricos brasileiros, sobretudo os que são assistidos no interior dos hospitais e que cuidaram de transmiti-la desde os tempos dos velhos hospícios. Assim, tratamento psiquiátrico, “caridade” e controle social - este advindo da expansão das cidades e sua crescente urbanização, bem como da mentalidade política estabelecida na República jovem e que perdurou anos afora com as ditaduras impostas – convivem num complexo relacionamento e é desta interação que surgem muitas intervenções.

É válido tentar perceber, também em Porto Alegre, outra cidade importante a esta pesquisa, como era a situação da urbanidade e da população que nela habitava, na virada do século XIX para o XX, a fim de contextualizar a "peregrinação" do personagem ora em questão, o hospício.

Ao longo do século XIX, a cidade de Porto Alegre foi modificando-se perceptivelmente, porém, também é no seu último quartel que estas mudanças serão mais perceptíveis. Dos 15.000 habitantes da metade do século, atinge 73.274 em 1900.

Esse incremento notável da população obedeceu a múltiplos fatores, que se explicam, em parte, pelo incremento da emigração estrangeira, notadamente alemã e italiana, que fizeram de Porto Alegre tanto um ponto de redistribuição dos colonos que se dirigiam para a zona colonial, como um ponto de fixação para aqueles que ali decidiram ficar. Há que se contar com a posição estratégica do porto da cidade, cujo desenvolvimento comercial acompanhou de perto o desenvolvimento administrativo decorrente de ser a capital da província. A esses fatores se acrescenta, ao longo do século XIX, a lenta desagregação escravocrata, implicando a vinda dos negros, fugidos e libertos, para o maior centro urbano do sul.¹¹⁰

¹¹⁰ Pesavento, Sandra. *Uma outra cidade - o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Cia editora Nacional, 2002.

Ainda segundo Pesavento, houve um aumento da população na área central e uma expansão do perímetro urbano, incorporando o que até então eram os subúrbios e arraiais.

Na verdade, a modernização da cidade de Porto Alegre somente se dará em período posterior, já no século XX, com o advento do Estado Novo, portanto, mais de trinta anos após a remodelação do Rio de Janeiro por Pereira Passos¹¹¹. Mas isto não fez diferença na realização de um mesmo projeto: a exclusão de muitos personagens da urbe que, inadaptados aos padrões de vida aceitáveis pela sociedade, foram trancafiados no hospício. Motivações diversas, lutas políticas distintas, brigas por poderes e saberes, o resultado foi um só: a construção de um manicômio na cidade.

O Hospício São Pedro desta cidade foi fundado em junho de 1884, bem longe do centro da cidade, na "Estrada do Mato Grosso", atual Bento Gonçalves, vizinha ao Arraial do Partenon.

A pesquisa de Schiavoni mostra detalhes sobre esta realização: houve um longo período entre a idéia da construção de um hospício e sua fundação propriamente dita. As preocupações do governo eram no sentido de que o terreno não ficasse junto à cidade, favorecendo o distanciamento daqueles que se queriam "sadios" e perpetuando a exclusão sempre presente.

Somavam-se a isto as recomendações médicas de que "os infelizes" ficassem em sítios campestres, "onde o ruído e o movimento popular não vá perturbar o repouso que lhe é mister."¹¹² Passaram-se doze anos entre a primeira sugestão (1872) do Provedor da Santa Casa de

¹¹¹ Para esta discussão ver : Santos, op.cit., 2000, seção 2.2 "O espaço intermediário: Porto Alegre e sua modernização".

¹¹² Schiavoni, Alexandre. *Um furacão na cidade: o Hospício São Pedro na Porto Alegre fin de siècle*. Cadernos de estudos do PPG em História da UFRGS, dezembro de 1994.

Misericórdia - local onde eram internados este tipo de doentes - para a construção de um asilo próprio para alienados e sua inauguração.

Seguindo a pesquisa de Wadi, a idéia da construção de um lugar para guardar doidos, em Porto Alegre, capital da Província de São Pedro, foi de iniciativa deste provedor, e não de uma sociedade de médicos, como o foi na capital brasileira. Segundo esta autora,

o movimento deflagrado pelos protestos do então provedor da Santa Casa, José Antonio Coelho Junior, em 1873, apoiava-se em três argumentos principais: a) as péssimas condições em que viviam, no asilo da Santa Casa, os alienados enviados para a capital de todos os pontos da Província, sem que se pudesse minorar seus sofrimentos; b) a confusão existente entre alienados e criminosos, fazendo com que ocupassem os mesmos lugares de reclusão, ou seja, a Cadeia Pública, por não existirem lugares suficientes no Hospital de Misericórdia para receber os primeiros; c) a responsabilidade da sociedade cristã e civilizada que não devia fechar seus olhos para tais problemas.¹¹³

O HPSP tem como um "orgulho" de sua história ter sido visitado pela princesa Isabel em 1885, numa de suas visitas à Província. Sua assinatura está registrada num livro de visitantes, inaugurado nesta ocasião e guardado como relíquia da Instituição até hoje. Esta visita, como foi registrada, corrobora, de certa forma, o que se vem dizendo sobre a função que os "governantes" viam neste tipo de instituição: "casa de caridade".

Sérgio da Costa Franco refere, no seu *Guia Histórico de Porto Alegre*, o registro que a Princesa fez em seu Diário de Viagem, neste ano: ela foi "... juntamente com a Baronesa (de Suverhy) e o Presidente (da Província) ao Hospício de Alienados, obra caridosa quanto é possível, tirando 70 e tantos infelizes de cadeias, onde não podem senão piorar. Pareceu-me bem atendido, bem dirigido e será imenso, pois o que está construído é a quarta parte e já é muito grande".¹¹⁴

¹¹³ Wadi, Yonissa. *Palácio para guardar doidos - uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: editora da Universidade, 2002.

¹¹⁴ Franco, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 1973., p.380-1.

Também a crescente lotação, no número de pacientes internados no HSP, foi notada desde muito cedo, já no início do século XX. No relatório de seu diretor (Dr. Tristão Torres), no ano de 1905, endereçado ao Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior Dr. Protásio Alves (e este enviava-o ao Presidente do RGS, A. A .Borges de Medeiros), lê-se o seguinte:

Do exame do quadro acima, verifiqueis que tem sido mais ou menos progressivo e crescente o número de doentes admittidos annualmente à matricula neste hospício. Vê-se ainda de semelhante estatística que entraram neste estabelecimento durante os onze últimos annos 1600 doentes, o que dá uma média de 145 por anno, despresada a fração. Ora, é de regra em todos os estabelecimentos congeneres , conforme o affirmam as melhores auctoridades na matéria, que o numero de altas, addicionado ao das baixas por fallecimento, é sempre menos que o das entradas, nos hospícios que gozam de boa fama, o que é felizmente o nosso caso, d'onde se segue que a população tenderá sempre a crescer; é o que temos verificado nós.¹¹⁵

Mais adiante neste mesmo relatório, Dr. Tristão refere-se ao HSP como esta "benfazeja e humanitária instituição" e, frases depois ele diz: "E tal é o fim dos hospícios: recolher e tratar os alienados que são suceptíveis de cura, ou asylar aquelles que em liberdade, e são os mais dignos de lastima, se transformam em perigo para si ou para quem com elles convive".

No mesmo relatório do diretor do HSP mencionado acima, de 1905, páginas adiante, lê-se algo que lembra as queixas de pacientes internos, em alguns textos, bem como se vê que muitos problemas continuam a acontecer, como há anos referia o provedor da Santa Casa. Este trecho refere-se a uma parte do relatório em que o diretor do hospício está fazendo alguns pedidos ao Dr. Protásio Alves:

¹¹⁵ Relatório apresentado ao Presidente do Rio Grande do Sul A.A. Borges de Medeiros pelo secretário de Estado dos Negócios de Interior e Exterior Dr. Protásio Alves (1905/1906) - 15-09-1906 (SIE.3.-049 - AHRs), pp 389 a 434. Manteve-se a grafia original da época. Estes relatórios eram as "prestações de contas" anuais, ou periódicas, que os diretores de hospício deviam prestar à Secretaria a que estavam subordinados.

(...) as cellas acolchoadas, cuja falta se torna por demais sensível, em se tratando de alienados agitados, ás quaes deverão ser elles recolhidos enquanto durar a agitação.

Profissional illustrado que sois, comprehendéis a urgencia de semelhante medida, porquanto não ignoraes que a psychiatria moderna baniu, humanitariamente dos hospícios a camisa de força e quejandos meios coercitivos, que foram em boa hora substituídos pela clinotherapia e cellas acolchoadas.

(...) De não menos importância é a questão da luz para este estabelecimento, que até hoje se conserva em trevas durante a noite; felizmente porém o assumpto está em via de resolução, havendo já em vosso poder duas propostas para a instalação de luz electrica, o que permittirá uma vigilância mais efficaz, de maneira a não termos a lamentar a occorrença de suicidios, como ainda aconteceu em fevereiro do anno passado, facto este que talvez podesse ser evitado, se houvesse luz à noite no hospício.

(...) a lotação já está excedida, dificuldade para acomodar os que vem de todo o Estado.

(...) o único remedio é a continuação das obras do edificio.¹¹⁶

Os textos literários que serão examinados no decorrer da tese situam-se numa "linha de tempo de passagem", isto é, foram escritos no período de tempo em que começa a haver a consolidação de mudanças nas leis a alienados, decorrente das discussões de bases republicanas, ao mesmo tempo que novas posturas teórico-metodológicas começam a surgir no cenário médico e social do Brasil.

Diferentemente do Império, as primeiras administrações republicanas estariam mais atentas às reivindicações dos psiquiatras. Em 22 de dezembro de 1903 era finalmente aprovada a lei que fazia do psiquiatra a maior autoridade sobre a loucura, nacional e publicamente reconhecido.¹¹⁷

Mesmo assim, parece que não houve uma mudança substancial na questão de enclausurar os loucos. A meu ver faltava, ainda, uma mudança de paradigma no que dizia respeito à própria maneira de encarar a doença mental, pois permaneciam os meios coercitivos que, aos poucos, foram sendo trocados por terapêuticas químicas, elétricas, como o eletrochoque, e cirúrgicas.

¹¹⁶ Ibidem, p. 398.

¹¹⁷ Para esta discussão de forma aprofundada, ver Engel, Magali, op. cit., p.256 a 265.

Estas seriam tão deteriorantes do psiquismo normal, como o fator social de exclusão. Mas esta é uma outra discussão, que se fará mais adiante.

Engel afirma, sobre as práticas "republicanas": "reeditavam-se, assim, os mesmos argumentos utilizados nos textos médicos da década de 30 do século XIX: internar os loucos nos hospícios significava proteger a sociedade, a paz, a tranquilidade e a moral públicas, mas representava, sobretudo, um benefício para o próprio louco." ¹¹⁸ O fato é que, no Brasil republicano, aumentou o número de internações psiquiátricas.

Muitos problemas permaneceram, outros surgiram. O personagem hospício trocou de roupa várias vezes, mas sua atuação permaneceu sempre a mesma.

A transformação da loucura em objeto exclusivo do saber e da prática médico-psiquiátricos passou por um processo que atravessou todo o século XIX no Brasil, desde a década de 30. Porém, sua apropriação como tema literário permite um outro enfoque, que, às vezes se aproxima e às vezes se distancia do que vemos descrito nos relatos médicos, ou na vida dentro das instituições, ou mesmo nas leis estabelecidas para seu controle.

Na vertente de pensamento de Magali Engel,

¹¹⁸ Ibidem, p. 267.

Sem dúvidas, para muitos, comprometidos, direta ou indiretamente, com os ideais difundidos pela psiquiatria, o HNA era "um estabelecimento modelar...digno da mais viva admiração", representando "um legítimo orgulho do altruísmo brasileiro aliado às glórias científicas do país". Mas, para outros, cruel, medonho, infernal, palco de horrores e de monstruosidades, o hospício republicano era o "vestíbulo para a perda da razão e da vida", o "Palácio dos suplícios", ou, na linguagem limiana, um verdadeiro "cemitério dos vivos" .¹¹⁹

A partir das análises feitas até aqui, tanto no espaço do "real concreto", como no espaço da literatura, o sentido mais profundo da prática manicomial era a mesma, era a exclusão, que reinava absoluta sobre qualquer objetivo de recuperação ou de reintegração. A sensibilidade fina da literatura, expressa na voz de seus autores e personagens, muitas vezes, corrobora a imagem que se faz da exclusão do louco, quando se lê os documentos "tradicionais" das fontes. Mas em outros momentos, tem-se uma outra imagem criada...

Quais outras nuances pode-se descobrir, assim, a partir da literatura? Nos próximos capítulos, ver-se-á, com o combustível colocado neste, de forma aprofundada em cada um dos textos apontados, que para "além dos muros do hospício", na imaginação do ser humano, persistiriam formas alternativas de viver e conviver com a loucura.

¹¹⁹ Engel, Magali. Op. cit., p.326/7.

SEGUNDO CAPÍTULO

Doze Cartas e Um Versinho: O Tempo de TR no Hospício (1937) – Um Escritor "Engavetado", Anonimato e Ressentimento

“ O doente mental continua no seu destino trágico, e, de certa forma, as correntes que substituíram a fogueira foram, por sua vez, trocadas pelos eletrochoques, comas insulínicos e neurolépticos em doses imobilizantes.”

Gabriel Figueiredo, *O príncipe e os insanos*

“A custo remo as idéias, porque me queima o maior fogo do ódio. Vós, meus guardas e guardados, negando-me uma tinta e papel, arrastais o povo à revolução e à guerra. Vós meus guardas- guardados, arrastais a humanidade à hecatombe universal. E negastes-me a tinta e o papel para “escrever”, para lançar, “talvez”, pela centésima vez a pedra fundamental da paz universal. ”

TR, *Cartas de Hospício*

"Não podemos negar que sem a psique não existiria o mundo, ou, mais precisamente mundo humano algum. De certo modo tudo depende da psique humana e de suas funções. Elas merecem a nossa maior atenção, sobretudo hoje em dia quando o bem-estar do futuro não mais se decide pela ameaça de animais ferozes, pelas catástrofes naturais ou pelo perigo de vastas epidemias, mas única e exclusivamente, pelas alterações psíquicas dos homens. Basta um pequeno distúrbio do equilíbrio na cabeça de alguns chefes para que o mundo se transforme em sangue, fogo e radioatividade."

Jung, *Presente e futuro*

Vou-te beijar a ti própria afora, ninguém pode proibir um filho a beijar sua mãe, esposa e irmã; que beijinho gostoso o de tua boca virginal, ensinaste-me a ser como és, forte, e já não temo não temo as consequências do amôr carnal, que me ameaçou querer romper com as sagradas leis de Deus. E tu saberás como eu sou perpetuamente feliz sobre a terra porque a perpétua felicidade é um fato tão concreto como a paz mundial. Si todo desespero de tua nobre alma, na tua “creança mendiga”, lembras-te de mim ao escrevê-la Vianna tu precisas fazer com que Lúcia leia esta carta mas prepara o terreno com tua inteligência.¹²⁰

ESCREVER muito e gostar de ler não são atos de loucura. Todos estariam de acordo, atualmente! Mas para TR o foi: ou pelo menos assim o quiseram aqueles de sua época. Ele era simplesmente um louco.

Ele foi internado no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre pela família (pai e irmão), que, entre outras coisas, apontava como causa de seu “enlouquecimento”, o fato de ler e escrever muito.

Ao ser entrevistado pelo médico e pela assistente social, no momento da baixa hospitalar, o pai de TR respondeu a algumas perguntas formuladas por este, e deixou clara a visão que possuía sobre o estado do filho. Ficaram registradas, no prontuário médico¹²¹, suas impressões e as da família, dando início, assim, à constituição de um “arquivo pessoal involuntário” de TR.

A estas, vão somar-se inúmeros outros dados – anotações médicas e as cartas encontradas –, que serão apontados e interpretados, ao longo das seções deste capítulo, abrangendo desta forma um conjunto de representações e de sensibilidades sobre a loucura, e mais especificamente

¹²⁰ TR, *Cartas de Hospício*. Carta 3, p.11.

¹²¹ Prontuário médico (ou papeleta médica) é o nome dado ao conjunto de informações sobre o paciente durante sua estadia no hospital. Mais adiante será especificado como era este prontuário e o que incluía na época em que TR esteve internado no HPSP. “Os prontuários sofreram modificações internas ao longo dos anos, demonstrando as modificações do próprio saber médico, pois constituem um dos instrumentos essenciais à organização da prática médica.” (Wadi, 2003, p. 158). Ver para esta discussão sobre os registros em prontuários médicos, o artigo de Yonissa Marmitt Wadi, “Leituras de uma certa loucura: a escritura entre o sintoma e a recriação de si”, in *PROJETO HISTÓRIA*. São Paulo, n. 26, p.133-162, jun.2003, PUC/SP.

sobre a “loucura de TR”, um “homem qualquer”, um anônimo, um “pequeno industrialista, fabricante de sabão contra a caspa”, para usar suas próprias palavras.

Na resposta dada por seu pai, à questão sobre a causa atribuída à doença atual, existe a anotação “desgostos familiares e ciúmes”; e na lacuna existente ao lado da pergunta “Que atos praticados deram lugar a suspeitar a alienação mental?”, está escrito “mania de grandeza, escreve muito, idéias extravagantes; insônia e não come; há uns três anos – idéias suicidas, mas nunca fez tentativa de suicídio”.¹²²

Se TR escrevia muito em casa, conforme informou seu pai na admissão ao hospital, e isto era um dos sinais de loucura de seu filho, já no hospital, ele continuava a escrever, e muito também, como se tem oportunidade de ver com as cartas encontradas. Mas para ele, isto não era sinal ou sintoma de loucura, embora pudesse ser, também, para os médicos que o examinaram e o “trataram” no hospício. É a partir de seu próprio “depoimento”, conferido na carta de número 11, que se pode ver a importância que isto tem em sua vida:

¹²² Hospital Psiquiátrico São Pedro, Prontuário médico 7381, de 1937, APRS, arquivado na caixa 3, de 1899. Daqui para frente, todos os dados mencionados neste capítulo, no que concerne ao paciente TR, referem-se a dados colhidos neste prontuário.

Disse que escreveria enquanto estou aqui [no hospício] porque em casa não poderei fazel-o, devido que pae mãe esposa irmãos se anteporem a mim como uns endemoniados por julgarem que estou louco.

Meu pae esteve aqui me visitando no sabbado passado. Eu querendo conseguir mais liberdade em casa, disse-lhe em resposta a sua pergunta se já tinha deixado a mania de escrever que se era loucura porque não me deixa esta. Foi quanto bastou para que pouco depois sahisse...almente se despediu de mim. Para mim acho que esta contrariedade até é uma vantagem, pois que tenho notado, quando me incomodam, tenho até mais inspiração. É verdade que as vezes desanimo um pouco e não faltava muito me convencer da minha loucura...¹²³

Convencer TR de sua loucura foi algo que não aconteceu. Mas ele possuía, sim, uma noção sobre sua enfermidade, pois “Tenho esperança de sahir completamente curado deste hospital pois que a meu ver o factor máximo de minha moléstia é o excesso de trabalho physico e intellectual, para meu corpo enfermo, se bem que há outros factores. Enfim uma causa age sobre a outra resultando o desequilíbrio da saúde”.¹²⁴

Seu diagnóstico foi, na baixa hospitalar, parafrenia, uma síndrome caracterizada por delírios crônicos, de que há diferentes formas e que permite, a despeito do caráter extravagante, uma adaptação social e profissional significativa .¹²⁵

¹²³ Carta 11, p. 44. Como mencionado anteriormente, as cartas de TR, após serem transcritas, foram digitalizadas e impressas, e encontram-se, na íntegra, colocadas no Anexo 2 do Tomo II desta tese. Porém, para efeito de análise, muitos trechos delas serão inseridos no corpo do trabalho. O leitor será remetido ao número da carta em questão e à sua paginação no Anexo. Vale ressaltar que cada documento de anexo terá sua paginação própria, a fim de respeitar o original. Optou-se em manter a grafia original das mesmas. A tradução daquelas escritas em alemão aparecem ao lado do texto original. Voltar-se-á à temática desta carta mais adiante.

¹²⁴ Carta 11, p.45.

¹²⁵ Parafrenia, termo cunhado no final do século XIX, era tradicionalmente utilizado na Medicina Psiquiátrica, já no XX, para denominar as síndromes delirantes crônicas, que poderiam ou não evoluir para Esquizofrenia. Nos manuais psiquiátricos contemporâneos, é definida como um transtorno que inicia após os trinta anos de idade, e é caracterizado por apresentar um delírio insidioso, de base alucinatória, mal sistematizado, de fundo persecutório. É uma doença que evolui cronicamente, não dando espaço ao embrutecimento característico dos esquizofrênicos. É interessante, para este estudo, notar a descrição que os compêndios de neuro-psiquiatria fazem da personalidade de pacientes com este tipo de diagnóstico. “Estes pacientes freqüentemente se julgam personagens superiores, de qualidades excepcionais, e acreditam que estão sendo perseguidos e visados por maldade, inveja e motivos políticos, etc. Inimigos estão constantemente urdindo planos contra eles, espiões os estão perseguindo, os jornais a eles se referem, seus pensamentos estão sendo roubados, captados, influenciados; seus alimentos estão sendo envenenados, gases nocivos são inalados em seus dormitórios, seus inimigos procuram prejudicá-los de todas as formas, agindo com grande habilidade. Todos estes delírios se afiguram ao paciente lógicos e sensatos, e geralmente ele é capaz de narrá-los com muita clareza.” É relatado, ainda, que estes pacientes possuem uma saúde física bastante boa, sendo que, psiquicamente, não apresentam outros distúrbios que as idéias de perseguição. Em geral, dizem os especialistas que escrevem nestes compêndios, os doentes parafrênicos conservam uma inteligência muito atilada e os argumentos alheios encontram sempre muita resistência nestas personalidades. Em geral, são pacientes muito hostis a hospitais e

Em seu caso, escrever e ler eram duas ações que lhe acompanhavam, desde menino. Seu pai relatou que o filho lia muito, e sua leitura predileta eram jornais políticos. Já TR diz, ao médico, que se dedica a estudar correntes filosóficas, religiosas e políticas há muito tempo. O que para um é sinal de loucura, para outro é um genuíno interesse pelo conhecimento. Eram atividades levadas a sério por ele, e em nenhum momento deixa transparecer que serviam como “uma boa atividade recreativa”.

É certo que ler – assim como escrever – requer concentração, atenção, um esforço. É muito feliz a metáfora utilizada por Kafka ¹²⁶ quando se refere a livros: “Um livro deve ser um machado para quebrar os mares congelados de nossas almas”.

Compartilha-se da noção, como se fosse uma visão de mundo, de que a leitura, assim como a escritura, é um dos personagens principais na formação de uma personalidade, bem como na estruturação da relação com o mundo que a cerca. Em outras palavras, ler – e escrever – fortalece o “caráter” pessoal, bem como os laços sociais do indivíduo com o meio que o circunda, e mais ainda, promove a ponte com as reflexões mais profundas, aquelas que quebram o gelo da alma.

a suas regras, e podem tentar fugir. São hábeis dissimuladores. Uma das recomendações, nestes casos, além da terapia medicamentosa, é a “leitura escolhida”, **como uma boa atividade recreativa**. (os grifos são meus). *Dicionário de neuro-psiquiatria da Sociedade paulista de psiquiatria Clínica*, edição 2003. A classificação das doenças psiquiátricas modifica-se muito, no correr das décadas. Os compêndios de classificação que usamos atualmente chamam-se DSM-IV (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, na quarta edição) e CID 10 (Classificação Internacional das Doenças, em sua décima reedição e revisão). Até à classificação anterior (DSM III R e CID 9) a parafrenia era um termo utilizado como sinônimo de esquizofrenia paranóide na CID 9, mas não estava incluída no DSM III R. Em outros sistemas de classificação, era utilizado para descrever um curso de declínio crônico, com delírios bem sistematizados, mas com personalidade bem preservada, portanto não era esquizofrenia. Seus múltiplos significados fizeram com que o termo caísse em desuso. É bastante provável, pelo que se vê em outros prontuários, que os psiquiatras do H. São Pedro na época, não considerassem esquizofrenia, pois eles realmente colocavam este diagnóstico em muitas outras papeletas. Mas resta a dúvida de que, por se tratar de um paciente particular, eles pudessem colocar um diagnóstico “menos prejudicial”, conforme os interesses da família.

¹²⁶ Excerto de uma carta, provavelmente de 1903, de Franz Kafka a seu amigo de infância, o historiador da arte, Oscar Pollak. In: *Escritos sobre el arte de escribir*. Madrid: Ediciones Fuentetaja, 2004.

Michelle Petit ¹²⁷ refere o contato com a leitura como a “estes países distantes encontrados dentro de si-mesmos quando de lê ”, a este mundo interior que se aprende a desenhar os contornos nos fios das páginas que se folheia. ¹²⁸ Ler auxilia na “construção de si” e na elaboração de uma subjetividade.¹²⁹

De fato, um mundo novo se mostra sempre que se abre um livro, e com ele sempre um novo pensamento, uma nova reflexão. É como se no livro se buscasse elementos que vão permitir à vida de ser vivida em outra “dimensão”, naquela do imaginário e da sensibilidade.

Os personagens que serviram para reflexão nesta tese – TR, Lima Barreto/Mascarenhas e Fileto – liam muito e faziam de suas leituras matéria prima para seus escritos. Um dos papéis da literatura é iluminar, mostrar os diversos e mais variados aspectos da vida, que sejam tocantes, belos, terríveis, isto é, lançar o leitor num mar de emoções, sensações, sentimentos, reflexões, mais ou menos conscientes, num diálogo interior, que produz reação. O leitor reage ao que lê, de um modo ou de outro.

¹²⁷ Michèle Petit é antropóloga do CNRS, Université de Paris I, cujo trabalho tive oportunidade de conhecer durante estágio doutoral em Paris. Autora do livro *Éloge de la lecture, la construction de soi*, ela trabalha com a noção de que a leitura pode ser um meio de luta contra a exclusão social. Nesta obra ela apresenta o resultado de sua pesquisa com leitores de zonas rurais francesas e de bairros pobres, cotejando o espaço e influências de suas leituras com aquelas dos “homens letrados” das cidades maiores. Também realizou pesquisa sobre práticas de leituras com adolescentes e adultos jovens, atentando para o papel das bibliotecas públicas na luta contra o processo de exclusão. Mostra, a partir da pesquisa com adultos jovens de bairros da periferia das grandes cidades francesas, que a leitura proporciona uma espécie de “ganho invisível”, discreto, sutil, ao sentirem-se eles mais fortes para resistir ao processo de exclusão sócio-cultural, que lhes entrava o caminho à realização mais plena numa sociedade letrada.

¹²⁸ Petit, Michèle. *Éloge de la lecture, la construction de soi*. Paris : éditions Belin, 2002, p.5.

¹²⁹ idem, p.7.

E não era exatamente isto que TR fazia? Lia e reagia ao que lia, escrevendo e dialogando com suas leituras. Mas para ele, isto era "proibido". Não explicitamente, mas foi demonstrado nas atitudes de sua família. Pois, porque ele lia e escrevia muito, ela o tinha como louco e colocou-o em um hospício.

TR deixou para nós, pesquisadores, um conjunto de treze escritos pessoais, doze cartas e um versinho. Diz-se, assim, pois as cartas foram encontradas dentro de seu prontuário, de 1937, no arquivo de prontuários “mortos” do hospital, armazenados, atualmente, no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Eram cartas para serem esquecidas, ou será que lembradas de outro jeito? Jamais foram enviadas, entregues a seus destinatários. E jamais aqueles que as guardaram imaginariam, ou esperariam, ser revelados agora, quase 60 anos depois. Como se fosse a garrafa que o naufrago atira ao mar com um bilhete dentro, e anos depois ela pára em alguma praia, para ser achada por alguém “destinado” a encontrá-la ... tornando-se um novo “destinatário” destas missivas.

Ele amava ler e escrever. E isso sabia fazer muito bem; TR usou o machado kafkiano para desbravar o mais íntimo de sua psique, de sua alma. Estas cartas são testemunho sensível, de uma psique que sofria ... Mas, também, são verdadeiros depoimentos de uma época, sensibilidade fina que traz até nós dor, sofrimento e... reflexão.

Assim, TR recupera várias discussões, internas e externas à psiquiatria de sua época, bem como constrói, desde dentro de seus delírios - a partir daqui já caracterizados como imagens simbólicas de conteúdos que vinham do inconsciente - uma visão própria sobre a loucura – e também sobre sua loucura – e sobre alguns “acontecimentos históricos” do momento.

Suas cartas são, também, repletas de símbolos, metáforas que o inconsciente produz, formando imagens psíquicas. Estas imagens, simbólicas, revelam mais que escondem, elas demonstram vida, e não doença – como o queria Freud e seus seguidores – na alma humana.

E são elas que nos conduzirão, a partir de agora, pelo caminho de TR, um anônimo, que foi padeiro e saboeiro, que lia muito e que se lançou na vida também através de seus escritos, e não foi reconhecido – publicamente, como gostaria – no seu tempo, nem no depois ... a não ser pela pesquisa histórica que deu início a esta tese.

O indivíduo é a realidade única. Quanto mais nos afastamos dele e nos aproximamos de idéias abstratas sobre o *homo sapiens* mais probabilidades temos de erros. Nesta época de convulsões sociais e drásticas mudanças é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois muito depende de suas qualidades mentais e morais. Para observarmos as coisas na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto o passado do homem como o seu presente. Daí a importância essencial (e social) de compreendermos mitos e símbolos.¹³⁰

A história de vida de TR que se vai relatar, foi recolhida no prontuário do paciente, de 1937. Tanto a anamnese¹³¹ feita com ele, como a ficha que foi preenchida pelo médico e pela assistente social, no momento da baixa, após entrevista com familiares, serviram de fonte privilegiada para a pesquisa dos dados que interessam sobre sua vida. Estes, por sua vez, revelam um material bastante rico, para que se possa cotejar com a análise do “sensível”, aquilo que

¹³⁰ Jung, Carl Gustav. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p 58. Jung terminou de escrever este texto, que compõe o primeiro capítulo do livro, dez dias antes de sua morte, em junho de 1961. Na introdução desta obra, o coordenador John Freeman escreve: “O pensamento de Jung coloriu o mundo da psicologia moderna muito mais intensamente do que percebem aqueles que possuem conhecimentos superficiais da matéria. Termos como, por exemplo, “introverso”, “extroverso”, “complexo” e “arquetipo” são todos conceitos seus que outros tomam de empréstimo e muitas vezes empregam mal. Mas a sua mais notável contribuição ao conhecimento psicológico é o conceito de inconsciente – não (à maneira de Freud) como uma espécie de “quarto de despejos” dos desejos reprimidos, mas como um mundo que é parte tão vital e real da vida de um indivíduo quanto o é o mundo consciente e “meditador” do ego. E infinitamente mais amplo e mais rico. A linguagem e as “pessoas” do inconsciente são símbolos, e os meios de comunicação com este mundo são os sonhos.” E também, acrescenta-se, as imagens criativas dos escritos, literaturas, obras plásticas em geral e criações científicas e filosóficas. Vê-se, assim, justificada a inserção deste referencial teórico na presente tese.

¹³¹ Anamnese é o nome dado à entrevista médica, com o paciente – e muitas vezes com seus familiares, a complementar o que o paciente informa – a fim de esclarecer os problemas que o levaram à consulta, ou à internação, bem como a história de seus antecedentes de saúde e doença.

aparece no imaginário do doente, e constitui a sua verdade, a sua sensibilidade. Sensibilidade, esta, relacionada à problemática de sua vida, mas também referente a questões mais amplas, sobre o mundo em que vivia, agora eclodindo em guerras, crises políticas e econômicas, um mundo que enclausura em hospícios aqueles que deliram pela paz...

Outros dados de sua história pessoal foram compreendidos a partir de sua própria *escrita de si*, daquilo que nela se revela, implícito e explícito em suas cartas, transformando-se em sua história revelada.

2.1 – O registro epistolar como fonte histórica

Cartas sempre foram escritas, supõe-se, desde o surgimento da escrita, porém sob as mais diversas formas e cumprindo as mais variadas funções. Ou como bilhetes menores, ou missivas mais longas, destinadas às relações entre governantes de países vizinhos. Ou as famosas cartas de amor, entre apaixonados. Ou ainda aquelas que revelam as reflexões e a vida de grandes pensadores. Ou as escritas entre familiares distantes, ou entre amigos que trocam idéias. Ou mesmo “extensos retratos de uma época”, como aquelas de Madame de Sévigne.

Cartas pressupõem distância no espaço e, muitas vezes também, no tempo, e mais: um destinatário-receptor, ou interlocutor, uma comunicação; cartas estabelecem relações.¹³²

Ovídio (43-17 a.C.), o "escritor da felicidade", como alguns o chamam, escreveu, em seu clássico "A arte de amar", sobre as cartas de amor: "as palavras escritas sobre as tabuinhas de pinheiro virão sondar o ânimo; uma esperta criada receberá o bilhete; leia-o com atenção; os termos empregados bastarão para você saber se as promessas escritas não são sinceras ou se partem de um coração apaixonado. Espere um pouco antes de responder. A espera aguilha o amor, se não durar muito. ...Quantas vezes um amor hesitante encontrou numa carta um novo ardor!"¹³³

Nas missivas, os atos de escrever e de ler formam um binômio indissociável, onde autor e leitor participam ativamente do processo de sua constituição – enquanto texto e “lugar de memória”. Em geral, o prazer da escritura está também presente, bem como um certo grau de informalidade e até de deliberada espontaneidade. As correspondências podem, ainda, constituir arquivos públicos ou privados, sendo guardadas, na maior parte das vezes por aqueles que as recebem, seus leitores-destinatários.

¹³² Lembro da história que uma professora de História Antiga, especialista nos Sumérios, contou em uma de suas disciplinas. Durante sua pesquisa de doutorado, encontrou um “tablete” sumério – data desta civilização os primeiros sinais de escrita – que, traduzido, revelava que era uma carta de uma esposa a seu marido, um mercador que estava em “viagem de negócios”, pedindo que ele voltasse, pois ela queria construir uma casa igual àquela que sua vizinha construía. Distantes no espaço, nestes tempos remotos, em que escrever significava talhar, em “tabuinhas” de barro, caracteres simbólicos e repletos de significados, uma mulher pedia ao marido – por “carta” – uma mesma coisa que uma outra mulher, nossa contemporânea, poderia querer e pedir: uma casa nova, que fosse tão boa e bonita quanto à de sua amiga ou vizinha. Se podemos ter apenas uma tênue noção destes tempos “imemoriais”, que não o seja somente a partir dos achados e vestígios materiais, pois que se expressam, através destes, também, sensibilidades. No caso, um desejo de uma mulher, um modo de sentir e representar seu mundo – o mundo do lar feminino, da família, da intimidade, que queria que fosse melhor... Sensibilidade esta que, de alguma forma, bem poderia ser “compartilhada” com uma outra mulher, em outra época e lugar. História relatada pela professora Dra. Kátia Pozzer, na disciplina *Mitologia e literatura: estudos monográficos da Antigüidade*, cursada no segundo semestre de 1998, no mestrado.

¹³³ Ovídeo. *A arte de amar*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Um exemplo da importância das cartas no arquivamento de vidas pessoais está na correspondência da poetisa portuguesa Florbela Espanca (1894-1930). Ela deixou uma quantidade grande de missivas, as quais, para os críticos, fazem parte de sua prosa. Algumas são de natureza familiar, outras tratando de questões de sua produção literária, quer num sentido interrogativo quanto à sua qualidade, quer quanto a aspectos mais práticos, como a sua publicação. Foi escrevendo cartas que ela conseguiu expressar a mágoa de ter perdido o seu querido irmão em um acidente aéreo. Nas diferentes manifestações epistolares sobressaem qualidades que nem sempre estão presentes no restante de sua produção em prosa - naturalidade e simplicidade.¹³⁴

O estudo dos registros epistolares, pelos historiadores, e, mais especialmente por aqueles que trabalham dentro do campo da História Cultural, foi efetivado recentemente, datando talvez de uma década, apenas. Tornaram-se, assim, “objetos culturais”.¹³⁵

A correspondência, como um tipo especial de *escrita de si*, possui características próprias e, por isso, deve ser estudada, como fonte, através de uma metodologia específica, para que o pesquisador empreenda uma análise de qualidade. Deve-se pensar a fonte, criticá-la, enfim, através de novos parâmetros.

¹³⁴ Espanca, Florbela. *Obras completas*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

¹³⁵ Esta assertiva e as próximas considerações baseiam-se no estudo de duas obras brasileiras relevantes sobre o estudo de cartas e das chamadas “escritas de si”. São elas: Gotlieb, Nádia Battella & Galvão, Walnice Nogueira Falcão. *Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; Gomes, Angela de Castro. *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004. Também o livro de Roger Chartier, *La correspondance – les usages de la lettre au XIXème siècle*. Paris : Fayard, 1991, foi importante para aprofundar estas questões. Ver o importante prólogo do livro de Angela de Castro Gomes, escrito por esta mesma historiadora, onde é feito um “balanço histórico” sobre as escritas de si no Brasil, mas também de forma genérica, teórica, relacionando-as com as transformações das sociedades e, conseqüentemente, suas práticas culturais. As escritas de si compreendem diários, biografias, autobiografias, memórias e a escrita de cartas.

Por produzir um texto, e ter um autor, discute-se a relação que a produção de um tem com a realização do outro, na escritura de cartas. Parte-se do pressuposto que ambos se criam numa relação dialética, isto é, que a individualidade e subjetividade do autor cria o texto e estas deixam-se reformatar pelo próprio texto, ou melhor, pelo processo criativo de sua escritura.

Uma primeira especificidade, importante a este estudo, é que a escrita de cartas é produzida tendo, *a priori*, um destinatário, alguém a quem o escritor endereça sua missiva. Ao mesmo tempo que a correspondência acaba por ser o sujeito do texto e o próprio texto, como as outras escritas de si, ela revela além, ela explicita uma relação, que é estabelecida no momento de sua escritura.

Desta forma, o autor expõe-se mais efetivamente e mais imediatamente do que quando escreve, por exemplo, um diário. Ele quer ser escutado, ou melhor, lido. Ele quer que o outro interaja com seus pensamentos, sentimentos, ou com o que seja o conteúdo de sua narrativa epistolar. Estabelece-se uma troca, uma interlocução, “sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê – sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo”.¹³⁶ Ao mesmo tempo que o escritor-remetente “dá-se a ver” e quer ser visto pelo receptor-destinatário, este está também sendo “visto” pelo primeiro, no momento ímpar da escritura. É uma forma muito especial de presença, que se impõe ao imaginário de quem escreve.

Uma nova constatação pode ser feita, trazendo um novo problema para este debate. É o fato de destinatário-interlocutor existir pelo menos no imaginário do autor e isto já ser suficiente para estabelecer a relação epistolar. No caso em que o remetente não atinge seu objetivo, que é a

¹³⁶ Gomes, Angela de Castro. Op. Cit., p.19.

missiva chegar a seu destino – como as cartas de TR escritas no hospício e nunca enviadas, tendo ficado retidas em seu prontuário –, mesmo assim, a função de “interlocução” teria sido cumprida? E, não tendo a resposta do outro, como se daria esta relação? Estaria rompida esta prática cultural epistolar “eminente relacional”?¹³⁷

Para Angela de C. Gomes, na escrita epistolar, principalmente no caso das cartas pessoais – e este é o caso de nossa “fonte-objeto” – cria-se um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos. É o receptor que obedece ao papel de guardar as missivas, formar e manter o “arquivo”. Assim, o pacto epistolar, como ela chama, ocorre em sentido duplo, porque tanto o autor confia ao outro uma série de informações e sentimentos íntimos, como porque cabe a quem lê, portanto, a decisão de preservar o registro.¹³⁸

Cartas expressam sensibilidade através das palavras... Pois sensibilidade, no sentido que a ela se dá nesta tese, remete ao mundo do imaginário, enquanto forma de expressar para si e em si – “uma aventura da individualidade” – sentimentos, sensações, pensamentos, intuições, imagens, tanto relacionados aos estados afetivos, como aos “sentidos” e aos pensamentos mais interiores.¹³⁹

¹³⁷ Esta e outras questões serão analisadas mais profundamente no decorrer da próxima seção, quando da exposição das cartas de TR e o papel que elas tiveram em sua vida.

¹³⁸ Gomes, op. Cit., p.19.

¹³⁹ Na concepção da psicologia formulada por Jung, existem quatro tipos especiais de funções do ego, através das quais a consciência se orienta em relação à experiência. A sensação, isto é, a percepção sensorial, nos diz que alguma coisa existe; o pensamento mostra-nos o que é esta coisa; o sentimento revela se ela é agradável ou não, isto é, faz um julgamento de valores; e a intuição diz de onde vem e para onde vai. Na significação deste autor, o sentir e o pensar são funções racionais, porque são organizadoras e, portanto, voluntárias. O sentimento nada tem a ver com emoção (afeto), já que esta é involuntária. Já a sensação (senso-percepção, relacionada aos sentidos, como os cinco sentidos, por exemplo) e a intuição são funções irracionais, isto é, perceptivas e involuntárias. Para Jung, estes quatro critérios, que definem tipos de conduta humana, representam apenas quatro pontos de vista entre muitos outros, como a força da vontade, o temperamento, a imaginação, a memória, etc. Sendo assim, para a presente análise, leve-se em conta estas definições, recolocando-as em diálogo com as noções apresentadas por outros pensadores e teóricos, contemporâneos, e que pensam estas questões desde o ponto de vista da cultura, nas ciências humanas e sociais, principalmente aqueles da contemporânea vertente da História Cultural.

Ela existe enquanto meio de percepção e expressão do material simbólico (fantasia) inconsciente e muitas vezes criativo, que se manifesta no imaginário e “toma forma”, por assim dizer, no corpo da ficção. Aqui, aquela do próprio “louco”. Constrói, ele, assim, representações “sensíveis” de si e da cultura, bem como do seu conjunto de significações – práticas culturais –, sobre o mundo. E a expressão desta percepção é a escrita ficcional e sensível daquele que se sentiu excluído da sociedade em que vivia e queria viver.

Acostumados com “provas documentais”, desde que a disciplina adquiriu *status* científico, os historiadores resistiram – e muitos ainda resistem – a pensar o texto histórico, e mesmo a fonte que lhe deu origem, como um dado de ficção. A formulação desta última como uma narrativa que se insere no reino do imaginário, cujo elemento constitutivo é o símbolo – o qual se traduz em imagens, sensações, cores, palavras, atitudes, etc –, já seria o suficiente para respaldar a afirmação acima.

Porém, indo um pouco mais longe, epistemologicamente, a caracterização de “ficcional” a um texto histórico, aparece na assertiva de que ele remete a “fontes históricas virtuais”, como diz Pomian¹⁴⁰, que façam saber, façam compreender, façam sentir. É o que aqui se pode chamar de “invisíveis”, ao invés de virtuais, e que comportam todas os traços de sensibilidade dos textos examinados.

Uma discussão, no seio desta argumentação, faz-se necessária: o que é o real? E o que é ficção? Chama-se de ficcional a algo que escapa do reino do real concreto, indo portanto parar no reino do “virtual”, da possibilidade, da fantasia. Não sendo, portanto, uma “verdade”, esta encarada ainda pelos parâmetros racionalistas e cientificistas bem aos moldes do século XIX. O

¹⁴⁰ Pomian, Krzysztof. Histoire et fiction. In: *Le débat*, Paris, Gallimard, n° 54, mars/avril, 1989, p. 114-137.

conceito que pode juntar estas duas faces de uma mesma moeda, é o conceito de representação, aqui pensado como uma dialética entre presença e ausência: ela não trata da realidade objetiva enquanto tal, e sim mostra um sentido além daquilo que é manifestado, daquilo que é o objeto real. A representação fala de algo que está no “reino” do imaginário, “para além do espelho da realidade objetiva”, podendo assim mesmo ser mais forte que o real, tocando nas sensibilidades do humano.

Mas tudo o que é possibilidade pode ser, por sua vez, real, se considerarmos o campo do real como aquele que comporta tudo o que “atua”, “age”, no ser humano. Jung diz que é real – psicologicamente – tudo que atua no indivíduo. Ora, desde as primeiras formulações sobre psicologia no século XX a existência da psique foi comprovada como uma experiência que, embora mantenha uma relação com o sistema neurológico, é também diferente deste e, até, independente deste, enquanto regida por leis próprias e possuindo uma fisiologia própria.¹⁴¹

¹⁴¹ Para Jung, a psique é estruturalmente uma totalidade dinâmica, que compreende a relação dialética entre consciência (cujo centro é o ego ou "eu") e inconsciente (cujo centro e também meta de desenvolvimento é o que se denominou de "self" ou "si-mesmo"). O inconsciente, definido como um órgão psíquico, manifesta-se na vida humana através de imagens simbólicas, seja na dinâmica saudável ou naquela patológica de um indivíduo. Em Jung, o conceito de inconsciente é um conceito exclusivamente psicológico, não um conceito filosófico no sentido de uma noção metafísica (embora tenha sua raiz epistemológica anexada aos filósofos românticos alemães). É um conceito limite- psicológico, que abrange todos os conteúdos ou processos psíquicos que não são conscientes, quer dizer, que não estão referidos ao ego de um modo perceptível, podendo ser individuais ou coletivos. Os processos inconscientes se acham numa relação compensatória em relação à consciência. "Uso de propósito a expressão 'compensatória' e não a palavra 'oposta', porque consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade: o si-mesmo (Selbst). " Para Jung, o inconsciente divide-se em: *inconsciente pessoal* (relativo à história do indivíduo), cujos elementos estruturais chamamos de "complexos" e **inconsciente coletivo**, que, como já vimos, se refere à história da humanidade e seus componentes são os instintos e arquétipos. Os processos inconscientes manifestam-se parcialmente através de sintomas, ações, opiniões, afetos, atos falhos de toda espécie, fantasias e sonhos. Seu caráter compensador do "ego" consciente contém todos os elementos para uma regulação da psique como um todo. Sendo seus conteúdos não conscientes, somente podem ser apreendidos de forma indireta, ou seja, quando surgem na consciência, mediados por alguma coisa. Esta "alguma coisa" são as imagens simbólicas ou símbolos. A "psique" é um *órgão de conhecimento e reconhecimento* (apreensão) da realidade, tanto interna (subjetiva) como externa (objetiva).

É, pois, no limite da ficção, onde as “marcas de sensibilidade”¹⁴² surgem na narrativa como a subjetividade do sujeito do ato histórico, remetendo para a interioridade do próprio texto, que a literatura e os escritos de si – como um dos gêneros literários –, tornam-se fontes privilegiadas neste momento para a construção de um relato histórico sobre uma certa sensibilidade surgida no passado.

As cartas, também elas, como as narrativas históricas, mesclam ficção e não ficção. Não sendo ficção, todas as cartas acabam por nos dar versões ficcionadas daquilo que nos querem dizer, existindo um hiato profundo entre o que o autor da carta nos quis comunicar, o que ele escreveu na carta e aquilo que o destinatário mais tarde lerá. Este é talvez o estado perverso inerente a toda escrita, ao qual as cartas não saberão escapar. ... Escrever cartas é assim um pequeno ofício literário no sentido mais restritivo e convencional desse termo, pois ao escrever uma carta não se pode fugir a um código que modela e altera o que tão simplesmente queremos e gostaríamos de dizer. Faz-se literatura sem o querer...¹⁴³

A memória, por sua vez, também está presente, como um registro, nas escritas pessoais de cartas. Na vida prática, ela é evocada de inúmeras formas... Através de cheiros, sons, paladares, pelo olhar de alguma imagem, por sensações vagas, como o *déjà vu*. E por que não pelas palavras?

Assim, escrita pode evocar memória e expressar sensibilidades, no âmbito da ficção... Memória e sensibilidade, na escritura de cartas, andam lado a lado, possibilitando ao historiador chegar mais perto daquilo que sua subjetividade presentiu, no momento da concepção de sua pesquisa...

¹⁴² Introduce-se, aqui, a noção de “marcas de sensibilidade”, como contraponto indispensável àquela de Pomian de “traços” ou “marcas de historicidade”, que ele caracteriza como aqueles elementos que remetem para “fora” do texto, numa alusão de que a narrativa não é suficiente a ela mesma para expressar dados do passado. Para ele, toda narrativa histórica comporta elementos, signos ou fórmulas, que devem conduzir o leitor para fora dela própria; signos e fórmulas que apontam em direção a uma realidade exterior a esta narração mesma, e mesmo extratextual, assinalando que a narração que os contém não pretende ser suficiente por si mesma. Assim, o estatuto de “histórico” pode ser dado ao texto, uma vez que tem seu “gancho” na realidade concreta externa.

¹⁴³ Melo e Castro, E.M. de. Odeio cartas. In: Gotlieb, Nádia Battella & Galvão, Walnice Nogueira Falcão. *Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 15.

Acredita-se, como diz Chartier, que o gesto epistolar é um gesto privilegiado. Por representar um dos usos da escrita, os quais revelam as representações que os indivíduos fazem do mundo, ele cumpre uma função social. Podendo ser livre e codificada, íntima ou pública, a carta associa laço social e subjetividade.¹⁴⁴

Mas também as cartas são veículos pessoais de expressão de si, expressão de sentimentos ligados à interioridade de alguém, que se quer transmitir, para um ou para muitos. Sem destruir as sociabilidades epistolares, a constituição de uma existência privada, distante do espaço público, investe de valores de intimidade todas as práticas da escritura ordinária.¹⁴⁵

Em outras palavras, os registros pessoais, como o são a documentação dos “homens comuns”, que escrevem cartas e assim comunicam-se com outrem, revelam-se eficazes na aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar e na descoberta de indícios da cultura de uma época e de uma certa configuração social.

Refúgio privilegiado do sentimento. Espaço da espontaneidade. Registro marcado pela subjetividade. Estas características da escrita epistolar fazem o historiador contemporâneo deparar-se com uma nova modalidade da “produção do eu”, tendo ele que enfrentar, obrigatoriamente, a questão da dimensão subjetiva neste tipo de documentação.¹⁴⁶

Para Ângela de Castro Gomes, daria para traçar relações – não mecanicistas – entre uma história da subjetividade do indivíduo moderno, uma história das práticas culturais das escritas de si e uma história da História que reconheceu novos objetos, fontes, metodologias e critérios de

¹⁴⁴ Chartier, Roger. *La correspondance – les usages de la lettre au XIX e siècle*. Paris : Fayard, 1991, p.9.

¹⁴⁵ Idem, p.12.

¹⁴⁶ No próximo capítulo, tratar-se-á de um outro tipo de escrita de si, o diário de Lima Barreto, onde estas questões também serão vistas e examinadas.

"verdades históricas". E daí a importância, por exemplo, das escritas epistolares, em arquivos públicos e privados, reencontradas como fontes e/ou objetos documentais.

Nesse aspecto, o tema da verdade como sinceridade, como o ponto de vista e de vivência do autor do documento, foi situado e discutido de maneira contundente. Isso porque a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a "sua" verdade. Ou seja, toda essa documentação de "produção do eu" é entendida como marcada pela busca de um "efeito de verdade" – como a literatura tem designado –, que se exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões "íntimas e profundas" do indivíduo que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua autoria, sua legitimidade como "prova". Assim, a autenticidade da escrita torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade.¹⁴⁷

Seria importante, à guisa de uma metodologia própria, como já se falou, atentar a outros questionamentos específicos, ao trabalhar-se com a escritura de cartas. Quem as escreve? Com que tipo de carta se está trabalhando e a quem ela é endereçada? Como são estes "manuscritos"¹⁴⁸ e em que condições foram escritos? Por que foram conservadas e de que forma o foram?

Retratam uma época, isto é, possuem nelas inseridas um imaginário coletivo? Ou uma personalidade, e portanto está-se diante de um imaginário individual? Ou retratam ambos? Qual o lugar que cada interlocutor ocupa no imaginário do autor? Qual a ótica assumida pelo autor do registro – sua dimensão subjetiva – e como ele a expressa? De que tema tratam? Quais suas características enquanto objetos materiais? Qual a linguagem empregada?

As propriedades das missivas são, assim, submetidas a estes questionamentos específicos, tratando-se do particular sempre dentro de uma dialética com o geral, pois sua escrita está relacionada, quase sempre, ao contexto histórico da época em que surgiu, mesmo que de uma forma inconsciente.

¹⁴⁷ Gomes, Ângela de Castro. Op. Cit., p.14.

¹⁴⁸ A crítica literária entende por manuscrito, atualmente, todo documento tocado pela mão do autor, podendo também ser datilografado e mesmo digitalizado.

Por exemplo, veja-se a questão da sinceridade, que parece ser o “parâmetro de verdade” que se tem nas escritas de si. A sinceridade que permeia estes escritos não é a expressão do que verdadeiramente aconteceu, mas é a expressão do verdadeiramente sentido, ou experimentado, ou percebido, pelo sujeito escritor.

Existe uma considerável distância entre o “realmente acontecido” e aquilo que o missivista registrou. “Um tipo de discurso que produz uma espécie de ‘excesso de sentido do real pelo vivido’, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza.”¹⁴⁹ Mas ao mesmo tempo, a expressão subjetiva mantém uma relação com aquela “objetiva”, senão não poderia haver parâmetro de entendimento.

Um outro ponto a ser ressaltado é que as cartas deverão ser situadas no espaço e no tempo de um imaginário pessoal, sem se perder de vista que este se relaciona – sempre – com o imaginário coletivo ao qual a pessoa que escreve está inserida, pois ela faz parte de um mundo, ela pertence a uma determinada época e sociedade. Discute-se, assim, a questão da memória e do tempo, surgindo no imaginário do autor como “artifícios” de organização da escrita.

Além da questão da materialidade do objeto, a escrita de si estabelece uma relação de domínio do tempo, que está determinada por seus objetivos e pela sensibilidade que a provoca. Embora se possa considerar que toda escrita de si deseja reter o tempo, constituindo-se num ‘lugar da memória’, cabe observar que certas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo estimulam essa prática. É o caso dos textos – sejam eles diários, memórias ou cartas – que se voltam para o registro de fases específicas de uma vida, como viagens, estadas de estudo e trabalho, experiências de confrontos militares, prisão, enfim, um período percebido como excepcional.¹⁵⁰

Em relação à escrita propriamente dita, esta prática cultural é como se fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida, no suporte do texto, criando através dele,

¹⁴⁹ Gomes, Angela de Castro. Op. Cit., p.15.

¹⁵⁰ idem, p.18.

um autor e uma narrativa, um receptor e um leitor-guardador de memória. Além do que, o hoje da recepção e da leitura, é o ontem da escrita e do envio, fazendo um jogo no tempo e nas relações.

E é por tudo isto que se pode falar de uma história das sensibilidades feita através dos registros ficcionais das escritas de si e da literatura. Pois estes registram nada mais do que o “imaginário desde dentro”, isto é, os conteúdos sensíveis – e invisíveis – que também compõem as ações humanas. Em outras palavras, também é desta sensibilidade revelada por este tipo de escrita que são feitos os atos humanos, estes mesmos que constroem as sociedades.

2. 2 Um arquivo pessoal (in)voluntário: as cartas de TR e os elementos de sua ficção

Está-se diante de uma forma diferente de correspondência que, portanto, remete tanto a uma problemática diferenciada como a uma metodologia própria para sua análise. Não menos importante, certamente, para a análise histórica de sensibilidades passadas...

Primeiro, o conjunto de cartas de TR, pessoais e privadas, estavam à disposição num arquivo público, “arquivadas”, se assim se pode dizer, dentro de um velho prontuário médico de hospício, do ano de 1937, o que demonstra que as mesmas não foram enviadas a seus destinatários. Aqueles que as guardaram e não as enviaram, provavelmente, não queriam expor a loucura de TR – tudo era alucinação e delírio! Mas expuseram, sim, neste ato, seu próprio modo de pensar, suas próprias noções e convicções sobre a loucura.

Além do que, foram encontradas numa caixa, do Arquivo Público do Estado do RGS, que continha os prontuários de 1899, deslocado, portanto, de sua ordem cronológica correta. Foi um “achado” acidental de pesquisa, o que valoriza, de certa forma, a mesma.

Assim, este “arquivo pessoal involuntário”, como podemos chamar o prontuário médico onde foram resgatados o conjunto das cartas e o versinho, ao ser encontrado, tornou-se um verdadeiro “baú de histórias sensíveis”, como será visto a seguir.

Segundo, ao pensar nas pistas deixadas por TR em suas longas missivas, abre-se um universo de curiosidades, dúvidas e indagações. Por exemplo, por que ao invés de escrever um diário, ele escrevia cartas? Através de seus “escritos íntimos” no hospício, e a partir também do que seu pai relata, observa-se que ele já possuía o hábito de escrever muito em casa, mas não se sabe se eram cartas e/ou outros tipos de escritos. Suas missivas, constituiriam, nesta circunstância em que foram escritas, desde dentro de uma internação psiquiátrica, um ato de resistência e mesmo de transgressão? Havia uma intenção deliberada – portanto um ato consciente – de que outros o lessem naquele momento?

As cartas de TR possuem uma relação direta com sua história de vida, passada e presente ao momento da escritura. Mas também têm muito a ver com fatos e questões que, naquele momento histórico, estão em pauta, como a Guerra Civil Espanhola e os regimes totalitários que estão ganhando espaço no mundo político de então, bem como com questões pertinentes à sua própria permanência dentro de um manicômio e seu estado de “desequilíbrio de saúde”. Mas foram escritas a partir de um “sistema simbólico”, que, traduzido em imagens de sua alma, de seu imaginário, foi expresso em seus delírios – narrativas de sua loucura.

Acredita-se que é no espaço da intimidade da escrita que se revelam os “fantasmas” que povoam a mente “sempre inquieta” de um escritor. E “colaborando” com estes, tem-se ainda o fato de TR ser um paciente, num hospital psiquiátrico, cujo corpo encontra-se “seqüestrado”, à mercê da “engrenagem médica” que dispõe dele à revelia.

Para TR, talvez, a possibilidade de fazer uma ponte com o mundo de fora, através das missivas, poderia ser uma forma de burlar a fronteira da instituição. Se não o era fisicamente, era o psicologicamente – daí a transgressão.

E, neste sentido, esta reflexão aproxima-se daquela de Riaudel, que escreveu sobre as cartas da poeta suicida Ana Cristina César, suicídio, aqui, pensado como uma outra forma de transgressão:

A carta é por excelência o lugar dessa retórica do desvio, em que a literatura finge desaparecer atrás de uma voz gerando um sujeito, em que se trata de seduzir, deixando acreditar que quem escreve poderia estar se esquecendo de si mesmo e se voltando todo para o outro. Além da temática essencial da relação do autor e do leitor, e consequentemente da justa distância a ser encontrada na leitura, é portanto a questão do próprio estatuto da literatura e de sua relação com a vida que está no âmago do texto. A escrita é dada como um alambique, um filtro que proíbe a via diretamente “biográfica” em que vida e obra poderiam se sobrepor, numa correspondência perfeita. Só sacrificando o corpo é que se permite à literatura e à poesia emergir. E a falsa moeda da linguagem, com as confusões que cria, com a sua indecifrável, com a ausência da referência certa, já diz o primeiro passo nessa direção.¹⁵¹

É este tipo especial de escrita, estas cartas de hospício, portanto, que será examinado nesta seção, atentando para seus conteúdos ímpares e até então inéditos para o público leitor.

Afirma-se que o conjunto formado pelas doze missivas de TR pode ser chamado de correspondência, mesmo possuindo a singularidade de ser um conjunto de cartas não trocadas com os receptores, não enviadas a eles. Pois, se cartas pressupõem um receptor-interlocutor para que possam ser escritas, e que esteja este – no mínimo – somente no imaginário do escritor, então elas se irmanam com as outras missivas estudadas por tantos outros autores. Doze cartas são endereçadas a alguém e assinadas com o seu próprio nome. E um outro escrito, está sem endereçamento, pois é um Versinho (como ele mesmo o chamou, colocando o título de “La vae um Judas”), escrito no verso de um papel de propaganda de chocolate e assinado com o pseudônimo de Ulysses Xavier do Rego¹⁵² – o que o distingue de todas as outras missivas encontradas, pela forma.

¹⁵¹ Riaudel, Michel. Correspondência secreta (de Ana Cristina Cesar). In: Gotlieb, Nádia Battella & Galvão, Walnice Nogueira Falcão. *Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.99.

¹⁵² O fato de existir este pseudônimo levou-nos a acreditar que ele pudesse escrever em jornais ou revistas da época, assinando com este nome. Pois, como se verá mais adiante, TR escreve muito para Vianna Moog, advogado, escritor e jornalista gaúcho, que era, naquela época, redator do jornal Folha da Tarde de Porto Alegre e escrevia no Correio do Povo, jornal da mesma empresa. Mas até o presente momento, estas suspeitas não se confirmaram, não se achou texto outro algum, em revistas ou jornais (e nem mesmo na Internet), com este nome.

Ao serem encontradas no final do prontuário, completamente desordenadas em relação a sua escrita, houve a necessidade de organizá-las de alguma forma. Cinco delas estavam soltas na papeleta (correspondendo às de números 2, 11, 10, 12, 9 de minha numeração) e as outras estavam arquivadas com os outros “papéis” que constam em um prontuário. Apenas uma (carta 9) estava dentro de um envelope, endereçado a Vianna Moog, mas em seu interior havia uma carta cujo destinatário era outra pessoa.¹⁵³

Na realidade, num primeiro momento, viu-se 14 cartas e não 12, como tem-se exposto aqui. Com o exame mais atento, pôde-se perceber que uma delas era a cópia “passada a limpo” de uma outra, de poucas rasuras, com conteúdo absolutamente igual ao rascunho, correspondendo à de número 2 da ordem dada, escrita para o Arcebispo Metropolitano da época, em Porto Alegre, Dom João Becker. Uma outra, correspondia às páginas que completavam uma missiva, solta no prontuário, a de número 12.

Optou-se por dispor as cartas na ordem das datas em que foram escritas pelo paciente e não na ordem aleatória em que foram encontradas e arquivadas na papeleta. Três delas foram encontradas sem data, então foram colocadas em ordem pelo contexto ou “gancho” que o paciente deixou nas anteriores. Apenas uma delas (12) e o Versinho foram deixadas ao final, pois não foi possível correlacionar o contexto diretamente com alguma outra. Uma foi escrita em alemão, e possui duas versões (cartas 4 e 5); foram primeiramente analisadas em sua forma de escrita, depois enviadas para tradução e, no anexo desta tese, aparecem mantidas no original, com a respectiva tradução ao lado. Algumas palavras em alemão ficaram obscuras ao tradutor, sendo

¹⁵³ A numeração das cartas, referida em toda a tese, é aquela feita por mim, após a organização das mesmas.

pouco compreensíveis em seu contexto. Optou-se, então, por deixar entre parênteses a tradução literal da palavra ou frase.

Todas são muito bem escritas em sua forma geral, com poucas rasuras, uma letra cursiva muito bonita, graúda, bem delineada e arredondada e de agradável leitura. A maioria foi escrita em papel-almaço, que ele possivelmente recebia da família, uma vez que era paciente “particular” e isto facilitava a entrada de pertences próprios no hospital. O alemão das cartas 4 e 5 foi escrito na língua “formal”, naquela época aprendida em colégios religiosos, como foi o que ele freqüentou quando jovem, provavelmente. Ele também conhecia assuntos que só se aprendiam em uma educação “refinada”, que não parece ser o caso, ou realizada em instituições deste tipo, ou ainda de uma forma auto-didata, o que não pode ser afastado do âmbito das hipóteses sobre sua vida.

Eram missivas em geral de muitas páginas, algumas com títulos e outras não, dirigidas a um suposto "amigo", Vianna Moog, ou a editores de jornais; a estes últimos, como se fossem artigos redigidos para a imprensa. Há uma cujo título é "A avareza" e versa sobre o problema da avareza no mundo contemporâneo, que para ele era "uma das qualidades mais desprezíveis que o ser humano adquire e que está na vanguarda do mundo", e outra que se intitula "Meditações e previsões sobre o futuro"¹⁵⁴, um “desabafo filosófico”, em suas palavras.

Outras cartas foram destinadas a "personalidades" de destaque da época, como o Arcebispo Metropolitano e o Governador do Estado do Rio Grande do Sul. Algumas são importantes no sentido de ele contar sobre os problemas que teve com o pai e a família, mas

¹⁵⁴ Note-se que ele escreve no momento da ascensão dos regimes fascista e nazista no mundo e, aqui no Brasil, irá começar o 'Estado Novo'. Ele se refere ao nazismo com certa simpatia e, para ele, investir contra a “Alemanha de Hitler”, que “está hoje em dia que é um só bloco em prol da liberdade, igualdade e humanidade, que é o ideal de todo cristão de bom pensamento”, seria “investir contra uma muralha de aço”. Carta 2, p.5.

nenhuma delas é direcionada a alguém de sua família. O interlocutor de “foro mais íntimo” que se constata é o escritor Vianna Moog, tratado como um “verdadeiro irmão”.

As cartas de TR são examinadas a partir da assertiva de que a escrita de si, ou escrita pessoal, é uma fonte privilegiada para tecer a rede de sensibilidades que se pode perceber sobre certa questão, em certa época, levando a uma busca mais contundente de seus conteúdos. Estes “traços de sensibilidade” da interioridade de um texto, podem ser colocados em confronto com outros que versam sobre o mesmo assunto. Estas missivas formam uma “pequena obra literária”, como se propôs, podendo ser cotejada com a obra de escritores outros, sendo estes últimos conhecidos do público leitor e que também tiveram no ato de escrever sua maneira de transmitir e, quiçá, transformar sua realidade pessoal, sua sensibilidade, trabalhando nelas sua conexão com o mundo.¹⁵⁵

As cartas de TR são testemunhos de uma sensibilidade única e pungente. Elas evocam, através do simbolismo de seu imaginário, a memória de um passado que foi, para ele, ousado e cruel, atirando-o num abismo chamado loucura – loucura, diga-se, aos olhos dos outros.

¹⁵⁵ Na dissertação de mestrado já citada, trabalhou-se com as cartas de TR de uma forma diferente da que se está fazendo agora. Lá, buscou-se em seus conteúdos imagens simbólicas que correspondiam à história pessoal do paciente e identificação de possíveis fatores que o levaram à crise psíquica. Denominadas estas imagens de “imaginário desde dentro”, pertinente ao imaginário do próprio paciente, elas correspondiam ao imaginário sobre a loucura percebido pelo próprio louco. Foram apresentadas somente algumas das cartas, tendo-se fixado principalmente na quarta carta, onde o delírio dele aparece mais contundente, juntando-se à confissão de sua problemática – onde foi tratada quase que explicitamente. Foram cotejadas sempre com a realidade imposta pelo hospício e pelas representações que a sociedade e o meio médico faziam sobre a loucura. Fez-se, assim, um esboço de sua história psicológica, aquilo que, historicamente, deu origem a sua “doença” – a fim de demonstrar o quanto a psiquiatria daquele momento pouco se interessava pela história de cada um e sim catalogava a todos de igual forma, num afã classificatório tão grande, que irremediavelmente atirava os pacientes nos hospícios e tratava-os, igualmente, sem se dar conta de que “cada caso é um caso”.

De uma forma genérica, vê-se que as missivas deste paciente possuem características bem marcantes quanto à forma em que são escritas, ao mesmo tempo que revelam conteúdos bastante diversos. Os assuntos – explícitos ou implícitos em suas metáforas – variam desde questões pessoais, sua relação com a família e os “negócios” desta, a qual parecia ser uma família de comerciantes ¹⁵⁶, até questões mais amplas, passando por várias áreas do político e social, econômico, religioso, sexualidade, questões sobre o amor, sobre liberdade e Igreja católica. O fato de ter lido alguns “clássicos” da literatura, da filosofia e da própria psicanálise, como Freud, fica claro em seus “desabafos filosóficos”.

Mas, em todas as cartas, mesmo nestes assuntos de cunho coletivo, e até naquilo que se pressupõe serem suas convicções “teóricas” sobre o mundo e a vida, há o registro pessoal de seu “pecado”, seu “fantasma”, aquilo que se transformou no fato psicológico que deu origem, provavelmente, a seu desequilíbrio psíquico: a relação de intimidade sexual com um padre.¹⁵⁷

Surgem também, em meio a impressões e registros de sentimentos e sensações, a opiniões variadas sobre pessoas e acontecimentos, questões que remetem o leitor mais atento, ao tecido urbano – ele está escrevendo em Porto Alegre, capital do estado, “cidade grande”, sendo morador

¹⁵⁶ No prontuário médico está escrito que a fiança foi paga por “Irmãos R.”, sendo R. o sobrenome paterno do paciente. Fiança, atualmente, chama-se de “caução”, que é o dinheiro pago no momento da internação, quando esta é paga não por convênios médicos, e sim pelo próprio paciente ou família, tornando-se, desta forma, uma internação “particular” e ao paciente refere-se como “paciente particular”. Em geral, isto lhe concede alguns direitos, enquanto interno daquela instituição, ou prerrogativas, bem diferentes dos outros pacientes. No caso dele, pelo que se depreende de seus escritos, ele recebia jornais, roupas, cigarros, papel e caneta, quando seus familiares o vinham visitar – que ao mesmo tempo parecia pouco, em relação ao volume que ele estava escrevendo de missivas, pois em algumas cartas ele expressava, num tom reclamatório, que era difícil conseguir “tinta e papel” para escrever. Ver-se-á, no capítulo seguinte, que Lima Barreto chama a atenção para este fato, ou seja, as “diferenças de classes” que existiam em instituições como estas.

¹⁵⁷ Um exemplo disto, entre outros tantos que serão examinados a seguir, é o que TR escreve na carta 3, que direciona ao Arcebispo Metropolitano, ao criticar a Igreja Católica como um todo: “Vê filho eu sou Christo...Vê filho...tu és aquelle de que falla o Apocalypse de S. João, escripto por meu Pai. Tu és aquelle quem se compadecia da miséria e imperfeição humana...e o Papa é quem mediu a igreja com sua declaração: ‘os crimes sexuaes cometidos dentro do claustro gritam aos céos,’ mas não é estes que gritam aos céos...são os crimes espirituais.” Os grifos são meus. “Carta de hospício” de TR, Carta 3, p.8, Tomo II desta tese.

da região metropolitana –, por exemplo, quando diz, nos versos da quarta carta, “E como um profeta/ de Deus uma trombeta/ um jovem pastor da Assembléia de Deus/ que fica ali na Floresta em frente a cervejaria/ as seguintes palavras propheta”.¹⁵⁸

O abuso de figuras de linguagem, como uma profusão de oxímoros, e de rimas ressaltam na leitura de uma delas, dando uma aparência de verso à prosa de sua ficção. É naquela carta de número 4, por ele mesmo chamada de “*A confissão*”, onde, ao final, ele endereça a Hitler a confissão de seu pecado. Ele se utiliza da carta para confessar seu “pecado”, não o confessando, pois esta parte, e somente esta, ele escreve em alemão.¹⁵⁹

Há um irreverente senso de humor, misturado com pitadas de ironia e sarcasmo, bem ao gosto de Assis Chateaubriand, com o qual ele aprendeu “a dar tijoladas”¹⁶⁰, ao mesmo tempo que TR demonstra muito ressentimento – ingrediente constante em suas cartas.

¹⁵⁸ A cervejaria à qual se refere é a fábrica da cervejaria Brahma, que foi fundada e sediada por muitos anos na cidade de Porto Alegre, na rua Cristóvão Colombo, no bairro Floresta, ponto marcante de nossa estrutura urbana e econômica – hoje transformada em um *shopping center* popular.

¹⁵⁹ “A carta pessoal ‘diz’ que o segredo existe, explicitando seus limites, ou faz crer que ele não existe e que a confissão é plena”. Gomes, Ângela de Castro. Op. Cit., p.21.

¹⁶⁰ É muito interessante esta passagem da carta de número 3, à página 10, onde ele dialoga com Chateaubriand, relacionando-o à estátua existente do General Osório na praça da Alfândega de Porto Alegre. “Assis Chateaubriand...meu nobre oleiro...que tijolada hein? Tu me ensinastes a dar tijoladas dentre os tijoladores. Lembras-te que um dia, elogiando o teu cock-tail te disse: já a esta hora a terra brasileira cobre o teu espírito imortal,...em ti, o general Osório teve a honra de saber que os povos do universo queimaram seus arsenais. Já estás tu também immortalizado, na estátua da praça da Alfândega, aqui em Porto Alegre. Continua Assis, continua a dar tijoladas e um dia a estátua será teu busto sobre um vasto tijollo, assim como é vasta a tijollada que ainda tens que dar.” Mais uma vez, seus escritos fazem-nos ter a impressão de que TR transitava pelo meio destes intelectuais e jornalistas, ao referir-se ao “cocktail” oferecido por Chateaubriand, jornalista e dono do jornal Diários Associados do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, ele parece estar comentando algum texto que este deve ter escrito a respeito do Gen. Osório. De qualquer forma, constituem outras “marcas de sensibilidade” de TR, ao referir-se a questões de cinho nacional, simbolizando a imagem que ele faz de si mesmo – ao dar, agora, “tijolladas” na Igreja Católica, para vingar-se do padre e de seus “laços secretos”.

Embora a diversidade e o fervilhar de idéias, emoções, reflexões que se encontram na correspondência “engavetada” de TR, o elemento mais constante, mais presente é a mágoa, este rancor amargo, sugerido por inúmeras passagens.¹⁶¹

Esta correspondência revela a história de um homem (TR) de 34 anos, casado e "pai de família", que permaneceu internado no HPSP por quatro meses - de maio a setembro de 1937- tendo alta a pedido de seu pai, para acompanhamento em casa. Na baixa deste paciente o médico descreveu-o como "tranquilo, ar de imperiosidade, sorriso irônico; diz o paciente sentir fraqueza na cabeça ao que devia excesso de trabalho mental e preocupações; é da profissão de padeiro; dedica-se desde algum tempo a estudar correntes filosóficas, religião, política. Uma noite teve uma intuição mística que lhe revelou o seu destino. Prevê acontecimentos futuros: a guerra da Espanha foi uma de suas previsões. Não tem quase afetividade: da própria internação não se queixa".¹⁶²

Era de origem alemã, procedente de Canoas, que na época pertencia ao 4º Distrito de Gravataí, e de família de comerciantes com relativas posses. Como já foi dito, sua internação foi toda paga pela família. No encaminhamento feito pelo delegado de Canoas – grande parte dos encaminhamentos, tanto da capital como de outras cidades, vinha com bilhetes de delegados – já se revela este fato: "...conforme vontade da família sua internação correrá por conta própria."

No "Certificado do Internação", assinado por médico da cidade de procedência – às vezes eram médicos da própria delegacia, outras vezes, de hospitais da cidade –, está escrito: "idéias de

¹⁶¹ “A linguagem, o vocabulário e também as marcas materiais (cor do papel, desenhos, inscrições) que uma carta pode conter sinalizam para a afetividade e a proximidade física da relação que está em jogo. Uma relação – de amizade, de amor, de trabalho – que pode ser percebida pelas transformações ocorridas nas formas de tratamento e despedidas, bem como pelo próprio volume das cartas". Gomes, Ângela de Castro. Op. Cit., p.21.

¹⁶² Papeleta 7381, cx3, HPSP.

grandeza, absurdas e extravagantes, insônia". A partir do relatado nos "Dados Comemorativos"¹⁶³ conseguiu-se apreender as seguintes informações, sobre a história pregressa do paciente, dadas pelo pai e irmão do paciente, no dia da baixa hospitalar: TR tinha ambos os pais vivos, era o primeiro dos oito filhos deste casal, a gravidez e o parto transcorreram normais e este último foi "a termo" (no prazo certo). Tinha quatro irmãos vivos e três outros morreram em tenra idade. Sobre os antecedentes hereditários e colaterais, quando questionados se havia casos na família de alienação mental, responderam que um tio avô do paciente era alienado. Não havia outros casos (na família) de doenças crônicas, suicidas, homicidas ou portadores de afecções do Sistema Nervoso.

Sobre os antecedentes pessoais, TR não teve maiores problemas na primeira infância e adolescência, exceto um ferimento na perna em jogo de futebol. Na idade adulta sofria dos intestinos – sem maiores especificações de qual doença – e contraiu sífilis e gonorréia aos 24 anos, tendo feito tratamento adequado com "injeções". Não fazia uso de bebidas alcoólicas nem outras substâncias tóxicas. Sua inteligência era normal antes da moléstia atual; seu caráter era alegre e instável – as opções oferecidas no questionário eram: alegria ou tristeza, otimismo ou pessimismo ou ainda instável. Era uma pessoa desconfiada, impressionável, não era violento, nem impulsivo. Não o caracterizaram como mentiroso, simulador, inafetivo e brutal, nem pervertido sexualmente. Sobre sinais neurológicos observados (crises epiléticas, perturbações da palavra, etc...), responderam que TR tinha "ataques", sem outra especificação de que tipo. Vinha

¹⁶³ Remete-se ao Tomo II desta tese, onde foram dispostos os anexos. No "Anexo 1" foram colocados o "Certificado de Internação" padrão, que era enviado às delegacias e hospitais do interior do Estado, para futuros encaminhamentos e os "Dados Comemorativos", uma ficha grande onde há uma espécie de *anamnese* que era empregada nesta época - pois em outros anos diferiam um pouco, em geral com menos perguntas; esta parece ser a mais completa que encontramos. Estes últimos dados eram preenchidos já no HPSP, muitas vezes, pela assistente social que entrevistava o familiar que trazia o doente ao hospital, e não pelos médicos. Este fato é sugestivo do quanto os médicos desta época não davam tanta importância à história pessoal de um paciente.

se tratando há muito tempo, mas também não informaram onde, nem como, nem há quanto tempo o fazia.

Sobre a "doença atual", além das motivações, já apresentadas aqui, reveladas por seu pai, ainda foram feitas as perguntas sobre se foi tentada cura por meios extra-médicos, se já havia apresentado doença mental anteriormente, ou se teve internações em outros Sanatórios – porém não havia resposta escrita.

Através da resenha médico-social, detectou-se que TR se casou aos 31 anos, com moça de 18. Teve uma primeira filha que faleceu com 1 ano de idade, e no momento da internação tinha um filho vivo, de 1 ano de idade. Sua juventude transcorreu em vida familiar, sem problemas. Era instruído, mas não informaram o grau de escolaridade, nem como era sua relação com os mestres e discípulos. Comportou-se bem no serviço militar e "levou um tiro de guerra".

Sua ocupação sempre foi no comércio, não teve insucessos na vida prática; nunca esteve em prisões nem sofreu processos judiciais. Não teria tido recentemente abalos morais – o que mostra um certo desvio de entendimento da parte de sua família, ou uma anotação feita de forma aleatória, sem corresponder à verdade do paciente.

Era protestante, mas não praticava esta religião, conforme resposta de seu pai. À pergunta: "entregava-se a práticas de espiritismo, batuque ou feitiçarias?", não houve resposta.¹⁶⁴

Na folha do prontuário em que o médico relata a alta do paciente, está escrito unicamente: "alta sem cura para tratamento em casa". Esta foi dada a pedido de seu pai.

Caracteriza-se, desta forma, uma certa representação da doença, desde o ponto de vista da família e dos profissionais, uma vez que muitas coisas que o paciente relata de sua vida nas missivas não foram aí mencionadas e muitas questões não foram respondidas. Além do mais, fica explícito o que eles supunham ser a causa da "doença atual". Já inicia pelos familiares, então, a

¹⁶⁴ Na carta 4, "A confissão", na parte que é escrita em rimas, ele menciona a existência de um sanatório para "dementes e nervosos", onde possivelmente ele deve ter sido internado anteriormente, o que se depreende desta seguinte passagem: "Vou dizer um pouco de tua própria vida: Eu vi!...que te levaram quatro vezes a ruína/ moral e material esta "casta fina"/ derrotaram-te levando a derrota a si/ tudo esto com meus olhos vi/ Onde lhes davas o pão/ tiraram-te o comer e em teu lar entrou a fome e a discórdia/ diz tudo bem explicado/ se não queres que sonhe um bocado/ trabalhaste vinte horas e dormias quatro/ **mas um dia deste testemunho de tua fé/ bastou para que nada te deixassem de pé/ arruinado phisica- espiritualmente/ foste a Santa Cruz quasi demente (que coincidencia)/ na cidade onde tem um pouco pra fora/ um sanatório/ que dementes e nervosos e lá te mantinhas em oratória/ mas não tivestes tempo de alcançar cura/ diz tudo sou eu quem te empurra/ voltaste de lá arruinado financeiramente/ agora em casa ficaste quasi louco verdadeiramente/ e teu phisico ainda era muito fraco/ e vivias tu pobre Baco/ quasi que de esmolas/ Mas vendo que contigo desgraçavas teu pai/ que não sabia o que contigo vai/ e num esforço cruel/ transformavas doçura- trabalho em fé/ foste num caminhão Ford vender bebidas/ isso há tempo passado tempo ido – E já está rota, e pouca a força das palavras/ - Um dia de tanto forcejar sob a carga de caixas pesadas/ quasi cahiste em frente ao Instituto Pereira filho/ que vendo-o a ti pobre e como um cão solitário/ a uivar como o cão de esgotos de junqueiro, o Fiel/ e elle quis te ajudar- isso é amargo fel/ mas teve medo do gigante anão/ Do padre Benjamim Aragão (te afivelei padre!) de quem tanta cozinha se dizia/ e que tu cão solitário até defendias, o que não merecia" – **Deus tirou-me depois a filhinha/ que era um anjo e mal nove mezes tinha/ (a primeira) (e quem sabe?) forte menina como meu gury mas vou guardar sigillo não tenho provas patentes (já se esqueceu?) não é de balde que conheço leis/ para mim foi duro golpe (senti o cheiro)/ e porque não a havia baptisado (nem tenho mais) e tremo de rancor até na cova quizeram botar (o meu sangue) o caixão virado...**" Os grifos são meus. Nota-se que algumas informações existentes no prontuário não estão fidedignas à história que TR conta, mesmo que de forma simbólica – ele está referindo-se, nesta missiva, a um sonho que teve, mas nota-se que ele descreve sua história verdadeira – ou por omissão da família ou por omissão de quem tenha preenchido esta ficha. O fato é que TR admite ter estado em outro sanatório, para tratamento, antes de maio de 1937. Esta passagem é, na verdade, uma das mais importantes de todas as cartas, pois ele está falando sobre sua história passada, suas culpas, chegando a mencionar o nome do padre que parece ter sido sua relação no passado – em carta posterior ele volta a citá-lo – e sua culpa pela morte da filhinha de nove meses – ela tinha esta idade e não de 1 ano como está relatado na resenha médica. Voltar-se-á a esta missiva mais adiante. Tomo II, Anexo "Cartas de Hospício" de TR, Carta 4, p.15.**

caracterização de loucura, a não importância dada aos seus registros, a falta de compreensão da sensibilidade alheia. Saindo da “norma”, a “rotulação” já acontece.¹⁶⁵

Em seu prontuário, não há detalhamento do seu estado psíquico durante a estada no hospital, o que em geral apareceria nas “evoluções”¹⁶⁶ dos médicos, a despeito dos quatro meses em que lá permaneceu. Há nove destas “evoluções”, de médicos diferentes – vê-se isto pelas assinaturas –, nada explicativas, somente assinando algum medicamento administrado, ou dando conta de uma agressão sofrida pelo paciente por um outro interno, na enfermaria. Desta forma, são suas cartas que mostram o quanto ele sofria e o quanto de lucidez restava nesta personalidade em crise.

Não há especificação sobre o tratamento administrado, mas existe, no final do primeiro mês de internação, uma “evolução” onde se lê: “Transferido para secção de terapêutica”. Na época, a terapêutica era estritamente medicamentosa, ou com métodos e técnicas experimentais. Embora não se tenha encontrado nenhuma referência na papeleta sobre o método empregado neste paciente, por ele ser sifilítico – pois tinha o exame laboratorial de Wasserman positivo – faz-nos pensar, pelo menos, em Malarioterapia, uma das terapêuticas preferenciais, na época e

¹⁶⁵ Aponta-se, aqui, para a importância destes registros em prontuários médicos, onde a história pregressa e atual do paciente é contada pelos olhos de outros – seja dos familiares, ou da polícia, ou de quem quer que o conduza ao hospital – e relatada também por outra pessoa – no caso, pelos médicos, ou assistentes sociais e mesmo pela enfermagem –, como um novo tipo de “escrita de si”, que pode servir de fonte para pesquisadores, interessados neste tipo de material. Ver também para este assunto, o artigo já citado de Yonissa Wadi, “Leituras de uma certa loucura: a escritura entre o sintoma e a recriação de si”, in *PROJETO HISTÓRIA*. São Paulo, n. 26, p.133-162, jun.2003, PUC/SP.

¹⁶⁶ Evolução é o nome que se dá às anotações diárias em um prontuário médico, principalmente feitas pelos médicos, mas também pelo pessoal de enfermagem que, muito mais que aqueles, cuidam e observam o paciente diariamente, em todas as horas do dia ou da noite.

neste hospital, para estes casos.¹⁶⁷

Ao traçar um breve perfil de "TR por ele mesmo", a partir de seus escritos pessoais, descortina-se diante de nosso olhar um homem que amava e odiava ao mesmo tempo, que “treme de rancor” (carta 4) e contrariedades. Tinha idéias bem definidas sobre os padres da Igreja Católica (várias cartas), tendo sido "seduzido" por um deles (cartas 4 e 5), o que tornou-o um homem repleto de ressentimentos e culpas (todas as cartas). Por isso sentia-se um Judas (Versinho), um perverso (carta 3), culpado por ter-se entregue sexualmente a um padre (carta 5 e outras).

Era um homem que gostava muito de ler e escrever (carta 4), e conhecia vários autores, em profundidade, embora paradoxalmente negue isto em seguida (carta 9). Lia muitos filósofos, bem como conhecia alguns clássicos da literatura mundial (cartas 2, 3, 4 e 9). Trabalhador desde muito jovem (carta 11) sentiu-se injustiçado quando o pai tirou-o da sociedade da família, colocando seu irmão mais jovem em seu lugar. Sabe que por escrever e ler muito é tido pela família como um louco (carta 11).

Teve um grande amor em sua vida que foi frustrado em sua realização mais plena (carta 9). Era um “homem cavalheiro”, respeitador (carta 10). Casou-se, após inúmeras aventuras

¹⁶⁷ A malarioterapia foi introduzida no HPSP por Jacintho Godoy no final dos anos 1920; foi o grande "feito" deste homem, segundo ele mesmo, na terapêutica psiquiátrica. Método importado da Europa, consistia em inocular no indivíduo acometido de paralisia geral progressiva, ou doença de Bailey - que era de origem sífilítica e muito diagnosticada na época - sangue de pacientes infectados de malária, em momento de febre. Os acessos palustres acometiam o doente em torno de 10 dias. Isto deixaria o organismo sensível ao tratamento com os medicamentos específicos da sífilis, que podia então ser curada. Foi muito usado no HPSP nas décadas de 30 e 40, e estava de acordo com os preceitos eugenistas da época - também em voga em nossos meios psiquiátricos brasileiros e do sul do país - para os quais a sífilis era um grande mal, e devia ser combatida drasticamente. Viu-se, pela pesquisa anterior - a de mestrado - que muitos pacientes morriam no hospício destas técnicas utilizadas, servindo, de certa forma, para respaldar a vontade eugênica de “esterilização” dos doentes - que no caso, era extermínio, e não somente a propalada esterilização genital. Remete-se o leitor à dissertação mencionada, principalmente aos capítulos 2 e 3, onde algumas técnicas terapêuticas, aquelas mais utilizadas, são mais detalhadas.

amorosas, com uma moça de "família" e teve dois filhos, sendo que sua primogênita morreu ainda bebê (carta 4), o que lhe deixou um profundo sentimento de desamparo. Era um homem que refletia sobre os assuntos contemporâneos, adepto do integralismo, o que depois mudou, e da "ciência positivista" (cartas 2, 3, 10 e 11). Era um "homem da capital" (carta 3), embora residisse na região metropolitana (carta 8). Bem informado sobre o que acontecia pelo mundo, lia jornais de Porto Alegre e da Alemanha (cartas 1, 2 e 3) e posicionava-se em relação a discursos de líderes políticos e acontecimentos europeus, como a Guerra da Espanha, que transcorria naquele momento (em quase todas as cartas), e o nazismo. Foi internado em hospitais psiquiátricos, pelo menos duas vezes durante sua vida, considerando que tenha sofrido muito física e psicologicamente.¹⁶⁸

Uma dualidade de sentimentos e opiniões perpassam todas as cartas, o que é típico na sua condição patológica do momento, isto é, uma cisão psíquica, uma crise psicótica. Neste sentido, os oxímoros, com símbolos de opostos, e as metáforas enriquecem seus escritos...

Cabe ainda ressaltar que, embora esteja preenchido nos dados de identificação da papelada médica que seu grau de instrução é secundário, ele escreve muito bem, num português corretíssimo para a época, em todos os sentidos, tanto o formal, quanto o coloquial.

¹⁶⁸ Salienta-se que suas opiniões não estão aqui para serem julgadas se certas ou erradas. Importa constatar que, para nós, elas não representam tão simples e necessariamente "idéias delirantes", pois elas retratam uma realidade, tanto interna (psicológica), quanto externa a ele próprio. Também ressalta-se que não se trata de anular a presença de uma doença, de uma dissociação; mas sim atenta-se ao fato de que se pode ter um outro olhar para ela. "Ao debruçar-me sobre os doentes e seu destino, compreendia que as idéias de perseguição e as alucinações se formam em torno de um núcleo significativo. No fundo, há os dramas de uma vida, de uma esperança, de um desejo. Se não lhes compreendemos o sentido, é uma falha nossa. Nessas circunstâncias, compreendi pela primeira vez que na psicose jaz e se oculta uma psicologia geral da personalidade e nela se encontram todos os eternos incuráveis, obtusos, apáticos, se agita mais vida e sentido do que pensamos. No fundo, não descobrimos no doente mental nada de novo ou de desconhecido; encontramos nele as bases de nossa própria natureza." Jung, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 117/8.

Notou-se, também, a partir do conteúdo da quarta carta – e também de outras –, que este homem queria ser um escritor, ou pelo menos era escrevendo que ele se sentia livre... Sua preocupação com a forma de sua escritura, algumas vezes deixa-se revelar, como, por exemplo, em meio à terceira carta “...vê estou doente e lembra-te que me prometteste em espírito...Adeante o direi: já não cuido mais da pontuação...”.

Na carta de número 11, por ele denominada “Meditações e previsões sobre o futuro” e endereçada à imprensa, TR faz uma longa digressão sobre os problemas do mundo, “que se continuar nesta marcha, a hecatombe universal é inevitável”, para, mais ao final, entrar em seus problemas pessoais – sua própria “hecatombe”, dizendo:

Aproveito ainda a estadia aqui no hospital para escrever algumas idéias e considerações porque sei estas estão tendo boa aceitação junto ao meio literário e autoritário do meu país por partirem de quem tem relativamente pouca cultura. Admiro-me as vezes que ainda há pessoas que me olham como quem está deparando com o milagre do século. Ora sabemos que destes pequenos milagres há milhões mundo afora, mas que não tem a petulância de se prevalecer da bondade e paciência de seu próximo como faço eu. Continuarei apesar, a escrever sei que contribuo com as minhas modestas linhas para a obra dos que pensam com sensatez nos problemas da atualidade mundial...Se os pequenos pensam como os grandes é sinal seguro de que ambos estão certos. Disse que escreveria enquanto estou aqui porque em casa não poderei fazê-lo, devido que pae mãe esposa irmãos se *anteporem a mim como uns endemoniados por julgarem que estou louco.*¹⁶⁹

Nota-se que ele tem a noção clara de seu papel, enquanto um “pequeno escritor”, não reconhecido publicamente, mas ao mesmo tempo mencionando que suas idéias têm sido aceitas pelo “meio literário e autoritário” de seu país.

¹⁶⁹ Carta 11, p.43. Os grifos são meus.

Logo em seguida, nesta mesma missiva, ele relata como foi afastado dos negócios da família – uma padaria e, depois, uma saboaria, muito embora ele dissesse que as idéias que revertiam em lucro fossem suas. A causa teria sido que seu pai não gostava que ele passasse bom tempo de sua vida escrevendo - "isto era loucura", como já se viu - e lendo filosofia e outros assuntos como política e religião. "A minha vida até hoje foi, nada mais, nada menos que um rosário de contrariedades deste quilate":

Sahi da sociedade que tive com meus irmãos porque estes se opunham ao meu plano de fabricar o pão com fermento Fleischmann, que naquella epocha estava sendo introduzido, com verdadeiro bombardeio de reclames. Conheço sobejamente a história do judeu, e pude avaliar que o fermento Fleischmann iria ser introduzido sem a menor dúvida. Ora, a casa teria soffrido um grande impulso progressista se fôssemos um dos primeiros a melhorar o artigo. Mas qual quem foi que disse que eu convencia os meus desta vantagem... A saboaria da qual faço parte nasceu da minha idéia. Todo o melhoramento da fabricasinha etc. (não exagero). E um dia o meu pae poz na mesma meu irmão (o mais moço da família) e pouco tempo depois por ocasião de uma forte crise de negócio (saboaria é um péssimo negócio) recebi estupefato, a ordem de procurar um emprego. Eu, que comecei a fazer sabão em latas de queirozene em minha casa, passando pouco tempo depois a fazel-o em casa de meu pae, num tacho um pouco maior, fui o primeiro a ter ordem para dar um jeito na vida.

Verdade é que a fabricasinha foi montada com capital de meu pae, mas meu irmão também. Não entrou com cousa alguma. Eu não sou dos que vivem em desharmonia com seus paes. Desde os 14 annos, com exepção de dois annos, trabalhei sempre com e para meus paes.

Dos filhos, que o velho meu pae gosta menos, sou eu, mas felizmente a minha mãe é ma santa p/ mim, mesmo que tenha que fazer o que lhe dicta o velho, tem agido c/ muita habilidade, servindo sempre de mediadora. Se digo que meu pae é homem de má índole minto. É tão somente no systema de orientação que sempre divergimos.¹⁷⁰

Existe uma profunda sensibilidade, em TR, a respeito da relação que a família estabelece com ele, que contrasta, a seu ver, com suas reais potencialidades e juízos.

É nesta carta 11, onde ele elabora melhor e com muita lucidez estes “fatos”, embora ainda mostrando ressentimento. Esta missiva, que parece pela data e contexto, ter sido a última a ser escrita nesta internação, é uma das que está escrita de forma mais “racional”, no sentido do

¹⁷⁰ Carta 11, p.44-45.

encadeamento de idéias; está mais “íntegra” em relação a um pensamento mais dirigido e menos simbólico.

A continuação dela é seu último parágrafo, onde TR coloca a frase “Mas o meu grande amigo é o futuro e nele eu confio plenamente” – o que remete ao título da mesma – para ligar estes seus sentimentos de rancor amargo – é o filho que o pai menos gosta – a uma idéia mais “otimista” pela vida.

E é também neste trecho que se tem a impressão mais clara de que TR sabe, ou imagina, que os médicos estão lendo suas cartas, fazendo-nos supor que passa a escrevê-las com a intenção de “ludibriá-los”, isto é, mostrar que não está louco, para poder sair mais rápido do hospital. Coincidência ou não, ele teve alta quatorze dias após a estas suas últimas palavras por escrito:

É tão somente no systema de orientação que sempre divergimos. Mas o meu grande amigo é o futuro e nele eu confio plenamente. Tenho esperança de sahir completamente curado deste hospital pois que a meu ver o factor máximo de minha moléstia é o excesso de trabalho physico e intellectual, para meu corpo enfermo, se bem que há outros factores. Enfim uma causa age sobre a outra resultando o desequilíbrio da saúde. Terei errado dizendo tudo isso? Pouco já me importa. Tive que desabafar uma vez o que me ia no íntimo, mesmo que isso seja erro. O meu estado de saúde tem melhorado muito graças a attuação por parte dos scientistas inclusive o director deste hospital e quando me lembro da possibilidade de minha completa cura, tenho vontade de ficar mais um ou dois annos, não obstante ter muita saudade de esposa e filho que vejo uma vez por semana.¹⁷¹

Esta carta em especial e todas as outras, por seu montante, fazem-nos perguntar sobre o impulso inicial de sua escritura dentro do hospital. Nesta, ele explicita o porquê vai escrever neste momento e local: porque em casa este seu “hábito” era rechaçado pela família, por esta “antepor-se” a ele, julgando-o um louco. Questiona-se, a partir daí, se os médicos do momento estimularam que TR escrevesse suas cartas no hospital, com o intuito de melhor diagnosticar sua

¹⁷¹ Carta 11, p.45.

doença a partir daí, ou se realmente ele as escrevia espontaneamente, como fazia em casa – embora pareça, a partir deste último excerto apresentado, que ele quisesse que o lessem.

De qualquer forma, sendo uma ou outra, ou ambas as realidades, ele se queria escritor e pensador de seu mundo, e “denunciando aos outros, acontece que a si-mesmo se denuncia e se retrata”.¹⁷²

Isto é fortemente sentido em outras missivas que incluem, também, verdadeiros depoimentos desesperados de quem estava sofrendo e passando por uma internação psiquiátrica, tendo contato com a realidade diária e aviltante de um hospício: "a todo instante sou interrompido por loucos que, ora me pedem cigarro, ora fogo, ora a penna. Para dizer-vos basta que estou escrevendo encostado da latrina e de cigarro na boca,..." - carta 3; "ando seboso, quando vão me tirar daqui?"; "aqui no hospital começo a ver fantasmas..." - carta 4. Com frequência, ele deixa transparecer em seus desabafos, a indignação sobre a falta de condições, lá dentro mesmo do hospital, de receber um pouco de papel para escrever : "...aqui nem a muque dão-me papel; Regime de hospital..." - carta 9; "rogo desculpar-me o feitio desta que é cara como tudo, aqui no hospital, onde estou e tenho que lutar com sérias dificuldades para adquirir um pouco de papel e tinta na altura, pois crêm que sou maníaco" - carta 7. Mas não deixa de admitir, em outros momentos, que está doente e precisa de tratamento (carta 6), quando diz, com ironia: "...atestando o meu estado de hyper-excitação nervosa, que claramente transparece naqueles versinhos rudes, pelo facto de reviver dias amargos e estar actualmente adoentado e em tratamento achando-me sob o açoite da medicina que desequilibra para equilibrar..."

¹⁷² Frase de Sérgio Buarque de Holanda, em artigo intitulado “À Margem da Inconfidência”, para o jornal O Estado de São Paulo, de 27 de fevereiro de 1947. In: Costa, Marcos (org.). *Para uma nova história – textos de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Já na primeira carta ¹⁷³, ele menciona, a partir de uma metáfora, sua estadia no hospital. Ela foi endereçada a Vianna Moog (VM) e foram suas crônicas, *Novas cartas persas*, escritas todas as quintas-feiras e domingos no Correio do Povo, que serviram de matéria prima para o simbolismo construído por TR. ¹⁷⁴

A missiva começa assim:

¹⁷³ Esta missiva não está datada, mas deve ter sido escrita um pouco antes de 4 de junho, pois ela faz referência à próxima missiva que ele pretende escrever e que possui esta data: “A seguir escreverei uma carta ao Arcebispo D. João Becker de Porto Alegre, cuja cópia te enviarei incontinenti, quero transmitir ao grande teólogo, que é o modo como nós, os Persianos, interpretam a paz de uma nação e os remédios para consegui-la. Com a carta ao Revmo. Arcebispo termina a obra que não é minha e sim do grande Deus todo poderoso que a escreve por minhas mãos. Teu sincero amigo Iben, Teheran”. Carta 1, p.3. A assinatura “Iben, Teheran” logo será comentada.

¹⁷⁴ Um breve histórico da vida deste "homem público", até 1937, poderá lançar luzes sobre o possível fascínio que sua personalidade exerceu sobre TR. Nascido em 1906 em São Leopoldo, RS, VM, quando jovem, estudou no Instituto São José, de Canoas, dirigido por irmãos Lassalistas – onde é bem possível que o paciente também tenha estudado, devido à localização e às tendências da época e da sociedade de origem alemã, de colocar os filhos em colégios religiosos – e também devido ao excelente alemão com que escrevia. Querendo seguir a carreira militar, foi ao Rio de Janeiro, mas não havendo provas vestibulares naquele ano, voltou e trabalhou no comércio por um tempo. Por volta de 1925, matriculou-se na Faculdade de Direito e foi designado para a Delegacia Fiscal de Porto Alegre. Em 1926, prestou concurso para agente fiscal de imposto de consumo, tendo ido trabalhar no interior do Estado. Em 1930, formou-se em Direito, em Porto Alegre. Participou da campanha política da Aliança Liberal e "dos entusiasmos da Revolução de outubro de 1930". Suas atividades jornalísticas começaram neste ano, após a vitória da revolução. Foi removido para Porto Alegre como agente fiscal e combateu o tenentismo pelas colunas do Jornal da Noite. Em 1932, VM participou da Revolução Constitucionalista, foi preso e transferido da capital do RS para a capital do Amazonas. Após ter passado por algumas capitais do norte do país, em 1934, época que foi concedida anistia pelo Congresso, ele foi restituído ao Sul, voltando a Porto Alegre. Foi no período de exílio que começou realmente sua atividade literária. Escreveu "Heróis da decadência- reflexões sobre o humor, com estudos sobre Petrônio, Cervantes e Machado" e "O ciclo de ouro negro", um ensaio de interpretação da realidade amazônica. Quando voltou à Porto Alegre, ele dirigiu o jornal "Folha da Tarde", pertencente à mesma empresa (Caldas Júnior) do Correio do Povo. Desta fase, 1937, resultaram crônicas (totalizando 25), que ele escrevia no Correio do Povo, nos periódicos de quintas e domingos, que se chamavam "Novas Cartas Persas". Eram estas crônicas que TR lia e se identificava em muitos aspectos, comentando-as com Vianna em suas cartas e ao mesmo tempo usando-as como metáforas para a sua situação. Posteriormente, neste mesmo ano, esta coletânea de crônicas foi publicada em livro, pela Livraria do Globo, com o nome "Novas Cartas Persas" de Vianna Moog. Consta, ainda, que foi após o golpe de 37 que ele dedicou-se mais integralmente à literatura. Estes dados biográficos foram retirados de artigo da "homepage" da Academia Brasileira de Letras. Vianna Moog, em 1945, foi eleito para a cadeira número 4 da ABL, substituindo Alcides Maya. Para maiores dados ver: <http://www.abl100anos.com.br/cads/4/viana.htm>

Ilmo Sr.

Vianna Moog
Correio do Povo

Li tua chronica da semana passada e estive ancioso por responde-la mas até hoje não tive oportunidade para fazel-o. **Aqui em Teheran como tu sabes, a base fundamental, o regime interno é negar-se tudo, dando-se tudo, é nesta negação que reside a meu vêr, todo amor ao nosso próximo, do nosso ser.** Foi um imenso prazer constatar que agora estás no Brasil estudando os costumes político-financeiros deste paiz onde como já disseste noutra carta ninguém obedece e tudo corre como num sonho de 1001 noites...¹⁷⁵ ¹⁷⁶,

As crônicas jornalísticas de VM eram uma sátira da situação político-social pela qual o Brasil estava passando e estavam associadas a um estilo de contar e satirizar a história – um "princípio de fantasia" –, que remonta a Montesquieu¹⁷⁷. Este, em seu romance epistolar, usou de muita ironia – elemento novo aos romances da época – para criticar a sociedade parisiense, da França do final do reinado de Luís XIV e do período da regência de Phillippe d'Orleans, após a morte daquele em 1715.

Através das cartas de dois persas, que viajam pela Europa, a seus amigos, vai-se descobrindo um mundo novo, até então nunca criticado com tanta veemência – Montesquieu publicou seu romance anonimamente em 1721, portanto, no meio da confusão política do momento. Ridicularizava não somente a sociedade como um todo, mas os costumes da realeza,

¹⁷⁵ Carta 1, p.2. Os grifos são meus. Nota-se que todas cartas endereçadas a alguém, são feitas de maneira formal, com Ilmo Sr., ou Excia Revma. E TR sempre assina, também, com estas expressões de "politesse", por exemplo: De V. Excia. Revma. Amo. E Venerador, T.R. Assim, uma característica bem marcante em sua correspondência é o tom formal que é revelado em todas as cartas, sendo todos seus correspondentes tratados com extrema reverência e respeito.

¹⁷⁶ É bem possível que TR lesse, também, jornais no hospital, pois como já se disse, era paciente particular, podendo receber algumas visitas e, conseqüentemente, poderiam trazer-lhe os periódicos do dia, ou da semana. De qualquer forma, mesmo que lesse as crônicas de Vianna anteriormente - e isto parece ser verdade pois ele se refere a uma delas, em carta posterior, que se encontra publicada em abril, no Correio do Povo - , são elas, agora, que lhe fornecem substrato para tentar compreender o seu mundo interno. Foram pesquisados, na dissertação de mestrado, todos os números do "Correio do Povo" de abril do referido ano, pois é o mês que antecede a ida de TR para o hospital. Como havia menção, em suas cartas escritas em junho, a muitas notícias e crônicas lidas neste jornal, achou-se que se deveria procurar, também, nos números de maio, a referência de suas idéias do momento. Com efeito, encontrou-se muito material comentado por ele nestes exemplares.

¹⁷⁷ Montesquieu. *Lettres persanes*. Paris: Gallimard, 1999. Será impossível, aqui, em breves palavras, expor todas as questões que esta bela obra apresenta.

ao descrever uma Paris tão suntuosa e quanto inumana para seu povo, ao mesmo tempo que apresentava uma parte do mundo fascinante aos viajantes de outros povos.¹⁷⁸

O mesmo "artifício literário" foi utilizado por Lima Barreto, escritor que também interessa a esta pesquisa, em *Os Bruzundangas*, embora não sob a forma de cartas: "

É sobre essa postura europeizante, falsamente erudita e adepta da mentalidade progressista, que recai a ironia maior de Lima Barreto. A situação é levada ao extremo do ridículo na obra *Os bruzundangas*, onde utiliza o expediente de Montesquieu nas *Cartas Persas* para falar de um país fictício, metáfora do Brasil, em que expõe a nu as mazelas nacionais.¹⁷⁹

VM, ao fazer o mesmo com a pátria brasileira, utiliza três personagens persas (Usbek, Iben e Rustan), que viajam pelo mundo e correspondem-se, comentando as realidades contemporâneas, incluindo aspectos políticos brasileiros, críticas aos governantes, costumes do povo, a imprensa, a guerra da Espanha, a relação França/Alemanha no panorama da política mundial, a beleza da Terra, a Academia Brasileira de Letras, a questão racial, etc.

Todas cartas estão diretamente relacionadas à realidade brasileira e, sem dúvida, aos percalços que ele mesmo passou, sendo preso e exilado.¹⁸⁰

¹⁷⁸“Um dos livros de mais ruidoso e integral sucesso, no seu tempo, foi, sem dúvida, "Cartas Persas" de Montesquieu. A esta jóia literária, mais do que a qualquer de suas produções, deve o escritor a fama que lhe imortalizou o nome. Nada mais simples, entretanto, do que o plano desse livro incomparável. Dois persas em viagem ao Ocidente mantêm correspondência com os amigos da pátria distante. Tudo que lhes cai ao alcance da observação transforma-se-lhes em objeto de comentários, narrativas e reflexões. Neste desfile de imagens do Oriente e do Ocidente, revela Montesquieu toda a finura de seu espírito. De um lado faz a crítica dos grandes e pequenos ridículos morais, políticos e sociais da Europa e da França, nos últimos anos do reinado de Luiz XIV, e, de outro lado, em contraste, mostra-nos as excelências e as maravilhas da Pérsia, em magníficas descrições de seus usos e costumes.” Moog, Vianna. Prefácio. *Novas cartas persas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937, p.7 (prefácio).

¹⁷⁹ Citado por: Pesavento, Sandra. *O imaginário da cidade, visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 1999, P. 211

¹⁸⁰ Iben está em Teheran, comentando os costumes persas; ele é "aquele que nasceu com a paixão dos motivos políticos". Usbek está na Europa, passando por Paris e Londres, e comenta os últimos acontecimentos e costumes europeus. Rustan veio ao Brasil e está no Rio de Janeiro, constatando que em sua chegada "as paisagens naturais não me interessaram tanto quanto a paisagem humana que entrevi nos diferentes portos do Brasil. Que variedade estonteante de raças e sub-raças!(...)Nem todos a bordo, entretanto, pareciam participar dos meus entusiasmos por esta estupenda fauna brasileira." *Novas Cartas Persas*, op. Cit., número XIV. As cartas persas de Vianna Moog, que interessam à presente análise foram exaustivamente examinadas na primeira pesquisa e relatadas na dissertação; portanto serão referidas, aqui, somente em seus aspectos principais para a compreensão das cartas do paciente TR.

Ao mesmo tempo em que TR foi leitor de Vianna Moog, também identificava-se com este e com ele dialogava, através de suas missivas, e, como escritor, usou o mesmo “expediente” literário destas crônicas. Em suas cartas, Teheran não é a França de Montesquieu, nem o Brasil de Vianna Moog ou de Lima Barreto. Mas sim o hospício, onde o “regime interno é negar-se tudo, dando-se tudo”. Para mais adiante, na mesma missiva, escrever “Ah! meu caro Rustan como me sinto feliz nesta querida Teheran, aqui tudo é poesia e todos são poetas e se vencem as mais difíceis barreiras que se antepõe a cada indivíduo durante a peregrinação que faz dentro do próprio coração, de sua alma, do seu eu.”¹⁸¹

Tem-se a impressão que TR poderia ter feito crônicas do hospício, se tivesse o estímulo – ou a força interior – de seguir como escritor, tamanha a sensibilidade e inteligência que demonstrava. Alguns anos antes, Lima Barreto, como ver-se-á no próximo capítulo, havia escrito no hospício, seu diário; eram quase crônicas do dia a dia de um interno, cuja matéria-prima, porém, originou um romance. Delineiam-se, aqui, algumas pistas iniciais que permitem traçar desvios e aproximações entre estas duas personalidades ímpares, tanto como seres humanos – excluídos porque “loucos” – quanto como escritores.

VM, que exerceu um papel fundamental como “interlocutor” de TR, escrevia crônicas, romances e ensaios. Seja ele mesmo ou o que ele representava ao paciente, é bastante importante no contexto geral do caso, pois TR endereça quatro, das doze cartas escritas, a ele, e ainda o menciona nas outras, bem como o usa de “intermediário” para enviar cartas para outras pessoas.

O escritor é tratado como um “amigo” por TR, em todas as cartas, mesmo quando este “briga” com ele e lhe diz “verdades que dóem na alma”. Para ele, VM receberá o “prêmio nobel

¹⁸¹ Carta 1, p.2.

da paz deste ano" (carta 4). Eles tinham quase a mesma idade, nesta época, pois estava VM com 30 e TR com 34 anos. Sendo da mesma geração, certamente depararam-se com problemas semelhantes, no que diz respeito à política e sociedade em que viviam.

Não foi possível constatar uma relação concreta entre ambos, assim como com outras "personalidades" a quem faz de interlocutores, receptores de suas missivas; sendo assim, não se sabe se eles se conheceram realmente ou não. Suspeita-se, como aludido em nota anterior, que tenham se conhecido no colégio onde provavelmente ambos estudaram, um colégio dirigido por padres, da região onde nasceram e moraram na infância – São Leopoldo e Canoas são cidades da região metropolitana de Porto Alegre, bem próximas uma da outra. Porém, de uma forma ou de outra, VM exerceu um papel de inestimável importância na psique, ou na história psicológica, de TR.

Ele se identifica com o personagem Iben, de VM, aquele que nasceu para a política, mas também aquele que está se sentindo inferiorizado por permanecer em Teheran, na Pérsia, subjugado politicamente sob o regime ditatorial do "xá Palevi". Estas primeiras palavras de TR já mostram, simbolicamente, que sua família tinha razão – ele se interessava muito por política – questionando-se, a partir disto, por que, e até que ponto, ele não conseguiu desenvolver quase nenhum potencial que possuía, nem o de escritor, embora o fizesse para si, nem o de político, ou filósofo, ou até mesmo de jornalista.

Ele conseguiu, de forma magistral em sua escritura, abordar seu problema central, nas representações que fez das questões religiosas e do clero. Na continuação desta carta, há uma primeira menção à Igreja e aos padres católicos, que estão no cerne de sua problemática pessoal. Metaforicamente ele faz menção ao "segredo" que ele possui, e que é veneno em sua alma...

Estou mais ou menos ao par do momento político que vive o Brasil, terra que ora visitas, também conheço perfeitamente o eixo político que criou uma verdadeira confusão de idéias, que não é exagero dizer, em todos paizes do universo. Caro amigo, sinto e lastimo imensamente que o Brasil não queira se orientar pelo livro mais sagrado de nossa terra e de todo mundo, que foi escripto com o próprio sangue do grande propheta que morreu pregado na cruz de Gotgotha, cuja vida foi ensinar a cada habitante deste mísero planeta o que mais nobre e belo o homem, uma consciencia sã de que nasceu para ser feliz e perfeito. Liberdade doce liberdade, liberta-nos do jugo estrangeiro e de nós próprios... Quem é que nos pode libertar do jugo estrangeiro e de nós mesmos? A Igreja!...porque já não o fez?...¹⁸²

Utilizando-se do tom crítico das cartas-crônicas de VM e aproveitando estas representações, TR iniciava a aproximação com a temática da Igreja, a “grande responsável” por sua loucura e pelos “maus caminhos” trilhados por ele. A frase seguinte corrobora esta afirmação: “Que grandes heróis e que grandes covardes são os padres! Porque não seguem o exemplo de nosso grande General Osório que dissera, ‘A minha maior honra será, mesmo depois de morto, quando eu souber que os povos do Universo queimaram seus arsenais’ ”.

A “liberdade, doce liberdade” a que se refere, pode ser tanto aquela que os outros não lhe permitem, por estar trancafiado em um manicômio, como aquela “não liberdade” imposta pelo seu segredo – que será confessado explicitamente somente na quarta carta.

Ao misturar assuntos em suas “cartas- quase crônicas” – política, religião, hospício, liberdade, a ficção das 1001 noites!!!! – ele imagina um mundo melhor para si e para toda a humanidade, delatando sua sensibilidade, na loucura e na saúde, que se mesclam nestas catarses,

¹⁸² Carta 1, p.2.

em problemas individuais e coletivos.¹⁸³

O último parágrafo da missiva, antes de despedir-se dizendo que escreveria a D. João Becker, TR “volta” à sua realidade de “saboeiro”:

Meu caro amigo como vês transportei-me em espírito da nossa Teheran ao Brasil e estou contigo onde estiveres, no Rio de Janeiro ou em Porto Alegre e tenho me interessado tanto pelo Brasil, que estudei minuciosamente sua história; que povo heróico! Um fremito de entusiasmo perpassa todo meu ser e te juro pelo sangue do meu sangue que hei de escrever em nosso idioma a história dessa grande nação de além mar. Depois voltarei ao meu ofício de saboeiro, de que sou profundo conhecedor, a fórmula que me deste por carta dá sabão é magnífico e tem causado expanto nos meios científicos de nosso paiz, tanto que já tem tido franca aceitação pelo paes da medicina, que hoje já não vacilam empregá-lo nos casos em que certas circunstâncias o requerem. Mas a fórmula, meu caro eu não vendo por preço nenhum, fica entre nós.¹⁸⁴

A segunda e a terceira cartas, datadas de 4 e 23 de junho de 1937, respectivamente¹⁸⁵, foram endereçadas ao Arcebispo Metropolitano Dom João Becker, de Porto Alegre. Ambas iniciam contando o motivo de sua presente escritura: “Peço venia para transmitir-vos as reflexões de um operário e servo de Deus, em Jesus Christo, em torno de vosso discurso pronunciado, por

¹⁸³ Conheço o espaço físico do Hospital São Pedro, onde provavelmente TR esteve “alocado”. O espaço que, na época, era destinado a pacientes particulares, hoje é uma das alas desativadas do hospício, pois foi a primeira construída e está muito velha. Nela, está sendo construído o Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Caminhando por suas dependências e corredores, fiquei imaginando os doentes ali, naqueles pequeníssimos “quartos”, de pé direito muito alto, todos tendo também uma porta que dava para um jardim interno do hospital. Se fosse uma moradia “normal”, poderia ser até bonito e aconchegante, pois o espaço físico era bastante agradável, sem grades, com janelas de vitrais, altas e em cima de todas as portas – embora o espaço fosse diminuto, comparável ao que hoje são os apartamentos de peça única. Este jardim interno, que unia vários quartos, deveria, antigamente, ser mais bonito do que está hoje, melhor cuidado, suas antigas folhagens e árvores deveriam já existir àquela época. A grade existe somente como portão deste jardim, que dá para a rua, ou melhor, para um campo aberto, onde atualmente é o estacionamento de carros e a cancha de futebol do hospital. A sensação que tive ao caminhar pelo interior deste prédio, algumas vezes, é indizível em palavras; um misto de euforia, por pressentir ali a história ainda viva, vivida por muitos, ao mesmo tempo que um certo pavor por imaginar e conhecer a história real de sofrimento de vidas humanas que por ali passaram, que por ali viveram e deixaram suas almas...

¹⁸⁴ Carta 1, p.3. Este trecho da carta faz parecer que eles realmente se conheciam, inclusive trocando “fórmulas” de sabão, o que pode ser bem uma metáfora de quanto ambos queriam ser revolucionários, em sua época, “limpando” a pátria nacional de suas impurezas.

¹⁸⁵ Em todas cartas que havia data, esta aparecia ao final da carta, como uma característica de sua escrita pessoal. Aparecia da seguinte forma: “Hospital São Pedro, 4 de junho de 1937”. Ao invés de escrever o nome da cidade, como é mais comum, ele escrevia o nome do hospital, não se importando, como se vê, de informar que estava internado. Ao contrário, muitas vezes ele faz menção a sua hospitalização, de forma a criticar este episódio de sua vida, ou tornando relevantes alguns acontecimentos de dentro do hospício, ou mesmo “vitimizandose” por estar sendo rotulado de louco.

ocasião do encerramento das Festividades do Divino Espírito Santo que foi publicado pelo Correio do Povo, matutino Porto Alegreense.” ; “Novamente bato à vossa porta e peço venia para entrar onde já estou. A presente é o complemento supremo de tudo o que tenho escripto.”

Estas duas missivas vão apresentando um tom de ressentimento, cada vez mais forte e profundo, tanto quanto sua sensibilidade permite neste momento. Mostram, em contrapartida, sua intelectualidade quase erudita, ao citar Cervantes e posicionando-se contra o “credo Stalinista”. A imagem que ele traz, de uma Espanha martirizada e esfacelada, não deixa de ser uma metáfora para sua psicose do momento, que se caracteriza pela perda interna da barreira entre o individual e o coletivo.

Dialogando com D. João Becker, ele expressa o descontentamento por uma guerra, que pode ser tanto a guerra a que se refere, como a metáfora para sua guerra interior:

A’ pergunta que fazes: “ Guarda o que houve esta noite?” creio não errar se a comparo à Hespanha, que desde o rompimento da Guerra Civil, é em si, uma pergunta e ao mesmo tempo uma resposta ao mundo espiritual e intelectual de nossos dias.

Hespanha martyrizada, esfacellada e levada quase à completa ruína material, debatendo-se em dôres, tingindo de sangue sua terra, seu berço, deu a luz uma creança: A Paz. É pela paz que a humanidade de nossos dias, e de todos os tempos vem se batendo. O fogo que incendiou Hespanha, contaminou o universo. Ardendo em chamas pela liberdade, o mundo tem cometido os maiores desatinos.

Se Cervantes, o grande escritor Hespanhol levantasse do túmulo e visse sua terra tão devassada pelo crêdo de Moscou, o que diria?

Teriam forçosamente lhe fugido dos lábios as seguintes palavras: Stalin, Stalin, Dom Quixote, atacas moinhos de vento! Que fizeste de minha e tua terra? Que fizeste dos paizes onde enfiltraste teu credo malsão? ¹⁸⁶

Até a quarta carta, suas imagens e fantasias "delirantes", tanto pessoais como coletivas, vão crescendo de intensidade, até desembocar na confissão de que um dia manteve relações "íntimas" com um padre.

¹⁸⁶ Carta 2, p.4.

Ao mesmo tempo que podemos resgatar fragmentos de sua história pessoal perdida, também é legítimo ler esta história pessoal de TR a partir dos mitos da consciência coletiva que se apresentam no momento: o nazi-facismo, os regimes totalitários pelo mundo e a guerra da Espanha, por exemplo. Os mitos coletivos estavam substituindo a história pessoal mantida inconsciente, inclusive a questão sexual, cerne de sua problemática, identificando-a dentro do discurso nazista da época.

Sua identificação com o imaginário nazista está explícita no próximo seguimento da carta, ao referir-se a um discurso do ministro de Hitler, Goebbels, fazendo suas as palavras dele:

Li, também, o discurso do Dr. Goebbels, ministro alemão, inserido no *New Deutsche Zeitung*, de sabbado, 29 de maio, de cujo extrahi para me servir de argumento o seguinte: Posso afirmar deante do povo alemão que a peste sexual terá que ser e será, extinta com tronco e raiz: “Realmente cabem às confusões sexuais do clero Catholico a culpa disto.” Carta de Napoleão de 26 de agosto (1796), que lhe serviu de argumento: “Constaei meus senhores, que os ex-Jesuítas, pastores e frades perturbam a ordem pública. Esclareço V. aos superiores das diversas ordens, que à primeira queixa que se fizer contra os frades, responsabilizarei todo claustro, e, as tocarei cidade a fora, confiscando seus bens em proveito comum.”¹⁸⁷

Pedindo perdão ao Arcebispo, ele diz que a Alemanha de Hitler está, hoje em dia, “que é um só bloco em prol da liberdade, igualdade e humanidade, que é o ideal de todo christão de bom pensamento”. Profundamente cristão, neste momento, reclama a Cristo e a Deus as esperanças e desventuras do ser humano no mundo.

¹⁸⁷ Carta 2, p.5.

A meu vêr, nós os christãos não podemos pregar o evangelho a fogo e ferro, inflamados pelo nosso sublime ideal, isso vai contra a doutrina de Christo, nosso supremo mestre, cuja vida toda foi ensinar-nos sermos pioneiros da paz em qualquer terreno, segredo mater da completa felicidade e perfeição humanas, deante nossa peregrinação na terra, dolorosa ou feliz, dependendo tudo, como sabemos, de nós mesmos, sim, creio firmemente de que somos os forjadores de nosso extremo bem e mal. Extremamente felizes com a ajuda de Deus, e extremamente desgraçados quando nos afastamos Dele.¹⁸⁸

Mas a Alemanha, misturada a seu cristianismo, e aos moinhos de Cervantes, ampara sua necessidade de segurança, dentro de doutrinas rígidas, como o positivismo e o integralismo...

Acredito, também, que jogar-nos contra a Allemanha de hoje, é investir contra uma muralha de aço, de antemão quase invencível ante a resistência que seus homens nos oferecem, ferindo-nos mesmo, com o ferro de Cervantes, apontando nosso quixotianismo, apontando-nos erros que involuntariamente praticamos. Porque não deixamos isso nas mãos de Deus? Deus todo poderoso vive ainda e não morre nunca. Sabemos que Elle nos conheceu, mesmo, antes de nascermos e que não nos cabe um cabelo sem a sua vontade.

Acredito que Deus nos deu estas três sciências, que se fundem numa só philosophia, que são a philosophia Médica, Política e Cristã e que tudo, como bem diz o padre Christiano Lahr, começa pelo homem indo terminar na suprema perfeição de Deus. A vontade de um povo e a vontade de Deus, e se este povo seja elle qual fôr, seguir caminho errado Deus há de saber reconduzil-o para aquele que é o da sua vontade por intermédio de seus Servos Terrestres.

O meu ideal em prol de minha terra natal, o Brasil, é Deus, pátria e família, enquadrado no integralismo, mas se o povo quer a democracia julgo fazer mal opôr-me a soberana vontade do povo, o povo é que traça o seu caminho, repito.¹⁸⁹,¹⁹⁰

¹⁸⁸ Carta 2, p.5.

¹⁸⁹ Carta 2, final, p.6.

¹⁹⁰ Dom João Becker apoiou o Governo Getúlio Vargas, tendo como um de seus interesses retomar o poder que a Igreja Católica havia perdido com a proclamação da República no Brasil. A década de 30 permitirá à Igreja, no país, redefinir sua inserção na sociedade civil e sua articulação com as classes emergentes e com os novos donos do poder. Desta redefinição fará parte um crescente enfrentamento ideológico com o integralismo, bem como com o socialismo e com o corporativismo estatal na disputa pela conquista da classe média e das classes populares respectivamente. Assim é bastante pertinente que TR escreva ao Arcebispo, pois vê neste uma autoridade que, além de ser capaz de compreender seus problemas, também está inserido num jogo de disputas de um regime totalitário.

Na terceira missiva, o fio condutor de toda sua correspondência aparece já no primeiro parágrafo. É seu rancor e seu ódio, misturados a um sentimento de amor – “um amor em oxímoro” – cultivado pelo padre de sua juventude, que dão o tom de sua projeção¹⁹¹ ao expoente máximo da Igreja em seu meio: o Arcebispo Metropolitano.

Ela foi escrita com tinta vermelha, e até este detalhe não escapa desta mente inquieta e sofrida do escritor. Dizendo que a custo ele “rema as idéias”, expressa toda a paixão que a cor vermelha simboliza: “Quiz o destino que fosse comprada esta tinta encarnada, de um louco mais certo que vós. Quiz o destino que o ódio e o “amôr” que vos tenho fosse escripto com tinta vermelha, exprimindo mais forte ainda a “dor” do ódio e da “paixão”. Apaixonado por vós, vos odeio, porque pregais na igreja o cúmulo da imperfeição- perfeita.”¹⁹²

TR começa a destilar este seu ódio pelo acontecimento do seu passado, que o preenche de culpas, deixando projetado, neste primeiro momento, na autoridade maior da Igreja e também nos “guardas e guardados”, companheiros de hospício, que não lhe deram tinta e papel para escrever. Ele pensava em seus escritos como um meio de lançar a “paz universal”, como diz; só escrevendo, sentir-se-ia livre, livre do pecado, de sua “vergonha”. Ele precisava de paz, assim como o mundo naquele momento, atormentado pela Guerra Civil espanhola e ameaçado diante de

¹⁹¹ Projeção é um conceito psicológico, que se adequa muito bem ao que se demonstra aqui. É uma espécie de “mecanismo” psíquico, involuntário e inconsciente, onde o sujeito projeta para fora (em pessoas ou situações) características pertencentes a si mesmo, ou a outrem, sem noção de que está fazendo isto. Uma definição mais acurada é a seguinte: “Projeção significa transferir para o objeto um processo subjetivo. A projeção é portanto um processo de dissimilação em que é tirado do sujeito um conteúdo subjetivo e incorporado de certa forma ao objeto. Pela projeção, o sujeito se livra de conteúdos penosos e incompatíveis, mas também de valores positivos que, por qualquer motivo, como, por exemplo, a auto-subestima, são inacessíveis a ele”. Jung, C.G. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991. p.436.

¹⁹² Carta 3, p.7.

outros totalitarismos...¹⁹³

É bem possível que todas estas missivas servissem de “pedido de socorro”, qual bilhete em garrafa de naufrago, pois ele estava numa instituição que se diz “promotora de cura e saúde”. É comum que as pessoas que sejam internadas, mesmo à revelia e a contragosto, acabem por ver, no saber institucionalizado, seu meio de cura, ou uma certa segurança por estarem sendo cuidados e ouvidos, enfim, tratados. É o que testemunham suas palavras da missiva 6, quando diz a VM que suas ásperas palavras possuem o fim de tingir a Ação catholica, “ attestando o meu estado de hyper-excitação nervosa, que claramente transparece naqueles versinhos rudes, pelo facto de reviver dias amargos e estar actualmente adoentado e em tratamento achando-me sob o açoite da medicina que desequilibra para equilibrar.”¹⁹⁴

Esta noção que ele apresenta sobre a Medicina, que usa seu chicote para equilibrar desequilibrando, representa sua sensibilidade do momento, em que ele se sente, provavelmente, “surtando”, perdendo o controle de suas emoções, escrevendo tudo o que lhe vêm à mente, para depois re-organizar seus pensamentos, como se vê nas cartas posteriores à confissão (cartas 4 e 5).

¹⁹³ “Vós, meus guardas e guardados, negando-me uma tinta e papel, arrastais o povo à revolução e à guerra. Vós meus guardas- guardados, arrastais a humanidade à hecatombe universal. **E negastes-me a tinta e o papel para “escrever”, para lançar, “talvez”, pela centésima vez a pedra fundamental da paz universal.** Vós meu caro theólogo ateu, acreditais que a paz universal é abstracta e que reside no eu, na paz pessoal. Desesperastes de Deus, porque não resolveis rezando, ajuda-me a crêr, mas eu, o autor destas honradas linhas rezou. Quiz o destino que o autor desta, tenha que destapar toda vossa (da igreja) vergonha. Porque não quizeste ouvir vou destapar “a tua vergonha”, diz Elle no Apocalypse de São João”. Os grifos são meus. Carta 3, p.7.

¹⁹⁴ Carta 6, p.27.

TR utilizou-se do meio escrito para ser “ouvido”; ele acalenta, neste gesto epistolar, uma esperança, ou mais que esperança, uma fé – quase a mesma função que as “confissões” religiosas exerciam nas igrejas e credos. Ele não desanima, nesta sua “missão”, provavelmente “auto-imposta”, nem mesmo quando “a todo instante sou interrompido por loucos que, ora me pedem cigarros, ora fogo, ora a penna”, pois ao escrever encostado a uma latrina e de cigarro na boca, ele prega a palavra de Deus, mesmo “transformando o púlpito da igreja em latrina”.

E assim, ele não tem medo de errar, ele prepara sua confissão, porque quem o está inspirando é “Elle, o Altíssimo,...que é tão bondoso, vendo que eu estava cansado de estar em pé (veja o que faz a fé) deu-me uma mesa e cadeira p/ nela, sentado sobre a cadeira, sobre a mesa escrever, neste mármore frio gravo a palavra de Deus.”¹⁹⁵

É na continuação desta, que ele exprime em palavras simbólicas, ainda projetadas no processo coletivo da Igreja, sua culpa. Ele diz que os crimes sexuais cometidos dentro do claustro gritam aos céus... e que estes se irmanam a crimes espirituais – como que querendo dizer que sua alma, ou seu espírito – metáfora de psique – sofrem com aquilo que ele fez no passado.

Ao mesmo tempo, é na passagem seguinte que ele mistura imagem mitológica e individualidade, ao referir-se às imagens simbólicas do Apocalipse de São João, identificando –se com a águia, um ser perverso:

¹⁹⁵ Carta 3, p.8.

E Christo continuando...Vê...estes quatro animaes de que fala S. João no Apocalypse são: o que tem a figura de uma féra é Stalin, o credo vermelho...o que tem a figura de uma novilha é Hitler e Mussolini, o nazismo e o facismo...o que tem a figura de homem é o Papa, a igreja...o que tem a figura de uma águia voando, é o autor destas linhas, um perverso que, eu teu Jesus converteu, a quem Deus, meu Pae celeste, deu a magia das palavras e, este mísero ser humano teve a infinita graça de ser o construtor da paz Universal. Vê filho...a mulher que se debateu em dôres de parto, dando à luz uma creança que é a Hespanha e, para maior consolidação da verdade está viva também...é Lúcia Regina, uma grande poetiza quem à luz esta creança, torturada pela dôr desesperadora do parto espiritual, sentiu em seu coração toda dôr e horror de Hespanha martyrizada.¹⁹⁶

Um outro “recurso” estilístico, ou simbólico, que TR utiliza para introduzir esta questão sexual que tanto o atormenta – e ao mesmo tempo expressar sua sensibilidade frente a um outro “triste ente” internado no Hospício – , é a identificação com o poeta Boccage, o “poeta dos poetas a quem se nega a imortalidade”. “Neste ente infeliz vejo Boccage imortalizado, profere uma infinidade de palavras imoraes este ser disforme que lhe ensinaram. Hoje completo a obra do médico que no Rio ou em S. Paulo lançou a pedra fundamental da co-educação sexual e, ao autofundador seu aqui agradeço.”¹⁹⁷

Como um poeta, ele escreve um “versinho” que será, pela análise das missivas, a introdução da carta que ele mesmo chamou de “A confissão”. A imagem de Boccage, o poeta erótico, está presente de uma forma forte e sensível, em ambas cartas – 3 e 4, além de colocada, com muita propriedade, nas palavras dos versos que finalizam a missiva, escritas “de sopetão”:

¹⁹⁶ Carta 3, pp.7-8. Os grifos são meus.

¹⁹⁷ Carta 3, p.11.

...

Ao deparar c/ o segundo pseudo-Bocage
 não pude deixar de proferir de sopetão
 o seguinte versinho,
 porque também eu Bocage sou:
 Pobre Judas Bocage
 Da humanidade escarro
 Guardei p/ ti
 O meu último cigarro...

Para que dizer mais...
 Tanta beleza e tanta desgraça
 Vai no cigarro e na cachaça...

Finalizo e não chegou ao fim
 Porque este canto não partiu de mim
 Mas sim de mão que ama e amou
 E cuja mão o Altíssimo inspirou
 Sou pobre de espírito e quasi fracasso
 Ante a matéria de Deus não me ergue o braço ¹⁹⁸

Para além destes mitos da consciência coletiva, se uma análise pode ser feita pela "via do inconsciente", percebe-se que o próximo "passo" de TR será vincular-se (identificar-se) a Deus, como fica claro em suas fantasias da quarta carta. Este seria o "último recurso" ante a falência total de seu ego, entrando em psicose. Ter, portanto, escrito a Dom João Becker, pode significar o passo intermediário: entre os mortais e Deus, existem os padres, neste caso, "o padre dos padres" que é o Arcebispo: "saudo-vos como paladino da paz do Brasil e faço uma prece a Deus, ao findar esta, que Deus vos dê ainda muitos annos de vida e a nós vosso fecundo governo espiritual". ¹⁹⁹

A carta escrita em alemão é endereçada a Hitler e nela consta uma confissão de fatos acontecidos a ele no passado: foi seduzido por um padre da igreja. Existem duas versões desta carta, já mencionado, como se uma (carta 5) fosse o rascunho e a outra aquela que deveria ser enviada (carta 4).

¹⁹⁸ Carta 3, p.12.

¹⁹⁹ Carta 2, p. 6.

Na primeira consta a confissão, na segunda não. Chegou-se a esta conclusão, pois a quarta carta está escrita em português até o final, onde então aparece o trecho alemão – somente sem as frases que fazem o ato confessional – , exatamente igual ao outro trecho alemão, o qual está isolado em um outro pedaço de papel. Comparando com as outras cartas, em português, encontra-se nestas, em alemão, conteúdos que vão além, em termos de subjetividade, deixando uma pergunta no ar: por que exatamente esta, e somente esta, foi escrita em alemão? ²⁰⁰

Assim, a carta 4 ("A confissão") tornou-se a mais importante, num primeiro momento – ainda na dissertação de mestrado, na medida em que retrata, através do imaginário do doente, os conteúdos psicológicos que o afligem. O simbolismo que nesta aparece – e é aquela que tem o "tom" mais "delirante" –, tanto aqueles referentes a conteúdos pessoais como àqueles arquetípicos, revelam, aos poucos, toda a "trama" que sua vida teceu, até desembocar na "loucura", na sua dissociação psíquica. Como se fosse um filme passando diante de nossos olhos, aponta para a dualidade de sentimentos, para um drama não compreendido de um homem que manteve relações íntimas com um padre, a quem ele possivelmente amou e odiou... Esta carta apresenta a história psicológica de TR, história esta que faz a síntese entre a história pessoal e a história coletiva. ²⁰¹

²⁰⁰ Ver Carta 4, pp.22 e 23 e compará-la com carta 5, pp. 24 e 25. Na página 25 está o trecho da carta, em itálico, que não aparece na parte em alemão da carta 4.

²⁰¹ É necessário colocar-se, aqui, que esta carta foi a única exaustivamente interpretada na dissertação de mestrado, sendo na tese, portanto, apenas apresentada em seus aspectos básicos e já com as conclusões apreendidas e assimiladas da primeira pesquisa. Ver capítulo 3, seção 3.1 "as chinellas para Hitler", pp 168-177, da dissertação de mestrado.

Em muitos casos psiquiátricos, o doente tem uma história que não é contada e que, em geral, ninguém conhece. Para mim, a verdadeira terapia só começa depois de examinada a história pessoal. Esta representa o segredo do paciente, segredo que o desesperou. Ao mesmo tempo, encerra a chave do tratamento. É, pois, indispensável que o médico saiba descobri-la. Ele deve propor perguntas que digam respeito ao homem em sua totalidade e não limitar-se apenas aos sintomas. Na maioria dos casos, não é suficiente explorar o material consciente...²⁰²

TR, ao colocar um título em sua missiva, acaba por não endereçá-la formalmente, porém inicia dizendo “Vê lá Vianna vou-te contar um sonho violeta/de ódio de ironia/de escárneo e amor/baseado na mais linda flor/ a santa Teresinha/ ...”. É novamente Vianna Moog quem recebe sua confissão. Estes versos de TR-Bocage, que preencheram seis folhas de papel-almaço, sem uma só rasura, escritos em azul, vão contar um sonho que ele teve, cujo personagem principal é Risadinha, um craque de futebol, envolvido numa partida estranha... Onde Cristo lhe dá um brinquedo, que está confortável a seus pés, e são dois tinteiros e pena para escrever.²⁰³

O missivista poeta, em seu sonho violeta, dá um chute no tinteiro, sua bola de craque, que vai parar no céu, um “tiro para a lua” – correspondendo, metaforicamente, ao fato de sentir-se livre, “nos céus”, quando está escrevendo. Sua ligação com o ato de escrever é tão intensa que ele o evoca a todo momento, como em seus versos que vão preparando a finalização da extensa carta... Suas palavras têm força emocional, pois elas são sentimentos que transformam lava de vulcão em cimento

E se não me passa Hespanha pela mente
Derramando sangue irmão na luta ingente
Tornava-se um livro esta que o destino teve ser carta
e em mim tudo ainda escreve
Quer irromper um vulcão de Sentimentos
Mas deixo da penna e tinta das palavras cimentos²⁰⁴

²⁰² Jung, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.44.

²⁰³ Ver maiores detalhes sobre a interpretação desta imagem à página 169 da dissertação de mestrado.

²⁰⁴ Carta 4, p.19.

Mas ao mesmo tempo, ele diz “estou à procura de um padre cura”, alusão provável a sua necessidade de confessar e redimir seu pecado, da forma ‘tradicional’, e não pela escrita ou pela medicina. No final da carta ele volta a dizer a VM: “Ando Seboso e tenho vontade de sahir quando vão me tirar daqui? Creio que já tem confiança bastante em mim e os bensedores não farão nada a mim. Vou metter uma carta pedindo um padre para me confessar, etc.”²⁰⁵

Caberia a Hitler ser o interlocutor de sua confissão derradeira. No “segundo tempo” do jogo de futebol aludido no sonho²⁰⁶, o jogador foi dormir, mas “esta noite quando no leito pra lá e pra cá me reboleava/ Therezinha a santa me fallava “Ainda não tens a rosinha que te prometti/ e para conquistal-a conta mais/ que conta também minhas dores meus ais/ porque queres tu Adolpinho/ tirar o padre deste guryzinho?.../ Lembrei-me então quem será Hespanha? Que em luta cannibalesca quer devorar o padre esta besta. Não...disse a santa brandamente este homem é teu/ Hitler já tem o delle o comunista/ queres o padre e faminta gana avarista?/”.

A Santa pede que ele conte mais, mas ele tem medo e expressa isto ao dizer que teme perder seu objeto de amor e ódio para Hitler – “porque queres tu Adolpinho/ tirar o padre deste guryzinho?”.²⁰⁷

²⁰⁵ Carta 4, p.23

²⁰⁶ A metáfora de futebol significa algo importante na psique masculina; é uma espécie de "iniciação" do homem em seu meio social masculino. No sonho de TR, o futebol confunde-se com artilharia de exército, outro local preferencial de homens.

²⁰⁷ A página 16 desta carta parece ser, antes da confissão em alemão propriamente dita, a mais importante para resgatar esta sua história com o padre, no passado. Conta que é ele que tem que beber todo o sangue, pois seu pai ficou quase na ruína financeira por causa “deles” (dos padres), dando a entender que este sabia, de certa forma, o que se passava, e deve ter sido “chantageado”, pois dava dinheiro aos padres, “a dôr se me adunca n’alma. Elles viravam mercado a igreja, com salmos vendiam cadeiras no céu”. Também interpreta-se que o padre o perseguia, e pela terceira vez “pregando o tijolo na testa” – lembrando os “tijollaços” de Chateaubriand. Mas agora, ele estava vingando-se, “sou eu quem o ferro te empurra”, o que pode ser metáfora tanto de vingança como da própria relação sexual. É o que se depreende da seguinte passagem, que merece, aqui, ser colocada na íntegra: “Ês tu T. que tens que lhe beber todo sangue/ tudo te dou para ti para outro nada mais tenho/ e agora aplica-lhe mais ainda o lenho/ Conta que teu pai quasi arruinado quis (por causa delles) se agarrar ao contrabando como te agarraste ao humanitário doutor/ soffreu grave prejuízo/ mas não fazia o mínimo sigo/ que é que lhe fazia este mal/ não julgava que era o “irmão” padre infernal/ feixou depois a fabriquinha/ e dedicou-se ao sabão/ para vêr se por ti e por elle ganhava o

O conteúdo da carta em alemão torna-se, após toda esta “introdução” de seu problema, fundamental para o entendimento mais completo daquilo que o faz sofrer. O padre copula quando quer, diz ele. “Isto eu quero ter, mais nada. Pena que a história já acabou”, dando a entender que tinha um envolvimento dele, voluntário, talvez enchendo-o de culpa por ter gostado daquilo que se passou. E, “censurada” numa das cartas (4), aparece explícito na outra (5) a seguinte passagem “Excelência, poderia me perdoar? Os padres me seduziram, o que eu poderia fazer? Se na última hora deus tivesse dito não faz isso tu estás no caminho falso”. Pede, em seguida, um confessor, dizendo que confesará tudo, mas que, por ter medo, talvez o faça por escrito – e que talvez assim fosse melhor, pois a Igreja teria registros para “esmagar os seus inimigos”.

Existem outros detalhes, além do excerto confessional, nestas duas cartas em alemão, que merecem um certo olhar. Ambas estão datadas, sendo a quinta carta com data de 27 de junho, portanto escrita um dia após a anterior, a qual está anexada à carta em português para Vianna Moog, devendo este entregar aquela em alemão para Hitler.

Ao finalizar a quarta carta, de 26 de junho, ele coloca um “PS”, solicitando que peçam desculpas a Adolph Hitler, por ter lhe furtado o padre. Em seguida diz que vai lhe mandar uma chinela estrambólica, roubada de um italiano interno do hospício, que a fez de galhinhos de sinamomo. E enviará junto, “uma dedicatória como segue” – esta dedicatória é a carta em alemão já referida.

pão na cidade vender ias/ dias quentes ou frios quasi todos dias/ Mas eis que mesmo te cuidando/ o padre sempre te andava espionando/ um dia num pequenino armazem na rua Pereira Franco/ encontrei um velhinho que vendia “contrabando”/ e por dizeres somente ao jovem innocente/ que o livro fruto prohibido não faz mal a gente/ bastou para que como a morte em cada mortal/ te corria a humana besta o padre infernal/ e se isso não é verdade/ que o diga então o povo da cidade/ Novamente e pela terceira vez o padre a grande hiena o tigre/ te pregou o tijolo na testa/ Aqui te tenho padre cura/ sou eu!!! Quem o ferro te empurra. – Que queres mais minha santa?”. Vale ainda ressaltar que ele explicita, nos versos seguintes, o nome do “padre covardão”, que neste momento ele odeia, e é Benjamim Aragão – até rimou ! Carta 4, p.17.

Esta parte em alemão da carta 4, que termina com a frase “Pena que a história já acabou”, ele assina como “seu pequeno amigo”, o “Truxa”. Depois coloca “A chinella irá e terá a benção do papa, mas é a minha que vae. O resto entrego a ti Vianna e a vos todos, creio, para maior brilhantismo da cerimonia arranjar uma pseudo-revolta e depois envia uma cópia desta que por falta de papel não pude tirar.”

Porém, esta cópia foi feita, no dia seguinte (carta 5), com o acréscimo da parte mencionada, mais “confessional”, e assinada como “seu Alegre amigo”. O “PS” desta, que na outra em alemão não havia, é “Excelen, queira me desculpar por ter-lhe enviado este papel. Em mim urge uma necessidade interior”.

O pacto epistolar, na escrita auto-referencial de TR, explicita-se no fato de ele fazer a confissão de seu “crime sexual”, de sua “perversidade”, nas cartas, pois ele confiou a “outros” (Vianna Moog e Hitler) uma profusão de informações e sentimentos íntimos, exercitando, neste ato, a capacidade de estreitar seus vínculos com estes indivíduos.²⁰⁸

Além de reverenciar VM como amigo e confessor e exaltar Hitler como aquele que poderia vingá-lo, ele revela que nele “urge a necessidade interior”, selando assim, um pacto profundo com quem o “escuta”. Após a confissão completa, ele assina como “seu feliz amigo”, que antes, era somente “pequeno”. A “inferioridade moral” que causa um segredo foi ultrapassada.

Não se questiona, portanto, a ruptura – involuntária – deste pacto, devido às missivas não terem sido enviadas e recebidas por seus destinatários. Sua função, para ele mesmo, foi mantida:

²⁰⁸ Gomes, Angela de Castro, op. Cit., p.19.

a confissão realizada – por meio desta vasta escrita – pareceu ter um efeito saudável sobre sua estrutura psíquica.

Questiona-se, sim, a atitude – e mais ainda, a visão de mundo – de quem retinha estas cartas, gesto este fazendo parte ou não de uma norma institucional, pois é possível que o que muitas – não todas! – vertentes da disciplina psiquiátrica ainda enxergassem nestes escritos ordinários, neste tempo, fossem sinais de doença, seja pela grafia, pelas rasuras, tipo de escrita e “idéias delirantes”, uma vez que seu diagnóstico – parafrenia – acusava-o de ter delírios, principalmente persecutórios.²⁰⁹

As cartas seguintes, como já se disse, são escritas de forma mais “racional”, menos simbólica, pelo menos não com esta profusão de metáforas. Na próxima da numeração (6), endereçada novamente a seu usual interlocutor, VM, ele, ironicamente, “ensaia” uma espécie de perdão ao padre Benjemim Aragão, pois soube que ele se casou, e portanto presentemente está fora de ser alvejado por aquela “manifestação de desagrado”. “Agora que sei que o mesmo se redimiou dos erros praticados quando expoente da Ação Catholica contra a qual dirijo aquela minha carta, só me resta uma cousa a fazer: é felicitarl-o pela acertada resolução desejando-lhe a maior ventura para o futuro, que sejam de tranquilla prosperidade os annos que lhe foram destinados carregar a doce “canga” do matrimonio ao pescoço.”²¹⁰

Sua sensibilidade está exaltada, ainda, porém expressando um certo arrependimento. É nesta missiva que ele, após toda a “catarse” realizada pela confissão, admite que as ásperas

²⁰⁹ A discussão sobre a “clínica da escritura” será feita na próxima seção. Interessa, aqui, prestar atenção nos conteúdos das missivas, tentando desvendar seus símbolos e temáticas.

²¹⁰ Carta 6, p.27. Esta carta, embora não seja datada, foi colocada imediatamente após a quinta, pois no “PS” ele pergunta a VM se a “chinella foi” [entregue].

expressões por ele usadas atestam seu estado de “hyper-excitação nervosa”. Ele articula sua doença a uma questão de hipersensibilidade ao excesso de trabalho.

Citando um caso acontecido com uma moça que conheceu, e que tocava violino talentosamente, compara-se a ela. Por ela não ter a necessária distração, ou melhor “um auxílio que enrijecesse o seu sistema sensitivo dando-lhe a necessária resistência que, no caso, tornava-se indispensável, e sobreveio a bancarrota física. Assim aconteceu a mim, e acontece muito neste grato planeta.”.

A missiva posterior escolhe um novo interlocutor, o general Flores da Cunha, governador do Estado, com o intuito de lhe apontar os erros políticos do clero, “que por intermédio de sua ingênua mas nefasta acção arruina indivíduos e leva à divergência toda uma nação e conforme atesta a história, desde remotos tempos, o mundo inteiro.”. Aqui, volta a projetar sua problemática, em todo o Clero católico, porém de uma forma diferente, dentro de um padrão de escrita mais “racional”, elencando fatos de sua vida pessoal e familiar, até desembocar nos conteúdos da carta 11, já mencionados.

“Aqui no hospital, (...) creem que sou maníaco”, revela TR ao governador, apresentando-se a este como “vosso humilde e obscuro soldado, que já na revolução de trinta marchou nas fileiras do exército da liberdade”²¹¹. Seria um caso clássico de paranóia e delírios de grandeza, devem ter pensado os psiquiatras que o examinaram até o final da internação, e que leram (?) até a sua última carta, pois escreveram “alta sem cura”.

²¹¹ Carta 7, p.29.

Porém, o mapeamento, mais completo possível, deste imaginário e a compreensão do que significam os símbolos que surgiram em seus escritos, nesta vida em particular, poderiam conduzir a uma outra abordagem, tanto na forma de tratamento, como na forma de entendimento de uma história humana? Não seria a história pessoal os fatos históricos sobre os quais deveria debruçar-se a interpretação e o entendimento de uma personalidade em “estado de desequilíbrio”?

TR gritava por socorro e parece que ninguém o escutava. Resolveu, assim, escrever. Quem mais poderia acreditar nele? Restava aos médicos identificarem “mania de grandeza” em alguém que, desde dentro de um hospício, resolvesse escrever, ao dirigente do Estado, ao Arcebispo, a redatores de jornais, a quem quer que fosse mais conhecido e “importante” que ele, tamanhas idéias “sem nexos”.

De Judas, que traiu o padre confessando seu pecado, ele passa a ser Dom Quixote, na carta 8, escrita ao redator chefe do Correio Paulistano, lutando contra os moinhos imaginários de sua dor – que não encontrava conforto onde quer que fosse. Para o governador, ele apontou erros graves do Clero. Para este jornalista, ele disse que sua vida foi completamente desastrosa “por três vezes” por perseguições de ordem religiosa.

A Aristides Milão, seu correspondente da nona carta²¹², o missivista diz

²¹² TR leu um artigo de jornal intitulado “Carta a um amigo”, escrito por este homem, e então, nesta missiva, resolve responder o artigo, achando que o caso que o jornalista conta refere-se a ele.

Sou antes de tudo mesmo que não pareça, um bom christão e o desespero de Freud e Schopenhauer, pessimismos, já tive, mas soube querer e Deus deu-me um lar feliz para um completo equilíbrio. Tenho nas mãos de meu amigo Vianna Moog um relato de minha vida, muito perseguido, depois de casado, pelo catholicismo do qual sou declarado adversário, tanto que accuso-o de perturbador da ordem publica e indireto provocador das revoluções e guerras de já Napoleão os accusava. Estes semi loucos disseminadores das maiores misérias, das quaes nem todas as obras de piedade praticadas não os redime, praticam os maiores desatinos por intermedio da Acção Catholica da qual sou uma victima assim como toda a humanidade, a quem dão a ilusão de uma fé errada de quem são as próprias innocentes mas ferozes victimas. Basta dizer-vos que Hitler neste sentido tem como seu maior aliado a Mussolini e a história desde a inquisição ao nosso tempo a qual juntará a história de minha vida destes ultimos annos. Se quizerdes vos alistar catholico ou não à nossa acção contra a inquisição contemporanea, sois meu amigo, se não, estes, asseguro-vos, não nos faltam e hoje marchamos triumphantes para a victoria certa e infallível.²¹³

Assim, TR, que aproveita esta carta para passar a limpo mais um pouco de sua vida – sua formação escolar, filosófica e amorosa, o episódio da osteomielite, que contraiu devido a um jogo de futebol, acreditando piamente que seu interlocutor tinha “um retrato psicológico imperfeito” de sua pessoa – termina-a com a temática que lhe é cara, qual seja, sua adversidade pelo catholicismo e pelos padres – estes “semi loucos, perturbadores da ordem pública, que praticam os maiores desatinos”. Porém, ao finalizar o “PS”, ele pergunta, referindo-se a si-mesmo: “Gostaria ouvir vossa valiosa opinião, se a relação de vida daquele moço, que conheceis não precisará de um attestado de fé pública? Elle é forte, mas não é “santo”, é tão somente um pae de família, que ama muito esposa e filho.”

Como compreender de uma forma mais humana os escritos de quem está passando por uma internação psiquiátrica? Mostra a experiência que a sensibilidade de cada um sobre a loucura e seus meandros, são registradas muitas vezes por pacientes, seja em trabalhos plásticos, realizados nos hospitais, seja em escritos pessoais, porém são poucos aqueles profissionais que se debruçam sobre estes dados para tentar ajudá-los, no sentido de ter uma compreensão da história pessoal, vendo aí imagens sensíveis de suas almas.

²¹³ Carta 9, p.36.

TR, à semelhança de Lima Barreto e o personagem Fileto, com os quais se ocuparão os próximos capítulos, utiliza a expressão “alma escaldada”, para caracterizar sua “psicologia”, que foi um “tanto sacrificada”, desde a adolescência.²¹⁴ Também revela, como estes, um “auto-retrato” não muito fidedigno, no que se refere à sua inteligência, pois “Se dissesse que fui bom aluno mentiria, posso até qualificar a minha intteligencia, até hoje ainda, de um tanto vagarosa, digerindo tudo que diz respeito a estudos e sciencias com certa lentidão”. Mas ao mesmo tempo, no quesito “memória”, “falando com toda sinceridade e sem falsa modéstia ou vaidade (que) tenho boa memória, aquillo que digeri, não esqueço tão facilmente.”²¹⁵

Quanto a suas leituras, que no início mencionou-se como algo relevante em sua vida, além dos jornais mencionados em profusão por ele mesmo, pode-se elencar uma lista grande de autores que passeiam pela prosa ou pelos versos de suas missivas²¹⁶. Certamente não se pode comprovar que TR tenha lido a todos, ou se os leu, não se sabe com qual profundidade os compreendeu. Mas, assim como não se pode dizer que ele tenha sido amigo de Vianna Moog na realidade, e mesmo assim este exerceu um papel importantíssimo em sua vida, sua relação com estes autores pode ser encarada da mesma forma. Eles tiveram certa influência em seus pensamentos, em sua forma de entender o mundo, e, principalmente, devem ter influenciado muitos de seus escritos, que se sabe, não começaram no hospital e não devem ter parado por aí.

É certo que sua temática tem muito daqueles conteúdos que a maioria dos psiquiatras, desde o século XIX, supõem ser os assuntos preferenciais dos delírios dos doentes mentais. Mas

²¹⁴ “Não sou hoje um heroe, que vende saúde como os há que podem se submeter as maiores estravagancias sem soffrer em consequencia grandes dannos, porque fui um tanto sacrificado na minha adolescencia pelo trabalho duro na padaria de propriedade de meu pae, e mais tarde pela verdadeira fome de diversões, como sejam bailes e outras do mesmo genero”. Carta 9, p.33.

²¹⁵ Carta 9, p.33.

²¹⁶ Entre eles, cita-se Vianna Moog, Miguel de Cervantes, Assis Chateaubriand, Boccage, Goethe, Schiller, Kant, Freud, Schopenhauer, além de citar a Bíblia e alguns outros jornalistas menos conhecidos.

quando ele escreve os textos das cartas 10 e 11, sobre a avareza e “meditações e previsões sobre o futuro”, respectivamente, falando sobre igualdade, liberdade, justiça social²¹⁷, analisando a terra brasileira com uma acuidade digna de quem realmente pensa seus problemas, é difícil não ver em TR um homem sensível, inteligente, perspicaz e crítico.

Embora, como já foi mencionado, não se julgue seus pontos de vista, como certos ou errados, ou estando de acordo com os nossos, mas muito simplesmente dando-se, mais uma vez, a palavra às suas palavras, o pequeno excerto de sua décima carta apresenta um exemplo claro do que se quer mostrar:

²¹⁷ “Enquanto uns famintos de riqueza e bem estar acumulam fortunas, pouco se importando da sorte de seu próximo, o braço forte, o operário, o camponez, outros curtem em suas entranhas e acumulam um arsenal de desprezo e ódio aos que deshumanamente os exploram e que sabem tão bem construir faixas de cimento para deslizar com seu luxuoso limousine, descuidando por completo, de dar uma melhoria que fosse às estradas de rodagem, que em determinadas épocas do ano dificultam e até impedem o transporte de mercadorias.” Mais adiante, na mesma missiva ele escreve: “Mas a avareza não se manifesta somente na classe abastada e sim adunca suas garras no coração de cada indivíduo sob as mais “comezinhos” manifestações psicológicas. Um exemplo simples e claro tenho observado neste hospital cujas operárias (enfermeiras) estão pleiteando o reajustamento. Estes fazem o mesmo que faz o ricoço, pouco se importam, na maioria de seus camaradas menos favorecidos da sorte. Sei que neste hospital há um chefe de família que no mês passado ganhou um salário que lhe dá uma diária pouco mais de 4\$000 réis por dia, que ficou no esquecimento. Mas não é somente isso e sim a luta entre os próprios, mais bem remunerados, para sobrepujar o seu semelhante é que me faz exclamar: avareza! O que se dá aqui, no exemplo acima citado dá-se em todas as classes sociais e no seio, até, de cada família e mesmo entre dois indivíduos, se bem que estes muitas vezes pela força do hábito não se apercebem de tal.” É provável que aqui ele esteja referindo-se às questões da sua própria família, que na carta seguinte ele explicita. Carta 10, p.38.

Feliz de minha pátria que não é ricaça e sim devedora dos próprios cabelos ao estrangeiro avarento e explorador que nos roubou a semente preciosa da seringueira, jogamos assim a miséria o que devia hoje ser o mais rico dos estados: o Amazonas. Feliz do Brasil que tem terra em abundância porque esta somente terá valor futuramente e adeus dívidas. Se o estrangeiro, depois de estar tudo nos eixos, nos quiser vender machinário, automóveis, aeroplanos, terá que receber em troca artigos de fauna vegetal (os próprios que nos roubou) e de nossa lavoura.

...

Como já disse o Brasil está sob qualquer ponto de vista melhor situação e com grande vantagem sobre qualquer país do mundo. Haverá quem duvide?...presentemente o que temos que fazer é auxiliar o mais possível a pobreza para evitarmos um provável desatino por parte desta e a infiltração comunista que distroe e não constroe. Constroe todo aquele que (apagada frase) tem presente de para o futuro quem pensa acumular ouro e um lucro. Ajudamo-nos pois reciprocamente, demos, a matéria a quem dela necessitar e o espírito quem dele carece.²¹⁸

Sua última carta escrita nas dependências do hospital, faltando pouco menos de quinze dias para ele estar novamente “em contato direto com os loucos lá fora”, também apresenta “imagens escritas” que deixam transparecer aquelas “marcas de sensibilidade”, inerentes a uma “mente inquieta”. O futuro, diz ele, é a coisa que mais desperta curiosidade, e é por isso que ficamos felizes quando uma cigana nos diz acertadamente nossa sorte, em troca de um “nichel”. E elas, geralmente, contam coisas boas. Mas para ele interessava saber algo do futuro de seus filhos e da humanidade, e não seu futuro individual. “As cartas das quais leio esse inconfundível e inevitável porvir são as circunstâncias, que nunca enganam de um todo.”²¹⁹

Sua curiosidade, despertada por suas meditações, fá-lo primeiramente escrever sobre a “evolução” das máquinas, mostrando seu espanto frente ao desenvolvimento destas, que “manejadas por um só indivíduo, produzem em 20 minutos 24 vezes mais que uma pessoa antigamente fazia trabalhando de sol a sol”. Preocupado com a relação capital-trabalho, diagnostica o mundo contemporâneo, “o mundo corre para frente, como cafre atacado de hydrophobia”, diz ele.

²¹⁸ Carta 10, p.39 e 40 respectivamente.

²¹⁹ Carta 11, p.41.

A partir de sua própria experiência de “pequeno industrialista fabricante de sabão para caspa”, mesclada a suas leituras do momento, TR arrisca um palpite, sobre o mundo dominado pelo capitalismo – onde “o capital, como já disse, se une e reúne e tornará a se reunir até que teremos no Brasil a completa eliminação da classe média como nos E. Unidos.”

Ele pensa e escreve: “existirá somente o operário e o grande capitalista, e até entre o primeiro existirá ainda, a concorrência individual, pois que as grandes empresas serão tantas que se estabelecerá a concorrência, como entre duas pessoas, obrigadas, de um lado pela necessidade, de outro pelo herdado egoísmo e fome ao poder, a suplantar a querer ser melhor enfim...”

As “impressões de leitura” de TR levam-no a conclusões mais distantes, pois se o mundo continuar nesta marcha a hecatombe universal é inevitável: uns devorarão aos outros, como lobos famintos...E, não podendo deixar de citar seu escritor preferido, aliás, seu amigo de todas as horas, de todas as cartas: “Vianna Moog disse: “No Brasil tudo muda, ninguém se entende e tudo vai bem!” O que se dá no Brasil dá-se com a maioria dos países.”²²⁰

Para ele, o Brasil foi um espelho, também, da ruína de sua vida. No Brasil tem de tudo, menos união, refere, e somente esta poderá salvá-lo da ruína completa. E, ampliando seu campo de visão, diz “se o Brasil se arrumar, automaticamente se arrumarão os demais países sulamericanos isso é tão lógico como um e um, são dois. As boas relações diplomáticas depois serão a fortaleza do continente sulamericano, que impedirá a invasão completa do estrangeiro, pois que a financeira é um fato que não podemos omitir.”

²²⁰ Ver a longa digressão que ele faz sobre o Brasil, às páginas 42 e 43 desta missiva.

A estas reflexões, seguem-se os assuntos pessoais, já citados anteriormente. Percebe-se uma mágoa profunda de TR em relação à sua família, por não o terem conservado em seu comércio ²²¹, por não ser compreendido por eles, por não ter interlocutores entre os seus. Ao dizer que dos filhos aquele que o pai menos gosta é dele, percebe-se uma ferida aberta, que ainda deixa entrar e sair muitos ressentimentos. Talvez por isso seja mais ‘fácil’ encontrar eco nos destinatários das missivas, seja mais fácil escrever. Seu corpo sofre ²²² e seu “psicológico” também. Ele termina sua última missiva num tom triste, parece, questionando se deveria ou não ter escrito tudo isto, e com saudades da esposa e filho – embora suas palavras, como já se viu, fossem de otimismo.

O “Versinho”, encontrado junto às cartas, neste arquivamento (in)voluntário de sua vida, resume bem a alma atormentada de TR e a importância que o amor tinha para ele, contrapondo-se à questão sexual explicitada em seu Judas-Boccage.

²²¹ Ver a passagem da carta 11, citada à página 136 desta tese.

²²² Não se deve esquecer que TR era também portador de uma enfermidade de transmissão sexual, a sífilis, a qual ele deve ter contraído em suas relações “festivas” com mulheres. A referência a seu físico doente pode ser isto.

(La vae um Judas)

O sino da igreja havia,
 Recém dado meio dia
 Sob o céu turvo cinzento
 Dum dia nebuloso, friolento

Passam, ante mim, carregando a cruz
 Qual se fosse uma visão
 As esposas de Jesus

Oh castos anjos da piedade
 Tendes na frente a luz da santidade
 Num anelo à outra vida;
 A eterna, nunca vivida
 E o sino havia
 Recém dado meio dia...
 Anunciamos aquela alma
 Que renunciou com calma
 Que inda mais pura
 Soffre toda tortura
 Da cruciante dôr
 Dum grande amôr
 E não se engana quem em Deus confia
 (Pseudônimo) Ulysses Xavier do Rego²²³

É digna de nota esta volumosa escritura durante sua internação psiquiátrica. Ele parece realmente convicto de que suas missivas seriam entregues. Embora também pareça, aos olhos de quem está de fora, que estes registros tiveram um “poder” terapêutico sobre ele, internamente.

²²³ “Cartas de hospício”, p.47. Supõe-se, pelo conteúdo, que este versinho tenha sido escrito em período próximo das cartas 4 e 5, ou até mais precisamente logo após a carta 4, pois ainda faz menção a Judas, que na carta 3 aparece como Judas Boccage, mas o conteúdo deste não sendo mais de cunho sexual e sim fala sobre um amor outro, que faz sofrer de dor. Mas como nele não há datação explícita, e também porque esta temática perpassa toda sua correspondência, optou-se em deixá-lo ao final de sua correspondência. Este “pseudônimo” aparece também no PS de outra missiva, daquela de número nove, de 13 de julho, referindo-se a um sujeito com o qual ele teria “falado ontem” sobre um suposto artigo do Sr Egydio Ih-tá-Qui, ao qual queriam responder, escolhendo o tema de Cristo pregado à cruz. Observa-se que Itaqui é o nome de uma cidade do interior gaúcho, e sabe-se que nesta época havia grande número de pacientes que vinham de todas as localidades do RGS para internação no HPSP. Supõe-se, assim, que TR pudesse utilizar-se deste recurso de nomear alguns de seus interlocutores ou “personagens” de suas cartas, com nomes relativos às suas procedências ou características de personalidade ou física mais marcantes. Vários são os nomes próprios existentes em todas as cartas, fugindo do propósito desta tese elencá-los neste momento. Salienta-se, sim, que este “expediente” utilizado por ele pode caracterizar um bom escritor, gozando dos bons “dotes” de sua criatividade.

Escrever cartas exige tempo, disciplina, reflexão e confiança. Há sempre uma razão ou razões para fazê-lo: informar, pedir, agradecer, desabafar, rememorar, consolar, estimular, comemorar, etc. A escrita de si e também a escrita epistolar podem ser (e são com frequência) entendidas como um ato terapêutico, catártico, para quem escreve e para quem lê. O ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro, ao qual quem escreve se “expõe” dando provas de sinceridade.²²⁴

Este poderia ter sido o principal papel que estas missivas tiveram na vida deste doente. Pois elas foram num crescendo de "auto- exposições", até confessar o que tinha sido seu pecado na juventude: um caso de amor e ódio, numa relação proibida com um padre. Suas outras idéias, sobre o mundo e sobre a loucura, foram engavetadas, esquecidas neste arquivo involuntário de um prontuário qualquer. Mas, este trabalho, iniciado com a dissertação de mestrado, redime, de certa forma, seu anonimato, ao dizer junto com ele: “Ah, se a gente levantasse das nuvens o véo, que paraíso, hein? ...De dois mil não passarás!”.

2.3 - Delírio ou imaginário? Modos de escrever, jeitos de sentir, maneiras de refletir: a escrita revelando sensibilidades ...

O exercício da reconstituição e interpretação das narrativas pessoais de TR descortinou um mundo de sensibilidades e descobriu, entre a poeira dos arquivos, um tesouro escondido. Como se fosse um mergulho, ler seus manuscritos lançou luzes numa profundidade desconhecida e fez emergir a singularidade de uma vida, tida como louca, nas cores das tintas e dos papéis plenos de escritos que fazem sentido...

Dar existência aos pensamentos, materialidade à palavra, tinta aos sentimentos. Talvez se pudesse chamar a correspondência “retida” de TR de “diário simbólico”, uma vez que de suas

²²⁴ Gomes, Ângela de Castro. Op. Cit., p.20.

cartas brotam imagens, símbolos, metáforas, carregadas de significados de uma vida, de uma época. Não é um trabalho fácil, este de decifrar enigmas e, certamente, apenas abriram-se algumas portas e janelas, com o intuito de “ventilar a casa”, pois muito ainda pode ser feito e rearranjado.

Falar sobre a força imagística destes escritos examinados, embora possam pertencer também ao domínio da literatura e da estética, é falar sobre um fenômeno psíquico individual, que deve ser considerado como tal. Mas é, ao mesmo tempo, por ir além do estritamente pessoal, estabelecendo relações simbólicas com conteúdos coletivos e também com o “espírito” de uma época vivida, que sua correspondência autoriza a pensar e resgatar historicamente as sensibilidades de que estas imagens estão imbuídas. Pois TR, ao pensar em si próprio, pensava o mundo, e vice-versa.

Remontando, rapidamente, à história da escrita, percebe-se que “durante os séculos, o homem ocidental escreveu com a mão dos outros”. Até o final do século XVIII e primeiros anos deste, a escritura era “transparente” e pertencia ao mundo da pintura. “A escritura, é a pintura da voz”, dizia Voltaire.²²⁵

As funções de autor e “escrevente” eram distintas, dissociadas. Assim, obra e manuscrito, discurso e sua materialidade gráfica não formavam jamais um único objeto. O pintor-escritor colocava sua obra a serviço do autor. Existiam os “copistas” como eram chamados. E, para escrever, havia de se entregar a um longo e difícil exercício, quase um “ritual”, que começava

²²⁵ Segue-se como referencial, neste momento, as idéias do historiador Philippe Artières, apresentadas em sua obra *Clinique de l'écriture – une histoire du regard médical sur l'écriture*. Le Plessis-Robinson: Institut Synthélabo pour le progrès de la connaissance, 1998. E, também, aquelas de Roger Chartier, expostas no Seminário "*Les usages du manuscrit après Guttemberg*", proferido no ano letivo 2002-2003, assistido durante estágio doutoral realizado na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* (EHESS) de Paris.

pela aprendizagem de diversas técnicas gráficas, cujo princípio central era a cópia.²²⁶ Dizia-se, por exemplo, que uma carta era bem escrita, quando possuía um “excelente estilo”.

A arte de escrever era, assim, “um exercício de submissão do corpo” e levava, de certa forma, a um “apagamento” do sujeito e de sua especificidade física e mental – não poderiam existir variações individuais. Com o advento da imprensa e da tipografia, esta escrita “sem identidade” foi assimilada a uma máquina, mas permanecendo com estas características.

Foi na segunda metade do século XIX que a escrita ordinária tornou-se um “caso de ciência”. Para Artières, a inovação destes homens novecentistas foi aquela de prestar atenção ao sinal gráfico e sua produção manual, reinventando a escritura, de tal forma que passam a identificá-la a uma prática individual, produtora de um objeto que “longe de ser uma forma pura, é uma matéria-texto de dimensões múltiplas, portadora de segredos, produzida pelo corpo humano e que pode sofrer de patologias.”²²⁷ Autor e “escrevente” passam a ser uma unidade, assim como texto e este sujeito que escreve, dando origem a uma nova figura, a escritura manuscrita.

²²⁶ “1. Commencer par avoir une plume taillé [...], 2. se placer le corps [...], 3. faire des mouvements convenables [...], 4. connaître les effets de la plume [...], 5. distingues les situations de la plume [...], 6. appliquer convenablement ces situations de plume [...], 7. écrire. Pour cet effet, il faut s’exercer longtemps à pratiquer les préceptes en grand, avant que de passer au petit; commencer par les traits les plus simples et élémentaires, et s’y arrêter jusqu’à ce qu’on les exécute très parfaitement [...]” Tradução livre da autora: “1. Começar por ter uma pluma talhada [...]. 2. ajeitar o corpo [...]. 3. Fazer os movimentos adequados [...], 4. conhecer os efeitos da pluma [...], 5. distinguir as posições da pluma [...], 6. aplicar adequadamente estas posições da pluma [...], 7. escrever. Para este efeito, é necessário praticar por muito tempo estas regras em grande escala {letras ou caracteres grandes} antes de passar à pequena {escala}; começar pelos traços mais simples e elementares e só parar quando os executar perfeitamente. Retirado do verbete “Écriture”, de *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers par une société des gens de lettres*, citado por Artières, op. Cit., p. 28.

²²⁷ Artières, op. Cit., p.29. A tradução é livre, da autora.

Passou a não existir mais, a partir daí, a “neutralidade” da escrita. Um paralelismo estreito e problemático instaurou-se progressivamente entre o patológico e a escritura. Esta deixou de ser exterior à doença e tornou-se não somente seu produto como sua metáfora. Este “jogo de espelhos”, entre o patológico e o escrito, inscreveu-se na história específica de um olhar que os homens de ciência colocaram sobre a escritura.²²⁸

Este olhar sobre a anormalidade dos escritos, foi uma experiência limitada no tempo, embora tenha influenciado muitos campos do saber: medicina legal, psiquiatria, neurologia, higiene social, antropologia – criminal – e a química. Conforme Artières, durou apenas cinquenta anos, entre 1870 e 1914, não ultrapassando o final da Primeira Guerra Mundial. Porém, a sociedade inteira foi “passada a limpo”, em seus espaços de normalização – a escola, o hospital, o asilo e a prisão. E este exame minucioso, quase exaustivo, dos membros da coletividade, principalmente dos “indivíduos perigosos”, originou uma “formidável explosão discursiva” – desde centenas de artigos da imprensa especializada, até teses, periódicos, enfim, uma vasta publicação médico-científica, que criou “facções” e escolas.²²⁹

²²⁸ O autor procurou, neste trabalho, compreender por que a escritura, “estrangeira” ao domínio médico até então, constituiu-se em objeto de verdade, associando corpo e espírito. Mostrou como esta medicalização da escritura operou-se, quais foram suas implicações e prolongamentos. Ver o capítulo inicial “L’écriture à fleur de peau”. Suas fontes foram, majoritariamente, a literatura médico-científica produzida em grande quantidade no período.

²²⁹ « Cet intérêt pluriel pour l’écriture naît d’une puissante volonté de savoir sur les aspects mêmes de l’écriture : l’écriture manuscrite, ses caractères écrits ‘noir sur blanc’, ses traits sur la page blanche sont décrits sous tous les angles ; chacune de ses irrégularités chacune de ses courbes sont regardés à la loupe : on écrit sur l’a graphie, l’écriture des gauchers, l’écriture en miroir ; on publie sur l’écriture des enfants anormaux, des alcooliques, des hystériques, des femmes, des toxicomanes, des criminels, des aliénés mais également sur celles des génies et poètes ; on va même jusqu’à constituer l’écriture en pathologie morbide dont certaines nations souffriraient plus que d’autres. » Artières, op. cit., p.24. Tradução livre da autora: "Este interesse plural pela escritura nasce de uma vontade poderosa de saber sobre os aspectos próprios da escritura: a escritura manuscrita, seus caracteres escritos "pretos sobre brancos", seus traços sobre a página branca são descritos sobre todos os ângulos; cada uma de suas irregularidades, cada uma de suas curvas são examinadas minuciosamente: escreve-se sobre a grafia, a escritura dos canhotos, a escritura em espelho; publica-se sobre a escritura das crianças anormais, dos alcoolistas, das histéricas, das mulheres, dos toxicômanos, dos criminosos, dos alienados, mas igualmente aquelas dos gênios e poetas; vai-se até o ponto mesmo de constituir, transformar, a escritura em patologia mórbida, da qual algumas nações sofreriam mais do que outras."

Embora a escrita tenha sido, desde sempre, um modo de expressão, esta nova “leitura”, considerava os “escritos” em um conjunto, mais complexo do que simplesmente olhar uma “carta redigida sobre uma folha de papel”. Representavam uma profusão de práticas escriturárias, que tinham por suporte tanto o corpo humano, como os muros de pedras, a casca de uma árvore, um pedaço de tecido ou um fragmento de papel jornal.²³⁰ E um discurso “neurológico” foi instalado sobre esta prática.

Durante a época em que este “olhar especial” era lançado sobre estes “escritos especiais”, três movimentos paralelos constituíram-se, relativos à normatização dos mesmos: 1- a descoberta problemática de três dimensões da escritura – identificar as principais características dos escritos dos desviantes (suicidas, alienados e prisioneiros), encontrar sinais indicadores do grau de normalidade do *scripteur*²³¹ na grafia dos sinais (se ele seria doente, perigoso ou genial?) e observar minuciosamente o gesto gráfico a fim de isolar as patologias próprias ao mecanismo da escritura; 2- a formação de um saber autônomo sobre a escritura, submetendo-a a toda sorte de testes “científicos”, entre eles, cronometragem e hipnotismo, a fim de distinguir os elementos e mecanismos do “ato gráfico”, isolá-los e catalogá-los; 3- prolongamentos sociais deste saber, induzindo muitas modificações na prática ordinária da escritura, por exemplo, re-ensinando a escrever nas escolas primárias, desenvolvendo a estenografia, entre outras.

²³⁰ Artières, op. cit., p.32. « L’écrit, tel qu’ils le conçoivent, n’a pas de lieu déterminé; il n’a pas non plus une forme apriorique. Il peut s’agir de quelques initiales griffonnées, de plusieurs pages consciencieusement rédigées, d’un morceau de papier couvert d’une écriture minuscule et illisible, suivant une mise en page atypique ». Idem, p.33. Tradução livre da autora: "O escrito, tal como eles o concebem, não tem lugar determinado; não há mais uma forma apriorística. Pode tratar de algumas iniciais rabiscadas {garatuja}, de muitas páginas conscienciosamente redigidas, de um pedaço de papel coberto de uma escritura minúscula e ilisível, seguindo uma 'paginação' atípica".

²³¹ Note-se o uso, pelo autor, do substantivo *scripteur*, em francês, e não *écrivain*, pois o primeiro significa “aquele que escreve” (“escrevente”, em um neologismo), qualquer coisa, simplesmente escreve, e o segundo significa “escritor literário”. No português não se tem um termo que faça a diferença, pois chama-se de escritor àqueles de ambas categorias.

Henri Legrand du Saulle (1830-1886), médico do grande hospital Salpêtière de Paris, redator dos clássicos *Annales médico-psychologiques*²³², fundador da Société de Médecine Legal e da Association Mutuelle des Médecins Aliénistes de France, foi quem sistematizou estas noções, na Psiquiatria, aprofundando suas pesquisas nos escritos dos doentes mentais, sob o prisma da medicina legal. Seus estudos, principalmente sobre a paralisia geral, o delírio de perseguição, a epilepsia e a histeria, tiveram fortes influências sobre a Medicina – e outros campos do saber – dos finais do século XIX, obtendo muitos seguidores em todo o mundo.²³³

Tendo publicado, em 1879, um estudo médico-legal sobre os testamentos contestados por causa de loucura, tinha como objetivo demonstrar – a partir do fato de que, na grande maioria dos casos, os documentos escritos provenientes dos alienados confirmavam ou traíam por eles mesmos a existência e a natureza do delírio – que um escrito perfeitamente razoável não prova jamais a completa integridade das faculdades intelectuais.

²³² Esta revista foi adquirida pelo diretor do HPSP, em 1926, para a biblioteca do hospital. Ele relata, em seu livro "auto-laudatório", " A Psiquiatria no Rio Grande do Sul", escrito em 1955, "com os meus livreiros em Paris, consegui adquirir para o hospital duas coleções preciosas, a datar da fundação: os 'Annales Médico-Psychologiques' e a 'Revue Neurologique', ficando eles encarregados de obter, com mais vagar, 'The brain' e 'The lancet', famosas revistas inglesas, e 'L'encephale'. " Godoy, Jacintho. *A Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: edição do autor, 1955, p.313.

²³³ A Psicologia experimental ganhou espaço a partir das duas últimas décadas do século XIX, sendo inúmeros os trabalhos realizados com este enfoque. Os psicólogos buscavam, já, provas científicas sobre a existência do inconsciente – “conceito” este, anteriormente, nas mãos dos filósofos, principalmente dos filósofos alemães, da Filosofia da Natureza – e, neste sentido, fizeram contribuições decisivas nos anos de 1880 a 1900, com a introdução dos enfoques experimental (introduzido por *Fechner*, em sua *Psicofísica*) e clínico (destacam-se *Pierre Janet*, com sua obra *Automatismo psicológico* de 1889 e posteriormente, em 1895 *Breuer e Freud* com seus *Estudos sobre histeria*). Mas em relação ao exame dos escritos íntimos dos “desviantes”, não se tratava, até agora, de procurar pistas sobre o que o inconsciente revelava. Primeiramente, ao invés de recolhê-los e interpretá-los, exclusivamente, eles serviram de porta de entrada para decifrar o corpo do enfermo, penetrar neste “mundo inquietante da ausência” – ausência aqui do próprio doente, pois este escondia-se por trás de seu mutismo, ou de seus delírios – e que poderia traduzir-se nos traços errados, nas rasuras, nos tipos de letras, nos sinais gráficos estereotipados e, até, nos conteúdos “delirantes”. A escrita era, assim, sintoma, e não criação, pois ela (re)produzia o gesto e a atitude desviante. Ver maiores detalhes deste momento histórico, sobre a questão do inconsciente, na virada do século XIX, em Ellenberger, Henri. *El descubrimiento del inconsciente - história y evolución de la psiquitria dinámica*. Madrid: Editorial Gredós, 1976.

A seus olhos existia um grande valor de verdade nos escritos, pois estes faziam o médico penetrar no cérebro doente, permitindo que constataste naqueles, em suas formas e conteúdos, frases mal ligadas entre si, textos prolixos, dúvidas em matéria de fé religiosa ou de fidelidade conjugal, sentimentos afetivos suspeitos, crenças absurdas, esperanças desarrazoadas e até premeditações criminais, passando por idéias persecutórias.

Ele isolou uma série de parâmetros para proceder cientificamente ao exame do escrito, digno, atualmente, de tratados de crítica literária. Legrand du Saulle classificou estes elementos presentes na escritura em três conjuntos: a prática da escritura específica à doença, a caracterização de um estilo próprio aos escritores que sofrem de um mesmo mal, e a conformidade às regras de escritura, cujas infrações recorrentes denotavam doença. Estas características, todas, tinham especificidades em cada uma das doenças mentais estudadas por ele – além daquelas já citadas, também a mania, a melancolia, a monomania ou delírio parcial, a perseguição, e a demência.^{234, 235}

Ele salienta, ainda, que, para se fazer uma idéia clara do valor do escrito para a patologia que o doente sofre, é necessário que se esteja bem informado sobre os hábitos normais, as

²³⁴ Ver, para maiores detalhes sobre o pioneirismo de Legrand du Salle, na obra citada de Philippe Artières, “*Les écrits des aliénés*”, às pp. 40 a 49. Ver também a semelhança com estudos de Césaire Lombroso, sobre antropologia criminal, às pp 69-75.; estas questões são ainda resgatadas por Pesavento, Sandra. *Visões de cárcere*. CDROM. Porto Alegre, Jeweb editora digital, 2002.

²³⁵ Estas doenças eram as mais comumente diagnosticadas nas duas últimas décadas do século XIX, até meados da década de 1920, na Europa. Já aqui no Brasil, e especialmente em Porto Alegre, elas continuavam a ser diagnosticadas até meados da década de 1940, conforme mostrou a pesquisa de mestrado realizada em prontuários do HPSP, a despeito da existência de outra(s) classificação(ões) de doenças, já utilizadas na Europa e Estados Unidos, proveniente(s) da psicanálise de Freud e da teoria de outros psiquiatras seus contemporâneos, que também fizeram escola, como Bleuler e Jung. Para aprofundar estas noções e a história da psiquiatria e seus diagnósticos, ver, além da obra já citada deste mesmo autor, também, Ellenberger, Henri-Frédéric. *Médecines de l’âme : essais d’histoire de la folie et de guérisons psychiques*. Paris : Fayard, 1995.

tendências, o caráter, o grau de educação e por fim, mas não menos importante, as características da escritura “fisiológica” da pessoa em questão.

Porém, a consequência destes estudos foi marcante durante todo este meio século em que sobreviveram, espalhando-se mundo afora, vindo, como mais uma influência marcante dos franceses, assentar-se em solo brasileiro, nos hospícios das nossas capitais.

No início do século XX, no manicômio de Porto Alegre, era uma prática usual reter as correspondências dos internos, fazendo-as parte, assim, do “fato patológico”, como atestou a pesquisa da historiadora Yonissa Wadi.

O Regulamento do Hospício São Pedro que vigorava, em 1903, mostrava que nenhum escrito poderia ser recebido ou enviado pelos doentes, sem prévia autorização dos médicos. “Esta prescrição, vigente em praticamente todos os grandes hospitais psiquiátricos brasileiros e estrangeiros, justificava-se plenamente no plano teórico do saber psiquiátrico. Na escrita dos tidos como ‘loucos’, os alienistas acreditavam poder perceber com mais clareza os sintomas da ‘doença’ que os acometera.”²³⁶

²³⁶ Wadi, Yonissa Marmitt. *Leituras de uma certa loucura: a escritura entre o sintoma e a recriação de si*. PROJETO HISTÓRIA. São Paulo, n. 26, p.133-162, jun.2003, PUC/SP, pp. 3 e 4 . A autora faz uma análise muito profícua sobre a escritura ordinária de uma mulher “louca”, a partir de seu achado de pesquisa: cartas escritas por uma paciente do HSP, entre 1909 e 1911, que matou sua filha de pouco menos de dois anos de idade, tendo respondido processo crime por isto. Wadi coteja dois olhares sobre estas cartas: aquele dos saberes institucionalizados (médico e jurídico) com aquele da própria paciente, considerando “as cartas como um *locus* privilegiado para uma percepção clara dos ‘sintomas’ de uma certa doença mental ou como um lugar de rememoração catártica e de recriação de si”. [p.1] Também Magali Engel em sua obra já citada no primeiro capítulo desta tese, trouxe à tona estas noções sobre e escritura ser considerada sintoma de alienação mental, a partir da pesquisa no Hospício Nacional de Alienados, do Rio de Janeiro. Ver Engel, Magali Gouveia. *Os delírios da razão - médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: editora da Fiocruz, 2001. Maria Clementina Pereira Cunha, em sua obra "*O Espelho do mundo - Juquery, a história de um asilo*", já citada, faz uma rápida menção de que, neste hospício de São Paulo, as cartas também não eram enviadas a seus destinatários e eram anexadas aos prontuários; porém, para esta autora, elas constituíam uma “surda prática de resistência que se instala no âmago da vida asilar”. Ela ressalta, também, trazendo exemplos dos anos de 1915, que não somente a correspondência, mas também os jornais e os livros eram censurados. Quanto a estes últimos, só eram permitidos “aqueles ‘tendentes a revigorar as forças morais’: proibidos, portanto – era a lógica médica –, romances e novelas que ‘excitam a imaginação e a fantasia’”. Ver pp.101 e 118.

Assim, a pesquisa do imaginário dos doentes, através de seus escritos, não acontecia nestas circunstâncias. A forma da escritura e seus sinais gráficos, apontando para patologias, foram privilegiados em detrimento de seus conteúdos, que, estes sim, poderiam dar pistas sobre a sensibilidade, o imaginário, as representações que povoavam estas psiques.

A partir dos anos 20 do século XX, conforme identificou Artières em sua pesquisa, o olhar médico europeu distanciou-se deste objeto, a escritura, que acendeu a um novo estatuto: não mais ao da psicologia, mas àquele da estética e da arte, onde cita-se, à guisa de informação somente, a visão dos surrealistas - e também da “arte bruta” do francês Dubuffet.

Porém, uma nova concepção de psique e, portanto, de doença mental, surgia na Europa, a partir das pesquisas do médico C. G. Jung, que havia já rompido teoricamente com Freud, exatamente por ver, nos conteúdos das fantasias dos doentes mentais, símbolos de processos inconscientes, que possuíam uma finalidade curativa, e não meros sintomas.

Em 1922, na palestra proferida na Sociedade de Língua e Literatura Alemãs, em Zurique²³⁷, ele foi chamado a falar sobre a obra de arte literária – e particularmente a poética –, deixando claro que, no seu conceber, a psicologia não pode falar da obra de arte em si, que é assunto da estética, mas sim da psicologia que envolve o processo criador. Para ele, neste sentido, existem dois “tipos” de obra de arte: aquelas que vêm do impulso criativo do próprio artista, identificando-se obra e autor – cuja origem pode ser procurada no inconsciente pessoal do autor e caracterizando-se muitas vezes como sintoma; e aquelas que, ao contrário, são simbólicas, provenientes de camadas mais profundas, pertencentes “ao patrimônio comum da humanidade”,

²³⁷ Esta palestra encontra-se publicada no volume XV de suas obras completas, sob o título “Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética”. Jung, C.G. *O Espírito na arte e na ciência*. Vol. XV. Petrópolis: Vozes, 1985, pp. 54-72.

ou inconsciente coletivo. Nesta impera um “complexo autônomo criativo”, que, como o nome já diz, nada tem a ver com a personalidade que o fez surgir.²³⁸

Nota-se que é uma questão complicada, esta de decidir sobre a origem de uma obra de arte, mas interessa, aqui, o fato de um médico psiquiatra debruçar-se sobre estes parâmetros e ser chamado a estudar sobre eles, sob outro prisma. Em ensaio posterior²³⁹, já possuindo mais experiência neste campo de análise, Jung afirma que a “força imagística é também fenômeno psíquico”, devendo, neste sentido ser estudada pelo psicólogo. Mas deixa claro o divisor de águas existente entre crítica literária e o princípio da psicologia, pois esta somente pode ser chamada a se manifestar, como ciência, quando se tratar de descrever um processo e nunca de dizer o que é o “momento criador, cujas raízes mergulham na imensidão do inconsciente, permanecendo para sempre fechado ao conhecimento humano”.²⁴⁰

Esta discussão mostra-se válida, neste momento, a partir de uma proposta inicial de pesquisa, qual seja, vislumbrar na correspondência de TR, conteúdos que podem caracterizá-la como uma “pequena obra literária”, isto é, possuindo um caráter criativo, e não meramente patológico, como o quiseram aqueles de sua época. Para isto, afirma-se que a psicologia pessoal do criador revela certos traços em sua obra, mas não a explica. E mesmo supondo que a explicasse, e com sucesso, seria necessário admitir que aquilo que a obra contém de pretensamente criativo não passaria de um mero sintoma, e “isto não seria vantajoso nem glorioso para a obra”.²⁴¹

²³⁸ Jung, op. Cit., p.68/9.

²³⁹ Intitulado *Psicologia e Poesia*, publicado pela primeira vez em *Philosophie des Literaturwissenschaft* em 1930, e atualmente fazendo parte da mesma obra citada acima, pp73-93.

²⁴⁰ Jung, op. Cit., p.76.

²⁴¹ Idem, p. 75. Esta afirmativa será interessante de levar ao capítulo seguinte, para a discussão do texto de Lima Barreto.

O estudo de uma obra de arte é o fruto intencional de atividades anímicas complexas. Estudar as circunstâncias psicológicas do homem criador equivale a estudar o próprio aparelho psíquico. No primeiro caso, o objeto de análise e interpretação psicológicas é a obra de arte concreta; no segundo, trata-se da abordagem do ser humano criador, como personalidade única e singular. Ainda que a obra de arte e o homem criador estejam ligados entre si por uma profunda relação, numa interação recíproca, não é menos verdade que não se explicam mutuamente. Certamente é possível tirar de um deduções válidas no que concerne ao outro, mas tais deduções nunca são concludentes. No melhor dos casos, exprimem probabilidades e interpretações felizes, e não passam disto.²⁴²

Em outras palavras, pode-se deixar que os escritos criativos falem por si mesmos, pois são simbólicos e os símbolos possuem esta prerrogativa: eles expressam mais do que o intelecto possa falar sobre eles.

Voltando, novamente, ao Brasil, mais especificamente ao hospício de Porto Alegre, onde TR esteve internado em 1937, observou-se que não foi esta visão – e não o é até hoje – que tomou conta das mentes dos psiquiatras desta época.

O médico Jacintho Godoy (JG), diretor do HPSP em duas gestões (1926-1932 e 1937-1950, totalizando vinte anos) e fundador do Manicômio Judiciário de Porto Alegre em 1925 – que inicialmente funcionava nas dependências do próprio hospital –, possuía formação em Medicina Legal, tendo ido, em 1919, estagiar em Paris, na Salpêtrière, onde permaneceu "em convívio de dois anos com grandes mestres da psiquiatria e da neurologia, entre eles Pierre Marie, Babinski, Dupré e Laignel Lavastine; trazia no cérebro a chama de um ideal a realizar em prol dos doentes mentais, em meu Estado."²⁴³

JG dirigiu o HPSP com total apoio primeiramente de Borges de Medeiros, de quem foi secretário particular, enquanto cursava a faculdade de Medicina, e depois de Getúlio Vargas, quando então reassumiu a direção do hospital no início de Estado Novo – deste, ele mesmo

²⁴² Ibidem.

²⁴³ Godoy, Jacintho. *A Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: edição do autor, 1955, p.10.

refere, com grande orgulho, ter sido grande companheiro de “juventude acadêmica”. Também é digno de nota o fato de JG ser colega e amigo de Belizário Penna, o “grande” eugenista brasileiro, que em viagem à capital de nosso estado, em 1928, visitou o hospício e elogiou as grande obras de modernização realizadas naquele momento.

Este psiquiatra porto-alegrense influenciou fortemente os estatutos e regimentos do HPSP, de sua época e posteriores, bem como era responsável por boa parte dos “atos médicos” praticados no hospital, durante suas gestões – embora o “corpo clínico” do hospício contasse com um grande número de médicos e psiquiatras eminentes na cidade, como os doutores Dyonélio Machado e Luís Ciulla. Está, possivelmente também, nesta influência, toda a base da psiquiatria do RGS, tendo sido o HPSP paradigmático em nosso estado, em relação ao tratamento de doenças mentais.²⁴⁴

²⁴⁴ Até os dias de hoje, acontece de funcionários mais antigos do hospital, ou mesmo os mais novos, referirem-se ao “doutor Jacintho” como uma grande figura, um grande médico e idealizador da modernização do Hospício, a despeito de fatos que são “verdadeiras lendas vivas” dentro do hospital, conservadas pela transmissão oral daqueles que freqüentam e freqüentavam a instituição. Uma delas refere-se a um paciente que, depois de ter tido alta hospitalar, voltou ao hospital para “acertar contas” com seu diretor. Este paciente teria entrado em sua sala, armado de uma faca, para “acabar com a vida do homem que desgraçou a sua”. Conta a “lenda” que o doutor gritou pedindo socorro e vieram “enfermeiros” que amarraram o ex-paciente e o levaram para a enfermaria. (História relatada por uma funcionária antiga do hospital, com quem conversei durante a pesquisa da dissertação de mestrado, em 1999, a qual pediu para não ser identificada). Este mesmo episódio parece ser aquele contado por JG em seu livro, mencionado acima. “Mas o psiquiatra está afeito a surpresas e imprevistos. Em começo de julho deste ano, achava-me em plena consulta, ouvindo as queixas de uma cliente, quando penetrou, porta adentro de meu gabinete, um moço de olhar desvairado e gestos desmedidos. Era um egresso do Hospital São Pedro, que envolvera a minha pessoa na trama de seu delírio persecutório. A minha calma profissional e a presença de espírito da enfermeira que me assistia, pouparam-me da lâmina afiada que ele ocultava por dentro do casaco”. Estas palavras fizeram parte de seu discurso, por ocasião do banquete oferecido a ele no Clube do Comércio da capital, em 1944. Este homenageava sua volta ao cargo de diretor do hospital, após um breve afastamento do cargo, devido a um inquérito administrativo impetrado por acusações referentes à sua administração, feitas por um médico do hospital. Este teria feito severas críticas ao diretor do HPSP, relativo aos tratos com paciente seu, e também às instalações do hospital. Coincidentemente foi também em 1944 que JG introduziu no HPSP a técnica “terapêutica” do Eletrochoque. É importante fazer constar que em suas duas gestões, JG foi demitido do hospital por acusações de favorecimento político e por má administração, respectivamente em 1932 e 1950. Sua ligação com os “homens poderosos” do RGS era explícita e foi tema de muitas reportagens em jornais da época. Maiores detalhes sobre a “era” JG no HPSP cfe. Santos, op.cit., 2000, capítulo 2, “O micro espaço: “memórias de um velho hospício” (ou, a ditadura dos métodos)”.

É legítimo lembrar que, enquanto TR esteve instalado nas dependências deste manicômio, eram estas as questões que estavam em pauta, como as más administrações do doutor Jacintho, reclamações variadas em relação às dependências do hospital e, *last but not least*, a “mentalidade” psiquiátrica de seu diretor, organicista e biologizante.²⁴⁵

Num vôo da imaginação, suponhamos que o doutor Legrand du Saulle lesse os escritos de TR e viesse conversar com o doutor Godoy, na época. Sabendo, inclusive, do diagnóstico feito para TR, parafrenia, ele também iria parabenizar o corpo médico do hospital, e aquele que em especial fez o diagnóstico e deu “alta sem cura”.²⁴⁶

Para Legrand, tratando-se de pacientes que sofressem de delírios de perseguição, o médico observaria que seus escritos eram dirigidos, na maioria, ao chefe da polícia, às autoridades, e mesmo ao presidente da República, para reclamar ajuda e proteção contra seus inimigos. Estes doentes seriam, em geral, prolixos e escreveriam cartas muito longas.²⁴⁷

Já o paciente maníaco, nomenclatura utilizada pelo próprio TR em uma de suas missivas (“aqui [no hospital] acham que sou maníaco”) só escreveria no período prodrômico de sua doença, ou na convalescença da mesma, uma vez que o estado mesmo da agitação maníaca do

²⁴⁵ “No momento atual da ciência médica, diante das conquistas maravilhosas da Biologia, já se pode afirmar com desassombro que as moléstias mentais não existem. O que existem são síndromos mentais ou afecções cerebrais com expressão psíquica, determinadas por perturbações orgânicas ou funcionais produzidas por toxi-infecções adquiridas ou herdadas.” Godoy, *op. Cit.*, p.73.

²⁴⁶ Não foi possível identificar, pela papeleta, o nome do médico que o atendeu, pois sua assinatura era ilegível e não há, no prontuário, outra menção a ele, somente suas rubricas nas “evoluções” e sua assinatura na alta hospitalar. É possível que mais de um médico o tenha visto, como é comum nos hospitais, embora fosse paciente “particular”, o que, nos dias de hoje, lhe daria direito a ter um médico somente. Mas não se tem conhecimento como era esta prática na época pesquisada.

²⁴⁷ Artières, *op. Cit.*, p.43 e ss.

pensamento, não o “deixaria” escrever, pois “opõe-se necessariamente à expressão do pensamento pela escritura”.²⁴⁸

Os doentes monomaniacos, isto é, atingidos por “delírio parcial”, inventam palavras, literalmente, correspondendo às suas próprias idéias delirantes ou a uma sensação mórbida. Chegam, muitas vezes, a compor um idioma misto, quando falam mais de uma língua – o que faz lembrar TR, quando escreve meio em espanhol, meio em português, na carta 4, e depois termina em alemão. Dizia Legrand du Saulle que os “perseguidos” redigem cartas “poliqueixosas”, cheias de detalhes minuciosos, e encontram as “expressões mais bizarras e neologismos mais ousados” para dizer tudo o que estão pensando.²⁴⁹

Como os médicos teriam outra visão da problemática de TR, se o referencial que poderiam ler nos livros e revistas de Psiquiatria, literatura importada da Europa e preferencial do diretor do HPSP, era bem clara com estas descrições e diagnósticos sobre as escrituras “ordinárias” de “desviantes”?²⁵⁰

O que os médicos de TR talvez não enxergassem, também, é que ele poderia ter, em sentido metafórico, um “espírito” anterior às catalogações dos novecentistas, pois ele parecia fazer um “ritual” para sua escritura, semelhante aos copistas do século XVIII. Ao reclamar que escrevia encostado a uma latrina, de cigarro na boca, fazendo desta um púlpito de Igreja e que

²⁴⁸ Idem, p.44.

²⁴⁹ Idem, p.45.

²⁵⁰ Em nenhum dos 480 prontuários do HPSP examinados, durante pesquisa de mestrado, viu-se uma menção sequer à Psicanálise, ou à Psicologia Analítica, ou a qualquer outra linha da psiquiatria e psicologia também em voga no momento nos principais centros europeus e norte-americanos. Uma das razões disto poderia ser, também, o forte preconceito que a psicanálise gozava, ainda, nos meios acadêmicos do mundo inteiro, até a morte de seu fundador, S. Freud, em 1939. Os diagnósticos, no hospício de Porto Alegre, estavam sempre baseados nos preceitos da psiquiatria organicista, propalada pelo diretor Jacintho Godoy.

logo depois lhe deram mesa e cadeira, pela bondade divina, ele mostra o quanto escrever era uma espécie de ritual especial e que o ligava à divindade.²⁵¹

Há, neste caso, possivelmente, uma espécie de “inversão”, pois embora a existência de uma dissociação psíquica seja evidente, como já foi referido, nele, escritor e autor não pareciam estar dissociados. A mão que fazia o esforço de escrever, que segurava a pena e se deleitava com a escritura das palavras – note-se que seus manuscritos contêm poucas rasuras e erros –, estava a serviço de sua sensibilidade, de seus pensamentos, de seus sentimentos, de suas reflexões sobre si-mesmo e sobre o mundo. Poderia mesmo dizer que as palavras *scripteur* e *écrivain* serviriam a ele no mesmo sentido. Pelo menos esta é uma leitura possível dos conteúdos de sua correspondência.²⁵²

²⁵¹ “A todo instante sou interrompido por loucos que, ora me pedem cigarros, ora fogo, ora a penna. Para dizer-vos basta que estou escrevendo encostado da latrina e de cigarro na bocca, transformando o púlpito da igreja em latrina, prego a palavra de Deus. Transformai-a vós também. Que só assim salvareis- vos e a humanidade. Não tenho medo de errar porque quem está me inspirando é Elle o Altíssimo,...que é tão bondoso, vendo que eu estava cansado de estar em pé (veja o que faz a fé) deu-me uma mesa e cadeira para nela, sentado sobre a cadeira, sobre a mesa escrever, neste mármore frio gravo a palavra de Deus.” Carta 3, p.8.

²⁵² Aqui surge uma pergunta: se, no hospício, negavam-lhe tinta e papel para escrever, como ele repete em várias cartas, seria de supor que os médicos alienistas, que lá trabalhavam, estimulassem sua escritura? Pois ao recusarem este material ao paciente, estavam recusando sua maneira de se expressar. Ao nosso ver, depois das pesquisas realizadas em prontuários e outras fontes pertinentes ao HPSP e à própria história da prática psiquiátrica no RGS, esta era a postura mais coerente à visão de mundo que os médicos desta época possuíam, e foi ela que, a partir daí, moldou toda uma forma de “fazer psiquiatria”, a grosso modo falando, em nosso Estado. O uso de medicamentos e técnicas, como o eletrochoque, ganharam cada vez mais adeptos entre os “cientistas” de nosso meio e espaços nos hospitais e clínicas que foram sendo criados para tratamento de doentes mentais. Mesmo as clínicas do interior do Estado, que se propõem a tratar drogadictos, e que têm como método preferencial o trabalho no campo (como as antigas “colônias agrícolas”) não dispensam estes métodos terapêuticos, como os medicamentos. A prática de deixar os pacientes expressarem os conteúdos do inconsciente, suas emoções, sentimentos, pensamentos, reflexões, por meio da escrita ou produções plásticas, é uma “técnica” que somente recentemente vem ganhando espaço neste tipo de instituição, mais precisamente, de uns poucos dez anos para cá. Exceção digna é aquela do hospício de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, onde a psiquiatra junguiana Nise da Silveira iniciou a trabalhar, sob o referencial da Psicologia Analítica de Jung, na década de 1940, com pacientes esquizofrênicos, fundando, aí, um atelier de terapia ocupacional, obtendo excelentes resultados na terapêutica com estes doentes. Hoje recebe o nome de Museu do Inconsciente o conjunto das obras plásticas realizadas pelos doente de Engenho de Dentro. Vide a seção 3.2 (“Uma outra abordagem”) e a conclusão da dissertação de mestrado, para esta discussão sob uma outra forma de se encarar a doença mental, sob o referencial de Jung e Nise da Silveira.

O elemento de ficção, que existe nas cartas de TR, representa os conteúdos simbólicos produzidos por seu inconsciente, uma vez que povoam seu imaginário e surgem como um complexo criativo na consciência do autor-escritor.

Contraopondo-se à formulação dos médicos e psiquiatras da época, Jung apresentou um ponto de vista diferente sobre a noção dos conteúdos que vinham do inconsciente, manifestando-se, estes, nos sonhos, fantasias, delírios e obras criativas dos seres humanos. Existe uma grande diferença, na prática, entre ver no delírio um símbolo ou simplesmente uma patologia do pensamento.

Para este “médico-psicólogo”, que se ocupou de pensar a criatividade do ser humano, “toda obra humana é fruto da fantasia criativa”. Porém, dependendo da pessoa, o contato com este “instinto criativo”, tanto quanto com o conhecimento, pode levar ao que Jung denominou de “inflação psíquica”²⁵³, que leva personalidades frágeis a perderem o “eixo”, a cindirem-se e permanecerem neste mundo inconsciente, muitas vezes sentido como loucura.

Ele relata um caso de um paciente que tinha o diagnóstico de demência paranóica com mania de grandeza – semelhante ao de TR –, caso este de uma “inflação” muito acentuada.

²⁵³ “Inflação psíquica” é um conceito da psicologia que mostra um “estado” da personalidade de uma pessoa, a qual não reconhece seus limites individuais, como ser humano. Existe a presunção, uma espécie de sentimento de “expansão da personalidade”, uma “inflação” desmedida do ego do indivíduo, o qual, em tal estado, ocupa um espaço que normalmente não pode preencher. E existe a “inflação negativa”, onde a personalidade reduz-se em demasia, para “aquém do humano”, surgindo os sentimentos de inferioridade. Em ambos existe uma insegurança no que concerne a seus limites; a medida média individual, que nunca é muito segura, tende a tornar-se cada vez mais vacilante. São pólos opostos da mesma moeda psíquica; ou, na balança psicológica, são o “para mais” e o “para menos” do verdadeiramente humano. “Se considerarmos o fato de que, como consequência da compensação psíquica, a grande humildade aproxima-se demais do orgulho e ‘o orgulho precede a queda’, descobriremos facilmente atrás da presunção, certos traços de um temeroso sentimento de inferioridade”. O contrário se daria com o “tímido”, pois quanto mais se retira e se esconde, tanto maior se torna o desejo secreto de ser compreendido e reconhecido. Ver Jung, C.G. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1982. p.16-7.

Tal doente mantinha ligação telefônica com a mãe de Deus e com outras grandes figuras. Na vida real, ele foi um pobre aprendiz de serralheiro, que enlouquecera de modo incurável aos dezenove anos de idade. Nunca fora muito inteligente, mas tivera uma grandiosa idéia entre outras: *o mundo era seu livro de imagens e podia folheá-lo à vontade* – era muito simples, bastando virar-se para outro lado e estava diante de uma nova página.

Esta, diz Jung, é a versão simples, primitiva e concreta do “*Mundo como Vontade e Representação*” de Schopenhauer. “Idéia comovedora, nascida de uma solidão extrema e de uma total alienação frente ao mundo, manifestada, no entanto, de um modo tão simples e ingênuo, que de início pode provocar o riso por sua estranheza.”²⁵⁴ No entanto, nesta imagem subjaz a magnífica visão do mundo do filósofo, contemporâneo dos românticos. Só um gênio ou um louco, escreve o psiquiatra, pode desligar-se suficientemente dos vínculos com a realidade, a ponto de ver o mundo como seu livro de imagens.²⁵⁵

Uma pergunta é fundamental: será que este doente elaborou ou construiu tal concepção, ou esta lhe ocorreu por acaso? Teria ele sucumbido a essa visão? A resposta afirmativa a esta última questão pode ser corroborada pelo seu estado de desintegração patológica e sua inflação – ele conversava com a mãe de Deus e identificava-se com estas fantasias. “Não é mais *ele* quem pensa e fala, mas *algo* pensa e fala dentro dele: por isso ouve vozes.”

A diferença que separa este “louco” de Schopenhauer está no fato de que, nele, a visão permaneceu no estágio de um mero produto espontâneo, ao passo que o filósofo soube abstraí-la, exprimindo-a numa linguagem de validade universal, “elevando-a do estado inicial subterrâneo à

²⁵⁴ Op. Cit., p.19.

²⁵⁵ Ver-se-á, nos próximos capítulos, que Lima Barreto e o personagem Fileto de Rocha Pombo lidaram com imagens semelhantes, vinda das profundezas de suas imaginações, de seus “devaneios”, como chamariam os médicos.

clara luz da consciência coletiva”. Seria um grande erro afirmar-se que a visão do paciente possuía apenas um valor ou um caráter meramente pessoal, como algo que lhe pertencesse – se assim fosse, seria um filósofo, diz Jung.

Entretanto, filósofo ou gênio é precisamente aquele que consegue transmudar uma visão primitiva e natural numa idéia abstrata, que pertence ao patrimônio geral da consciência. Esta realização, e somente ela, constitui seu valor pessoal, cujo reconhecimento não o fará sucumbir inevitavelmente à inflação psíquica. A visão do paciente é um *valor impessoal surgido naturalmente*, contra o qual ele não pôde defender-se e que o engoliu, e “transportou” para fora do mundo. A inegável grandeza da visão inflou-o até proporções patológicas, sem que ele pudesse apropriar-se da idéia, transformando-a numa concepção filosófica do mundo. O valor pessoal reside na realização filosófica e não na visão primária. O filósofo citado também teve esta visão, como incremento, procedente do patrimônio geral da humanidade do qual, em princípio, todos nós partilhamos. As maçãs de ouro caem da mesma árvore, quer sejam colhidas pelo insano aprendiz de serralheiro ou por Schopenhauer.²⁵⁶

TR não foi o primeiro “louco”, e certamente não foi o último, a ter imagens e reflexões de cunho coletivo, isto é, válidas para uma coletividade. “Nas doenças mentais constata-se, sob uma forma grave e intensa, certos fenômenos que podem aparecer episodicamente em indivíduos normais”. A diferença é saber o que o doente realizou com aquilo, para que lhe serviu, em suma, qual o sentido apreendido por ele.

²⁵⁶ Op. Cit., p.19. Muitos outros casos, na ciência e na mística corroboram estes achados de Jung. Por exemplo, Queculé, que descobriu a fórmula do carbono, teve em sonhos a imagem desta e correu para o laboratório para experienciá-la. Santa Teresa D’Ávila teve suas famosas visões, entre elas, com a flecha flamejante de Cristo tocando em seu coração, tornando-a uma mística de muito respeito e renovadora da Ordem dos Carmelitas, após o período de reclusão.

Observou-se, assim, que os escritos examinados do doente internado no HPSP de Porto Alegre em 1937, nada tem de patológico no material de suas fantasias. Como a obra de arte, os escritos de si podem revelar para além da personalidade de quem os redigiu; eles apontam para a recriação de uma vida, inserida em um tempo. As “escrituras íntimas”, mesmo sendo escritas em momentos de crises psíquicas, em momentos de exclusão e retiro, momentos ímpares na vida de cada um que passou por isto, não se referem a doenças.

Procurou-se olhar seus escritos como um “fato psicológico” e não como um “fato patológico”. A “invenção de um novo olhar”, como diz Artières, foi, assim, possível. Tornou-se evidente que as missivas foram escritas levando em conta sua consciência do momento, seu lugar social e cultural no mundo. Seus escritos desembocaram na exposição de sua vida, que, na “trama coletiva dos acontecimentos externos”, fez ecoar o que estava guardado – em segredo – no mais fundo de si, na memória de sua experiência.²⁵⁷

Mesmo que o poder do saber médico oficial, a que estava submetido na sua “querida Teheran”, possa ter suscitado estas suas palavras, estas suas longas missivas, acredita-se que aquilo que mobilizou toda escritura foi um impulso vindo de seu próprio mundo interior – em outras palavras, um “complexo criativo”. O ato da escritura foi um ato de criação, que ligou “corpo e espírito”. O sentido do símbolo – expresso em muitas de suas imagens – sempre é a tentativa de elucidar mediante a analogia alguma coisa ainda totalmente desconhecida e em processo.

Valendo-nos do que diz Jung em relação à obra de arte, é supérfluo investigar o condicionamento prévio a que estão sujeitas as pessoas que criam, pois é preciso perguntar pelo

²⁵⁷ Ver um processo semelhante no entendimento do caso da paciente Pierina em Wadi, op. Cit., p.16 e ss.

sentido da obra. “A causalidade pessoal tem tanto ou tão pouco a ver com a obra de arte, quanto o solo tem a ver com a planta que dele brota.”. As condições do solo são importantes, sim, mas numa medida relativa, pois não basta para revelar toda a essência da planta.

As sensibilidades, expressas nestes escritos, são sensibilidades que vêm de um “mais fundo” emocional, retratando, assim, conteúdos do inconsciente de quem escreveu e além deste, de um inconsciente mais amplo, coletivo, pertencente a uma determinada época:

A perda de consciência em nosso mundo provém, fundamentalmente, da perda do instinto e tem sua razão de ser no desenvolvimento mental da humanidade ao longo de eras passadas. Quanto mais o homem conseguiu dominar a natureza, mais lhe subiu à cabeça o orgulho de seu saber e poder, e mais profundo o seu desprezo por tudo que é apenas natural e casual, isto é, pelos dados irracionais, inclusive a própria psique objetiva que não é a consciência. Em oposição ao subjetivismo da consciência, o inconsciente é objetivo na medida em que se manifesta sobretudo na forma de sentimentos, fantasias, emoções, impulsos e sonhos resistentes que não são produzidos intencionalmente mas nos surpreendem de maneira objetiva.²⁵⁸

TR expunha claramente sua idéia de que escrever era um “dom”, enviado a ele por Deus, representando, assim, a noção de que seria algo “independente” de sua vontade, como se ele fosse “obrigado” a fazê-lo. E ao fazê-lo, sentia-se livre. Supõe-se que esta foi a maneira que ele encontrou para expressar que a literatura lhe era cara, e devolvia sua vida ao mundo saudável, ao mundo “humano, demasiadamente humano” dos prazeres, retirados dele neste momento de exclusão e reclusão involuntária.

Numa carta a Max Brod, de março de 1911, e após ter feito uma visita ao doutor Rudolf Steiner, o fundador da antroposofia, Kafka descreveu sua conversa com este:

²⁵⁸ Jung, C.G. *Presente e Futuro*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.40.

Minha felicidade, minha habilidade e qualquer possibilidade de ser útil de alguma forma, se encontram desde sempre no literário. E aqui tenho vivido muitas situações (não muitas), que em minha opinião estão aparentadas com os estados visionários descritos por você, senhor doutor, nos quais eu vivia inteiramente cada visão, e nos quais não somente me sentia chegar a meus limites, senão aos limites do humano em si. Só a tranquilidade do entusiasmo, provavelmente própria dos visionários, estava ausente em tais estados, ainda que no do todo. Isto deduzo do fato de que o melhor de meus trabalhos não o escrevi em tais estados.²⁵⁹

Kafka aproxima-se da idéia de “complexo criativo”, proposta por Jung, nesta sua assertiva. E cita, com suas próprias palavras, as duas formas de “escrever” e que podem ser criativas, como o psiquiatra suíço também apontou.

Nas cartas de TR pode-se perceber estes elementos, quando escreve mais “racionalmente”, ou quando deixa explodir a emoção em suas palavras da carta 4, por exemplo. Percebe-se matizes em sua sensibilidade, que variam da raiva contida, ao ressentimento explícito daquele que foi objeto de seu amor e ódio na juventude, ou daqueles que não souberam compreender seus sofrimentos e o colocaram internado em um hospício.

Aquilo que se poderia chamar de confusão entre autor e personagem simbólico, também na quarta missiva, bem poderia ser um “expediente literário” utilizado por ele, uma equivalência entre os planos de ficção e do real. Pois em carta anterior, TR soube utilizar o expediente das *Cartas Persas* de Vianna Moog (e Montesquieu), para falar do hospício em que havia sido internado: “Ah! meu caro Rustan como me sinto feliz nesta querida Teheran, aqui tudo é poesia e todos são poetas e se vencem as mais difíceis barreiras que se antepõe a cada indivíduo durante a peregrinação que faz dentro do próprio coração, de sua alma, do seu eu”.²⁶⁰

A sua escritura é uma escrita que joga com a ironia, com o sentido duplo, com oxímoros, numa gangorra harmoniosa, como aquela em que sua santa teresinha balançava-se com seu

²⁵⁹ Kafka, Franz. *Escritos sobre el arte de escribir*. Madrid: Ediciones Fuentetaja, 2004, p.131. Tradução livre.

²⁶⁰ Carta 1, p.2.

craque risadinha. As interpretações que TR construiu dos fatos de sua vida – e do mundo que o cercava – estão implícitas e explícitas neste balancear dos símbolos que povoam seus “escritos hospitalares”.

Restará, para sempre, a dúvida se ele era consciente de todo este potencial de escritor, e, se sim, em que medida utilizou-o mais em sua vida. Assim como ficará a interrogação se os médicos que o trataram leram suas cartas, pedindo que escrevesse cada vez mais, para diagnosticarem sua patologia. Ou se Vianna Moog foi realmente seu amigo pessoal. Será que estas respostas, se houvessem, serviriam, neste momento, para alguma coisa? Não se tem evidências para estas respostas, mas tem-se algo mais precioso que é o quanto estas questões, mesmo “surdas” aos ouvidos dos outros, atuaram em seu psiquismo, em seu modo de sentir a vida e o mundo.²⁶¹

²⁶¹ Recentemente vi uma película do diretor de cinema espanhol Pedro Almodóvar, intitulada "La mala educación" (Má educação), cuja temática revela o abuso sexual sofrido por um menino, da parte de seu professor de literatura, padre e diretor da escola, um colégio católico de regime de internato, que frequentou na infância. Infelizmente aqui não é o espaço para a discussão de tão belo filme – Almodóvar fez deste tema uma obra de arte cinematográfica. Certamente a técnica utilizada, sua experiência de diretor e os outros temas inseridos na trama, como a questão da descoberta do amor e do cinema, concomitantemente aos abusos sofridos, participaram na competência do filme, mesmo para a crítica que "devora" o cineasta, dizendo que é um filme "autobiográfico". Porém o que chamou atenção, e por isso o menciono aqui, é a similitude à história de TR, pelo menos esta que imaginamos a partir de suas cartas. O menino do filme, Ignacio, também gostava de escrever, tanto que o filme se desenrola a partir de uma história que ele deixou para o seu grande amor do colégio, agora cineasta, filmar – a própria história das vidas deles no internato. Ignacio dá-se conta que está perdendo a fé e a inocência, ao entregar-se ao padre pela primeira vez, pensando que assim salvaria seu amigo-amor, um outro coleguinha, do castigo. Mas há uma cena que me foi marcante e, em minha "sensibilidade", encaixa-se perfeitamente na vida de TR. É na primeira cena em que é feita menção ao abuso do menino pelo padre, que, na verdade, parecia ser a primeira tentativa ou investida deste. Ignacio era um maravilhoso cantor, tinha uma bela voz, e era exaltado no colégio por esta qualidade. Pois bem, o professor levou os meninos para tomarem banho num lago, rodeado de bambuzais, e enquanto todos banhavam-se, o professor/padre – que também tocava violão – ficou ensaiando com Ignacio uma linda música. De repente, no embevecimento que o espectador fica pela canção e pela linda voz do menino, há um corte na cena e aparece o lugar onde eles estavam sentados, à beira do lago, vazio. E, então, um grito do menino "não, não, não", e ele saiu correndo de dentro dos bambuzais, atirando-se ao chão de areia - aparecendo o padre mexendo em suas calças, por baixo da batina, vindo atrás da criança. Neste momento, surge uma imagem cinematográfica, que, em si, já é bastante "forte": uma gota de sangue, que aparece na testa de Ignacio pelo choque com a terra, lhe escorre nariz abaixo, e mescla-se à ruptura de sua testa e cabeça, numa imagem de "irrealidade verídica" proporcionada pela magia do cinema. Este poder imagético do símbolo uniu-se ao poder da voz do garoto que, enquanto narrador adulto, dizia: "Neste momento minha fronte se partiu ao meio, e eu anteví que, a partir daí, toda a minha vida se partiria ao meio". Foi exatamente esta a sensação que fiquei ao ler a confissão de TR: sua vida psicológica cindiu-se a partir da relação com o padre, tornando-se um adulto ressentido, inadaptado ao mundo. Ignacio tornou-se um travesti *junkie* (viciado usuário de

Articulou-se, aqui, uma leitura dialética entre o real e o fato literário (ficção), que se pretende aprofundar nos próximos capítulos, até chegar no “puramente ficcional”, como o é o romance de Rocha Pombo. Ao mesmo tempo, deve-se cuidar para não fazer uma “super-interpretação” dos dados, símbolos e fatos. Sempre fica uma porta aberta – ou uma grande janela –, como no símbolo, para novos olhares e escutas.

Não se tratou, aqui, de buscar em cada carta um “segredo” biográfico. Sentiu-se, sim, neste percurso analítico-interpretativo das cartas de TR, o que se sente quando se lê os romances *à clef*, isto é, o espreitar de um segredo, de um mistério a ser desvendado a cada momento, onde o leitor é convidado a identificar, sob o leve disfarce da ficção, os nomes de pessoas e eventos reais.

As cartas de TR foram correspondência retida, censurada, escritos “engavetados”, arquivados em prontuário que envelhece nas prateleiras de um arquivo, esquecidas até um pesquisador chegar ... Elas não foram “arquivadas” com o intuito de serem guardadas para a posteridade, como outras correspondências o são. Na época, possivelmente, foram utilizadas para corroborar o diagnóstico de parafrenia, para respaldar as idéias dos médicos, que deram “alta sem cura” para TR – muito embora em nenhuma parte de seu prontuário esteja escrito que os médicos pedissem que ele escrevesse, como havia sido a prática, em épocas anteriores.

Mas também tem-se o direito de imaginar – e este é um exercício que o historiador cultural é respaldado a fazer, por sua metodologia – que as pessoas, profissionais do hospício, que as tiveram em mãos, sentiram “pena” de colocar fora tão instigante material, vindo de um

drogas injetáveis), um escritor desadaptado, que foi morto na idade adulta pelo padre que o seduziu; e TR, um "louco de hospício", escritor desadaptado, que 'sabe-se lá' como morreu.

louco. Ou que as cartas mesmas exerciam um forte poder de fascínio em quem as segurava, como se elas tivessem vida própria. Acaso não têm as idéias vidas próprias?

Quem tem estas cartas nas mãos, há de se emocionar com o que vê, com a forma como estão escritas, com o tipo de letra de TR, com seus conteúdos, com os cuidados com as palavras. (In)felizmente tiveram de ser transcritas, e nenhum *scanner* ou *xerox* foi permitido tocá-las, a fim de não deteriorar o material. Desta forma perde-se um pouco da “aura” que envolve o manuscrito em si, tendo, então, o leitor que se contentar com a sensibilidade do historiador, com a subjetividade daquele que conta a história do que viu e sentiu perto de sua fonte. É-se da opinião que, desta forma, o leitor ganha, e não perde.

Assim, observou-se que o paciente TR, de pseudônimo Ulysses, quebrou o gelo com o machado de Kafka e navegou nos mares de sua alma, amarrando-se a mastros de navios desconhecidos, para tentar escapar da sedução de suas sereias internas. Mas não se sabe se sucumbiu ou não – o resto de sua história é desconhecido para nós. O mais provável é que tenha escutado o canto de alguma delas, por ter esquecido de colocar o tampão em seus ouvidos, e que assim, não tenha conseguido pisar na “terra firme” de seu desejo, que era ser escritor. Ouvidos estes que, paradoxalmente, souberam também escutar as musas da criatividade, fazendo-o deixar, para nós historiadores, estes belíssimos escritos de si. E assim ele foi, portanto, um escritor.

Retrocedendo, agora, um pouco no tempo, ver-se-á como Lima Barreto, que escreveu suas notas de hospício em 1920, foi – também –, por um lado, vítima de uma certa visão de mundo, onde sua obra foi considerada sintoma de sua doença e, por outro lado, um “baluarte da resistência”, ao não se deixar calar pelas condições adversas em que viveu, tanto na esfera privada, quanto pública.

TERCEIRO CAPÍTULO

O tempo de Lima Barreto no "Diário de Hospício" e "Cemitério dos Vivos" (1920): um escritor na contramão da história

"Essa história de loucura, como muitas outras, é simplesmente questão de sentido da contagem; para a esquerda do O, é negativo; para a direita é positivo. Mais nada."

Lima Barreto, *Bagatelas*

"A literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos."

Nicolau Sevcenko, *A literatura como missão*

"Dans cette tentative d'auto- création, l'artiste risque plus ou moins la folie. Ses rapports avec la folie sont ceux du marin avec la mer. Tandis que l'homme normal ressemble au terrien qui fuit la mer, ou l'endigues, ou conquiert des terres sur elles (comme le second Faust de Goethe ou le peuple de Hollande), l'artiste s'embarque sur cette élément dangereux. Il s'abandonne à l'inconscient, avec le secret espoir de le vaincre."

Charles Mouron, *Théo et Vincent – une symbiose*

Apesar de não demonstrar vestígio algum de loucura, nem mesmo a alcoólica ou tóxica, M. era veterano no hospício e me informou muito sobre os loucos, suas manias, seus antecedentes. O meu mergulho naquele mundo estranho foi logo profundo, naqueles quatro dias que nele passei.

Vista assim de longe, a noção do horror que se tem da loucura não parte da verdadeira causa. O que todos julgam, é que a cousa pior de uma manicômio é o ruído, são os desatinos dos loucos, o delirar em voz alta. É um engano. Perto do louco, quem os observa bem, cuidadosamente, e une cada observação a outra, as associa num quadro geral, o horror misteriosos da loucura é o silêncio, são as atitudes, as manias mudas dos doidos.

Há indivíduos que se condenam a um mutismo absoluto, que não conversam com ninguém, não dizem palavra anos e anos. Destes, uns vivem de um lado para outro, outros deitados; ainda outros fazem gestos, e certos outros prorrompem em berreiros.

Alguns, a sua doença atacou-os no aparelho de emissão da palavra. Havia um, mas na outra secção, velho e dizem que de família importante, que falava de onde em onde, mas logo perdia o jeito e emudecia. Tinha delírios terríveis. Corria que em estado de loucura matara uma irmã, na fazenda paterna, com mão-de-pilão.²⁶²

ESCREVER fez Lima Barreto sentir-se humano. Neste ato, ele colocou toda sua criatividade, não importando se tenha morrido louco, bêbado, marginalizado. Pois LB não era simplesmente um louco; ele escrevia em jornais e publicou livros, ainda em vida.

Lima Barreto (LB), no sentido revolucionário, foi um produto histórico e social de sua época. Mesmo tendo sofrido discriminações várias, ele soube, em sua literatura, compor uma obra mestra sobre a sociedade em que vivia, suas mazelas e alegrias. Mesmo sentindo-se inferiorizado no meio social e cultural que o cercava, ele cumpriu o esforço de ultrapassar tudo isto em nome da literatura. Esta, sua amante mais freqüente, ao mesmo tempo que deu a ele o que pediu, também o “sugou”. Mas, mesmo depois da morte, continuou fiel, pois é do escritor que temos a lembrança, os vestígios do passado ... "A literatura ou me dá o que eu peço dela, ou me mata", escrevia ele em seu *Diário de Hospício...* Assim, é de uma vida paradoxal, vivida também em seus limites, que se falará a partir de agora.

Lima Barreto deixou uma profusão de cartas e *escritos de si*, que vieram à tona com o trabalho feito por seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, ao lançar em 1952 *A vida de Lima*

²⁶² Lima Barreto, *Cemitério dos Vivos*, p.184.

Barreto. Dentre estes, está aquele que ora é fonte deste estudo, seu *Diário do Hospício*, uma espécie de “livro de memórias”, escrito durante sua última internação no Hospício Nacional de Alienados e que deu origem ao romance inacabado, *Cemitério dos Vivos*.²⁶³

LB usou pedaços da realidade, vivida por ele, para criar fantasmas. Mas estes fantasmas, semeados no campo do ficcional, deram riqueza à literatura brasileira, e, mais ainda, impressões contundentes de uma vida real, de um mundo real, de uma época vivida...

A ficção mostra aquilo que é vivido no imaginário de quem escreve e, ao mesmo tempo, aquilo que pode ser contado aos outros. O recurso ficcional, no caso literário, através de sua linguagem simbólica, funciona como um “documento de sensibilidade”, que pode representar um certo passado – aquele dos “homens que foram vencidos pelos fatos”.

Afonso Henriques de Lima Barreto, desde muito cedo, ainda pequeno e adolescente, teve contato com a loucura. Seu pai, funcionário público, tornou-se alcaide das Colônias de Alienados da Ilha do Governador, em 1891. O pequeno já havia perdido sua mãe com 7 anos e, agora, na transferência do pai para a Ilha, ficou estudando em colégio interno, indo se juntar à família, pai e irmãos, todos os sábados.

²⁶³ Ângela de Castro Gomes refere o estudo de Assis Barbosa, re-editado em 2002, sobre a vida de Lima Barreto, como pioneiro no gênero, uma vez que data de 1952. “Trata-se de uma biografia que manteve e consolidou seu apelo de público e seu conjunto de informações sobre um personagem trágico e grandioso da literatura brasileira.” Foi inaugurado, no Brasil, com a correspondência de Lima na virada do século XIX, um rico percurso de escritas de si, que vem até os dias de hoje. Gomes, Ângela de Castro (org). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004, prólogo, pp. 7-8.

Eram duas as Colônias de Alienados para as quais fôra nomeado João Henriques: a de São Bento e a Conde de Mesquita. A primeira ficava num antigo convento de padres beneditinos, edificação quase secular, no alto de um morro, de onde se avistavam os recortes das montanhas de Rio de Janeiro e grande parte da ilha. A cerca de três quilômetros, na extremidade da Ponta do Galeão, erguia-se a Colônia Conde de Mesquita, num velho casarão, construído, nos começos do século XIX, para residência de verão do Príncipe Regente, fronteiro a um renque de lindas e colossais mangueiras.²⁶⁴

Nesta época, na virada para o século XX, a Ilha do Governador era ainda uma “roça”, e estava entregue a moradores pobres, que apanhavam suas frutas silvestres, lenha e peixe para sobreviver – além, claro, de hospedar dois asilos para alienados mentais. A casa de João Henriques era simples, mas era “uma velha habitação roceira, vasta e cômoda, com grandes salas e amplos quartos”, edificada num enorme sítio, com um bambuzal cerrado, muitos formigueiros (as saúvas tomavam conta da Ilha) e algumas árvores frutíferas, cujos cajueiros eram o orgulho de Afonso Henriques.²⁶⁵ Esta descrição, feita por ele para um artigo de revista (Lugar Citado), é quase a mesma que anos mais tarde vai fazer para a morada de Policarpo Quaresma, no Sítio do Sossego.

Seu pai, que passara a beber depois da morte da esposa e vivia taciturno nos primeiros anos das Colônias, redescobre a vontade de viver e se relacionar socialmente quando, aí, descobre a agricultura. Mas não era somente a agricultura que ele cultivava. “Cultivava também as belas letras”, tendo deixado, por exemplo, para seu filho primogênito – Afonso Henriques – a edição brasileira da Divina Comédia, editada pela Imprensa Nacional, quando lá trabalhou como tipógrafo.

²⁶⁴ Esta descrição faz parte de três artigos do “Suburbano”, periódico carioca, assinados por Nemo, um pseudônimo que Francisco de Assis Barbosa supõe poder ter sido de Lima Barreto, para escrever estes “Apontamentos para a história das colônias de alienados”. Respectivamente, os artigos apareceram em 15 de outubro, 1 de novembro e quinze de novembro de 1900. Fonte: Barbosa, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952. p.55 e ss.

²⁶⁵ Barbosa, Francisco de Assis. Op. Cit., p.56.

A natureza e as letras deixavam, assim, profundas marcas positivas no jovem menino, enquanto a loucura já espreitava pelos cantos de sua alma.

Há um episódio marcante, relatado por seu biógrafo, acontecido em 1893, quando Lima morava em Niterói e lá estudava no internato, vendo a “guerra” acontecer nas ruas. Refere-se à revolução antiflorianista deste ano, conhecida como a Revolta da Armada, quando marinheiros tomaram a Ilha do Governador e nela fizeram um grande estrago. Afonso, numa precocidade de seus 12 anos, escreve cartas desesperadas a seu pai, até que este vai buscá-lo no colégio e o traz para junto de si.

Tendo passado por inúmeros sustos, João Henriques resolve ir morar no litoral da Penha com os filhos, mas não abandonando a Ilha por completo, pois ia nela todos os dias – arriscando sua pele – levar comida aos duzentos doentes que lá ficaram. O menino acompanhava o pai nestas “longas excursões”. Numa destas, um soldado se aproximou de seu pai e depois de fazer muitas perguntas, João Henriques comentou ao filho que aquele queria saber por que Floriano Peixoto e Custódio de Melo estavam brigando. A ignorância do soldado impressionou sobremaneira o menino, que não entendia como alguém arriscava a vida sem saber por que ou para que

Tinha apenas 12 anos. Estava “naquele instante da vida em que se gravam bem fundo as dolorosas impressões”, segundo as próprias palavras do escritor. Para ele, a ditadura florianista assemelhava-se a um cataclisma, com o seu cortejo de execuções, fuzilamentos, encarceramentos, homicídios legais, que o horrorizavam.

Vivendo num asilo de loucos desde cedo, o menino hipersensível começou a sentir as injustiças do mundo. Os acontecimentos de 93 deram-lhe depois uma nova imagem da vida. Estariam os soldados tomados de loucura coletiva?

Assim reagia o pequeno Afonso, à procura de uma explicação para a invasão da Ilha do Governador, para o saque criminoso, para a violência cruel e sem motivo. Os laços, as arapucas, os banhos de mar e os cajús devorados com volúpia não conseguiriam fazê-lo esquecer o sacrifício dos humildes e a indiferença dos poderosos, com aquela maravilhosa perplexidade infantil diante das incoerências da vida.²⁶⁶

Porém, João Henriques, “seu grande e infeliz pai”, de volta às Colônias já há alguns anos, enlouqueceu repentinamente em 1902: “dormiu são e acordou louco”, como mostra depoimento de seus filhos; “a doença chegou de repente, sem avisar, como os raios em céu de abril, perturbando a paz familiar que parecia tão firmemente consolidada”.²⁶⁷, ²⁶⁸

A partir daí, Afonso Henriques também nunca mais seria o mesmo... Com o tempo, prisão na bebida, prisão na loucura, prisão no hospício... e liberdade na escrita...

Liberdade, esta, que lhe foi cara, muito cara, pois ele queria ser melhor compreendido e reconhecido.

Tentou formar-se na Escola Politécnica, em engenharia, mas rodou por décimos de nota, episódio este, agravado pelo preconceito à sua cor. Começou cedo a escrever, mas sua literatura não agradou a “elite” intelectualizada do país daquela época. Sentia falta de um carinho materno, seu pai enlouquecera, não tinha um “amor”, não casou, era um solitário em vários sentidos. Revoltava-se com o sistema burguês estabelecido aos poucos na sociedade republicana no país

²⁶⁶ *idem*, p.66.

²⁶⁷ *idem*, p. 109.

²⁶⁸ Outros fatos de sua vida irão sendo apresentados e discutidos no correr do texto. Como esta tese não pretende desenhar uma nova biografia de Lima Barreto, achou-se conveniente ir citando os acontecimentos de sua vida conforme forem sendo úteis à análise do momento.

dos Bruzundangas. Queria ter nascido branco, como relata em seu diário, mas era descendente de escravos.

Nasceu dotado de uma inteligência ímpar, perspicaz, mordaz e de uma sensibilidade dada a poucos, humana, íntegra. Haveria de trabalhar, para sustento familiar, na Secretaria da Guerra, ambiente militar de “funcionalismo público”, que abominava. Tentou escrever em colaboração com jornais e revistas, chegou a fundar uma, mas sempre havia de ser excluído, por suas opiniões, ou pelo fator financeiro, ou pela cor. Aliás, financeiramente estava sempre na penúria. Contraindo doenças venéreas e fraqueza pulmonar, por suas boemias. Foi inúmeras vezes internado em hospitais, em deplorável estado físico e mental, comumente depois de ingestão de grandes doses de bebida alcoólica. A parati, sua cachaça, haveria de levá-lo por caminhos insondáveis...

O que teria sido mais marcante em sua vida? É difícil responder, mas após examinar seus textos “confessionais”, seus diários, uma coisa salta ao pensamento: ele era neto de escravos não libertos no papel, portanto de condição de existência mais inferior. Esta inferioridade “herdada” fez dele um negro “foragido”, perdido entre os intelectuais brancos, mais ou menos tolerantes pela imposição de seu talento. “É triste não ser branco!”, escreveria ele num de seus diários, no ano de 1908, quando tinha 26 anos de vida.^{269, 270}

Gilberto Freyre, que prefacia o *Diário Íntimo*, afirma que Lima ressentia-se de ser mulato, ou quase negro, como algumas vezes dizia.

²⁶⁹ Barreto, Lima. *Diário Íntimo*. Brasiliense: São Paulo, 1956. p.130.

²⁷⁰ O *Diário Íntimo* foi escrito por Lima Barreto durante muitos anos de sua vida, precisamente de 1900 a 1921, sendo o período no HNA de 1920 apenas mencionado nele. Os capítulos são separados pelos anos de sua escritura e seus conteúdos variam desde pequenos textos e crônicas, até desabaços pessoais e notas do dia-a-dia, esboços de seus romances, personagens, acontecimentos diários, etc. Foi publicado na mesma leva das obras completas que Francisco de Assis Barbosa, seu biógrafo, preparou e editou em 1956 pela editora Brasiliense. Até então era inédito, assim como o *Diário de Hospício e Cemitério dos Vivos*.

Era assim um desajustado, a sofrer constante e intensamente de seu desajustamento de mulato pobre. Pobre e obrigado, pela sua condição econômica, a ser, em grande parte, sociologicamente homem de côr: sem oportunidade de transformar-se em mulato sociologicamente branco como, na sua mesma época, o igualmente negroíde evidente – embora bem mais claro de pele do que Barreto – Machado de Assis. Ou como o quase negro Juliano Moreira, médico ilustre casado com alemã branquíssima.²⁷¹

Esta impressão analítica de Freyre é corroborada por muitos discursos de Lima em várias passagens de sua obra, aliás, de muitas delas. E adquire uma forma especial nesta que aqui se analisa.

Neste prefácio ainda – e toma-se emprestada sua palavra, pois este *Diário Íntimo* revela tanto quanto o *Diário do Hospício* – Freyre evoca a memória do autor, descendente de escravos e negros africanos, fazendo justiça: justiça intelectual. A este “homem de sensibilidade quase de moça”, diz ele, faltou a certeza de possuir inteligência excepcional e mesmo de gênio... Certo de que Lima assim queria, “ser inteligente muito e muito!”.

Faltou-lhe essa certeza. Faltou-lhe o estímulo – talvez devesse dizer a justiça: justiça social – de uma crítica esclarecida que prestigiasse nele o intelectual, autor desde a mocidade de livros que hoje o situam entre os romancistas mais significativos do Brasil. Sob o calor do prestígio intelectual, compensador de deficiências de prestígio social, é possível que seu desajustamento tivesse sido atenuado, adoçado e talvez contido; e não chegado, como chegou, a extremos às vezes trágicos. Ele foi uma espécie de personagem de romance russo, desgarrado nos trópicos; e para quem só a natureza bruta destas terras de muito sol e muita côr crua, foi algumas vezes angelicamente azul: toda azul. Como na manhã de fevereiro que recorda numa de suas notas de 1905: “azul diáfano. Tudo azul... O rolar das carroças é azul, os bondes azuis, as casas azuis. Tudo azul.”²⁷²

Tudo azul, menos o tratamento que recebeu da maioria dos homens de sua época.

Tudo azul ?

Mas, a outra impressão que se tem, ao ler sua obra, é que todos estes fatos foram, além de marcantes, matéria-prima para sua literatura de ficção.

²⁷¹ Freyre, Gilberto. Prefácio, escrito em 1954, p.14. In: Barreto, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

²⁷² Freyre, Gilberto, op. Cit., p.15/16.

Esta, enquanto Lima ainda vivia, foi duramente criticada por ser uma "literatura autobiográfica", onde, em cada um de seus romances, seus personagens representavam verdadeiras partes de sua personalidade, ou ainda, a imagem de seu pai - *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, só para citar os mais conhecidos e polêmicos na época. Seriam, também, aos olhos dos críticos, "romances-catarses", onde o lado pessoal de sua crítica a vários setores da sociedade aparecia em detrimento da "arte de criar". Para alguns desses, a criatividade aconteceria, somente, no âmbito da ficção, jamais podendo ter esta uma âncora na realidade, seja uma realidade pessoal, seja a realidade coletiva, de uma nação, por exemplo.

Assim escreveu Eugênio Gomes, no prefácio da edição de *O Cemitério dos Vivos* em que se está trabalhando:

Em seus romances à clef, como *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, no qual vinga asperamente as suas humilhações em contacto com os meios jornalísticos e, em *Numa e Nífa*, destinado a fixar a comédia política numa das épocas mais curiosas da vida republicana em nosso país, o humour satírico de Lima Barreto deriva para o lado pessoal, com o sacrifício da criação literária.²⁷³

O que realmente, então, teriam dito sobre seu "romance - memória", *Cemitério dos Vivos*, escrito exatamente com o intuito revelado de mostrar a vida dentro dos hospícios, por onde ele passou?

²⁷³ Barreto, Lima. *O Cemitério dos Vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956. Prefácio, p.21

...mas afinal, a maior, senão a única ventura, consiste na liberdade; o Hospício é uma prisão como outra qualquer, com grades e guardas severos que mal nos permitem chegar à janela. Para mim, porém, tem sido útil a estadia nos domínios do senhor Juliano Moreira. Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos. Leia o Cemitério dos Vivos. Nestas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis. Tenho visto cousas interessantíssimas.²⁷⁴

Para Ângela de Castro Gomes, os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas, residindo exatamente aí, nestas características, seu valor – principalmente como documento histórico. O que os críticos daquele momento histórico não tiveram a ousadia de perceber.²⁷⁵

Diário do Hospício foi escrito assim, fragmentariamente, derramando nas palavras toda a subjetividade do momento, de sua experiência dentro do hospital. Em meio a seu texto, muitas vezes descritivo, outras narrativo, Lima Barreto questiona-se sobre os meandros da loucura, sobre suas origens e ramificações, bem como o que é estar preso num hospício. Talvez, somente sendo um "louco" para que se possa compreender o âmago desta intrincada rede.

²⁷⁴ “Uma entrevista”. In: Barreto, Lima. *O Cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 257. É interessante ressaltar que Lima Barreto simpatizava com Juliano Moreira, referindo-se a ele mais de uma vez no *Diário do Hospício*. Seria por que este também era "quase negro" como ele? Há uma passagem em que ele conta que o diretor do hospício [Juliano Moreira] foi ver uma algazarra que acontecia, por conta de um paciente ter subido no telhado. LB fez um comentário a este médico sobre tal doente e "o diretor nada disse; mas foi preciso ele vencer, com sua doçura, a sua paciência e a simplicidade de sua alma, a indelicadeza desse seu hospitalizado. Hei de falar mais longamente sobre ele, que é uma interessante figura que conheci." P.85.

²⁷⁵ Esta autora atribui, ainda, um outro valor a estes registros de memória como documentos históricos: aquele decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas. “Sociedades que separaram o espaço público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos. Uma sociedade em cuja cultura importa aos indivíduos sobreviver na memória dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo. É dos indivíduos que nasce a organização social e não o inverso.” Gomes, Ângela de Castro. Op. Cit. , p.13. Paradoxalmente a esta importante análise, Lima Barreto escreveu este diário em condições de quase nenhuma privacidade, como ele mesmo reclama em quase todo o texto, fazendo de seus escritos o próprio espaço desta sua privacidade perdida. Como se viu no capítulo precedente, TR também deu-se conta disto e escreveu a respeito. É interessante ver como, dentro desta mesma sociedade, existiam “nichos” onde o indivíduo pouco valia, não era dotado de autonomia, tampouco de valor. Fala-se, aqui, dos hospícios, este espaço público de exclusão, e de onde nasceram – e este é o paradoxo – as narrativas sensíveis, ou escritos de si, com as quais se está trabalhando.

Lima Barreto viveu alguns meses em hospitais e hospícios e tinha instrução e cultura, como os médicos que dele cuidaram e que lá trabalhavam... Mas sofreu com isto, refletiu sobre a loucura e, assim, escreveu sobre ela – de uma forma mais sensível que os profissionais que dela dizem entender...

Eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida, do Universo e de nós mesmos. No último, no fim do homem e do mundo, há mistério e eu creio nele. Todas as prosápias sabichonas, todas as sentenças formais dos materialistas, e mesmo dos que não são, sobre certezas da ciência, me fazem sorrir e, creio que este meu sorriso não é falso, nem precipitado, ele me vem de longas meditações e de alanceantes dúvidas.²⁷⁶

Seria isto loucura?

O medo e a dúvida estavam sempre presentes nesta sua última estadia "nos domínios do doutor Juliano Moreira": "Haverá contágio na loucura?"²⁷⁷, questiona ele ao referir-se aos velhos guardas dos alienados, se estariam ou não loucos também, por viverem tanto tempo junto a estes ... E mais adiante, desolado, informa: "Aborrece-me, este hospício; eu sou bem tratado; mas me falta ar, luz, liberdade."²⁷⁸

Estes elementos, medo e dúvida, foram, também, literariamente transpostos a seus escritos, apresentados em imagens criativas de tamanha profundidade, que seria inimaginável não pararmos para pensar a respeito da loucura...

²⁷⁶ *Diário de Hospício*, p.51. Os manuscritos do *Diário de Hospício* encontram-se na Coleção Lima Barreto, na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Os apontamentos do diário foram escritos em folhas de papel de formato ofício, de baixa qualidade, a lápis, papel provavelmente obtido no hospício. Conforme Assis Barbosa, estes escritos apresentam as características das anotações de Lima Barreto vazadas em primeira redação, isto é, rapidez, de onde dificuldades para a leitura, omissão quase geral de pontuação, letras e palavras apenas esboçadas, quando não comidas, sobretudo fins de palavras. Daí o trabalho imenso do organizador para dar uma forma “editável” deste material. Ver nota 2 (e ss.) à página 272 da edição ora pesquisada.

²⁷⁷ *idem*, p.73.

²⁷⁸ *idem*, p. 81.

Com o enlouquecimento do pai – loucura diagnosticada como “doença incapacitante”, levando-o a uma aposentadoria compulsória – Afonso Henriques, sendo o filho mais velho, recebeu um grande fardo: cuidar dos irmãos menores, da mulher do pai e seus filhos e de um velho amigo que morava com eles. Já residindo num subúrbio do Rio de Janeiro, tinha que sustentar a todos. Para isto, abandonou a Escola Politécnica, onde estudava Engenharia, prestou concurso para amanuense – nome dado ao escriturário, na época – e começou a trabalhar, então, em outubro de 1903, no Ministério de Guerra. Este emprego iria aviltá-lo, na sua sensibilidade, na sua inteligência e – como tudo – foi para o cesto das matérias-primas...²⁷⁹

Num recorte transversal do tempo de sua vida, isto é, não obedecendo a uma cronologia linear, é importante neste momento da tese examinar um outro romance do autor, onde ele expressa sua visão sobre loucura e a jovem República brasileira de então ... Com isto, almeja-se ir chegando num entendimento cada vez mais profundo de sua “vida-ficção”, percorrendo e montando este quebra-cabeças, ou melhor, este mosaico de sensibilidades, que amadurece com os anos e culmina no *Cemitério dos Vivos*.

²⁷⁹ Gostaria de mencionar, aqui, como um registro a mais deste mosaico que ora se está montando sobre vida, obra e loucura em Lima Barreto, que seu pai morreu dois dias após sua morte. Ele restou, assim, vinte anos em sua casa, dependente dos outros, e principalmente de seu filho querido, parecendo até que ele esperou... Sem Afonso H., João H. também não quis mais viver... Seria apenas uma coincidência? Quando Afonso foi encontrado morto em sua cadeira de balanço por sua irmã Evangelina, esta, imediatamente, ouviu um grito de seu pai chamando-a pelo nome e, indo a seu encontro, este lhe perguntou: “Minha filha, Afonso morreu?”. Este episódio de rara lucidez em João, uma lucidez vinda, sem dúvida, do fundo de sua alma, foi relatado pela irmã de Lima ao biógrafo. Francisco de Assis Barbosa faz, também, uma descrição da situação da loucura do pai, na época em que Lima Barreto toma posse do cargo de funcionário público: “Foi por este tempo que se mudou com a família para Todos os Santos, indo morar em casa alugada, na rua Boa Vista, no alto de um morro. No silêncio da habitação suburbana, João Henriques passaria a curtir, desde então, sua neurastenia, longe dos olhos e ouvidos indiscretos. Permaneceria sentado numa cadeira, dias inteiros, sem falar e sem comer. Mas, de quando em quando, o delírio se apossava dele, e o pobre homem clamava pelo filho, aos gritos, como se Lima Barreto fosse a única pessoa capaz de protegê-lo, em meio ao pavor que tinha de ser preso: - *Afonso! Afonso Barreto! Querem-me matar! Querem-me matar!* Os gritos reboavam morro abaixo, sacudindo a quietude suburbana. E por isso o povo da redondeza deu a chamar “a casa do louco” à pequena morada no alto da rua Boa Vista, em Todos os Santos”. Op. Cit., p.120. E, anos mais tarde, seu filho Afonso sofreria do mesmo tipo de alucinação e delírios.

3.1 “Você, Quaresma, é um visionário...”

“Você, Quaresma, é um visionário...” é uma frase antológica do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*²⁸⁰, de Lima Barreto, e que representa uma "virada" na narrativa deste romance. Ela serviu de pista para pensar e identificar algumas possíveis relações entre as vidas de criador e criatura, Lima Barreto e Policarpo Quaresma, sugerindo a discussão de questões muito pertinentes à época da escrita do texto: nacionalismo, loucura e obra literária.

É, através desta relação da história com a literatura, que se tenta chegar mais próximo a sensibilidades, idéias e sentimentos de um outro tempo, de um Brasil ainda jovem em termos de República, conturbado socialmente neste momento e tendo cada vez mais jovens escritores que se debruçavam sobre determinadas problemáticas da nação.

Conforme nos diz Edgar De Decca²⁸¹, a literatura muitas vezes realizou, desde o final do século XIX, o projeto da história social e cultural no Brasil "procurando resgatar do silêncio da história os personagens anônimos". Quaresma seria a inclusão, na cena histórica, das pequenas personagens, "que com seus dramas, ideais e sonhos aproxima a vida cotidiana do homem comum à dos heróis e dos grandes acontecimentos."

Os homens comuns não fazem história a partir de seu cotidiano, apenas a transgressão dá a eles visibilidade. É por esta razão que, ainda hoje, pode-se conhecer melhor a história das classes subalternas vasculhando arquivos policiais. Neles, os personagens anônimos ganham destaque e tornam-se sujeitos históricos.

²⁸⁰ Barreto, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Moderna, 1993.

²⁸¹ De Decca, Edgar Salvadori. Quaresma: um relato de massacre republicano. In: *Anos 90, revista do PPG História da UFRGS*. Porto Alegre: editora da Universidade UFRGS, n.8, dezembro 1997, p45-61.

O homem comum, na falta de uma narrativa literária que o engrandeça, só entra na história a partir de registros policiais. Lima Barreto salvou Quaresma do anonimato, deu-lhe personalidade e um lugar de destaque no cenário da história da República.²⁸²

Mas ainda há mais: também este romance apresenta uma estreita ligação entre a personalidade de seu autor e a do personagem, levando a afirmar, como De Decca, que somente a loucura pode, muitas vezes, permitir o acesso à história dos pequenos personagens.²⁸³ E, acrescenta-se, daqueles homens que tiveram a coragem de pensar e criticar o seu tempo sem medo, e expor suas idéias, fossem quais fossem as conseqüências ou resultados.

Os escritos de Lima, transitando por sátiras, tragédias, críticas e depoimentos, mostram o quanto sua obra ficcional é viva e mescla-se com sua vida real. Mas, também, o conjunto de sua obra transcende sua personalidade, porque é simbólica. Ver-se-á, adiante, o quanto ela fala do espírito de uma época, o quanto ela testemunha um tempo que ainda virá...

A loucura, advinda ou não de seu alcoolismo (há controversas...), teve uma dimensão trágica em sua vida, mas transformou-se em matéria prima de alguns de seus romances, contos e crônicas, sendo os mais contundentes e conhecidos, *Triste fim de Policarpo Quaresma e Cemitério dos Vivos*. "As internações, ao todo cinco, duas no Hospício Nacional, duas no Hospital Central do exército e uma única vez na Santa Casa de Ouro Fino, acentuou-lhe mais ainda sua imagem de cadáver social."²⁸⁴

²⁸² De Decca, E. op. cit., p.54

²⁸³ idem, p.49.

²⁸⁴ Arantes, Marco Antonio. *Loucura em Lima Barreto*. Dissertação de Mestrado - Ciências Sociais. PUCSP, 1999, p.9.

Este era o rótulo e a realidade aos quais se ligava, sendo esta a sua história pessoal, que, tanto a seus próprios olhos como a de muitos outros contemporâneos, o levou a uma vida quase trágica, não fosse a obra literária absolutamente original que legou à humanidade.

A loucura de Lima Barreto acompanha como uma sombra sua obra, mas não a reduz a um campo estéril de imagens desconexas e delírios desordenados, sobremaneira despojados de sentido social e estético. “Sua enfermidade, que para a frustração dos conformistas limitou-se em toda sua vida a uma lucidez desconcertante, não o coloca na galeria dos autênticos loucos. Afinal, perguntava Artaud com os olhos voltados a Van Gogh. ‘*E o que é um autêntico louco?*’”²⁸⁵

Como se viu anteriormente, *Triste fim de Policarpo Quaresma* foi escrito vertiginosamente, em menos de três meses – de janeiro a março de 1911, portanto dez anos antes de “*Cemitério...*” – e publicado inicialmente em folhetins do Jornal do Comércio (edição da tarde), no Rio de Janeiro, de 11 de agosto a 19 de outubro de 1911. Sua edição integral, como romance, apareceu somente em 25 de fevereiro de 1916, pela Tipografia “Revista dos Tribunais” e foi bancada financeiramente por ele mesmo, ou melhor, pelos empréstimos que fez. Rendeu-lhe elogios, críticas até positivas e uma entrevista ao folhetim *Época*, no mesmo mês, onde ele declarou:

²⁸⁵ idem, p.15.

... O fim de minha vida é as letras. Eu não peço delas senão aquilo que elas me podem dar: glória! Eu sou afilhado de Nossa Senhora da Glória. Eu não quero ser deputado, não quero ser senador, não quero ser mais nada senão literato. Não peço às letras conquistas fáceis, não lhes peço gloriolas, peço-lhes coisa sólida e duradoura. E posso falar de carreira, porque se eu quisesse ter estas histórias, as teria de sobra. Eu abandonei tudo por elas; e a minha esperança é que elas me vão dar muita coisa. É o que me faz viver mergulhado nos meus desgostos, nas minhas mágoas, nos meus arrependimentos...²⁸⁶

O romance, cujo tempo narrativo evoca os primeiros anos da República, apresenta um Brasil em tempos nada tranqüilos, quando a idéia de que o novo regime representava melhores condições de vida estava longe de ser unânime. No final do romance, o discurso do narrador cola-se ao de Policarpo, numa mesma expressão de dúvida: "A Pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete. Nem a física nem a intelectual nem a política que julgava haver existia".²⁸⁷

Na história, a frase que referimos no início do texto é dita pelo Marechal Floriano Peixoto, presidente do Brasil, na época da Revolta da Armada (tempo histórico em que se passa o romance), referindo-se a algumas idéias nacionalistas em que o personagem principal (Quaresma) se vê envolvido.

Major Quaresma, um personagem quase caricatural, um homem ingênuo, bem intencionado, com ideais nobres para uma Pátria melhor e mais digna a todos seus cidadãos. Seu "entusiasmo nacionalista" procura assegurar o autêntico conhecimento dos valores de seu país, especialmente os da terra e da agricultura, universo, este, muito familiar a Lima, desde sua infância, na relação com seu pai. Muitas das suas ações, na segunda parte do romance, têm como espaço um sítio que se chama "Sossego", no interior, para onde Policarpo vai após a alta de sua internação psiquiátrica.

²⁸⁶ Barreto, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

²⁸⁷ Barreto, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Moderna, 1993, p.162.

"O discurso patriótico e ufanista do personagem evidencia um conjunto de tabus e chavões sobre o potencial da terra brasileira como a 'terra abençoada', a garantia de uma vida 'feliz, farta e alegre' "²⁸⁸.

Ele havia sido rotulado de louco, e internado, exatamente por ter estas idéias nacionalistas "fora da razão sensata", que culminaram em Quaresma escrever um requerimento e enviar à Câmara dos deputados, por engano, solicitando (e justificando) que a língua nacional - "a mais alta manifestação da inteligência de um povo" - seja trocada do português (pois esta, para ele, era uma língua "emprestada" ao Brasil) para o tupi-guarani. É o narrador que nos fala, páginas depois, quando Quaresma já está instalado em seu sítio Sossego: "As conseqüências desastrosas do seu requerimento em nada tinham abalado as suas convicções patrióticas. Continuavam as suas idéias profundamente arraigadas, tão-somente ele as escondia, para não sofrer a incompreensão e maldade dos homens".²⁸⁹

Aqui, Lima aproxima, já, o tratamento dispensado à loucura, das noções de incompreensão e maldade humanas - de certa forma antevendo aquilo pelo qual passará.

Policarpo encheu-se de esperanças nacionalistas quando foi detonada a Revolta da Armada, colocando quase todas suas expectativas no comando do Marechal Floriano Peixoto, que o decepciona logo em seguida. A unidade nacional, tão idealizada por Policarpo à sua maneira de pensar, não tem vez de acontecer.

Marechal Floriano Peixoto é apresentado, no texto, pelo narrador, no momento em que encontra o major Quaresma em seu posto, como um homem que "vestia chapéu de feltro mole,

²⁸⁸ Figueiredo, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p.93.

²⁸⁹ Barreto, L., op. cit., p.89.

abas largas e uma curta sobrecasaca surrada. Tinha um ar de malfeitor ou de exemplar chefe de família em aventuras extraconjugais".²⁹⁰

Um pouco mais adiante, estando ambos caminhando lado a lado numa noite liricamente enluarada, Floriano profere aquelas palavras, ao sentir-se entediado com Quaresma e suas idéias: "Você, Quaresma, é um visionário".²⁹¹

A narrativa vai tomando um rumo de tonalidade cada vez mais amarga, mostrando as decepções de Policarpo Quaresma, com seus compatriotas, mas sempre fiel a seus pensamentos e convicções nacionalistas:

Na verdade o major tinha um espinho n'alma. Aquela recepção de Floriano às suas lembranças de reformas não esperavam nem o entusiasmo e sinceridade nem tampouco a idéia que ele fazia do ditador. Saíra ao encontro de Henrique IV e de Sully e vinha esbarrar com um presidente que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance dos seus projetos, que os não examinava sequer, desinteressado daquelas altas coisas de governo como se não o fosse!...Era pois para sustentar tal homem que deixara o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por este homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural?²⁹²

Lima Barreto não era um nacionalista, mas ele parecia ter preceitos nacionalistas, ainda que inconscientes, quando mostra, em seu personagem Policarpo Quaresma a frustração por não ver realizados, em sua terra natal, práticas que, para ele, valorizariam a Pátria no que ela tem de mais "nacional". Em suma, Lima Barreto instala esta discussão em seu texto.

Seria talvez próprio dizer que, embora Lima Barreto não levantasse uma bandeira como nacionalista, ele esperava que sua terra natal fosse, em metáfora, como Policarpo imaginava, pois o criador colocou em sua criatura sentimentos subjetivos e idéias objetivas de pertencimento a

²⁹⁰ idem, p.138.

²⁹¹ idem, p.139.

²⁹² idem, p.144.

uma nação histórica, mais digna e auto-suficiente. Como nos diz Pesavento, o leitor Lima Barreto, na leitura que faz de sua terra, apresenta uma crítica profunda tanto às tendências européias em curso na sociedade, quanto ao nacionalismo visionário.²⁹³

Mesclam-se, no romance, imagens urbanas, com valores adquiridos na cidade, por ele mesmo e por outros personagens, bem como situações e análises "reais", relativas a questões de saúde e higiene públicas e governamentais da República, tão jovem da época. E, muito significativo para a presente contextualização analítica, questões sobre a loucura, sempre e desde já tão presente na vida e obra deste autor.

Visionário, no sentido amplo, é aquele que tem visões ou acredita ver fantasmas; num sentido figurado, é aquele que tem idéias excêntricas, extravagantes; também podemos chamar de visionária aquela pessoa que devaneia ou que é utopista; e, por último, e não menos importante, visionário é aquele que, nestas visões, também prevê (intui) o futuro. Quaresma podia ser tudo isto, Barreto também!

Se o fenômeno "loucura" começou a ser presenciado de perto na Ilha das Colônias de Alienados em que morou na infância e puberdade, ele iniciou a ser pensado, mais efetivamente, quando do enlouquecimento repentino de seu pai, em 1902. A partir daí, sofre em sua vida inúmeros desgostos de toda ordem.

A loucura paterna é uma fonte inspiradora para Barreto na caracterização de Quaresma, no seu jeito "seco e desconfiado", o que coincide com o depoimento de seu irmão sobre seu pai, relatado a Francisco de Assis Barbosa: "Olhava desconfiado para todos, como envergonhado,

²⁹³ Pesavento, Sandra. Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o "caráter nacional". In: *Anos 90, revista PPG História UFRGS*. Porto Alegre: editora da Universidade-UFRGS, n.8, dezembro de 1997, p. 30-44.

sem dirigir palavra nem aos filhos, nem a Prisciliana (...) Depois de lamuriar-se, ficava quieto coçando as mãos, sem falar nem ouvir ninguém, com os olhos perdidos num ponto qualquer" ²⁹⁴

Daí, que na construção literária do personagem Major Quaresma, haja uma duplicidade de discursos, que ora expressa a personalidade do pai, ora a própria individualidade do escritor. ²⁹⁵

Um escritor, cuja grandeza consistisse em abstrair fortemente das circunstâncias da realidade ambiente, não poderia ser, creio eu, um grande autor. Fabricaria fantoches e não almas, personagens vivos. Os nossos sentimentos pessoais, com o serem nossos, são também reações sociais e a sociedade se apóia na terra. ²⁹⁶

Mas tem-se que admitir que, embora vivenciada em vários planos de sua existência, a loucura, para Lima Barreto, apresenta-se como uma fonte criadora, "uma comunicação com os próprios tormentos da alma, algo 'palpável' e visível", que, de certa forma, opõe-se à visão organicista da psiquiatria do período republicano inicial. Ele transformou a experiência com a loucura de seu pai, e aquela com seus delírios, em obras de ficção, verdadeiramente críticas e criativas.

A loucura, desta forma, mostra-se, já em Policarpo, como tema e experiência – neste primeiro momento, experiência paterna. Lima transpõe tudo isto em narrativa, diluindo, assim, o real na ficção, apagando possíveis fronteiras. Ao expressar de forma sensível sua reflexão sobre a loucura, ele faz a estetização do fato-loucura em ficção-loucura.

Ao mesmo tempo, a narrativa de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* insere-se num período de problematização da loucura, que já vinha em discussão desde o século XIX. Discussão esta que culminou na construção de hospícios em todo o país, desde o primeiro, como já foi

²⁹⁴ Barbosa, Vida e obra..., op. Cit, p. 206.

²⁹⁵ Arantes, M. A., op. cit., p.31.

²⁹⁶ Barreto, Lima, apud Barbosa, Francisco de Assis. Op. cit., p.159.

mencionado, em 1852.

Na literatura, como já se viu, havia aparecido esta problemática, por exemplo, em *O Alienista*, de Machado de Assis, escrito em 1882, e em *No Hospício*, de Rocha Pombo, publicado em 1905 - embora, sob prismas diferentes.

Mas a abrangente abordagem de problemas sociais demonstrada no romance, tendo como fio condutor o nacionalismo e a loucura do personagem - que se mesclam à vida real do autor, revela contundentemente a inovação da obra de Lima Barreto, fazendo-nos crer que uma situação ficcional pode capacitar-nos a um estudo efetivo sobre um dado momento histórico.

Em outras palavras, encontram-se no romance situações simbólicas - ficcionais - que representam as questões nacionais, mas também as preocupações e reflexões do autor, que tomaram corpo em seu "desajuste" na sociedade em que vivia. Aqui, novamente, ele antecipa, em termos simbólicos, como um "visionário", o "horror" pelo qual passará em sua vida e nas internações psiquiátricas, que serão bem descritas e analisadas por Lima em seus escritos posteriores, *Diário de Hospício* e *Cemitério dos Vivos*.

Sua "loucura" formatou o conjunto de sua obra, mas também sua obra superou sua "loucura", pois como nos diz C. G. Jung, "a arte representa um processo de auto-regulação espiritual na vida das épocas e das nações".²⁹⁷

A literatura de Lima Barreto já é riquíssima, por si só, criativa, revolucionária. Mas ao conhecer sua vida, os pormenores de seus sofrimentos e tragédias pessoais, as críticas que fazia à sociedade e a seus "poderes", observa-se que tudo isto foi transformado em obra de arte. Dito de

²⁹⁷ Jung, C.G. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985, p.71..

outra forma, o processo criativo ao qual se entregava como escritor, com o olhar firme pousado sobre as questões cruciais de sua época, seu entorno e sua existência, suplantou a destruição insidiosa do álcool e da "loucura", e impôs-se em seus textos.

Contrariamente à psiquiatria que excluía o louco em hospícios rotulando-o como um perigo social e uma ameaça pública, a Psicologia Analítica de Jung vê, nas "manifestações da loucura", um sentido. Não se trata de negar uma doença, mas buscar seu sentido através dos conteúdos das fantasias dos doentes, que, num plano simbólico, traduzem a problemática vivida e que precisa ser solucionada.

Pois bem, em Lima Barreto, além de sua doença, "social" (alcoolismo), tem-se o fato de ele ser um escritor criativo. Toda obra de arte antecipa, de certa forma, desenvolvimentos ulteriores de uma época, de uma nação, etc.

A análise prática de artistas mostra sempre e de novo quão forte é o impulso criativo que brota do inconsciente, e também quão caprichoso e arbitrário. Quantas biografias de grandes artistas já demonstraram que o seu ímpeto criativo era tão grande que se apoderava de tudo que era humano, colocando-o a serviço da obra, mesmo à custa de saúde ou simples felicidade humana!²⁹⁸

A discussão sobre a questão simbólica se imporia neste momento, novamente. Mas como já foi feita em capítulo precedente, reitera-se, somente, que o símbolo é aquilo que está presente na obra criativa. E este é sempre um desafio à nossa reflexão e compreensão. Daí o fato de obra simbólica sensibilizar mais, mexer mais com o nosso íntimo e raramente permitir que cheguemos a um deleite estético puro; "ao passo que a obra notoriamente não simbólica fala mais genuinamente à sensibilidade estética porque nos permite a contemplação harmônica da sua realização perfeita."²⁹⁹

²⁹⁸ Jung, C.G., op. cit., p.63.

²⁹⁹ idem, pp.65/66.

Arrisca-se dizer que os críticos de Lima Barreto, aqueles seus contemporâneos, buscaram o prazer estético, ao criticarem sua literatura como "confessional, tendo sua obra perdido muito do valor literário"; não compreenderam, naquele momento, o quanto ela vinha a mostrar e a renovar. De certa forma, Lima, através do romance em estudo, colocou, em imagem simbólica - através da intuição criadora - o que aconteceria ao longo dos anos no Brasil: o desaparecimento, por repressão, do Major Quaresma, significa mais do que o "fim do sonho republicano", mostra a falência de uma pátria íntegra, antecipa aqueles inúmeros massacres que ainda viriam, como nos fala De Decca.

A morte de Quaresma, uma morte "simbólica", traduz algo sobre a nação que não era conhecido naquele momento ainda; o símbolo traz esta prerrogativa em si, de mostrar aquilo que ainda se desconhece na consciência, no caso, a falência dos sonhos de uma pátria autônoma, vivendo de suas próprias riquezas, adulta e independente.

No século XX, no Brasil, vieram as ditaduras, as "punições" em massa, a "eugenia" que esterilizou doentes mentais, massacres de toda espécie; os hospícios e penitenciárias "superlotaram"; contraíram-se dívidas econômicas de cifras astronômicas a um fundo internacional - isto é, agravou-se a questão da falta de autonomia da nação, do bem-estar do povo, da realização interna de potenciais próprios.

Quase cem anos se passaram e a obra de Lima continua viva, continua tendo sentido. Seria esta a sua "loucura"? Retomando o que escreveu Leenhardt, a ficção, sinalizando para mundos possíveis, abrindo um horizonte para além do real, torna-se visionária, "na medida em

que autoriza a organizar o mundo das ações e dos fins de outra forma para além daquela que existe”³⁰⁰ – qual Quaresma para Lima e Lima para o Brasil.

Lima Barreto, sem dúvidas, também como intelectual, não deixou de manifestar seu descontentamento pela "frustração do sonho republicano", nos limites em que podia atuar: suas crônicas em jornais e em seus textos de ficção. "Criticou intensamente a aceitação, pela classe média, dos valores dos grandes proprietários de terra e, conseqüentemente, pelo continuísmo em todos os setores da sociedade. Não perdeu, porém, a consciência dos limites da presença política do intelectual na sociedade."³⁰¹ Um problema dele, um problema de Policarpo, um problema do intelectual brasileiro naquele momento. E tinha uma opinião bem definida: só os hábeis e os espertos conseguiriam vencer. "O prestígio intelectual não seria nunca conquistado pelo próprio valor, mas a golpes de astúcia e até de charlatanismo."³⁰²

E, seguindo o próprio Lima,

Não obedeco a teorias de higiene mental, social, moral, estética, de espécie alguma. O que tenho são implicâncias parvas; e é só isso. Implico com três ou quatro sujeitos das letras, com a Câmara, com os diplomatas, com Botafogo e Petrópolis; e não é em nome de teoria alguma, porque não sou republicano, não sou socialista, não sou anarquista, não sou nada: tenho implicâncias. É uma razão muito fraca e subalterna; mas como é a única, não fica bem à minha honestidade de escriba escondê-la.³⁰³

Cabe ressaltar, novamente, que o ano de 1911 - Barreto tinha neste momento 30 anos -, o ano em que escreveu *Policarpo Quaresma*, foi um marco decisivo em sua vida. É a fronteira que delimita o período mais fecundo de sua atividade de romancista com os primeiros desregramentos boêmios, saturado que estava, desde então, pelo "aborrecimento" e o "desgosto de viver".

³⁰⁰ Leenhardt, Jacques. Op. Cit., p.4.

³⁰¹ Figueiredo, C. , op. cit., p.102.

³⁰² Barbosa, op. Cit.. p.205.

³⁰³ apud Barbosa, op. Cit., p.207. Parte de artigo publicado por Lima, em 15. 07.1911, em A Estação Teatral, Rio de Janeiro.

A bebida, que era o seu lenitivo, há de matá-lo lentamente.. De freqüentador de cafés e livrarias, onde reuniam-se os intelectuais, tornou-se um boêmio de botequins; pela falta de dinheiro, passou do chope, da cerveja, do uísque, à cachaça – sua *parati* !! Embriagava-se todos os dias, muitas vezes afastando-se dos amigos para beber sozinho, indo cair – literalmente – na sarjeta e ali deixar-se ficar por horas a fio, “dormindo a sono solto, como um pobre-diabo das ruas”³⁰⁴ ...

Lima, ele mesmo, percebia que estava mudando, e rápido. Mas em que? Em seu *Diário Íntimo*, em 13 de julho de 1914, escreveu: “Noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro. Estarei indo para a loucura?”³⁰⁵ Ele reclamava, escrevendo em seu diário, da vida doméstica, do seu cotidiano, da vida na repartição pública, tendo desabafado, poucos meses antes:

³⁰⁴ Barbosa, op. Cit. , p.213.

³⁰⁵ *Diário Íntimo*, p.172.

Hoje pus-me a ler velhos números do *Mercur de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje, nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também o tédio da minha vida doméstica, do meu cotidiano e bebo. Uma bebedeira puxa a outra e lá vem a melancolia. Que círculo vicioso! Que lástima! Despeço-me de um por um de meus sonhos! ... Já prescindindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte.

A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare. Meus irmãos, egoístas como eles, queriam que eu lhes desse tudo o que ganho e me curvasse à Secretaria da Guerra.

O que me aborrece mais na vida é esta Secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência. Não posso suportá-la. É meu pesadelo, é a minha angústia. Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância, que me acabrunha. Demais, meu feitio é oposto àquela atmosfera de violência, de opressão, de bajulação, que me enche de revolta...

Para os jornais daqui estou incompatível. Podia tentar aventura fora, mas não tenho liberdade; era preciso que estivesse só.

Enfim, minha situação é absolutamente desesperada, mas não me mato.

Quando estiver bem certo de que não encontrarei solução, embarco para Lisboa e vou morrer lá, de miséria, de fome, de qualquer modo.

Desgraçado nascimento tive eu! Cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos, vou morrer sem nada ter feito.

Seria uma grande vida, se tivesse feito grandes obras, mas nem isto fiz.³⁰⁶

Nesta atmosfera de desespero, nesta sensibilidade derrotista, abusando do álcool cada vez mais, LB delira, alucina e em plena crise é conduzido ao Hospício Nacional pela primeira vez. Foi no 18 de agosto de 1914. Ele apresentava delírios de perseguição, assim como o pai; fugia de casa para beber, gritava e brigava com as pessoas ao redor. O médico da família teria diagnosticado “alucinações alcoólicas”. Seu irmão, funcionário da polícia na época, conseguiu que esta conduzisse Lima ao hospício. Desta vez, lá permaneceu dois meses.³⁰⁷

Esta internação rendeu um conto, sem muita repercussão na época, chamado *Como o “homem” chegou*, datado de 18 de outubro de 1914. Conta a história de um homem – “um louco inofensivo, que tinha a mania da Astronomia e abandonara, não de todo, mas quase totalmente, a terra pelo céu inacessível” – que foi levado de Manaus a um hospício do Rio de Janeiro num

³⁰⁶ *Diário Íntimo*, 20 de abril de 1914, p. 171-2.

³⁰⁷ Barbosa, *Vida e obra ...*, p. 220 a 224.

carro-forte. Foram os parentes que quiseram esta internação, uma crítica aberta a seu irmão, na vida real, o qual nunca seria perdoado por tê-lo recolhido ao hospício pela mão da polícia. A viagem durou uma “eternidade”, quatro anos que fazem o homem chegar morto ao seu destino, sendo examinado, então, por médicos legistas, e não alienistas.³⁰⁸

Em 1919 repetiu-se o episódio, tendo sido achado, na noite de Natal, "errando pelos subúrbios, em pleno delírio". O próprio autor relata este episódio em seu *Diário do Hospício*, que será o tema da próxima seção.

Assim como Policarpo Quaresma, seu autor teve um final de vida um tanto inesperado, conturbado e trágico. Seus ideais foram cortados pela loucura, pelo alcoolismo. Mas mais do que isto, foram levados embora pela incapacidade de seus contemporâneos de compreenderem um sonho legítimo, realidade da alma de cada um. Um, lutava por uma pátria melhor. Outro, pela literatura melhor. Ambos sucumbiram em vida. Porém suas obras ficaram: a de Policarpo, no coração de sua afilhada e amada Olga; a de Lima, no "eterno" espírito cultural da humanidade, indestrutível com o tempo.

3.2 Esta sombria cidade de lunáticos ...

"Só o álcool me dá prazer...Oh! meu Deus, onde irei parar?"³⁰⁹

Natal de 1919. Afonso Henriques passara a noite perambulando, em delírio, pelas ruas do Rio de Janeiro. Seu irmão Carlindo encontrou-o na manhã seguinte, sujo e com a roupa rasgada,

³⁰⁸ Idem, p.223.

³⁰⁹ *Diário Íntimo*. Op. cit., p.137.

na porta de uma vendinha do subúrbio. Qual seu pai, Afonso delirava, e algo tinha que ser feito...Seus inúmeros inimigos invisíveis, como seu pai também os tinha, não o deixavam em paz.

E novamente percebe-se desfazerem-se as fronteiras entre a ficção e a realidade. Lima lança mão da escritura, transforma sua experiência em literatura e descreve esta situação no *Diário de Hospício*, no capítulo terceiro intitulado “A minha bebedeira e a minha loucura”. Ali, ele remete a seus inúmeros episódios de delírios e alucinações, tenta explicá-los, analisá-los, e depois generaliza – é a loucura em si, e não somente a sua, que lhe interessa. Registra impressões de outras interações, e pergunta logo no capítulo seguinte de seu diário: “que dizer da loucura?”

Cheio de mistério e cercado de mistério, talvez as alucinações que tive, as pessoas conspícuas e sem tara possam atribuí-las à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe...

Certo dia, a minha alucinação foi tão forte, que resolveram levar-me para casa de um parente, para ver se melhorava; foi pior. Mandaram-me para o hospício. No mesmo dia que lá cheguei, no pavilhão, nada sofri. Assim não foi no Hospital Central, nem na Santa Casa de Ouro Fino, onde as visões continuaram, no hospital por mais de vinte e quatro horas, e em Ouro Fino, unicamente na noite de entrada.

Agora que creio ser a última ou penúltima, porque daqui não sairei vivo, se entrar outra vez, penetrei no pavilhão calmo, tranqüilo, sem nenhum sintoma de loucura, embora toda a noite tivesse andado pelos subúrbios sem dinheiro, a procurar uma delegacia, a fim de queixar-me ao delegado das cousas mais fantásticas que se possa imaginar.

No começo, eu gritava, gesticulava, insultava, descompunha; dessa forma, vi-as familiarmente, como a coisa mais natural deste mundo. Só a minha agitação, uma frase ou outra desconexa, um gesto sem explicação denunciavam que eu não estava na minha razão.

O que há em mim, meu Deus? Loucura? Quem sabe lá?³¹⁰

Assim, foi ele internado pela última vez em sua vida, nesta sombria cidade de lunáticos, em dezembro de 1919³¹¹, quando então escreveu seu *Diário de Hospício*, memórias estas que

³¹⁰ *Diário de Hospício*. In: Barreto, Lima. *O Cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.51 e 52.

³¹¹ “A segunda vez que estive no hospício de 25 de dezembro a 2 de fevereiro de 1920. Trataram-me bem, mas os malucos, meus companheiros, eram perigosos. Demais, eu me imiscuí muito com eles, o que não aconteceu daquela vez que fiquei de parte.” Esta é a única anotação em seu *Diário Íntimo* sobre esta hospitalização. É a primeira nota do ano de 1920, sem constar o dia em que escreveu. *Diário íntimo*. SP: Brasiliense, 1956. p.211.

deram origem ao romance, um dos mais polêmicos após sua morte, *Cemitério dos Vivos*, e que será cotejado a este na próxima seção. Primeiro vejamos o berço, sua gênese³¹²

Um escritor, um *outsider* na sociedade em que viveu, uma vida atormentada, um louco, um homem mulato. Tanto faz a ordem que se dê nestas palavras, ele era tudo isto.

Ter sido encontrado vagueando na rua, no dia de Natal, delirando, e levado pela polícia e pela família ao Hospício, tornou-se para ele uma experiência definitiva. Sua vida foi num crescendo de excessos, e por mais que Lima tentasse dominar seus impulsos destrutivos com a bebida, não o conseguia. E o esforço que fez para continuar escrevendo, foi, provavelmente, o que o manteve vivo por mais tempo.

Amaciado um pouco, tirando dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição das rezas, exorcismos, bruxarias, etc..., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o seqüestro. (...) Aqui no hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário, etc, eu só vejo um cemitério: uns estão de carneira e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a Loucura zomba de todas as vaidades e mergulha todos no insondável mar de seus caprichos incompreensíveis.³¹³

Começa a escrever seu Diário de Hospício dez dias após o “seqüestro”, como ele mesmo chamou sua internação. Este livro de memórias tornou-se um dos mais fortes e belos documentos em defesa da cidadania do mais excluído dos cidadãos: o louco. Ele poderia ser rotulado, se assim o quiséssemos, de obra “ápice” daquilo que ele desenvolve em seus escritos, que é uma “sensibilidade da exclusão”. Pelos motivos que já foram examinados em capítulos precedentes,

³¹² “O primeiro capítulo d’ *O Cemitério dos Vivos* foi publicado ainda em vida do autor na Revista Souza Cruz (número 49, janeiro de 1921), com o título *As origens*. Mas Lima Barreto não pôde concluir o romance, que seria talvez a sua obra prima, cujos fragmentos incorporamos ao *Diário de Hospício*, série de apontamentos tomados por ocasião da segunda estada do escritor no sombrio casarão da Praia Vermelha, ou seja, de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920. Os dois manuscritos se completam, pode-se mesmo dizer que se confundem.” Excerto da nota introdutória (“Nota prévia”) do organizador da obra, Francisco de Assis Barbosa, na edição de 1956 de *O Cemitério dos vivos*, p.25.

³¹³ *Diário de Hospício*. In: Barreto, Lima. *O Cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.76.

aqueles que mereceriam tratamento médico foram confinados em Hospícios, segregados da sociedade e alienados de seus direitos. E LB soube, também, disto tratar.

Ângela de Castro Gomes refere-se à metáfora do teatro, “o teatro da memória”, recorrente nos estudos sobre escritas de si, para mostrar como, neste tipo de escritura, o indivíduo torna-se personagem de si mesmo. Neste caso, diz ela, interessa ressaltar como “a fragmentação do indivíduo moderno pode conduzi-lo a, por meio da escrita de si, construir para si mesmo uma identidade dotada de continuidade e estabilidade através do tempo.”³¹⁴

As questões relativas à memória e ao “tempo”, já tratadas em capítulo anterior, são também importantes para as considerações a respeito do diário de Lima. Interessa aqui, sobretudo, a noção de que a construção de um diário, na sua materialidade e sobrevivência no tempo, estabelece a relação entre memória, subjetividade e sensibilidade. E aproveitando, ainda o que diz esta autora, “é exatamente por isso que a sensibilidade própria da escrita de si procura controlar a relação que se estabelece entre o tempo e o “eu” do indivíduo moderno, buscando conseguir estabilidade, permanência e unidade”.

A primeira anotação de LB, em 4 de janeiro, narra sua entrada no hospício, revela suas ânsias por estar ali novamente e descreve o lugar e seus habitantes. Saído de seus delírios, que há muito já haviam sido diagnosticados como delírios alcoólicos, desde sua primeira internação em 1914, ele escreve:

³¹⁴ Gomes, Ângela de Castro. Op. Cit., p.17.

Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material, há seis anos, me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.³¹⁵

Sua concepção de loucura aparece aí, já na contramão de sua escritura, pois como louco que não é, assume a loucura que lhe chega, vez em quando, sorrateira, no meio de seus delírios. Tal qual João, Afonso também delirava. Delírios, estes “estilhaços do pensamento”, como escreveria mais tarde no romance.

Lima Barreto, no meio de seu texto, questiona-se sobre os meandros da loucura, sobre suas origens e ramificações. Reflete sobre si mesmo e sua relação com a sociedade em que vive e com as pessoas. Coloca a literatura em seu devido pedestal, e os médicos, a psiquiatria e o hospício – “esta sombria cidade de lunáticos” – em seus devidos lugares. Denuncia, aqui também, o sistema coercitivo de um Estado que se utiliza da Medicina, do aval da Ciência, como instrumento de intervenção política para instaurar sua ordem e controlar seus indivíduos.

É uma triste contingência, esta, de estar um homem obrigado a viver com semelhante gente. Quando me vem semelhante reflexão, eu não posso deixar de censurar a simplicidade de meus parentes, que me atiraram aqui, e a ilegalidade da polícia que os ajudou. Caído aqui, todos os médicos temem pôr logo o doente na rua. Mas seguro morreu de velho e é melhor empregar o processo da Idade Média: a reclusão.³¹⁶

Na edição ora trabalhada do *Cemitério dos Vivos*, o organizador-biógrafo colocou como anexo, entre outros, o “Caso Clínico”, que revela, sob o ponto de vista psiquiátrico, o estado em que Lima chegou ao hospital. Fazem parte deste material, na verdade, três fichas de *anamnese*, preenchidas por médicos distintos, quando das duas entradas que o paciente teve no Hospício Nacional (1914 e 1919).³¹⁷ É digno de nota o que o médico J.A. escreve na segunda destas fichas.

³¹⁵ idem, p.33.

³¹⁶ idem, p.72.

³¹⁷ Como o paciente foi transferido de seção dentro do hospital, então existem estas três fichas, duas delas da segunda internação, em seções diferentes. *Caso Clínico*. In: Barreto, Lima. *Cemitério dos Vivos*, op. Cit., p.263 a 268.

Após a identificação habitual do paciente – nome, sexo, estado civil, idade, raça, profissão³¹⁸ - e a proveniência do mesmo (enviado pela Repartição Central de Polícia), o médico começa escrevendo que Lima é “um indivíduo precocemente envelhecido, de olhar amortecido, fâcias de bebedor, regularmente nutrido”. Encontrava-se perfeitamente orientado no tempo, lugar e meio, e “confessa desde logo fazer uso, em larga escala de parati; compreende ser um vício muito prejudicial, porém, apesar de enormes esforços, não consegue deixar a bebida.”³¹⁹ O psiquiatra relata, ainda, que o paciente refere ter já passado por este abuso (de álcool) outras vezes, e numa delas ficou três meses no Pavilhão, voltando a beber logo de sua saída.

Lima também informou ao médico, neste momento, que suas perturbações, quando aparecem, são em forma de delírios, sempre conseqüentes a um abuso mais forte e mais demorado.

A impressão que se tem, ao ler estas notas médicas, é que Lima adquiria cada vez mais lucidez a respeito de sua doença, e isto devia intrigar os especialistas... Como um paciente pode lembrar-se de seu próprio estado de loucura e ter poder sobre ele?

No decorrer do parecer, encontra-se:

³¹⁸ A raça de LB, nesta ficha de 1919, aparece como “parda” e a profissão, escritor. Na ficha anterior, a profissão que consta é a de jornalista.

³¹⁹ *Caso Clínico*, p. 265.

Indivíduo de cultura intelectual, diz-se escritor, tendo já quatro romances editados, e é atual colaborador da Careta. Fala de seus últimos delírios, reconhecendo perfeitamente o fundo doentio deles, e diz-se certo que tal só sucedeu graças a suas perturbações mentais. Estes delírios que são facilmente descritos pelo paciente são de caráter terrificante, perseguidor. Geralmente a amnésia em relação às fases de embriaguez é completa, porém estes últimos delírios, segundo o próprio, passaram-se sem que estivesse em completo etilismo, motivo pelo qual é capaz de descrevê-los.³²⁰

Há uma nota final, nesta mesma ficha, antes de ser colocado o diagnóstico e o tratamento a ser administrado, que diz algo bastante relevante: “Merece assinalar que o paciente, referindo-se ao seu escrito a sair sábado, 27, na Careta, tendo sido feito há apenas quinze dias, está para ele completamente esquecido. Foi elaborado quando em estado de leve embriaguez”.

No caso de Lima, diferentemente de TR, estudado no capítulo precedente, que teve um diagnóstico de parafrenia, foi diagnosticado somente alcoolismo, embora semelhantes delírios tenham sido descritos. O tratamento administrado foi “purgativo – poção gomosa de ópio”.

O terceiro “parecer”, que se encontra no Caso Clínico, foi feito pelo médico chefe da seção Calmeil, para onde ele foi transferido na segunda internação. Ele relata que estava de licença quando Lima lá internou, e que portanto não o viu. Mas, mesmo assim, faz questão de acrescentar à ficha, a seguinte observação: “O observado Afonso Henriques goza nos meios literários da reputação de um escritor talentoso e forte, cheio de mordacidade. Aliás, alguns de seus trabalhos evidenciam esses méritos de escritor. Parece que nas palestras de café é o observado muito querido por seus ditos chistosos e picantes.”³²¹

Uma observação como esta é considerada rara nas fichas médicas em geral...

³²⁰ Idem, p.265. Ainda há outros comentários do médico, fazendo parte de sua observação clínica. Entre eles o fato de Lima apresentar notáveis tremores fibrilares da língua e das extremidades digitais, bem como tremores e abalos dos músculos da face, principalmente quando falava. Relata, também, que o paciente teve, no passado, blenorragia (gonorréia) e cancro mole (doença sexualmente transmissível, um pouco mais “leve” que a sífilis), icterícia e febres palustres. Idem, p.266.

³²¹ Idem, p.267-8.

Tem-se, assim, diante de nossa análise, uma personalidade tanto peculiar, merecedora inclusive da boa crítica de um psiquiatra. Embora frágil a ponto de se deixar consumir pelo vício do álcool, ele tinha uma meta, que era escrever, sempre e sempre, em qualquer estado em que se encontrasse. Sem dúvidas que, com o tempo, a intoxicação por esta substância nociva ao organismo fez seus estragos, levou-o a alucinações e delírios, como é peculiar a algumas substâncias exógenas – psicotrópicas, principalmente - ao organismo, bem como à fragilidade do corpo. Mas a realidade que se tem, ou melhor, aquela que ficou registrada pela sensibilidade de sua escrita, mostra, sempre e de novo, que a criatividade – quando existe – é maior que tudo, atropela tudo e se instala, soberana nas obras do Homem.³²²

Portanto, interessa menos a origem da loucura, suas catalogações pelos manuais e compêndios médicos, e mais tudo aquilo que ela traz em seu âmago, os conteúdos simbólicos que carrega em suas imagens delirantes... Quantos não foram os textos que Lima Barreto deve ter escrito sob o efeito da parati? Será que casos como estes não nos autorizariam a pensar diferente este “fenômeno”, chamado desde sempre de “insanidade”, de “falta de razão”? Na verdade, a qual “razão” se refere?

Possuidor de uma psique sensível às questões humanas mais prementes e como um erudito no meio da loucura, numa reflexão aguda sobre o seu estado no hospício, escreveu, logo em seguida de sua entrada no Pavilhão:

³²² Note-se que Nietzsche, quando morreu louco em 1900, já havia legado à humanidade uma das mais ricas, instigantes e originais filosofias do Ocidente. Uma das causas de sua loucura, que se sabe, é a complicação do estágio avançado da sífilis, a neurosífilis, ou quarto estágio, que, atacando partes do Sistema Nervoso, também leva a delírios e alucinações, como o álcool, em grandes e prolongadas doses.

Voltei para o pátio. Que cousa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa- forte e ele me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na Casa dos Mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. Ah! A literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.³²³

E pouco mais adiante...

(...) Estou entre mais de uma centena de homens, entre os quais passo como um estranho. Não será bem isso, pois vejo bem que são meus semelhantes. Eu passo e perpasso por eles como um ser vivente entre sombras – mas que sombras, que espíritos?! As que cercavam Dante tinham em comum o stock de idéias indispensável para compreendê-lo; estas não tem mais um para me compreender, parecendo que tem um outro diferente, se é que tem algum.³²⁴

Ele mesmo encarrega-se de resgatar sensibilidades passadas, identificando-se a outros escritos e escritores. Traz à tona Dostoiévski, Cervantes, cada qual com sua dor, seus escritos de prisões e Dante, com suas sensibilidades estéticas, com as quais LB comunga. Irmanam-se nas letras e nas almas. A literatura, sempre ela, é seu refúgio. Nela sente-se amparado, compreendido, protegido em sua alma. Talvez por isso ela também seja carregada de motivos pessoais.

Talvez somente sendo um “louco” para isto, para compreender o âmago desta intrincada rede que se delineia na loucura. Vê-se, neste caso, como a perspectiva do paciente sobre sua condição e doença é mais sutil e perspicaz que o olhar do médico. Este, de cima de seu pedestal, ou do “trono do saber”, enxerga a doença - e quase nunca o doente -, a fim de (somente?) catalogá-la e administrar um tratamento padrão.

A impressão que se tem é que LB tornou-se mais lúcido no hospício, ou pelo menos aguçou sua própria capacidade de sentir e refletir sobre sua doença, sobre quem ele realmente é e

³²³ *Diário de Hospício*, idem, p.35.

³²⁴ Idem, p.46.

o que pretendia de sua vida. Ele estava com medo de morrer, dizia que para este lugar ele não voltaria mais, “somente morto”. Assim, passou a limpo suas percepções.

Bem como TR, ele extravazava no papel detalhes que somente nestas circunstâncias poderia ter exposto. Passa também, como aquele, a extremos, isto é, não necessariamente fala em oxímoros, mas algumas vezes critica a ele mesmo, expressando pessimismo em relação à sua pessoa e à vida, outras vezes orgulhando-se de si mesmo. De qualquer forma, são sempre depoimentos lúcidos sobre sua vida.

Tenho orgulho de me ter esforçado muito para realizar o meu ideal; mas me aborrece não ter sabido concomitantemente arranjar dinheiro ou posições rendosas que me fizessem respeitar. Sonhei Spinosa, mas não tive força para realizar a vida dele; sonhei Dostoiévski, mas me faltou a sua névoa.³²⁵

Uma pessoa que estava acostumada a ler muito, e ter em seu quarto, em casa, seu refúgio – misto de dormitório, biblioteca e gabinete de trabalho – onde se dedicava com paixão à literatura, tinha agora que repartir espaço com dezenas de pessoas no Hospício.³²⁶

Também por isso pediu para ir para a Seção Calmeil, onde havia a biblioteca. Sabia de cor o que tinha nela antes e que agora está desfalcada. E, para escrever, muitas vezes também ia para a sala do médico chefe, que lhe abriu esta prerrogativa.³²⁷

³²⁵ idem, p.80.

³²⁶ Idem, p.41 e ss. Note-se que no primeiro capítulo do Diário, Barreto trata sobre sua entrada no hospício, onde ele descreve seu estado de espírito, por ter sido levado pela polícia, passagem anteriormente já citada na tese, e também a pobreza do lugar, as dependências e a *super-lotação* do pavilhão de “indigentes”. Mas é aí também que se dá conta de que o hospício é bem construído como edificação, tem bons cuidados higiênicos e com salas claras e ensolaradas. Vide descrição que ele faz da enseada de Botafogo, na página 79 desta tese.

³²⁷ É interessante notar que TR não teve a mesma sorte, pois relata que muitas vezes escrevia encostado numa latrina. Embora fosse um paciente “particular”, podendo assim receber jornais e papel, não teve esta mesma prerrogativa que Lima. São as ambivalências da vida...Este, no Rio de Janeiro, era pobre e foi colocado na seção dos indigentes, mas teve seu *habitat* melhorado, graças a ser já um escritor de certa forma com produção e relativamente conhecido. Aquele, em Porto Alegre, era rico, mas um anônimo na coletividade, e teve que escrever onde pôde. Que valores predominavam nestes meios? Há como se chegar a alguma generalização?

É nesta seção que ele se sentia melhor, até porque conhecia o inspetor-chefe, o português Dias, que havia sido colega de seu pai nas Colônias da Ilha do Governador. Assim, Lima dedica o início do segundo capítulo de seu Diário de Hospício a suas memórias de infância, passadas na ilha e suas dependências, descrevendo o sítio como um todo, e também a vida deste homem que “nunca largou deste ofício de pajear malucos” e que havia sido “talhado para pastorear doidos”.

Barreto aproveita para mostrar um pouco sua impressão, sua sensibilidade, sobre a maioria daqueles que cuidam dos doentes, em geral homens rústicos e portugueses. “Estive mais de uma vez no hospício, passei por diversas secções e eu posso dizer que me admirei que homens rústicos, os portugueses, mal saídos da gleba do Minho, os brasileiros, da mais humilde extração urbana, pudessem ter tanta resignação, tanta delicadeza relativa, para suportar os loucos e as suas manias.”³²⁸

Acrescenta a estas, a impressão que teve dos médicos-alienistas que lhe atenderam numa e noutra seção. Do primeiro, ele não gostou, teve até medo. Conhecia-o dos tempos de Escola Politécnica, achava-o pedante e “mais nevrosado e avoadado do que eu”.³²⁹ Dizia que este doutor seria “capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, *sem nenhuma reflexão preliminar*, num doente qualquer”.³³⁰

O segundo, na própria seção Calmeil, era uma “boa criatura”, tinha a mesma idade de LB e este o conhecia da época de juventude de escola. “Era uma alma boa, em que o dandismo era mais uma aquisição do que uma manifestação de superficialidade de alma e inteligência.”³³¹

³²⁸ Idem, p.42.

³²⁹ Idem, p.43.

³³⁰ Ibidem. Os grifos são meus.

³³¹ Idem, p.44.

Refere que o médico não o achou muito arruinado e, “muito polidamente” deu-lhe conselhos para reagir contra o vício.

Lima, então, faz uma digressão sobre si mesmo, num desabafo doloroso, dizendo que precisa de um “choque moral” agradável para tirá-lo de onde se meteu. Questiona se foi o choque da loucura do pai, ou o choque de não realizar seu ideal de vida, o que o levou a beber. E termina, falando num só grito: “*Não quero morrer, não; quero outra vida.*”³³²

Ele deixa fluir, no parágrafo seguinte, sua primeira impressão sobre os doentes com quem convive há oito dias. Ressente-se de não conseguir “travar uma palestra sem jogar o disparate”. O seguinte trecho do *Diário do Hospício* lembra um desabafo semelhante que TR fez numa das cartas:

Ressinto-me muito disto, pois gosto de conversar e pilheriar; e sei conversar com toda a gente, mas, com estes que deliram, outros a quem a moléstia faz tatibitate, outros que se fizeram mudos e não há nada que os faça falar, outros que interpretam as nossas palavras de um modo inesperado e hostil, o melhor é calar-se, pouco dizer, mergulhar na leitura, no cigarro, que é a paixão, a mania de todos nós, internados, e o possuí-los em abundância é um perigo que se corre e só pode ser evitado pela astúcia ou pela energia. Falarei disso com mais vagar.³³³

Os dois primeiros capítulos da obra dão, assim, um panorama geral do lugar, dos profissionais, dos doentes, e de suas impressões sobre si mesmo. Daí para a frente, ele aprofunda todas estas questões, principalmente sua sensibilidade sobre o que seria a loucura e sobre seu próprio estado.³³⁴

³³² Idem, p.45. Os grifos são do próprio autor (LB).

³³³ Ibidem.

³³⁴ Os próximos capítulos do *Diário de Hospício* são os seguintes: o terceiro chama-se, como já foi mencionado, “A minha bebedeira e a minha loucura”; o quarto, “Alguns doentes”; o quinto, “Guardas e enfermeiros”; do sexto ao décimo não há título, sendo que este último é composto de muitas pequenas notas esparsas, separadas, parecendo até que anotava rápido para desenvolver depois. Ver-se-á, na próxima seção da tese, que no romance *Cemitério dos Vivos*, muita coisa se repete, mas que ele aprofunda, sobremaneira, todas estas suas impressões registradas aqui. Outras passagens do romance não existem em suas anotações e serão examinadas apropriadamente.

O cotidiano do hospício também é contemplado em várias anotações e passagens da obra, mostrando como os ‘loucos’ se comportavam, o que pensavam, o que diziam.

Nada lhe escapava, tudo era examinado, com sua lente de escritor e alma sensível ao que estava na sua volta, desde o “material humano” – médicos, enfermeiros, doentes, visitantes –, até o ambiente, vestimentas, móveis, utensílios, alimentos e, *last but not least* – estados de espírito dos que o rodeavam.³³⁵

Havia todo o tipo de doente, com as mais variadas histórias. Havia os uxoricidas, que eram três, aqueles que mataram ou tentaram matar suas próprias esposas. “Diz F. que as mulheres temem refeitório devido à revolta de João Cândido”, é uma de suas notas rápidas.³³⁶

Em geral, reclama Lima, a maioria deles não possuía instrução, dificultando ter “boas conversas” no hospício, como deixou claro a passagem já citada. E, aqueles que a tinham, deliravam, tinham idéias estapafúrdias sobre as coisas... “Um louco perguntou-me se Lisboa ficava em Minas Gerais e V.O., aliás doutor, não sabia onde ficava Blumenau.”³³⁷

³³⁵ No romance, ele faz uma descrição do hospital, que não consta nas “anotações de hospício”, anexando uma aguda percepção crítica, o que permite que se veja a brilhante memória que Lima Barreto conservava, embora sua dita deterioração “mental” pelo álcool. “A administração do hospício é feita segundo secções e pavilhões, à testa das quais tem um alienista e mais médicos. Segundo depreendi, as secções principais do hospício propriamente são quatro: Pinel e Calmeil, para homens; e Morel e Esquirol, para mulheres. Além destas, há outras especiais, para epiléticos, para crianças retardadas, hígidas e epiléticas, para tuberculosos, etc., **cada qual com um nome de sumidade nacional ou estrangeira.** O pavilhão, por excelência, é o de observação, que tem uma organização *sui generis*, depende do hospício, da polícia e da Faculdade de Medicina, cujo lente de Psiquiatria é o seu diretor, sem nenhuma dependência ou subordinação ao do hospício, dependendo entretanto, o resto do pessoal subalterno e fornecendo este estabelecimento tudo o mais. Para ser um anfiteatro a seu jeito em uma enfermaria da Santa Casa, **só lhe falta a insolência, a multidão de estudantes a querer fazer espírito e outras criaçadas com os doentes e defuntos.**” *Cemitério dos Vivos*, p.221. Os grifos são meus. No *Diário de Hospício*, lê-se somente esta pequena nota, no capítulo X, à página 106: “Tratar dos nomes de pavilhões e dependências. Pinel, Esquirol – mulheres – Calmeil. O mais conhecido é o Esquirol, porque foi médico do Augusto Comte.”.

³³⁶ *Diário de Hospício*, p.103.

³³⁷ Idem, p.103.

Na maior parte, a conversa com os loucos era difícil de reproduzir, assim como seus delírios. Mas Lima prestava atenção, anotava o que conseguia, para depois desenvolver em seu romance.

“Revolta das mulheres por causa da comida. Loucas e enfermeiras. Diferença entre a reclamação delas e a dos homens, que foi anteriormente”, era a nota escrita em 16 de janeiro. Um pouco mais adiante, no mesmo capítulo X do *Diário de Hospício*, onde constam as notas esparsas, ele escreve: “A..., companheiro de dormitório, tem a mania de trazer a cabeça molhada e os cabelos presos por um lenço fino. Uma noite, despertou gritando: Estão me ateando fogo na cabeça! Dorme com uma venda nos olhos e tem ao lado um verdadeiro guarda-comidas. Mania literária.”³³⁸

Existem anotações bastante “espirituosas”, chistosas mesmo, que sem dúvidas eram observações que davam origem aos seus escritos mais irônicos, ou satíricos. “Um maluco vendome passar com um livro debaixo do braço, quando ia para o refeitório, disse: - Isto aqui está virando colégio.”³³⁹ Ou esta: “furtaram da sala do diretor a bengala do procurador”.³⁴⁰ E mais ainda: “F...diz que a mãe dele tem quatrocentos e vinte anos”.³⁴¹

Nem os padres escaparam de suas anotações, numa crítica bem aos moldes de TR: “Houve festa na capela, e ao sair do café (à uma hora) cruzei com os padres. Que lorpas! E a Constituição! Padres como esses não fariam mal, se não fossem eles a guarda-avançada do Estado- Maior jesuítico que nos pretende oprimir, favorecendo os ricos e pavoneando os seus

³³⁸ Idem, p.102.

³³⁹ Idem, p.99.

³⁴⁰ Idem, p.107.

³⁴¹ Idem, p.108.

preconceitos.”³⁴² “...Vendo os padres no refeitório achei-os indecentes, antipáticos, com ar de párocos portugueses. ...”³⁴³

O quarto capítulo, “Alguns doentes”, um dos mais interessantes do livro, mostra a sensível lucidez do escritor, frente aos problemas da loucura. A sua habilidade literária somou-se a sua sensibilidade, mergulhando-o cada vez mais nesta imensidão de paradoxos que é a loucura

Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécie de loucos, não há raças de loucos, há loucos só.³⁴⁴

Vê-se, a partir desta afirmativa, que sua sensibilidade irmana a loucura às manifestações da natureza, permitindo o pensamento de que não existe uma loucura igual à outra. Isto é de grande importância a este estudo, pois, desde dentro do próprio hospício, convivendo e observando o “fenômeno” de perto, ele percebeu o que a grande maioria dos médicos, na época, não percebia: a loucura, ou suas manifestações, é única, particular a cada um, ela vem carregada de significado em cada psique, e aparece justamente para reorganizar a natureza “íntima” de cada ser.

Há os que deliram, há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental fez perder a fala ou quase isso. Quando menino, vi loucos e, quando estudante, muito conversei com os outros que essas cousas de sandice estudavam sobre eles, mas, pela observação direta e pelo que li e ouvi dos entendidos, percebi bem a complexidade deles em face de tão angustioso problema de nossa natureza.³⁴⁵

³⁴² Idem, p.104.

³⁴³ Idem, p.109.

³⁴⁴ Idem, p.53.

³⁴⁵ Idem, p.53.

Como já foi visto em outro capítulo, C. G. Jung considera a psique como sendo um órgão psíquico, e, fazendo jus à própria “natureza humana”, ele é capaz de se "auto-reorganizar" quando adoece, da mesma forma que os outros órgãos do corpo. Ele vai além, inclusive, dizendo que a doença, como um desequilíbrio do momento, surge com uma finalidade, qual seja, a de curar algo que não vai indo bem na vida da pessoa, psicologicamente falando.

Isto é, existe alguma atitude, algum fator de vida que está sendo mal percebido, ou não identificado, e que está estancando a energia psíquica, bloqueando assim, a vida psicológica do indivíduo. E este conteúdo apareceria, simbolicamente, nos delírios, alucinações e outras manifestações psicológicas, mais ou menos perturbadoras, em momentos de crise.

Lima Barreto, nas páginas que seguem de suas anotações de hospício, foi sensível o suficiente para isto e demonstrou que era isto que ele começava a compreender, face a tantas experiências com a loucura, própria e alheia. É interessante notar como ele conseguiu estabelecer um distanciamento sobre o que vivia. Esta é a condição essencial para a estetização do real, a qual surge, posteriormente, em sua obra ficcional.

Há uma nomenclatura, há uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições pacientes de tais casos, revelando pacientes observações, mas uma explicação da loucura não há. Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda sorte. ...De resto, quase nunca os filhos dos loucos são gerados quando eles são loucos; os filhos de alcóolicos, da mesma forma, não o são quando seus pais chegam ao estado agudo do vício e, pelo tempo da geração, bebem como todo o mundo.³⁴⁶

³⁴⁶ Idem, p.53-4.

Os primeiros oito parágrafos deste capítulo do *Diário...* são dignos de nota, pois o autor vai adentrando, em sua reflexão, em debates que até hoje persistem nos meios médicos, mas ele o faz com a profundidade (e sensibilidade!) de um agudo observador, *in locus*. Para depois, aos poucos, ir relatando e comentando as “loucuras particulares”, isto é, conta histórias dos outros hóspedes, como ele chama, da mansão do Dr Juliano Moreira.

Com pensamento quase filosófico, ele continua...

Todas estas explicações da origem da loucura, me parecem absolutamente pueris. Todo problema de origem é sempre insolúvel; mas não queria já que determinassem a origem, ou explicação; mas que tratassem e curassem as mais simples formas. Até hoje, tudo tem sido em vão, tudo tem sido experimentado; e os doutores mundanos ainda gritam nas salas diante de moças embasbacadas, mostrando os colos e os brilhantes, que a ciência tudo pode.³⁴⁷

Pode ser que esta “cena” descrita acima seja uma menção às sessões de cura de histéricas, promovidas, inicialmente, por Charcot, no final do século XIX na Salpêtrière, de Paris, onde achava que descobria a cura destas pacientes, através da hipnose. A iconografia, assim como alguma literatura da época – além, claro, da literatura médica, que é provável que Lima Barreto não lesse – mostram bem estas imagens. Eram reunidos, em grandes salas de anfiteatros dos hospitais, alunos e professores de Medicina, para a “sessão coletiva”, onde a paciente – cheia de sintomas histéricos – era chamada a público e, em seguida, hipnotizada. Logo após, se tudo corria bem, ela era liberada de seus sintomas, pela mera sugestão do médico hipnotizador.

Freud e Jung também fizeram estágio na Salpêtrière e lançaram mão, no início de sua carreira, destes métodos, que logo foram abandonados, pois, como dizia o segundo, hipnotizar era

³⁴⁷ Idem, p.54.

“tatear no escuro” – nem sempre a paciente correspondia à sugestão, e às vezes fazia mesmo era um “teatro’ na frente de todos, pelos motivos mais inusitados ...³⁴⁸

Barreto, no hospício, continua suas digressões, arriscando, agora, um palpite sobre as causas das doenças mentais, a sua e as dos outros:

Se a estátua de Ísis lá estivesse [ele se refere às salas com as moças e os doutores anteriormente citadas] havia de cerrar mais o véu impenetrável que cobre seu rosto. Essa questão do álcool, que me atinge, pois bebi muito e, como toda a gente, tenho que atribuir as minhas crises de loucura a ele, embora sabendo bem que ele não é o fator principal, acode-me refletir por que razão os médicos não encontram no amor, desde o mais baixo, mais carnal, até a sua forma mais elevada, desdobrando-se num verdadeiro misticismo, numa divinização do objeto amado; porque – pergunto eu – não é fator de loucura também?³⁴⁹

Nos dois parágrafos seguintes, ele questiona por que não seriam também causas de loucura a riqueza – “base da nossa atividade, cousa que, desde menino, nos dizem ser o objeto da vida, da nossa atividade na terra” – e as posições, os títulos – “cousas também que o ensino quase tem por meritório obter”.

Na verdade, estes são problemas que ele sempre enfrentou, sempre considerou como seus. Tanto a “falta de amor”, que ele relata em algumas passagens desta obra – e que será melhor trabalhada na seção sobre *O Cemitério dos Vivos* –, como a falta de dinheiro e prestígio, foram preocupações para ele desde cedo em sua vida. E ele tem consciência disto, pois é onde ele

³⁴⁸ A questão do hipnotismo é muito ampla e ela é considerada, nos finais do século XIX, quando está se instalando a psicologia experimental – duas últimas décadas –, como a base da psiquiatria dinâmica, exatamente por mostrar que existiam estados de “inconsciência” nos pacientes, durante as crises. Charcot denominava estes estados nos pacientes histéricos de “estado permanente de semisonambulismo”, que mais tarde – mas não muito tempo depois e sim numa continuidade temporal dentro da história da psiquiatria – deu origem às teorias sobre o inconsciente, às mais importantes para o século XX, que são as de Pierre Janet, Breuer, Freud e Jung. Para maiores esclarecimentos sobre estas questões, ver: Jung, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Relatos de casos de hipnose constam, principalmente no capítulo denominado “Atividade Psiquiátrica”. Ver também a importante obra de Ellenberger, Henri. *El descubrimiento del inconsciente. Historia y evolución de la Psiquiatria dinámica*. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

³⁴⁹ Idem, p.54. O “problema do amor” em LB será analisado de forma mais efetiva na próxima seção da tese, quando da exposição do romance inacabado “*Cemitério dos Vivos*”.

coloca toda a sua mágoa – expressando por vezes, também, um sentimento de “inferioridade racial” que carrega consigo, por ser mulato e descendente de escravos.

Poder-se-ia, inclusive, aqui, arriscar uma interpretação psicológica para seus desencantos consigo mesmo e para com o mundo: seu acentuado sentimento de inferioridade em relação a sua raça e condição social, junto a uma baixa auto-estima, proporcionados também pela morte prematura da mãe e pelo adoecimento e confinamento, também prematuros, de seu pai. Mas seria isto suficiente para arrastar um “gênio” ao abismo?

Muitas histórias de vida de pessoas verdadeiramente inteligentes, beirando a genialidade, ou já o sendo, e de verdadeiros revolucionários nas artes, na literatura, na filosofia – citando apenas alguns, para exemplificar, como Nietzsche, Van Gogh, Artaud, Nijinski, Maupassant, Walter Benjamin, Camille Claudel – acabaram de forma trágica, com atitudes extremas, dentro ou fora de um hospício.

Não há dúvida de que as histórias de vida são fundamentais em qualquer história psicológica, mas as inúmeras interpretações dadas por estudiosos e psiquiatras para todas estas vidas – de anônimos e não anônimos – , resumindo os distúrbios, muitas vezes, a “complexo materno” e “complexo paterno”, seriam suficientes para explicar tantas riquezas psicológicas?

Lima Barreto vai pontuando, ao longo deste quarto capítulo, a história de vários de seus “colegas de cativeiro”.

Há um doente, por exemplo, em quem LB vê como problema a mistura de “amor e presunção de inteligência e de saber”. É o mais “barulhento e rixento da casa”, e desde as cinco horas da manhã até as sete ou oito da noite, ele ri, grita, berra, e fala as mais sórdidas

pornografias. Além disto, ele compra barulho com doentes e guardas, descompõe a todos, para logo em seguida andar abraçado com os mesmos. “Há muita cousa de infantil nas suas atitudes, nas manias de amor, na estultice de se julgar com grande talento e saber, de provir de uma raça nobre ou parecida. Diz-se descendente de um revolucionário pernambucano, em sexta geração, que foi fuzilado.”³⁵⁰

Continua, mais alguns parágrafos, a descrever as atitudes deste doente, as histórias “de grandeza” que conta. Chega a mencionar que viu sua letra, em uma carta, e que ela é “positivamente de um tolo, graúda e redonda”; e em outro momento, relata que ele “fila os jornais de médico, mas só para tê-los embaixo do braço, pois ele não os lê e nota-se mesmo em todos os seus atos, gestos e palavras, uma falta de seriação, uma inatibilidade mental...”.

Lima Barreto chega a exclamar, no fim de uma frase, ainda sobre este “personagem” real do hospício: “ter de aturar o mais insuportável louco que eu tenho conhecido na minha longa convivência com loucos”. Para, logo em seguida, desabafar: “mania de grandeza, delírio de saber, de família, de valentia e coragem, uma agitação que não o faz dormir, nem deixa o seu guarda dormir, tudo nele concorre para fazê-lo, nesta sombria cidade de lunáticos, uma espécie à parte, e suplicar os que são encarregados de sua vigilância.”³⁵¹

Várias outras histórias de loucos são relatadas por Lima neste seu *Diário*. Uma outra, por exemplo, em que ele está lendo um jornal e chega um doente e pede para lê-lo junto. Ao que Afonso Henriques lhe responde que não achava isto conveniente, mas que depois lhe daria o jornal. Então, o outro exclamou: “Mesmo mostra que você é maluco!”.

³⁵⁰ Idem, p.55.

³⁵¹ Idem, p.56.

Um outro caso, que ele faz questão de relatar em pormenores, mas aqui apenas será mencionado, é o de um “louco clássico”, como ele chamou, com delírio de perseguição e grandeza.³⁵²

Tratava-se de um homem inteligente, um sergipano, mas com uma cultura elementar, cujo delírio parecia sempre à primeira vista “a mais pura verdade”. No início, Lima acreditou em tudo o que ele dizia, mas por fim, foi revelada “toda a sua psicose”. Ele dizia ser estudante do quarto ano de Medicina, engenheiro agrônomo, agrimensor, jornalista, e fazia versos, que encantaram o sedento Lima. Que bom era ter alguém, ali, de sua “raça mental”, escreveu, como interlocutor, pois “nesta minha solidão intelectual, num meio delirante, seria um achado encontrar um”.

Mas diante das histórias tão estapafúrdias que contava, e depois de ter-se revelado ignorante em muitas questões, conhecidas de Barreto, logo este viu que ele aliava uma pretensão intelectual, a qual parecia tê-lo enlouquecido e que era “uma cousa comum à gente de Sergipe, a uma cisma de fortuna e a um sentimento de uma grande importância social”.

Esta parecia ser, sempre, a teoria de LB sobre as causas da loucura. Mas não teria muito de projeção de seus próprios problemas aí? E preconceitos? E seu próprio desconhecimento de muitas questões da vida? Ele critica a afirmação deste doente de que os ladrilhos do vestíbulo do hospício eram mármore que vinha antigamente da Itália, dizendo que este contou uma história fantástica sobre fornos, onde o mármore era transformado em ladrilhos. Considerou-a completamente fora da realidade e chamou a isto de “pretensão intelectual”.

³⁵² Ver páginas 56 e ss. Descrições semelhantes de loucos e suas características são feitas em *O Alienista* de Machado de Assis.

Porém, historicamente sabemos que durante o Império, muitas obras ³⁵³ foram realizadas com mármore e matérias-primas européias em nosso país – assim como nosso ouro era também levado embora para enriquecer igrejas e palácios de outros cantos do mundo...

De qualquer forma, Lima Barreto julgou improcedentes as questões colocadas por seu companheiro de reclusão. E julgou mais ainda, quase como se especialista fosse, quando disse, em outro momento do texto: “Os leitores hão de dizer que não era possível encontrar isso [refere-se a encontrar alguém com quem trocar palavras] numa casa de loucos. É um engano; há muitas formas de loucura e algumas permitem aos doentes momentos de verdadeira e completa lucidez.”

Parece que era assim mesmo que ele também se via, um lúcido no meio de tantos lunáticos. E era, mesmo, ou pelo menos bem sabia enxergar sua loucura e a dos outros, e delas fazer literatura. Disse ainda: “mas a loucura tem tantos pontos de contato de um indivíduo para outro, que seria arriscar tornar-me fastidioso se quisesse descrever muitos doentes”, dando-se conta que estava deixando registrado, na literatura, aquelas suas descrições e reflexões.³⁵⁴

Mas Lima sofria muito nesta lúgubre cidade de lunáticos. “Dia de São Sebastião. Um dia feio, nevoento. Olho a baía de Botafogo, cheio de tristeza. Não acho tão bela como sempre achei. (...) As montanhas de Niterói estão sem o cobalto de sempre ...”³⁵⁵

Seu sofrimento vai espreado no texto, a cada instante, como as nuvens carregadas para a tempestade, no céu de sua tão querida baía do Botafogo. Suas confissões tomam, por

³⁵³ Está relatado nos documentos oficiais da instituição que a entrada do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, edificado entre 1879 e 1884 – trinta anos após a construção do hospício do Rio de Janeiro, onde Lima Barreto se encontrava – foi construída com mármore vindo de Portugal. Depois esta obra teria sido enfaticamente elogiada pela princesa Isabel, quando de sua visita ao hospital em 1885. E isto é contado até hoje, por funcionários e ex-funcionários, para todos que vão visitar o hospital, com imenso orgulho...

³⁵⁴ Idem, p.63.

³⁵⁵ Idem, p.79.

vezes, tons bastante pessimistas, como se pressentisse a proximidade da morte. Sabe de suas qualidades, mas seus defeitos, ou dissabores na vida, muitas vezes, ganham mais espaço em suas reflexões: “Sou instruído, sou educado, sou honesto, tenho procurado o mais possível ter uma vida pura...” Mas...

Não quero entretanto morrer; queria outra vida, queria esquecer a que vivi, mesmo talvez com perda de certas boas qualidades que tenho, mas queria que ela fosse plácida, serena, medíocre e pacífica, como a de todos.

Penso assim, às vezes, mas, em outras, queria matar em mim todo o desejo, aniquilar aos poucos a minha vida e sumir-me no todo universal. Esta passagem várias vezes no hospício e outros hospitais deu-me não sei que dolorosa angústia de viver que eu me parece sem remédio a minha dor. (...) Vejo a vida torva e sem saída.³⁵⁶

Lia Plutarco, desta vez, e absorvia o tempo nos livros da biblioteca hospitalar, que conhecia, já, todos, de cor. Citando-o, escreve numa das notas do capítulo X: “Dizia Catão, segundo Plutarco, que os sábios tiram mais ensinamentos dos loucos que estes deles, porque os sábios evitam os erros nos quais caem os loucos, enquanto estes últimos não imitam os bons exemplos daqueles. Plutarco, página 178. 2v.”³⁵⁷

O tédio também chegava, quando de sua estadia na mansão dos loucos, para aumentar mais ainda o pessimismo com que se via muitas vezes invadido. Ele tinha medo de ficar isolado no hospício, de permanecer lá internado pelo resto de sua vida. Várias passagens do texto demonstram isto.

“Os outros deliram em redor de mim e, se não choro, é para não me julgarem totalmente louco. Imagino que esta convicção se enraíze nos médicos e me faça ficar aqui o resto da vida.”³⁵⁸

³⁵⁶ Idem, p.67-8.

³⁵⁷ Idem, p.105.

³⁵⁸ Idem, p.81.

Morte, loucura, desejo de glória, companheiras inseparáveis desde muito. E enchia-se de pavor ao pensar no seu fim e de culpa por estar neste estado. Culpava também a humanidade, “a sociedade em que vivo”, mas arrepende-se de pensar assim.

Contudo, eu queria viver isolado, fora desta paixão pela literatura, pelo estudo. Creio que ela me faz mal e lastimo não ter outra forma de talento em que minha inteligência pudesse trabalhar, absorver toda a minha atividade, sem comunhão com os meus semelhantes. Queria ser um geômetra, mesmo medíocre, mas da família de Arquimedes, conforme desenha Plutarco, na vida de Marcellus, página 109.³⁵⁹

Imediatamente a este desabafo, em suas memórias de hospício, Lima arrepende-se, ou “olha para o outro lado” e diz que isto não seria possível, pois sua “pouco certa inteligência é de outra raça”. E transborda numa fina sensibilidade quando afirma que ele é levado incoercivelmente para o estudo da sociedade, para seus mistérios, para os motivos dos seus choques, para a contemplação e análise de todos os seus sentimentos.

As formas das cousas que as cercam, e as suas criações, e os seus ridículos, me interessam e dão-me vontade de reproduzi-los no papel e descrever-lhe a sua alma, e particularidades. Ao mesmo tempo, levado para o estudo das sociedades, da sua história, do *quid* que a anima, arrastado para o estudo do seu destino, sou também capaz de me emocionar diante das cousas da natureza. Não serei nunca um sociólogo, historiador, não serei nunca romancista. Falta-me amor ou ter amado.³⁶⁰

Saía deste desabafo para entregar-se mais uma vez ao desespero na escrita, dizendo, “fui tomar café matutino, já melancólico; li os jornais, hipocondríaco; almocei, ainda pior. Não pude acabar de ler a vida de Pelópidas”. Depois relata que foi à refeição que mais aprecia no hospício, que era o café com pão, mas voltou do café entediado. “Voltei do café entediado. Um vago desejo de morte e de aniquilamento. Via minha vida esgotar-se, sem fulgor, e toda a minha cansa feita, às guinadas. Eu quisera a resplandecência da glória e vivia ameaçado de acabar numa turva, polar loucura.”³⁶¹

³⁵⁹ Idem, p.82.

³⁶⁰ Ibidem.

³⁶¹ Idem, p.83.

O que poderia significar esta imagem da turva e polar loucura? Polar, porque parecia que nenhuma afeição o aquecia, e turva, porque, dizia, não via, não compreendia nada do que estava em torno dele. E, num ímpeto poético, completa:

Eu me comparava a um explorador das regiões árticas, que tivesse durante anos atravessado florestas lindas, cascatas, céus epinícios, lagos de anil, mares de esmeraldas, nessas paisagens mais belas da terra, as suas servências mais majestosas, e se houvesse de *motu proprio* atirado às *banquises* do pólo e se deixasse mergulhar na sua noite imensa que, para meu caso, era infinita.

Quase me arrependia de não ter querido ser como os outros. Seguir o caminho do burro e ter feito da minha vida um paradoxo. (...) ³⁶²

Morreu em 1922, em sua casa, num subúrbio do Rio de Janeiro. Nos três últimos anos de sua vida, após sair do hospício, entregou-se por inteiro a seus escritos, reescrevendo alguns, escrevendo outros. Na intuição da proximidade da morte, recolhido à Vila Quilombo, nome que deu à sua casa ³⁶³, trancava-se na sala da frente a escrever, sala esta que servia ao mesmo tempo de dormitório e biblioteca.

Trabalhava semanas a fio, sem interrupção, escrevendo contra os “donos do mundo”. “Ficava em casa sem sair, abstinência, voluntariamente recluso em seu gabinete, qual numa cela fradesca, escrevendo sem cessar, dia e noite, naquela letra hieroglífica que era o desespero de linotipistas e revisores”. ³⁶⁴ O biógrafo compara Lima Barreto, neste momento de sua vida, ao bicho da seda, pois metia-se no casulo e produzia.

³⁶² Ibidem.

³⁶³ Conforme Assis Barbosa, este nome traduz não somente a “amarga ironia de um homem desprezado”, mas seria também um “nome de guerra”, que transformava sua casa, nos altos de uma rua de subúrbio, no “último reduto de uma resistência desesperada e vã”. Ali, na Vila Quilombo, ele recolhia-se para lutar até o fim, com sua única arma, aquela que sabia bem manobrar: sua inteligência. Assis Barbosa, Francisco de. *Vida e obra de Lima Barreto*. p.301.

³⁶⁴ Barbosa, Francisco de Assis, idem, p.301.

Neste período, o literato concluiu cinco volumes de sua obra: *Histórias e sonhos*, *Marginália*, *Feiras e Mafuás*, *Bagatelas e Clara dos Anjos*, sendo que só viu publicado em vida o primeiro. E deixou *Cemitério dos Vivos* inacabado...

Morreu jovem, pode-se dizer. Com 41 anos completos, Lima deixou mais do que uma obra literária; deixou um amplo testemunho de sua época, nos mais diversos aspectos e questões.

3.3 O mosaico inacabado - um cemitério para os vivos...

"A arte e a literatura são cousas sérias, pelas quais podemos enlouquecer..."³⁶⁵ Não há como escrever sobre Lima Barreto, sem perceber que também quem escreve se vê diante de um esfacelamento das fronteiras do real e da ficção. O próprio título desta seção é difícil de colocar, pois sua obra e sua vida, ambas mosaicos, dão a impressão de algo inacabado e ao mesmo tempo, algo que foi enterrando aos poucos suas mais instigantes possibilidades. Mas que deixou vestígios ...

Por isso é que se pode dizer que Lima Barreto foi ressuscitado quando sua obra o foi, mais de trinta anos após sua morte...

Desde sua primeira publicação, Lima Barreto teve problemas com os críticos literários do momento. Sua revalorização crítica teve início apenas com a publicação de suas obras completas por seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, nos anos 50.

³⁶⁵ Barreto, Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo : Brasiliense, 1961.

Desde o primeiro livro publicado por Lima Barreto estabeleceu-se um conflito definitivo entre sua produção literária e os detentores do poder cultural na cidade letrada, capital da República Velha. Se a ruptura com os “mandarins da literatura” faz com que lhe seja negado o discurso legitimador da crítica oficial, a situação à margem garante à sua produção a preservação da independência. Diante das dificuldades de edição dos romances e contos que segue escrevendo, Lima Barreto busca na imprensa a forma de veiculação de sua escrita. Apartado dos grandes jornais, atuará em revistas, publicações de oposição ao regime, de associações de cunho político-corporativo, em periódicos de pequena circulação, freqüentemente empastelados pela censura. Esta colaboração constante na pequena imprensa será definidora do perfil de grande parte de sua produção literária: as crônicas.³⁶⁶

O processo de exclusão que sua obra literária sofreu estendeu-se para o cidadão Lima Barreto. Foi excluído do serviço público pelo estigma provocado pelas sucessivas internações, que ao todo foram cinco, tendo se aposentado muito cedo. Mas a esta exclusão, seguiu-se outra, mais severa e contundente, que é a internação psiquiátrica. A esta violência, Lima também respondeu pela escritura.

Estabelece-se, entre sua vida e sua produção, um vínculo, que tem a ver com a própria temática de sua obra, no geral, ou seja, a defesa incondicional do direito do cidadão, a crítica à sociedade carioca e brasileira como um todo, a valorização do nacional, ruptura esta que se dá, sempre, a partir da quebra de cânones diversos.³⁶⁷

Logo que Lima Barreto saiu do hospício, começou a escritura de *Cemitério dos Vivos*, até com editor já apazado. Mas não vai além de notas e rascunhos, retomando, mais tarde, o trabalho interrompido. Apenas o primeiro capítulo foi publicado, com o nome “As origens”, na Revista Souza Cruz, em janeiro de 1921. E pouca coisa foi acrescentada ao esboço, mas o bastante para se antever uma obra de grande envergadura, talvez a sua “obra prima”.³⁶⁸

³⁶⁶ Resende, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, editora da UNICAMP, 1993. p.23.

³⁶⁷ idem, p. 25.

³⁶⁸ Barbosa, Francisco de Assis, *Vida e obra de Lima Barreto*, p.303.

Como disse seu biógrafo, na apresentação da edição por ele publicada, os manuscritos de *O Cemitério dos Vivos* e *Diário de Hospício* quase se confundem. “Se é exato que *O Cemitério dos Vivos* nasceu do *Diário de Hospício*, os comentários personalíssimos deste enredam-se de tal sorte com a efabulação daquele, que se torna difícil, se não impossível, delimitar as fronteiras do real e do imaginário.”³⁶⁹ E isto, para este crítico, é um problema permanente em toda a obra de Lima, “cujo grande personagem é, quase sempre, em última análise, a experiência vivida pelo próprio romancista.”³⁷⁰

É exatamente este ponto criticado – por Assis Barbosa e por muitos outros críticos – e é este “problema” que servirá de matéria- prima para a análise que agora segue. E, além disto, viu-se que existem algumas diferenças cruciais entre romance e anotações (*Diário de Hospício*), que serão importantes de serem averiguadas. Por exemplo, se as notas do “diário” são cruas, porque escritas rapidamente, ou nas condições que encontrava, dentro do hospício, o romance, por sua vez, foi melhor trabalhado, sua estrutura estava sendo muito bem montada, em torno de capítulos romanceados, com história concatenada, etc. Infelizmente Lima não o pôde terminar...

Mas, de qualquer forma, as fronteiras entre o real e o imaginário se desvanecem, se dissipam ... O "mosaico de sensibilidades" que é construído no papel matiza sua obra com seus mais variados sentimentos e emoções.

Inicia seu romance de hospício com “Quando minha mulher morreu...”. Parece ser esta, uma condição definitiva de desgraça, em sua vida, a morte desta esposa imaginária, simbólica

³⁶⁹ Barbosa, Francisco de Assis. In: *Cemitério dos Vivos*, “Nota prévia”, p.25/26.

³⁷⁰ Ibidem.

Basicamente em todo o primeiro capítulo do romance *Cemitério dos Vivos* ele escreve sobre sua esposa (personagem), de como ele a conheceu e casaram-se. Mascarenhas e Efigênia, o casal.... Descreve o pedido de casamento, que foi ela que fez, empurrada por sua mãe, pois ele era tímido... “Minha história de casamento é singular. Vou narrá-la”, diz ele já na segunda página do romance. E narra, em trinta páginas, esta sua história, de um casamento que, na vida real, não aconteceu – pelo menos não aos olhos dos outros...

“Apesar de fugir dela, a moça estava sempre a puxar-me pela língua. Não sabia a que atribuir essa irresistível simpatia que se denunciava assim por mim. Não me tinha como repelente, julgava-me mesmo simpático para os rapazes e homens; mas supor que o mesmo fosse para raparigas e moças, era vaidade que não penetrava em minha pessoa.”³⁷¹

Conheceu a moça numa pensão em que foi morar, pois era filha da dona. Simpatizaram-se mutuamente, desde o início, embora ele se sentisse incomodado quando ela lhe cobrava o andamento de seus “estudos oficiais” que ele abandonou – existe a realidade de ele ter abandonado a Escola Politécnica.

Mas ela gostava também de ler, pedia-lhe livros emprestados, discutiam sobre os mesmos e isto os aproximou. Até que se casaram, por fim, e o romance começa quando ela morre, deixando-o com a mãe louca (sua sogra) e um filho para cuidar – filho este que teria algum problema de desenvolvimento, pois não conseguia aprender a ler, e isto maltratava, especialmente, esta alma culta e sensível de Mascarenhas.

³⁷¹ *Cemitério dos Vivos*, p.130.

Trinta e poucos anos, um filho fatalmente analfabeto, uma sogra louca, eu mesmo com fama de bêbado, tolerado na repartição que me aborrecia, pobre, eu vi a vida fechada. Moço, eu não podia apelar para a minha mocidade; ilustrado, não podia fazer valer-me minha ilustração; educado, era tomado por um vagabundo por todo o mundo e sofria as maiores humilhações. A vida não me tinha mais sabor e parecia que me abandonava à esperança.³⁷²

Lima Barreto revela, nesta obra, que foi depois da morte da esposa, que seu pensamento fê-lo viver desnordeado e o levou duas vezes ao manicômio. Foram cinco anos que se passaram entre a morte de sua esposa e sua primeira entrada no hospício. Ou melhor, é Mascarenhas, o personagem, quem revela ...

Escrevendo estas linhas hoje e percorrendo na lembrança toda a minha vida passada, causa-me assombro de que, em face de todos esses episódios, a minha atitude fosse de completo alheamento. Mais do que os grandes acontecimentos, na nossa vida, são os mínimos que decidem o nosso destino. ... Foram precisos muitos e dolorosos acontecimentos, erros e guinadas, na minha vida, para que eu os reunisse todos na imaginação e reconstituísse com eles a figura excepcional de minha mulher, que eu não soube ver quando viva. ...Arrependo-me, embora não me sinta em nada culposo para com ela; arrependo-me por não a ter bem visto e não a ter extremado da massa humana, onde só via indiferença e incapacidade para o amor e a bondade... Expiei bem duramente essa minha falta íntima, que tantos sentimentos desencontrados fêz surgir em mim, tantas dores deu nascimento, como verão no decorrer destas páginas, que são mais de uma simples obra literária, mas uma confissão que se quer exteriorizar, para ser eficaz e salutar o arrependimento que ela manifesta.³⁷³

Mascarenhas continua, dizendo que a partir de sua relação com ela é que começou a escrever...Em um jornalzinho de estudante... Pois pouco a pouco foi vencendo o “fingido desprezo pela literatura”, deixando de lado aquela “falsa e tola atitude positivista de só falar em Shakespeare, Dante e Molière ...”, começando a ler outros autores, todos que encontrava. Confessa que a convivência com a moça o havia tirado desse “empacamento de muar letrado”. E logo que começou a escrever, sentiu necessidade de se aperfeiçoar, lendo os autores com cuidado, os clássicos, notando teorias de estilos, etc. “Mas bem depressa, abandonei esse sestro e o meu

³⁷² idem, p.176.

³⁷³ Idem, p.136. A esposa que morre poderia também, em alguns aspectos, estar simbolizando sua mãe e Mascarenhas seu pai?

escopo foi unicamente vazar no papel o melhor possível o pensamento que queria vazar no papel.”³⁷⁴

Teria sido assim também com Lima? Mascarenhas deixa “vazar” no papel tudo o que queria vir para este, e, assim como a de Lima, sua literatura foi além “de uma simples obra literária”, ela era uma confissão. Esta passagem mostra, ao que parece, a finalidade explícita, que o escritor nunca fez questão de esconder, e que foi matéria de uivos raivosos de seus críticos: sua vida era sua matéria prima. E por que não?

Sabe-se que Lima Barreto nunca foi casado, e que não teve senão casos furtivos, principalmente em bordéis, dos quais saía sempre insatisfeito, quando não enjoado. Em sua biografia, Assis Barbosa escreve que ele era um grande tímido, dominado pelo complexo de cor e que jamais conheceu o amor em sua plenitude. “Como o Augusto Machado, biógrafo de *Gonzaga de Sá*, poderia dizer que só havia namorado uma única vez, aos 16 anos.”³⁷⁵

Em ambos diários (*Diário Íntimo* e *Diário do Hospício*) são poucas as referências que faz ao sexo feminino, a algum amor ou “caso” seu, no concreto.

No *Diário Íntimo*, Afonso Henriques, na data de 5 de janeiro de 1908, relata sua ida à casa de um amigo, o qual era “amancebado com uma rapariga portuguesa”. Este não se encontrava em casa, e ele teve, então, pensamentos “devassos”. Mas nada aconteceu, embora relate que tenha sentindo-se muito bem, como nunca, conversando e fumando com esta mulher.

³⁷⁴ Idem, p. 138.

³⁷⁵ Barbosa, Francisco de Assis. *Vida e obra ...*, p.214.

Nunca estive tão bem. Tenho vinte e seis anos e, até hoje, ainda não me encontrei com uma mulher de qualquer espécie de maneira tão íntima, de maneira tão perfeitamente a sós; mesmo quando a cerveja, a infame cerveja, me embriaga, e me faz procurar fêmeas, é um encontro instantâneo, rápido, de que saio perfeitamente aborrecido e a bebedeira diminuída pelo abatimento.³⁷⁶

Ele passa, então, a descrever Cecília, mulher pequena, pálida, com “aquela palidez *mate*” das prostitutas. Simples de inteligência, não tendo “quatro idéias sobre o mundo” e embora tendo conhecido bordéis, rufiões, ladrões e estelionatários, e atirado-se a desvios sexuais, ela parecia-lhe cândida, ingênua e até piedosa. E, como sempre acontecia a Lima, vinha a literatura trazer-lhe uma imagem, como um regalo sensível da alma:

Eu a tenho observado muito e, com grande medo da minha inexperiência, eu a quero boa, doce, sem arrependimento, mas a desejar um casamento que a nobilite e eleve. Quando saio de sua casa, depois de sua ingenuidade, depois de sentir que a prostituição lhe roçou de leve, posso dizer com M. de Vogüé, a respeito da *Casa dos Mortos* de Dostoiévski: fico contente em ver que a nossa humanidade é melhor. Sinto por ela que há um cristal de pureza inalterável como núcleo eterno da pessoa humana, e que raramente ele se desagrega, mesmo sob o império das mais baixas degradações por que possamos passar.³⁷⁷

A impressão que se tem é de que a pureza de alma está nele, no romântico, no apaixonado “platônico”, no tímido rapaz do subúrbio. Por mais que ele tenha sentido algo por esta mulher, ele nunca se declarou. Preferia sonhar...

E ainda sob o efeito de Cecília, ele escreve:

Como a prostituição me parece sagrada; se não fôra ela, esta minha mocidade, órfã de amor, de carinho de mulher, não teria recebido esse raio louro de um sorriso e de um olhar, para me recordar esse misterioso Amor que se sofre, quando se o tem, e se padece, quando se não o tem. Abro o *Cântico dos Cânticos*, leio um versículo e êsmo. ... Chove... Vou para a cadeira de balanço. Vou fumar e sonhar...³⁷⁸

³⁷⁶ *Diário Íntimo*, op. Cit., p.126.

³⁷⁷ *Idem*, p.127.

³⁷⁸ *Idem*, p.129.

Além deste episódio, sem dúvida o mais contundente do diário em relação ao que pensa sobre o amor, fala duas vezes em outras mulheres que conheceu, uma prostituta no teatro e a cunhada de um amigo, também casada. A esta, ele beijou duas vezes, e “se aquela ocasião fosse propícia, talvez consumássemos o ato. Foi em 1918 e naquele dia, eu fui adiante”. Mas Lima confessa que não a amava e que não tinha vontade de continuar com esta aventura. Ela morreu no fim do ano, de gripe.³⁷⁹

Há uma frase, neste mesmo diário, solta de qualquer contexto, em que ele diz: quando se está perto de uma mulher, ou dizemos asneiras, ou nos calamos.³⁸⁰

Lima era assim com mulheres, gentil, cerimonioso, tímido – aliás, como seu personagem Isaías Caminha – constrangido, respeitoso, fosse qual fosse a “casta” a que elas pertencessem. Tratava-as sempre por “minha senhora” e nunca por tu ou você. “Além do mais, sempre foi penoso para Lima Barreto o convívio com as mulheres. A cerimônia, com que as tratava, revela o constrangimento que sentia, ao contato feminino.”³⁸¹ Além disso, ele também não gostava de pornografias e nunca deixava que, nas rodas de amigos, as conversas desviassem para isto. Diz-se que, mesmo sob o efeito do álcool, nunca se ouviu dele uma só palavra de baixo calão.

³⁷⁹ Para detalhes deste episódio em sua vida, ver página 213 do *Diário Íntimo*.

³⁸⁰ Idem, p.190.

³⁸¹ Barbosa, Francisco de Assis. *Vida e obra ...*, p.215.

Já no seu *Diário de Hospício*, o leitor é remetido também poucas vezes a estas questões sobre amor e sua relação com mulheres...Embora, como já foi citado, ele questionasse se não seria a falta de amor, a causa dos males psíquicos.³⁸²

Existe uma passagem que intriga, pois ele refere um amor morto, uma mulher amada que morreu, “a minha mulher”, bem como a personagem do romance escrito a partir destas anotações. Intriga exatamente porque, em todas as passagens deste diário, parece ao leitor que ele está escrevendo e descrevendo fatos reais, dentro da realidade concreta – quando não são referências metafóricas a outras literaturas ou opiniões suas sobre os fatos, objetivos e subjetivos.

³⁸² É novamente do psiquiatra suíço que se vai retirar um outro exemplo, dizendo respeito à relação de um jovem e sua “loucura” com fantasias amorosas frustradas, associação esta muito comum de ser feita, no início do século XX, nos relatos de casos de muitos médicos e psicólogos. Jung menciona o caso de um paciente seu, que não era poeta, nem um ser de exceção, mas simplesmente um jovem quieto e passional. Relata que este apaixonara-se por uma jovem e, “como não raro acontece”, esquecera-se de averiguar se era correspondido. Um “certo estado de inconsciência”, para não dizer ingenuidade, o convencera de que suas emoções eram partilhadas pela moça, construindo uma fantasia amorosa exaltada, que desmoronou assim que a jovem negou-se a prestar-lhe atenção. Jung relata: “desesperado, o jovem decidiu afogar-se. Era tarde, as águas do rio refletiam as estrelas cintilantes. Ele acreditou que elas flutuavam, aos pares, rio abaixo. Uma sensação prodigiosa apoderou-se de sua alma. Esquecendo-se das intenções suicidas, contemplou fascinado a cena estranha e encantadora. Pouco a pouco pareceu-lhe cada estrela um rosto e todos os pares eram amantes estreitamente abraçados, que passavam como que num sonho. Foi então assaltado por uma nova compreensão das coisas: tudo mudara, seu destino, sua decepção, e mesmo o amor que antes sentira amorteceu, a lembrança da jovem apagando-se cada vez mais. Em seu lugar ele sentiu nitidamente que uma riqueza indizível lhe era prometida. Sabia que ali perto um tesouro imenso estava escondido no Observatório astronômico. Às quatro horas da manhã foi detido pela polícia, no momento em que tentava arrombar a porta do Observatório.” O que lhe sucedera? Sua pobre cabeça deparara, repentinamente, com um quadro digno da poesia de Dante, beleza que não teria compreendido sob a forma de um poema. Mas ele a viu, e esta visão transformou-o. A grande dor que o ferira parecia agora distante; um mundo de estrelas, novo e inesperado, traçando caminhos silenciosos, tão longe da terra dolorosa, se descortina a seus olhos, no momento em que pensara cruzar a “fronteira de Proserpina”. “A intuição de uma riqueza inaudita (quem seria insensível a tal pensamento?) atingiu-o como uma revelação divina. Foi demais para sua pobre cabeça. Embora não se tenha afogado no rio, Afogou-se numa imagem eterna, cuja beleza esvaneceu-se com ele.” Assim é que muitos sucumbem a imagens inconscientes, arquetípicas, afastando-se em definitivo de seus semelhantes, bem como outros desaparecem em seu papel social, identificando-se com a “persona” que assumem na sociedade. Novamente, são duas faces da mesma moeda, ou seja, a perda da individualidade. Tal desintegração da personalidade, constitui uma doença mental, que pode ser de natureza passageira ou permanente: uma cisão da mente ou esquizofrenia. A inflação patológica, diz Jung, depende naturalmente de alguma fraqueza da personalidade, diante da autonomia dos conteúdos do inconsciente coletivo. Jung, C.G. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1982, p.20. Não se quer, aqui, igualar os casos, de Lima e este paciente. Mas é uma aproximação possível, também com TR e com Fileto, personagem do próximo capítulo, do quanto a questão do amor, temática discutida desde há muito – lembrar o diálogo de Platão, “O banquete”, por exemplo – insere-se como uma problemática humana, assumindo as mais variadas formas, seja em fantasias criativas, em pensamentos filosóficos, isto é, imagens simbólicas do inconsciente da humanidade.

Na continuação de um de seus desabafos no papel, aqui já citado, ele compara a si mesmo a Abelardo, aquele de Heloísa, quando escreve: “Eu me indago, de mim para mim, se, por acaso, não é o amor que me corrói. Mas vejo bem que não. Passei a idade de tê-lo, fugindo dele, para que ele não me criasse sofrimento e não prejudicasse a minha ambição de glória. A própria Heloísa achava-o nocivo nos homens de pensamento; é verdade que ela também achava o seu Abelardo virtuoso.”³⁸³

E, logo em seguida, diz:

Não amei nunca, nem mesmo minha mulher que é morta e pela qual não tenho amor, mas remorso de não tê-la compreendido, mais devido à oclusão muda de meu orgulho intelectual; e tê-la-ia amado certamente, se tão estúpido sentimento não tivesse feito passar por mim a única alma e pessoa que me podia inspirar tão grave pensamento. Li-a e não a compreendi ...³⁸⁴

Seguindo o parágrafo, que é o fim do capítulo quinto, ele fala em suicídio, relatando que um doente havia se enforcado no hospício e que ele, se voltasse ali pela terceira vez, faria o mesmo.

Mais adiante, ele menciona de novo esta “sua mulher”, dizendo “falta-me amor ou ter amado. Mas... Minha mulher! Não posso tratar dela. Não se ama uma morta; e eu não a soube amar em vida.”³⁸⁵ Fica, então, esta incógnita, pois a única referência “na vida real”, que se tem descrita por ele, é a morte da cunhada de seu amigo, que ele dizia não amar... E Cecília, que arrebatou-o em pensamentos, mas não existe sua morte referida no *Diário Íntimo*.

Seria alucinação, ou um estilhaço de seu pensamento? De que forma esta mulher é mencionada em seu “Diário do Hospício”? Se existe uma “incógnita”, que se faz questão de

³⁸³ *Diário de Hospício*, p.68.

³⁸⁴ *Ibidem*.

³⁸⁵ *Idem*, p.82.

mencionar, em relação ao acontecido, esta pode ser devido à preocupação do historiador com os "fatos reais". Mas isto não deve tirar a "verdade" metafórica destas digressões da ficção. Não seria esta mulher morta a imagem de sua alma, a metáfora de sua incapacidade de relacionar-se com mulheres?

As fronteiras da ficção e da realidade diluem-se na vida deste homem, atormentado em sua psique, e em seu processo criativo. Como defender-se dos "rótulos" que ele mesmo coloca em si? Mas a força de sua inteligência e de sua criatividade distinguem-se no meio dos gritos da loucura. Acredita-se que existia um sentido nesta trama de sua vida.

Conforme o próprio autor, foi logo após a morte da mãe, nos seus sete anos, que ele pensou em se matar pela primeira vez, quando foi acusado injustamente de furto. “Desde menino eu tenho a mania de suicídio”. Ele relata que foi neste episódio que sentiu a injustiça da vida, “a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e daí também comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, de modo que as mínimas cousas me parecem grandes crimes e eu fico abalado e sacolejante.”³⁸⁶ Aos onze anos, quando morava na Ilha e fugiu do colégio, teve de novo a mesma vontade, tendo armado um laço numa árvore do sítio, para se enforcar. Neste momento, diz, foi o fato de ser inteligente que o fez não ter coragem para tal.

Ele continua sua nota sobre suicídio dizendo: “deu-me este acontecimento, conjuntamente com a vida naturalmente seca e árida dos colégios, uma tristeza sem motivo, que é fundo de quadro, mas pelo qual passam bacantes em estertores de grande festa.”. Este poético desabafo corrobora a impressão de que Lima Barreto, não somente por sua inteligência, mas

³⁸⁶ *Diário Íntimo*, p.135. Nota de 16 de julho de 1908.

principalmente pela sensibilidade aguda que carrega em si, tem uma noção, mais ou menos clara, a respeito de sua história de vida e de sua história psicológica. Quando ele diz que esta sensação de tristeza é “fundo de quadro”, ele está fundamentando, num fato psicológico, seu estado de espírito depressivo, pessimista, e além, está “diagnosticando” exatamente o problema que nenhum psiquiatra conseguiu tratar.

Nesta nota do seu diário íntimo, ele afirma, ainda, que há alguns dias esta vontade de se matar não o abandona – “ela me vê dormir e me saúda ao acordar”. Está, então, com 27 anos, e quando esta triste vontade vem, já não é o sentimento de inteligência que o afasta dela, e sim o hábito de viver , a covardia, sua natureza débil e esperançada.

Estou com 27 anos, tendo feito uma porção de bobagens; ignorando se tenho qualidades naturais, escrevendo em explosões; sem dinheiro, sem família, carregado de dificuldades e responsabilidades. (...) Mas de tudo isto, o que mais me amola é sentir que não sou inteligente. Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente muito e muito! A humanidade vive da inteligência, e eu, inteligente, entraria por força na humanidade, isto é, na grande Humanidade de que quero fazer parte. (...) Abate-me também não ter amigos e ir perdendo os poucos que tinha. (...) Eu fico só, só com os meus irmãos e o meu orgulho e as minhas falhas. Vai me faltando energia. Já não consigo ler um livro inteiro, já tenho náuseas de tudo, já escrevo com esforço. Só o Álcool me dá prazer e me tenta...Oh meu Deus! Onde irei parar?³⁸⁷

Lima Barreto levou para sempre, em seus pensamentos, a imagem da mãe, bem como reagia a sua falta. No romance *Gonzaga de Sá* escreveu:

³⁸⁷ Idem, p.136.

Durante toda a minha vida, fez-me muita falta. Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio ou desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse. Deixando-me ainda na primeira infância, bem cedo firmou-se o meu carácter; mas, em contrapeso, bem cedo me vieram o desgosto de viver, o retraimento por desconfiar de todos, a capacidade de ruminar mágoas sem comunicar a ninguém – o que é um alívio sempre; enfim, muito antes do que era natural, chegaram-me o tédio, o cansaço da vida e uma certa misantropia.³⁸⁸

A vida humana, tanto quanto a psique, é muito complexa para se querer trabalhar com a hipótese mecanicista da causa e efeito, dando esta ou aquela explicação sobre os fatos e atitudes de uma pessoa. É sempre melhor ouvir o que esta mesma tem a dizer, sua sensibilidade, sua reflexão sobre a situação, atual e passada. Por menos que as pessoas reflitam, elas em geral tem consciência daquilo que as aflige, que as faz sofrer. Podem até manter tudo guardado “à sete chaves” no inconsciente, mas uma certa noção do(s) problema(s) sempre existe.

Aqui, está-se diante de uma personalidade ímpar, inteligente, sensível, dono de uma maestria com as palavras e com as imagens poéticas da alma. Por mais que sofra, ele conseguiu transformar o conteúdo de seu sofrimento em palavras, em símbolos, em literatura. Certamente conseguiu seu objetivo, fazer parte da Humanidade, como ele disse. A mesma sorte não teve TR, que ficou confinado, até onde se sabe, no seio da família, com o rótulo de maluco e com suas preciosas “cartas” anexadas num prontuário de hospício, sem ter a chance de revelar ao mundo seus pensamentos.

Na Psicologia Analítica, trabalha-se com a noção de que no inconsciente masculino existem traços de características femininas, respeitando a ligação com o polo biológico, que também traz o gen feminino nos homens, embora em menor quantidade. Estes “traços” serviriam

³⁸⁸ Apud Barbosa, idem, p.44.

de contraponto à consciência, que, no caso é masculina. Jung denominou o conjunto destas características femininas na psique masculina de *anima*.³⁸⁹

Anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas nem por isso menos importante, o relacionamento com o inconsciente. Nas suas manifestações individuais o caráter da *anima* de um homem é, em geral, influenciado por sua mãe. Se o homem sente que a mãe teve sobre ele uma influência negativa – ou então, quando sua mãe torna-se ausente, como no caso de Lima Barreto – sua anima vai expressar-se, muitas vezes, de maneira irritada, depressiva, incerta, insegura e susceptível.

No interior da psique deste tipo de homem, a figura negativa da “mãe-*anima*” repetirá, incessantemente, o mesmo tema: ‘Não sou nada. Nada tem sentido. Com todos os outros é diferente...mas comigo...Nada me dá prazer.’ Estes humores da anima, no homem, provocam uma espécie de apatia, um medo a doenças, à impotência, ou a acidentes. A vida adquire um aspecto tristonho e opressivo. Este clima psicológico sombrio pode, mesmo, levar um homem ao suicídio e a anima, então, torna-se o demônio da morte.³⁹⁰

³⁸⁹ Ânima vem do latim “alma”. É verdadeira a contraposição na psique feminina; o inconsciente das mulheres carrega traços masculinos, cujo “conjunto” foi denominado por Jung de *animus*.

³⁹⁰ von Franz, Marie Louise. Anima: o elemento feminino. In: Jung, C.G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. Ver páginas 177 a 188 para a discussão do conceito de *anima*. “Na Idade Média, muito antes de os filósofos terem demonstrado que trazemos em nós, devido à nossa estrutura glandular, ambos os elementos – o masculino e o feminino –, dizia-se que ‘todo o homem traz dentro de si uma mulher’ É a este elemento feminino, que há em todo homem, que chamei de *anima*. Esse aspecto ‘feminino’ é, essencialmente, uma certa maneira, inferior, que tem o homem de se relacionar com o seu ambiente e sobretudo com as mulheres, e que ele esconde tanto das outras pessoas quanto dele mesmo. Em outras palavras, apesar de a personalidade visível do indivíduo parecer normal, ele poderá estar escondendo dos outros – e mesmo dele próprio – deplorável condição da sua ‘mulher interior’”. Jung, C.G. *O Homem e seus símbolos*, op. Cit., p.31.

Esta descrição "psicodinâmica" do componente feminino da psique masculina, ajuda a esclarecer, por um lado, a forma pela qual a afetividade e a sensibilidade de nosso personagem, criador e criatura ao mesmo tempo do romance, investem-se de sentimentos relacionados à mãe de Lima, introjetados na psique dele, na forma de "imagens da alma". Ao mesmo tempo que a anima é um arquétipo, aquele do ser feminino no homem, a mãe é o primeiro receptáculo deste arquétipo, levando à identificação entre anima e mãe, ou anima e complexo materno.

Este princípio feminino no homem é o que o liga ao amor, ou Eros, princípio de conexão entre os seres – como na mitologia grega era Eros, ou Cupido, filho de Vênus na maior parte das versões, que unia os seres através de sua flechada no coração.

Em geral, o homem, em sua escolha amorosa, sente-se tentado a conquistar a mulher que melhor corresponde a sua própria feminilidade inconsciente, a mulher que acolhe prontamente a projeção de sua alma.

Lima era alma sensível, vindo de mãe sensível, inteligente, carinhosa. Mas são muito poucas as descrições que se tem da mãe dele, conforme diz Francisco de Assis Barbosa. O fato é que sentiu sua falta. E isto deu, como também se nota, o colorido para sua forma de sentir a vida e sua relação com as mulheres. Longe de se estar falando de patologia, está-se falando de uma dinâmica anímica que se estabelece de maneira diferente em cada indivíduo, conforme as experiências que cada um tem com sua "mulher interior", bem como com suas formas exteriores.

No seu "romance de hospício", sua mulher morre e ele ensaia, inclusive, uma espécie de culpa, como já foi citado. Mas, na verdade, é do amor que ele sente falta e sente-se mal por nunca tê-lo tido. Relacionado ou não com a morte de sua mãe, o certo é que Lima teve forças limitadas para colocar este amor em sua vida e em seus escritos – ou talvez, somente aí ele o tenha achado.

Mascarenhas relata que foi pela “meiga e disfarçada censura de sua mulher” que ele deixou as rodas barulhentas de sua “literatice incipiente”, fugiu dos cafés e pôs-se a meditar em um livro para escrever. De verdade. Mas precisava criar um certo público, um núcleo de leitores, adquirir um certo nome e uma certa posição que garantisse a ele o bem-querer dos livreiros. Pensou, então, em escrever um romance ou uma novela, pois seria o gênero literário mais próprio, mais acessível a exprimir o que ele pensava. E, também, ajudaria a atrair leitores, amigos e inimigos...

E, então, tem-se uma surpreendente revelação, que une em reflexão sua crítica à literatura dominante, sua vocação de escritor, com as questões discutidas sobre o amor...

Mas o romance, como a canônica literária do Rio ou do Brasil tinha estabelecido, não me parecia próprio. Seria obra muito fria, teria de tratar de um caso amoroso, ou haver nele alguma cousa de parecido com isso. Eu tinha um grande pudor de tratar de amor. Parecia-me ridículo ter esse sentimento e ainda mais ridículo analisá-lo ou tratá-lo em livro. *Todo o amor, parecia isto a mim, me humilhava*, e não queria o fato de descrever um qualquer encontrasse em mim prova de fraqueza e rebaixamento de mim mesmo.

Evitando o amor, voltei as minhas vistas para os grandes livros de aventuras; e, por eles, vi bem que os romances que as narram são talvez os que mais resistem ao tempo. *Não foi, porém, por isso, nem mesmo pela sua aparente facilidade; foi tão-somente para evitar o escolho do Amor, que comecei a escrever um.*³⁹¹

O que significa falar de si - veracidade da vida e da alma - através da ficção. Novamente vê-se a fusão deste dois reinos, o da ficção e o da “realidade”, que em Lima revela a relação dele mesmo com sua *anima*, ou, melhor, com sua própria criatividade.

Ainda no primeiro capítulo, ele mescla relatos de infância, descrições de sua relação com o pai, opiniões sobre teorias – por exemplo, a teoria de Lombroso, da antropologia criminal, que “põe os defeitos e qualidades da raça nos traços e sinais que ficam à vista de todos” – , desde

³⁹¹ *Cemitério dos Vivos*, p.169. Os grifos são meus.

quando era jovem e precisava formar-se para agradar o pai.³⁹² Relata muitas vezes como era seu ambiente de trabalho na Secretaria de Guerra, num tom que o coteja, sutilmente, ao ambiente em que vive agora no hospício.

No segundo capítulo – o livro inacabado é constituído de apenas cinco –, então, o personagem entra no hospício, e aí, LB insere elementos de suas duas internações reais no HNA: conta sobre sua ida no carro blindado, que foi na primeira vez, e faz uma imensa digressão sobre a agressividade a que os doentes são submetidos neste tipo de situação; relata o “banho de ducha de chicote”, onde ficava nu e também o fazia lembrar Dostoiévski, que não aconteceu realmente na segunda internação, que é quando ele escreve no diário.

Várias outras passagens mostram que LB usou, como recurso literário, a realidade dissolvida na ficção, e, nesta, lhe valiam, também, imagens literárias, que suas leituras – leituras que foram presentes em toda a sua vida – lhe proporcionaram. Um aficcionado por livros – tanto que, mesmo pobre montou uma grande biblioteca, deixando-a inclusive catalogada³⁹³ – e por estudos. Poderíamos dizer, pelas letras !

Lima Barreto, que fez de seu *Diário do Hospício* matéria prima para seu romance, expõe e expõe as regras de uma sociedade, testemunhando, assim, uma “sensibilidade da exclusão”.

³⁹² Lima encontrou na teoria de Lombroso aspectos que confirmavam a sua inferioridade, talvez por isso as críticas e opiniões emitidas. Alguém pode imaginar sua reação, inteligente como era, vendo suas "inferioridades" sendo confirmadas a partir de "teorias científicas"?

³⁹³ Para ver os títulos e a organização de sua biblioteca particular, ver o anexo da obra *Cemitério dos Vivos*, à página 227 da edição ora trabalhada. Está com o nome “Inventário (coleção Limana)”. O nome da coleção foi o próprio Lima Barreto que deu à sua biblioteca particular, que ficava na sala-dormitório de sua casa de subúrbio.

Criticando as ações da polícia, a qual “adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis”, ele é implacável: ela (a polícia) “suspeita de todo sujeito estrangeiro com nome arrevesado, assim os russos, polacos, romaicos são todos para ela caftens; todo cidadão de côr há de ser por força um malandro e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados.”³⁹⁴ Dizia ele que é indescritível o que se sofre dentro de um destes, “assentado naquela espécie de solitária, pouco mais larga que a largura de um homem, cercado de ferro por todos os lados, com uma vigia gradeada, por onde se enxergam as caras curiosas dos transeuntes a procurarem descobrir quem é o louco que vai ali”.³⁹⁵

O personagem tem a clareza, pois Lima a tinha, que seu estado de “loucura” era momentâneo, mostrando, assim, que bem sabia que não era um louco, mas o poderia estar, ou ficar, por instantes... “Um suplício destes, a que não sujeita a polícia os mais repugnantes e desalmados criminosos, entretanto, ela aplica a um desgraçado que teve a infelicidade de ensandecer, às vezes, por minutos...”. E, seguindo o parágrafo, Mascarenhas, com a costumeira ironia de seu criador – o mesmo que nomeou a pátria dos Bruzundangas – derrama: “Era o bastante que me ordenassem segui-lo, em nome do poderoso chefe de polícia, eu obedeceria *in continenti*, porquanto estou disposto a obedecer tanto ao de hoje como ao de amanhã, pois não quero, com a minha rebeldia, perturbar a felicidade que eles vêm trazendo à sociedade nacional, extinguindo aos poucos o vício e o crime, que diminuem a olhos vistos”.³⁹⁶

Ao relatar que teve que varrer o pátio do hospício, Mascarenhas diz: “vieram lágrimas aos olhos.”

³⁹⁴ *Cemitério dos Vivos*, p.152.

³⁹⁵ *Ibidem*.

³⁹⁶ *Idem*, p.152-3.

Veio-me, repentinamente, um horror à sociedade e à vida; uma vontade de absoluto aniquilamento, mais do que aquele que a morte traz; um desejo de perecimento total da minha memória na terra; um desespero por ter sonhado e terem acenado tanta grandeza, e ver agora, de uma hora para outra, sem ter perdido de fato a minha situação, cair tão, tão baixo, que quase me pus a chorar que nem criança.³⁹⁷

No romance, as questões que quer explorar e que expõe com maestria, sobre a loucura, o hospício, são muito mais elaboradas do que as anotações rápidas do *Diário do Hospício*. Ele sabia que estava fazendo literatura, e uma das melhores, tanto que na entrevista já mencionada, chama a este romance de sua possível obra-prima.

“O espetáculo da loucura, não só no indivíduo isolado, mas, e sobretudo, numa população de manicômio, é dos mais dolorosos e tristes espetáculos que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre ele”, assim inicia o terceiro capítulo. Para mais tarde dizer: “o hospício me retemperava”, referindo-se ao fato de, em reclusão, conseguir pensar melhor nos planos de sua obra (literária, de vida), prometendo realizá-la “empregando todos os recursos da dialética e da arte de escrever”.³⁹⁸

Assim, a experiência dentro do hospício também era, para ele, paradoxal.

Tanto Mascarenhas como Lima Barreto acalentavam um profundo horror àquela “degradação humana”, mas, em alguns momentos, eles sentiam grandes satisfações – por coisas simples, é claro ! Como, por exemplo, no momento em que Mascarenhas troca de roupa e coloca um pijama que seu sobrinho levou para ele, deixando de usar aquele “uniforme” do hospital; ou

³⁹⁷ Idem, p.158. Aqui somos obrigados a pensar na “inflação psíquica” negativa, mencionada no capítulo anterior. Decorrente de um sentimento de inferioridade profundo, não se pode negar, Lima Barreto colore seus escritos com estes tipos de imagens. Porém, vê-se o quanto é tênue esta fronteira, para os escritores, sejam eles “doentes” ou não. Pois em alguns momentos, como em TR e LB, sentem-se “igualando-se a Deus”, numa prepotência descabida, para adiante, acharem-se perdendo tudo, “caindo tão baixo”. Não seria o sofrimento humano verdadeiro, o fiel da balança para um possível equilíbrio?

³⁹⁸ Idem, p.183.

então quando um “bom vizinho, um negociante do subúrbio” vai visitá-lo e , além de ter uma boa conversa, lhe leva cigarros e jornais. “Havia bondade, simpatia de homem para homem, independente de interesse e parentesco.”³⁹⁹

Mesmo suas queixas, seus desabafos, suas reflexões sobre seu estado e sobre sua “estadia” no hospício, são escritas com uma beleza literária tamanha, que é inimaginável pensar-se naquelas críticas que lhe faziam no passado, de “literatura catarse”, por exemplo. Tudo leva a enxergar o paradoxo, quase nietzscheano, em sua vida...

Em tal estado de espírito, penetrado de um profundo niilismo intelectual, foi que penetrei no hospício pela primeira vez; e o grosso espetáculo doloroso da loucura mais arraigou no espírito essa concepção de um mundo brumoso, quase mergulhado nas trevas, sendo unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria, e a tristeza a envolver tudo, tristeza que nada pode espancar ou reduzir. Entretanto, pareceu-me que ver a vida assim era vê-la bela, pois acreditei que só a tristeza, só o sofrimento, só a dor faziam com que nós nos comunicássemos com o Logos, com a Origem das Cousas e de lá trouxéssemos alguma cousa transcendente e divina. Shelley, se bem me recordo, já dizia: ‘os nossos mais belos cantos são aqueles que falam de pensamentos tristes’...⁴⁰⁰

Para Assis Barbosa, no *Cemitério dos Vivos*, “houve quem visse, com acerto, ‘momentos de poesia, de enternecimento e até de misticismo’”. Pois, “dentre as contradições que agitaram a alma complexa e vária do mestiço rebelde”, esta – o misticismo – era a mais curiosa.⁴⁰¹ Nunca fora realmente um materialista, mas nem tampouco tinha religião. Mas possuía um sentimento religioso, que o ligava ao mundo e às suas questões mais humanas. “Tudo me leva para pensamentos mais profundos, mais doridos e uma vontade de penetrar no mistério da minha alma e do Universo.”⁴⁰²

³⁹⁹ Idem, p.191.

⁴⁰⁰ Idem, p.163.

⁴⁰¹ Barbosa, Vida e obra..., p.303.

⁴⁰² *Diário do Hospício*, p.68.

Sua sensibilidade a estas questões apareciam, também no romance, em vários pontos. Talvez esta estadia no hospício, envolto por tanto sofrimento humano, despertasse nele reflexões mais profundas, que pudessem tentar explicar o que via, ou sentia, ou simplesmente não explicando, serviriam de tentativas desesperadas de dar um sentido a tudo isto.

Vejamos...

Veio um menino, Narciso, conversar com Mascarenhas no hospício – e este episódio é também relatado no Diário, sendo, portanto, “real” –, perguntando-lhe se ele estava ali por ter cometido algum assassinato. Pois ele, Narciso, tinha. O escritor e seu personagem, Lima e Mascarenhas, ambos, em plena diluição de fronteiras do real e do fictício, sentiram, com esta “confissão” de um menino, tamanha angústia, um “não sei que de tristeza, não sei que de mal-estar”. Um crime era tratado como se fosse a coisa mais trivial desta vida, um simples acidente, relatado ali, assim mesmo, como um contratempo sem importância, e por uma “quase criança” ... “Todas as minhas idéias anteriores a tal respeito estavam completamente abaladas; e me veio a pensar, coisa que sempre fiz, no fundo da nossa natureza, na clássica indagação da sua substância ativa, na alma, na parte que ele tomava nos nossos atos e na sua origem.”⁴⁰³

Até bem pouco tempo atrás, dizia ele, quase nada se preocupava com isto, pois tinha estas questões como insolúveis, e querer resolvê-las era trabalho perdido. Mas as dores da vida o fizeram voltar a pensar, a refletir e achar uma teoria, que embora simplista, era dele, e servia para explicar a “nossa existência e a do mundo, assim como a relação entre os dous”. “Não tinha chegado ao mistério, ao espesso mistério impenetrável, em nós e fora de nós”... Mas “aquilo que

⁴⁰³ *Cemitério dos Vivos*, p.161.

digo agora", confessa, "embora não seja propriamente meu, era o gérmen que havia em mim", e que se desenvolveu mais tarde, "com o adubo das idéias dos outros" ...

Repugnava-me personalizar com este ou aquele nome o desconhecido, o informe, o vago. Dar um apelido seria limitar o ilimitado, definir o indefinido, distinguir o indistinto, fazer perecível o imperecível. Sendo tudo, em face do nada, e nada, em face do tudo, esse ser não devia ter corpo, nem forma, nem extensão, nem movimento, nem outra qualidade qualquer com que nós conhecemos as cousas existentes. O nosso ideal, a nossa felicidade seria ser como ele, e, para alcançá-lo, devíamos procurar a nossa desincorporação, pela imobilidade e pela contemplação. O sábio é não agir. Quando li esta conclusão nos meus manuais baratos de filosofia, assustei-me. Aceitava a concepção, mas a conclusão me repugnava. Se verdade era que, em presença deste tumulto da vida, desse entrecocar de ambições, as mais vis e imundas, desse batalhar sem termo e sem causa, o homem beneficiado pela sabedoria tinha o dever superior de afastar-se disto tudo e tudo isso contemplar com piedade; era verdade também que a ação, julguei assim, seria favorável à nossa reincorporação no indistinto, no imperecível, desde que fosse orientada para o Bem. Como conhecer o Bem? O meu espírito não encontrava, para sinal de seu conhecimento, senão na revelação íntima. Os problemas últimos da nossa natureza moral, nas minhas cogitações, ficaram aí, e dei-me por satisfeito; mas – chega-me esse pequeno criminoso e me põe tudo de pernas pro ar! Porque, pensei eu, se cada consciência fala do indivíduo de uma maneira, sobre o bem e sobre o mal, como na desse rapazola, que não podia ter sofrido outras influências duradouras que não as dele mesmo; se os homens não se encontram a respeito numa opinião única, como distingui-las – Deus do Céu? ⁴⁰⁴

Esta longa digressão no romance, enfadonha aos olhos de alguns, mostra como Lima foi tocado pela questão última que move o ser humano desde sempre: a ética. Diante do crime de Narciso – que na mitologia grega seria o da própria inconsciência, ao apaixonar-se por si-mesmo no reflexo das águas – ele perguntava-se sobre o humano, o que seria o “humano, demasiadamente humano” – parafraseando Nietzsche – neste mundo. Como se ele anteviesse, mesmo que de maneira singela, a problemática que foi lançada pela filosofia e pela psicologia, neste final do século XX, sobre a relativização da ética, nos indivíduos e nos distintos grupos sociais.

Lima, na construção deste seu “mosaico de sensibilidades”, tornou-se um dos expoentes de nossa literatura nacional e, somente depois de sua morte, pôde ver a glória que tanto almejava

⁴⁰⁴ Idem, p.162.

em vida. Mesmo sendo um mosaico inacabado, ele trouxe elementos que foram, mesmo sem o saber, motes para futuras criações e reflexões. "A literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes", dizia ele.⁴⁰⁵

Voltando à questão da loucura, observa-se um Lima Barreto ainda atônito com estas lembranças do hospício, ao revelar, logo em seguida, que o curto encontro com este rapazola criminoso, ali, naquele pátio, mergulhado entre malucos a delirar, a fazer esgares uns; outros, semimortos, aniquilados, anulados, "encheram-me de um grande pavor pela vida e de um sentimento profundo da nossa incapacidade para compreender a vida e o universo".⁴⁰⁶

É mais ou menos comum encontrar-se, na população de um manicômio, aqueles que se sensibilizam com estas problemáticas sobre o "insolúvel mistério da vida", sob as mais diversas formas. Tanto que, muitas vezes, são diagnosticadas como "delírios místicos", que, aliás, constam nos manuais de psiquiatria contemporâneos como sintomas de algumas doenças psiquiátricas.

Retomando o caso que Jung relatou sobre o doente que teve a mesma fantasia inconsciente que Schopenhauer, pode-se dizer que, se TR de alguma forma sucumbiu às suas próprias fantasias interiores – não o sabemos –, já Lima Barreto conseguiu transformar seu "*livro de imagens*", interior, em livro concreto, onde ele deixou escritas as mais belas páginas da literatura nacional. Podemos "*folheá-lo à vontade*", pois esta foi, no entender desta interpretação, a opção da escrita de Lima Barreto: dissolver os limites entre a ficção e a história de vida, de sua vida, de sua realidade!

⁴⁰⁵ Lima Barreto, palestra não proferida em 1920 e publicada pela Revista Souza Cruz em 1921. Apud Barbosa, op. cit., p.145.

⁴⁰⁶ Idem, p.163.

Neste momento, esta questão do “misticismo” – ou religiosidade? – de Lima Barreto, bastante discutível, serve de “gancho” e permitirá mais uma andança no tempo – na transversal deste “tempo suspenso” –, mais um recuo, agora de quase vinte anos, para descobrir, a partir disto que se está nomeando de “sensibilidade sobre a loucura”, como Rocha Pombo, um escritor simbolista da virada do século, e inserido no contexto intelectual da sua época, tratou deste tema em seu romance *No Hospício*, de 1905.

QUARTO CAPÍTULO

O tempo de Rocha Pombo e seu romance "No Hospício" (1905): miséria humana e espírito livre

“Se ele é realmente doido, é um doido bem esquisito...Só Deus poderia dizer-nos o que há de grande e doloroso na alma daquela criatura...tão original, ou tão singularmente dotada de excelências que se destacou do comum para fazer jus a um hospício...”

Rocha Pombo – *No Hospício*

“Mas o indivíduo, como um dado irracional, é o verdadeiro portador da realidade, é o homem concreto em oposição ao homem ideal ou “normal” irreal, ao que se referem as teses científicas”

C.G.Jung, *Presente e futuro*

“... Psiquiatria não é difícil para quem tem conhecimento de Filosofia e Literatura. Você sabe quem é o maior mestre de psiquiatria? Machado de Assis...”

Nise da Silveira, *Entrevista*

Estranho, não é assim! Mas, não se imagine que me foi muito difícil fingir os desequilíbrios, que atestam a loucura. Ser louco é o que há de mais fácil no mundo. Parece que quando penetrei naquela casa, conduzido por um amigo, já eu não era o mesmo homem, que ali costumava ir são: tudo em mim – o meu andar, a minha voz, os meus gestos, o meu olhar – tudo era de um verdadeiro louco. Creio que se dava em mim um fenômeno muito fácil de ser constatado por qualquer pessoa inteligente, que o deseje. A certeza de que o médico me tinha por louco, mudara inteiramente o meu moral e todo o meu ser...

Demais, eu me senti logo tão bem no meu novo papel...Se eu falava, o médico me ia escutando com tanto interesse...Eu podia dizer as coisas mais leais, mais finas, mais altas...Podia discutir moral, religião, ciências exatas e afirmar as coisas mais belas ou mais absurdas...Podia mostrar-me bem materialista e ateu, ou fazer-me beato e infinitamente místico...Podia revessar palavras tímidas ou gritar como um possesso... – Tudo que eu fizesse era de doido...Podia zangar-me, ser brusco, ir até a insolência...Podia fazer críticas irreverentes ao nariz do doutor, chamá-lo de ilustre ou de besta, pedir-lhe um cigarro ou mandá-lo às favas... – tudo me era permitido. Oh! Que vida deliciosa! Eu chorava, eu ria à vontade, sem que ninguém se importasse com a minha gargalhada ou com o meu pranto.⁴⁰⁷

ESCREVER, para Rocha Pombo, fazia parte de sua profissão. Para ele, foi um ato pensado e amparado na sociedade de seu tempo. Ele nunca foi um louco e nunca foi internado em hospício! Ele simplesmente escreveu sobre loucura em seu romance simbolista.

Mas, pelo menos em *No Hospício*, considerada sua principal obra literária, RP “assume” o discurso do louco: a subjetividade do escritor mesclando-se à subjetividade do personagem - narrador, que se finge louco para poder entrar no manicômio.

Estas palavras, citadas acima, iniciam a “saga” do "narrador-historiador", quase um biógrafo, um anônimo na narrativa ficcional, dentro da instituição em que se interna voluntariamente, motivado pela satisfação de uma curiosidade, a de travar relações com um “louco” instigante e misterioso, porém pacato.

Os indícios daquilo que Rocha Pombo chamou de loucura, tornam-se já explícitos nestas linhas, ainda no início do romance. Para ele, “fingir os desequilíbrios que atestam a loucura”, está

⁴⁰⁷ Pombo, Rocha. *No Hospício*. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1970, p.28.

diretamente relacionado ao aval do médico, isto é, a subjetividade do narrador foi transformada assim que colocada em relação com a outra subjetividade, mais “poderosa”.

Em outras palavras, o que o personagem expressa é a certeza de que se o “douto”, detentor do saber e do poder de avaliação, tinha-o como louco, então assim ele procederia espontaneamente! A frase “*A certeza de que o médico me tinha por louco, mudara inteiramente o meu moral e todo o meu ser...*”, mais do que um expediente literário revela a sensibilidade do autor para o fato do quanto a autoridade médica, neste período da história brasileira, já era sentida como forte e detentora de um poder sobre os diagnósticos da psique humana.

Embora, possamos inverter esta “verdade” ao perguntar: mas, se o narrador não era “louco”, apenas fingia ser um, como foi que o médico não o percebeu? Fingir ou ser daria a mesma representação no imaginário da Medicina? Estaria, assim, a Medicina da época, segura de seus diagnósticos? Não estaria, nisto, uma crítica velada aos psiquiatras, nos mesmos moldes em que Lima Barreto e TR a fizeram, em seus escritos de hospício?⁴⁰⁸

O narrador fala que assumiu seu “novo papel”, identificando assim um teatro, uma simulação, uma “não-verdade”, uma representação. É a ficção dentro da ficção. RP, ao lidar com isto, mostra suas convicções e idéias, talvez aquilo que faltasse no mundo “sério” e formal das instituições, “Tudo me era permitido, oh! Que vida deliciosa!”, inclusive denunciar a literatura através dela mesma, ou mesmo a loucura e as práticas de exclusão sobre ela, simulando uma, isto é, passando-se por louco, sofrendo as agruras de uma internação manicomial.

⁴⁰⁸ Seria muito profícuo se tivéssemos alguma pista sobre a gênese deste romance, vinda pelo próprio escritor, para além das opiniões e análises dos críticos literários – aliás, poucos foram aqueles que se debruçaram sobre a obra de RP. Mas infelizmente não foi encontrada, nas fontes pesquisadas, nenhuma menção do próprio autor à escrita de sua obra, nem de seu romance. Desta forma, este será analisado a partir das impressões que deixa em sua leitura, marcas de sua sensibilidade, cotejadas com a história de sua vida e obra, comentada por alguns críticos literários.

Como se fosse um misto de romance psicológico, romance simbolista, romance- ensaio aos olhos dos críticos, pode ser também compreendido como um romance feito a partir das "escrituras de si" de um louco, em situação de "exílio manicomial". Nele, o autor redimensiona muitas questões sobre a loucura, sobre religiosidade, além de seguir seus preceitos simbolistas, sobre arte e estética, com fartos "elogios ao símbolo", como na seguinte passagem: "Sim, a harmonia do símbolo, o ritmo espiritual e intangível da idéia é independente da palavra. A palavra não deve ser para a alma senão um sinal misterioso, muito discreto, muito austero, muito augusto, só perceptível à visão dos espíritos."⁴⁰⁹

José Francisco de Rocha Pombo nasceu na cidade de Morretes, no Paraná, em 4 de dezembro de 1857. Filho de professor, desde cedo inclinou-se para as Letras e aos 18 anos já ensinava, tendo substituído seu pai em colégio da região onde moravam.⁴¹⁰

⁴⁰⁹ P.47. Para um de seus críticos, Massaud Moisés, ao qual se fará maiores referências adiante, esta e outras passagens que versam sobre "símbolo" representam uma "profissão de fé" ao pensamento de Mallarmé, um dos inspiradores do Simbolismo brasileiro.

⁴¹⁰ Morretes, situada no litoral do Paraná, era então um centro econômico de projeção na vida provincial, o que lhe permitia um ambiente de prosperidade e de progresso, com manifestações de muita ilustração e cultura. Ali nasceram figuras que viriam a criar nome no cenário das letras paranaenses, como Silveira Neto, Ricardo de Lemos, Adolfo Werneck, entre outros. Nestor Vitor, um escritor simbolista, futuro amigo de Rocha Pombo no Rio de Janeiro e crítico literário de peso, era da cidade vizinha, Paranaguá, e descreveu Morretes como "uma faixa de terra litorânea, quente e sombreada, senão asfixiada por morros, outrora faisqueiras abundantes em ouro e prata, que ficam no sopé da Serra do Mar". Existia ali um certo encanto e um sentimento de vida não tão risonho como nas planícies desimpedidas e amplas. O paranaense achava natural que, neste pedaço de terra, "se desenvolvessem almas mais graves do que jocundas, antes ansiosas que satisfeitas, mas sem razão para serem apáticas, para não amarem a vida, nem mesmo para deixarem de sonhar, para não entreverem largos horizontes, e até não ambicionarem, quiçá, escalar as cumiadas". Por esta época, não havia, ainda, chegada a estrada de ferro ali, a qual ligaria esta parte da região, posteriormente, aos portos do Paraná. A região de certa forma estancou em seu progresso, a base econômica - ervamate - que anteriormente enriquecia a cidade tomou outros rumos para exportação, tendo Morretes perdido sua influência e seu poderio: "sua vida estacionou, e como tantas outras cidades prósperas do século passado, fixou-se numa paisagem de recordação". Fonte: Cardim, Elmano. *Rocha Pombo, o escritor e o historiador*. [Discurso]. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1958. [Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro]. É o discurso realizado na ABL, em 1957, por ocasião do centenário de nascimento do escritor.

Tornou-se um historiador, um filólogo e um escritor de crônicas, ensaios e romances. Também foi jornalista, professor e poeta. Em sua vasta e competente carreira profissional tornou-se, também, um respeitado político.

No jornalismo, iniciou-se cedo, sendo seu primeiro artigo publicado na revista *Fluminense*, de José Serafim Alves. Fundou e dirigiu, aos 22 anos, ainda na monarquia, o hebdomadário "O Povo", na própria cidade de Morretes, em cujas páginas fez as campanhas abolicionista e republicana. Sua colaboração estendeu-se a outros órgãos da então província, e, em meio à intensa participação da vida cultural e intelectual deste cotidiano provinciano, foi eleito deputado provincial, em 1896.⁴¹¹

Era homem simples, austero e de reputação ilibada, dizem seus conterrâneos. Migrando de sua região, em busca de novos horizontes, fixou residência em Curitiba no ano de 1880 e publicou, um ano depois, seu primeiro livro: *A Honra do Barão*. Teria recebido, novamente, um assento no Congresso Estadual, de 1916 a 1918, mas não assumiu o cargo, alegando motivos de saúde, os quais eram agravados pelo clima demasiado frio da capital paranaense.

⁴¹¹ A maior parte dos dados de sua biografia retirou-se do site da *Casa de Memória Rocha Pombo*, localizada na cidade de Morretes, onde o escritor nasceu. Ele é considerado, pelos idealizadores desta casa, o pai da historiografia paranaense e "uma das pedras fundamentais" para o surgimento da Universidade do Paraná. O endereço eletrônico é <http://www.casarochapombo.pop.com.br>. Considera-se importante as informações deste órgão cultural da região paranaense, presidida por pesquisadores historiadores, pois resgata, entre outras muitas funções histórico- culturais para a região, a memória deste autor tão pouco pesquisado em trabalhos acadêmicos brasileiros. Outros dados biográficos foram encontrados na página da Academia Brasileira de Letras, cuja cadeira de número 39 lhe foi oferecida em 1933, poucos meses antes de morrer. Porém esta página, <http://www.academia.org.br/imortais>, possui menos informações úteis ao presente estudo, contendo dados que, de forma ou outra, estão inseridos na pesquisa dos profissionais paranaenses da referida casa de memória. Salienta-se que todas as fontes pesquisadas sobre a vida e obra deste autor, encontram-se elencadas ao final da tese.

Também trabalhou em Ponta Grossa e Castro onde foi professor e com muito amor pelo ensino, fundou, nessa última cidade, um colégio, em 1882. Ainda nessa cidade e nesse mesmo ano, casou-se com dona Carmelita Madureira, filha de grandes fazendeiros. De volta a Curitiba redigiu a *Gazeta Paranaense*. Em 1887 dirigiu o *Diário Popular* e publicou *Nova Crença* além de outros trabalhos.

Conforme seus dados biográficos, apresentados pelos pesquisadores *da Casa de Memória Rocha Pombo*, em 1892, "pleno de sonhos e idéias, mas sem dinheiro suficiente", o polivalente professor resolveu instalar a primeira universidade paranaense, em Curitiba.

"Na época, a atual capital contava com 20 mil habitantes e o Decreto n.º 7247 permitia a criação de faculdades ou universidades particulares. Rocha Pombo, com o auxílio do Comendador Macedo, conseguiu a aprovação da lei n.º 63 de Dezembro de 1892, que foi sancionada pelo Presidente do Estado, Francisco Xavier da Silva". Seu primeiro artigo dizia: "É feita concessão por 50 anos ao cidadão Francisco José da Rocha Pombo ou empresa que organizar, para o estabelecimento de uma Universidade na Capital do Estado e conforme as plantas que forem aprovadas pelo Governo". A lei previa ainda que a Universidade seria constituída pelos cursos de direito, letras, comércio, agronomia, agrimensura e farmácia.

Entretanto, a universidade de Rocha Pombo não foi além da pedra fundamental, neste momento, colocada em terreno que obtivera gratuitamente da Câmara Municipal de Curitiba. Ao indagarem quais os motivos que inviabilizaram os sonhos de Rocha Pombo, estes pesquisadores paranaenses, trabalham com duas hipóteses: primeiro, acreditam que influentes políticos paranaenses, seus inimigos, teriam boicotado a implantação da universidade; "uma outra variável seria de que a sociedade curitibana da época não estava apta para assimilar a existência de uma

universidade em seu seio, pois o ambiente cultural da cidade era diminuto e o Paraná ainda se sentia como uma comarca, que fora, de São Paulo.

E dizem, ainda, que as famílias de posse não se empenharam em defesa das idéias de Rocha Pombo, "pois enviavam seus filhos para estudar em Faculdades existentes nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro". Também levam em conta, para explicar esta falha, a eclosão da Revolução Federalista no Estado do Rio Grande do Sul, que acabou por atingir o Paraná.

Assim, a idéia de Rocha Pombo de fundar a Universidade do Paraná foi somente concretizada em 1912, por intervenção de Nilo Cairo e Vítor do Amaral.

No ano de 1897, aos 40 anos de idade, mudou-se para a capital federal, Rio de Janeiro, onde exerceu as atividades de jornalista, professor, romancista e historiador. Fez parte de um dos grupos literários dos Simbolistas – cujo expoente era seu conterrâneo Nestor Victor, mas todos originários do Paraná, inicialmente – e de um grupo de socialistas.⁴¹² Colaborou, também, nas revistas simbolistas *O Sapo*, *O Cenáculo* e outras. Por longo tempo escreveu para o *Correio da Manhã*, periódico carioca.

No Paraná, conforme estes estudiosos de sua história de vida, acreditam que Rocha Pombo possuía contato com os anarquistas italianos que fundaram a Colônia Cecília. Contudo, no Rio, esteve ligado aos tolstoianos, também contrários à violência.

E, ainda, foi admitido, em 1900, como sócio efetivo do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e fez, também, parte da *Universidade do Povo*, fundada por Elísio de Carvalho, "que

⁴¹² Elmano Cardim ressalta a grande influência que o Simbolismo teve no Paraná, de onde os grandes nomes da sua vida literária trouxeram "uma contribuição de rara substância espiritual, de inegável originalidade e brilhante irradiação". Op. cit., p.13. Os maiores nomes desta fase do Simbolismo, deste estado, além de Rocha Pombo, foram Emiliano e Julio Perneta, Silveira Neto, Nestor Vitor, Dario Veloso, João Itiberê da Cunha e José Gelbeck.

pretendia *empreender a instrução superior e a educação social do proletariado*", onde lecionou História Geral.

Dizem os pesquisadores que, "apesar de todo o seu caráter socialista pacifista, vemos em artigos de jornal a defesa das ações do presidente norte-americano T. Roosevelt de dominar os povos *incompetentes*." E explicam, ainda: "o pano de fundo na América Latina era o iniciado nos anos 1880 com a expansão capitalista e a colonização européia sobre as áreas ainda livres de sua influência. Contra um novo direito internacional defendido pelas nações européias, a diplomacia brasileira passa a manter contato com Washington. "Sendo as nações da América Latina ainda desconhecidas completamente, foi "o Itamarati incentivador, no meio intelectual brasileiro, dos estudos latino-americanos". Rocha Pombo publicou em 1900, *História da América* que, "segundo Wilson Martins, historiador da década de 1970, foi o primeiro passo para a obra de Manuel Bonfim (1868-1932) *A América Latina – males de origem*".

Rocha Pombo passou a maior parte de sua vida com os "bolsos vazios de dinheiro". Mesmo quando foi para o Rio de Janeiro, com oito pessoas para sustentar, este fato não o abatia. Tirava sempre da profissão de professor o seu parco sustento e, posteriormente, ganhou algum reconhecimento financeiro com a publicação de sua "História da América", que foi, ao mesmo tempo, sua sagração como historiador. A pobreza não o intimidava, segundo Elmano Cardim; era, antes, "um incentivo e uma flama". Eis uma confissão sua:

A pobreza tem delícias que a opulência não conhece. Não sei se é excepcional comigo este fenômeno: mas sempre que me sinto mais tranqüilo quanto à parte material da vida, passa a atribular-me de maneira atrocíssima esta tremenda insaciedade de alma, que é a grande doença do tempo: fico desolado do mundo, como um ente que se desloca, que não se compreende a si mesmo, perdido numa vaga inconsciência das coisas, num esquecimento quase absoluto de tudo que aspira... num grande tédio que exaure e mortifica...tédio que raia pela negação, vizinho do não ser...⁴¹³

E em 1905, Rocha Pombo começou a publicação de sua *História do Brasil*, "obra de caráter social humanista e romântica, arraigada nas bases do cientificismo determinista e evolucionista de H. Bucke". Esta obra contaria com dez volumes, cuja publicação terminou, somente em 1917, aos seus 60 anos.

Para os pesquisadores da Casa de Memória, seu grande "espelho" foi Varnhagen que publicou, ainda no século XIX, *História Geral do Brasil*. E sobre a obra de seu conterrâneo dizem: "Esse foi o tratado pelo qual, durante muitos anos, numerosas gerações de brasileiros aprenderam tudo que jamais vieram a saber do passado nacional; Rocha Pombo terá concorrido mais do que qualquer outro para construir, no espírito público não especializado, a nossa visão da história do Brasil."

Contudo, este trabalho de doze anos de Rocha Pombo, apesar do apoio popular, recebeu inúmeras críticas, principalmente de intelectuais oficiais de seu mesmo ofício. Algumas críticas, segundo Cardim, importam em qualidades: "ausência de síntese, por sobra de análise, excesso de documentos, mais narrativas do que interpretação".⁴¹⁴ Porém, este defensor do historiador relata que o próprio advertiu os leitores, na introdução do primeiro volume, sobre o que encontrariam em sua obra, antecipando, assim, a crítica que receberia.

⁴¹³ Citado por Cardim, op. cit., pp. 21-22. Observa-se que, pelo menos aparentemente, é uma posição oposta àquela de Lima Barreto, cuja pobreza e sentimentos de inferioridade relativos a ela, sua condição social e racial, acabaram por minar sua vida, levando-o às bordas do abismo da loucura pelo alcoolismo "compensatório".

⁴¹⁴ Op. cit., p.32.

Os pesquisadores paranaenses destacam, dos críticos, "o mais ferrenho, Capistrano de Abreu, que havia traçado um novo projeto de história nacional". Dizia ele que a *História do Brasil* de Rocha Pombo "nada mais era do que uma coletânea de outros estudos cientificamente falhos, não possuía pesquisa e seu autor nunca tinha lidado com fontes".

De fato, argumentam,

Rocha Pombo não era pesquisador e um livro que se propusesse a escrever a história do Brasil necessitaria de investigações documentais. Porém, sua explicação decorria de que havia estudado obras, artigos, debates e monografias feitas por estudiosos de vários lugares do país e sua obra pautava-se em uma análise crítica submetida a um critério: *a violência social que fundamentava toda a organização histórica do povo brasileiro e a conseqüente luta pela libertação*. Esta idéia baseava-se na *História do Maranhão* de João Francisco Lisboa que relatava a sociedade brasileira e sua organização social.⁴¹⁵

Ainda, segundo Capistrano, o Brasil não precisava de história mas sim de documentos.⁴¹⁶

⁴¹⁵ Casa de Memória Rocha Pombo. Artigo biográfico da *homepage*, acima citado.

⁴¹⁶ Reproduzo aqui um trecho do discurso de Elmano Cardim, na ABL, onde falou sobre as críticas de Capistrano de Abreu a esta obra de Rocha Pombo: "A maledicência nacional não poupou o historiador que consumiu grande parte de sua vida no labor devotado e probo. Capistrano de Abreu, com a facilidade de endossar nas suas cartas aos amigos as maldades e perfídias do meio, escreveu a João Lúcio de Azevedo que Rocha Pombo era pago por linha ou por página escrita e por isso alargou-se em dez volumes compactos. Mas Capistrano, por amor a José Veríssimo, não gostava de Rocha Pombo, a quem se vangloriava de haver reprovado no concurso para a cadeira de História Geral, realizado em 1906 no então Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II, quando em competição com o famoso crítico. Os amigos de Capistrano, solidários com o mestre, passaram a não gostar de Rocha Pombo, cujo nome e cuja obra entraram no olvido, na conspiração do silêncio, que é das mais eficazes armas nas pejejas literárias." Pp.31-32. Em carta dirigida a Paulo Prado - seu amigo íntimo, seu mecenas e seu "discípulo"-, em 1927, dois meses antes de sua morte, o historiador Capistrano escreveu: "o escritor é por definição um pobretão. Se quem escreve tem dinheiro, ou é pago e o dinheiro bem podia ir para quem dele mais precisa, ou não é pago, e trata-se de concorrência desleal. A natureza humana é infensa a acumulações." Apud Gontijo, Rebeca. "Paulo amigo": amizade, mecenas e ofício de historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: Gomes, Angela de Castro (org). *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. Conforme esta autora, estudiosa da memória e obra do historiador, Capistrano era contrário a acúmulos, e defendia a distribuição de recursos aos que mais precisavam, entre os quais, os "escritores pobretões" como ele. Paulo Prado, além de amigo e "rapaz culto", era rico e o historiador não se incomodava de ser financiado por este; Prado era "dotado de recursos financeiros, o que talvez indicasse uma certa obrigação de sustentar alguém como ele, talhado para afazeres mais nobres como, por exemplo, escrever a tão sonhada história do Brasil." Para ela, Capistrano estava longe de ser contra mecenas milionários e, no balanço desta amizade, ficou, entre outras coisas, o custeio da publicação dos manuscritos de sua história do Brasil. Era uma amizade balanceada, onde ambos davam e recebiam, uma troca de favores sem cobranças, era uma "espécie de sociedade entre historiadores e/ou amigos da história". Capistrano recebia o que Paulo mais tinha, dinheiro e favores de empregos e publicações; Paulo recebia a amizade e as observações do outro sobre seus escritos. Ver ensaio citado, principalmente as páginas de 172 a 176. Uma curiosidade: semelhante a Lima Barreto, também pobre e que retirou sua candidatura à ABL, Capistrano foi eleito para a ABL e recusou-se a tomar posse. Longe de querer criticar Capistrano, resta uma indagação: por que a crítica a Rocha Pombo, por este ganhar dinheiro com suas publicações? Talvez o entendimento destes episódios e destas vidas revelem apenas a grande competição e falta de "sensibilidade"

Sob um outro prisma, Rodolfo Garcia, seu sucessor na Academia, deu um testemunho elogioso sobre esta obra de Rocha Pombo, dizendo que "não há como desconhecer o extraordinário mérito da obra de Rocha Pombo, sua utilidade provada, os serviços prestados aos estudiosos, que a estimam entre todas as congêneres". E argumenta: "se conferidas as estatísticas das bibliotecas, verifica-se que sua *História do Brasil* é, nessa classe, o livro mais consultado, o mais lido de todos, o que significa popularidade e vale pela mais legítima das consagrações". O mesmo autor concluía: "No gênero, a História do Brasil é a mais vasta, a mais considerável de nossa literatura, pela superfície imensa que cobre, das origens do Brasil aos dias presentes".⁴¹⁷

Entre seus inúmeros cargos e ocupações, ainda pertenceu à antiga Academia de Letras do Paraná e é patrono da cadeira de número 17 da atual Academia Paranaense de Letras. Em 16 de março de 1933, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, na cadeira de número 39, ocupando a vaga de seus predecessores Alberto de Faria, Oliveira Lima e do patrono Francisco Adolfo de Varnhagen, Barão e Visconde de Porto Seguro, tido como o "pai da historiografia brasileira", título que lhe foi conferido por João Francisco Lisboa.

Contudo, por motivos de saúde não houve cerimônia de posse. Faleceu em 26 de junho de 1933, no Rio de Janeiro. Conta a história de sua cidade natal, que seus restos mortais foram trazidos, em 1950, para a cidade de Morretes, a qual recebeu, também, um busto de autoria de

existente no meio "acadêmico" e literário desde há muito entre os intelectuais brasileiros. Faço referência a isto pois, nesta imbricada rede de sensibilidades, sociabilidades, representações e práticas, sobre os escritores e mesmo sobre a temática trabalhada - loucura - estes "episódios" tornaram-se comuns e, portanto, importantes de serem apontados e analisados de alguma forma.

⁴¹⁷ Fonte: *homepage* da ABL, acima referida. Também é citado, nesta, que o livro em questão foi criticado por João Ribeiro, que o achou "Difuso, frio, raras vezes ameno, de leitura difícil. Entretanto, há grande cópia de informações úteis nele".

João Turim. Da mesma forma, um outro busto seu foi erigido no Largo do Machado, Rio de Janeiro.⁴¹⁸

Na conferência lida na Academia Brasileira de Letras, em 12 de dezembro de 1957, em sessão comemorativa do centenário de seu nascimento, Elmano Cardim assim se refere a este autor: [RP] "tem seu nome assinalado nas letras pátrias apenas como historiador, embora sua obra apresente apreciável contribuição à poesia, à ficção e à cultura, com versos, romances, contos e ensaios que tornam variada e multiforme a sua personalidade de escritor".⁴¹⁹

Discussões à parte sobre a fidedignidade de seus estudos e escritos históricos, o fato é que como escritor vinculado à vertente simbolista da literatura brasileira, o romancista também foi muito criticado posteriormente e, pior, quase esquecido da crítica, em sua época. Assim, entre a história e a literatura, entre o jornalismo, a política e a educação, vagueou a obra deste autor brasileiro. Mas, como não é de interesse desta pesquisa refazer a trajetória deste autor de forma mais aprofundada, as análises, nas próximas seções, serão cotejadas, de forma restrita, aos escritos de alguns críticos literários que se debruçaram sobre a questão do Simbolismo brasileiro, vertente onde o romance trabalhado se insere.

⁴¹⁸ Encontrou-se, em pesquisa bibliográfica sobre o polivalente autor, as seguintes obras, de diversos gêneros - romances, contos, ensaios, escritos de viagem, dicionários, poemas -, publicadas, além da já mencionada História do Brasil (1905-1917, 10 volumes): Honra do Barão (1881); Dadá (1882); A Religião do Belo (1882); Petrucello (1889); Nova Crença (1889); A Supremacia do Ideal (1889); Visões (1891); A Guairá (1891); In Excelsis (1895); Marieta (1896); No Hospício (1905) da vertente simbolista; O Paraná no Centenário (1900); História da América (1900); Contos e Pontos (1911); Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa (1914); Notas de Viagem (1918); Nossa Pátria- com mais de 40 edições; História do Rio Grande do Norte (1922) e diversas obras didáticas e de história. Além disto, publicou poemas em diversos periódicos e semanários.

⁴¹⁹ Cardim, Elmano. *Rocha Pombo, o escritor e o historiador*. Rio de Janeiro: ABL, 1958.

4.1. A recepção de Rocha Pombo no meio literário

Há alguns meses, falecia nesta capital, obscuro e quase na miséria, um homem, cujo nome nunca se pôde saber. Entre os papéis que deixou, encontrou-se uma farta coleção de manuscritos inéditos, sendo o que segue, sob o título de *No Hospício*, um dos mais interessantes. Traz na última folha a data de 1900; mas, pela cor das primeiras tiras, bem se vê que é obra em que o autor levou algum tempo a trabalhar. A letra é só legível à custa de muito esforço e paciência, e há muitas palavras que nos foi impossível decifrar, e até períodos inteiros que tivemos de suprimir por ininteligíveis. Rio, junho 1901.

Este excerto, quase filológico de sua própria obra, aparece como um “pacto de leitura”, posto como advertência, no início da primeira edição do romance *No Hospício*, em 1905 – aliás, única edição do livro, durante a vida do autor. Refere-se ao narrador da história, personagem criado por Rocha Pombo, e às obras que deixou escritas, além de “*No Hospício*”, provavelmente aquelas que ele escreveu durante sua estada no manicômio e que serão mencionadas mais adiante.⁴²⁰

Para a maioria dos críticos, o livro mais original de Rocha Pombo é, sem dúvida, o romance *No Hospício*. Peça representativa do simbolismo na ficção brasileira, como afirma Afrânio Coutinho, na apresentação da edição ora trabalhada, “é livro altamente espiritualizado, intensamente cerebral, na linha do romance-ensaio e de análise psicológica. A trama é quase inexistente e, na verdade, só serve para dar motivo a largas divagações filosóficas, a aventuras de pensamento, a poemas em prosa, no gênero que o simbolismo tanto explorou”.⁴²¹

⁴²⁰ Esta edição não foi encontrada para esta atual pesquisa. Na segunda edição, o organizador omitiu esta “advertência” do autor. Este excerto é citado por Massaud Moisés em *O Simbolismo* (1893-1902), volume IV da obra “A Literatura Brasileira”, p.254. Este crítico empenha-se em dizer que esta é uma minúcia técnica, um “truque romântico” - o de lembrar que o que vai se ler é fidedigno e verídico - que ajuda a sustentar a impressão de que o romance não passa de um “extenso monólogo interior, em que o narrador reconstitui sua traumatizante experiência num sanatório de doentes mentais”. Ele acrescenta ainda: “como não seria muito verosímil o romancista internar-se num hospício, mesmo que levado pelo objetivo do narrador, mandou este em seu lugar, que assim se tornaria uma espécie de seu heterônimo.” Estas colocações serão comentadas de forma mais profícua ao longo do capítulo.

⁴²¹ *No Hospício*. Apresentação. P.8.

De uma certa forma, aquelas críticas que Rocha Pombo recebia como historiador, faziam-no ser um bom escritor de ficção - embora também como escritor haveria de ser criticado.

Foi Tasso Silveira quem salientou este aspecto, na época, pois fazendo uma crítica positiva ao autor, aproximou suas duas facetas, a de ficcionista e a de historiador. Com isto, contrariava aos outros, que viam exatamente nesta "mistura" o defeito de sua obra. Refere:

No terreno da historiografia patricia, também por destino inevitável, situou-se Rocha Pombo na posição, que foi a de um Michelet na França e a de um Oliveira Martins em Portugal, de **recriador e não apenas narrador do passado**. O polo oposto na historiografia brasileira contemporânea será, porventura, representado pela figura de Capistrano, o estrito pesquisador, severamente atento ao documento. O documento puro, no entanto, não contém todo o passado. Há o imponderável, o universal, o eterno de cada momento de história, e este raramente o documento o apreende, cabendo ao historiador o *surge et ambulat*, que fará de um instante morto de outrora uma palpitante realidade de nosso espírito. Para este ato de magia ou milagre, estão melhor preparados os evocadores - poetas, capazes de viver no mistério do seu próprio ser o episódio evocado, de maneira a dar-lhe sangue e vida quando o traslada para a dramática representação histórica." ⁴²²

Nesta afirmação, ficam ressaltadas as características de ficcionista - simbolista - na obra do historiador, equação esta que, de certa forma, pode ser invertida, para dizer que sua "veia" de ficcionista também comporta muito de seu estilo de historiador. Características estas que são bem-vindas a uma tese de história cultural, onde se tenta trabalhar a narratividade da ficção numa aproximação fecunda com os dados históricos, sobre a loucura em textos literários.

⁴²² Citado por Cardim, Elmano, op. cit., p.42. Os grifos são meus.

O "Simbolismo" foi uma tendência estética de origem francesa, comum às literaturas ocidentais durante os últimos anos do século XIX. Sendo a corrente à qual o autor se filia, como compreendê-la e relacioná-la ao contexto deste trabalho?⁴²³

Introduzindo a temática, Andrade Muricy lança-nos ao outro lado do mundo, onde as vagas dos movimentos começam e respingam aqui, do outro lado do Atlântico. "É preciso lembrar que o jogo de influências européias sempre pôde ser observado nesta tradição", diz ele, referindo-se à literatura brasileira. Desta forma, o simbolismo surgiu, naquele *fin de siècle* XIX, na França, sob forte influência de Baudelaire.

A renovação dos valores poéticos, iniciada por Baudelaire, nela confirmado pela influência de Edgar Poe, manifestou-se sob influxos vários: de Verlaine, de Mallarmé, de Rimbaud. A vaga do fundo, o maremoto estético tingiu-se das cores requintadas daquele *fin- de -siècle*. Naquele crepúsculo do século das luzes, que foi positivista, cientificista fanático, adorador totêmico das próprias invenções e descobertas, naturalista e ideólogo, descendente de Jean Jacques Rousseau, acenderam-se luzes outras, de cores delicadas, raras, luzes de espiritualidade e de misticismo.⁴²⁴

Aparecendo com vestígios do espírito romântico, o Simbolismo foi uma revolta contra o positivismo e o objetivismo, revolta que através de uma linguagem ornada, altamente metafórica e muitas vezes exótica, iria dar grande relevo às preocupações espirituais. Nos termos da

⁴²³ Embora não seja o mote deste trabalho aprofundar esta temática referente à história da literatura brasileira, o movimento será contextualizado naquilo que for pertinente no momento. Existem três obras essenciais da história e crítica literária de meados do século XX, que, a meu ver, são ainda "obras paradigmáticas", marcos inconfundíveis para pensarmos o Movimento Simbolista na Literatura Brasileira. Serão elas as mais utilizadas nas análises que seguem. De Andrade Muricy, o *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, de 1952, publicada também pelo INL, é a obra pioneira, à qual todos os outros se referem como a mais importante investigação crítica do movimento. Organizada e dirigida por Afrânio Coutinho, a coleção *A Literatura no Brasil*, publicada em 1959 pela editora Livraria São José, possui o Tomo I do volume III, dedicada ao Simbolismo, Impressionismo e Modernismo, cujo texto "Presença do Simbolismo", escrito também por Andrade Muricy recoloca várias questões deste "movimento" literário no Brasil. Por fim, mas não menos valoroso, é o livro de Massaud Moisés, *A Literatura Brasileira*, editado pela Cultrix, em 1967, cujo volume IV percorre o mais importante deste período (O Simbolismo, 1893 a 1902), que traz uma análise mais contundente do autor trabalhado e de sua obra. Outros autores também relevantes serão apontados no curso do texto.

⁴²⁴ Muricy, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952, pp.17-8. Além destas "influências", ainda se pode citar Nietzsche, Dostoiévski, Strindberg e Wagner. José Veríssimo não apreciava nem o ideário e nem a estética simbolista e chamou a corrente de "produto de importação". Apud Bosi, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994, p.268.

evolução européia, que continuava a se refletir no Brasil, o Simbolismo reagiu contra as correntes analíticas de meados do século XIX, assim como o Romantismo reagira ao Iluminismo que havia triunfado no século XVIII. Ambos os movimentos exprimiram a desilusão em face das vias racionalistas e mecanicistas que se vinculavam na prática à ascensão da burguesia.

Na cena literária européia, por volta de 1880, espalhou-se a idéia de decadência, que foi melhor caracterizada por Paul Bourget, em 1881, a partir dos escritos de Baudelaire. Em artigo publicado na *La Nouvelle Revue*, intitulado "*La Théorie de la Décadence*", ele analisou as idéias deste, de pessimismo e de decadência, dizendo que nele imperava um "espírito" místico, libertino e analisador, típico de pessoas "incapazes de encontrar seu lugar próprio no mundo", lúcidos para com a "incurável máscara de seu destino", pessimistas ao extremo e individualistas. E estes indivíduos "decadentistas" sentiam sua época como sendo de crise e enfado, fadiga e degenerescência, dissolução e má consciência.⁴²⁵

O decadentismo, como foi representado em *À Rebours* de Huysmans, constituía este estado de revolta contra a sociedade burguesa e seu conceito de moral familiar. Mas era mais do que isto.

A partir dos escritos de Verlaine a idéia de decadência ganhou corpo e é vista como imperiosa para a época em que vivem. Tudo decai, não adiantando dissimular o espírito desta decadência nos costumes, na religião, na justiça. "A sociedade se desagrega sob a ação corrosiva de uma civilização deliquesciente". Com a máxima "o homem moderno é um entediado", o ser humano daquele momento histórico era identificado a alguém que tinha refinamentos de apetites, de sensações, de gostos, de luxo, de prazeres, neuroses e histerias. A ele estavam delegados o

⁴²⁵ Ver Coutinho, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959. Tomo I, vol. III, p.25.

hipnotismo, a morfinomania, charlatanismo científico, o schopenhauerismo levado ao extremo - "tais eram os pródromos da evolução social".⁴²⁶

Desagradando a muitos, esta corrente teve seu nome substituído para Simbolismo no ano de 1886. A crítica de Paul Bourde, em artigo publicado no *Les Temps*, de 1885, identificava "*Les Décadents*" a ostentadores de um misticismo pervertido e satânico, cujo estado mórbido contaminava todas suas criações literárias. Jean Moreas reagiu e defendeu a nova estética e as recentes novidades literárias, porém sugeriu abarcá-las sob a rubrica de "simbolistas".

A nova corrente foi então batizada em artigo de Moréas, no *Figaro Litteraire*, de 10 de setembro de 1886, intitulado *Le Symbolisme*, que, além do nome, lhe concedeu características para diferenciá-la da anterior. Este artigo ficou conhecido também como "Manifesto Simbolista" e emprestou à tendência nascente sua bandeira de luta.

E foi o próprio Moréas que anunciou o fim do movimento, "a morte do Simbolismo", em discurso proferido em finais do ano de 1891. Mas mesmo de curto fôlego e fugaz duração, ele atravessou os mares e influenciou terras distantes, como o Brasil, tendo, assim, uma sobrevida nestas paragens tropicais.

Rotuladas ainda de decadentistas, as idéias simbolistas entraram em voga no Brasil desde 1887, mas foi em 1891, no jornal *Folha Popular*, do Rio de Janeiro, que se constituiu o primeiro grupo simbolista brasileiro.

Como uma "literatura de mudança", o marco do Simbolismo, no Brasil, é 1893, com a publicação de *Missais* (poemas em prosa) e *Broquéis* (versos) de Cruz e Souza. Como diz

⁴²⁶ Ver Moisés, Massaud. *A Literatura Brasileira*. Volume IV, O Simbolismo (1893 a 1902). São Paulo: Cultrix, 1967. Pp. 22-25.

Afrânio Coutinho, surgiu "como uma revanche da subjetividade contra objetividade, da interiorização contra a exteriorização, do indivíduo contra a sociedade".⁴²⁷

O Simbolismo situando-se, assim, muito próximo das orientações românticas, foi em parte, também, uma revivescência do Romantismo Brasileiro. Nesta corrente não é aceita a separação entre sujeito e objeto, entre artista e assunto, sendo que objetivo e subjetivo se fundem, "pois o mundo e a alma têm afinidades misteriosas, e as coisas mais díspares podem revelar um parentesco inesperado".⁴²⁸

Em consequência do repúdio da objetividade em arte, os simbolistas acabam recolocando em relevo a primazia das verdades subjetivas. Mas, ao mesmo tempo, os artistas contrapõem-se ao emocionalismo e ao convencionalismo da linguagem metafórica do Romantismo, o que acaba por conferir uma distância entre as duas correntes, na medida em que a "viagem subjetiva" no Simbolismo é, antes de tudo, uma incursão às camadas mais profundas da psique.

Era preciso, assim, inventar uma linguagem nova, apropriada "às novidades emocionais e afetivas que descortinavam dentro de si". E foi, desta forma, que "abandonando a trilha mil vezes batida da tradição", os simbolistas decadentistas lançaram-se no encalço de uma linguagem, fundamentada nas gramática e sintaxe psicológicas e em um léxico adequado à expressão das

⁴²⁷ Coutinho, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959. Tomo I, vol. III, p.18. Como marco terminal há controvérsias, pois em limites amplos, poderia ser considerado o seu fim a semana de arte moderna de 1922, como fala Andrade Muricy. Mas, como o Simbolismo não é considerado uma época literária autônoma - ele vem junto ao Realismo e Parnasianismo, tomando características do primeiro após certo momento - então se pode dizer que seu término corresponde ao ano aproximado de 1902. Op. cit., pp.14-15. Ver para isto, também, Massaud Moisés, op. cit., "Limites cronológicos do Simbolismo", pp. 13-19.

⁴²⁸ Cândido, Antônio. *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964. Tomo II, Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo, p.126. *Grosso modo*, no dizer de M Moisés, parece o Simbolismo mergulhar suas raízes no Romantismo, com o qual guarda algumas aproximações, podendo ser encarado como uma etapa avançada da concepção de mundo e dos homens inaugurada pelos românticos. Retoma, de certa forma, a "atitude de espírito" destes.

novidades estéticas. Optaram pela recorrência de neologismos, inesperadas combinações vocabulares, emprego de arcaísmos gráficos de toda ordem.⁴²⁹

Afirmando-se contra o Realismo, na literatura, e o Positivismo, na filosofia, alguns aspectos centrais, que não esgotam a diversificação desta corrente literária, são ainda postos em evidência por A. Cândido, e que reúnem características importantes para a obra que se analisa no presente estudo:

O espírito, portanto, não apreende totalmente nem traça um contorno firme dos objetos, dos seres, das idéias. Cabe-lhes apenas o recurso de aproximar-se da sua realidade oculta por meio de tentativas, que a sugerem sem esgotá-la. A obra resultante não é um objeto válido em si, acabado de uma vez por todas, ou fechado em sua integridade. Vale pela sugestão que trazer, pois é uma possibilidade entre outras, um fragmento do esforço de captação poética. Por isso parece aberta, não raro incompleta, obscura, fugidia, mais voltada para a música do que para as artes plásticas(...)⁴³⁰

Embora diversificado nos muitos autores, os escritos deste movimento, tanto em versos quanto em prosa de ficção, guardaram sinais de ruptura com a rigidez da escritura, isto é, em todos eles, de certa forma, ocorria um mesmo "esforço de transcendência poética", parecendo

⁴²⁹ Moisés, Massaud. Op. cit., p.35.

⁴³⁰ Cândido, Antônio. Op. cit., p.126. Para Alfredo Bosi, o simbolismo brasileiro não passou de um "surto epidêmico", e não conseguiu romper a crosta da literatura oficial. Contemporâneo a "rivais" de peso, o Realismo e o Parnasianismo, "o fenômeno histórico do insulamento simbolista do fim do século XIX não deve causar estranheza. O movimento, enquanto atitude de espírito, passava ao largo dos maiores problemas da vida nacional, ao passo que a literatura realista-parnasiana acompanhou fielmente os modos de pensar, primeiro progressistas, depois acadêmicos, das gerações que fizeram e viveram a Primeira República. E é instrutivo notar: a expansão dos grupos simbolistas no começo do século correu paralela à do Neoparnasianismo. A *novidade* de Cruz e Souza precisou descer ao nível de tal maneira e academizar-se para comover a vida literária de alguns centros menores do país e partilhar, modestamente aliás, a sorte dos epígonos parnasianos". Op. cit., p.270. Pode-se ressaltar, ainda, que seus melhores críticos vieram de dentro do próprio movimento, foram seus próprios militantes: Gonzaga Duque e Nestor Vitor. Sobre este último é dito: "o seu simbolismo lúcido, dando as costas aos valores acadêmicos, pode aproximar-se com simpatia das vanguardas modernistas". Op. cit., p.297.

prolongar o verso "em antenas voltadas para um mundo essencial, além da história, do cotidiano, da própria vida".⁴³¹

O "surto estético-místico" - expressão esta usada por Bosi - presente no movimento simbolista brasileiro, a exemplo de seus modelos, não era uma opção confessional. Restaurar o culto dos valores espirituais, e entre eles o religioso, era uma reação contra a mentalidade agnóstica que prevalecia entre as elites da segunda metade do século XIX.

O símbolo, que povoa a literatura desde sempre, e é "considerado categoria fundante da fala humana e originariamente preso a contextos religiosos", assume nesta corrente a função chave de vincular as partes ao Todo universal que, por sua vez, confere a cada uma o seu verdadeiro sentido.⁴³² Mas seu uso "quase iniciático", como coloca A. Cândido, confere uma maior imprecisão ainda ao movimento que leva seu nome.

⁴³¹ Cândido, Antônio. Op. cit., p.126. Note-se que exatamente esta característica é muito válida para o romance "No Hospício" de Rocha Pombo, como se verá na seguinte seção. Seu vocabulário e temática peculiares, pertencente ao mais notável das características simbolistas, mesclam-se ao que Antônio Cândido diz serem as predileções destes autores por temas como a morte, o distanciamento, as cerimônias litúrgicas, paisagens vagas envoltas em neblinas, elegância "nefelibata". "Peculiar é o uso do vocabulário litúrgico, nem sempre correspondendo a convicções religiosas do autor, mas próprio para acentuar o mistério e o hieratismo. Por isso, tem-se apontado a ligação entre o nosso Simbolismo e o espiritualismo, o que é verdade apenas em parte, e que, em muitos casos se combina ao gosto pelo esotérico, de acordo com certas tendências antimaterialistas e portanto antinaturalistas do fim do século XIX". P.127-8.

⁴³² Bosi, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994, p.263. "Toda poesia é de alguma forma simbólica, e o simbolismo é um dos cernes da linguagem poética, ocultadora e alusiva por excelência". Cândido, op. cit., p.128.

Isto é, o que se pode dizer de mais preciso é que "os poetas foram chamados simbolistas porque, em lugar de escrever com precisão, alegavam que cada coisa exprime mais ou menos claramente uma realidade oculta, de que seria a mera exteriorização simbólica".⁴³³

Uma outra marca que influenciou o movimento, e que é importante ao atual estudo, é a questão do inconsciente, visto através da Filosofia. Veio da influência dos alemães, principalmente de Schopenhauer, com seu *O Mundo como vontade e representação*, de 1819, e dos filósofos da *Naturphilosophie* (Filosofia da Natureza, que abarcava os filósofos alemães românticos). Schopenhauer deu a largada, cronologicamente, postulando que o mundo não passa de uma representação, e a nossa psique - até então chamada de espírito - corresponderia à vontade, a qual seria o dado de realidade do ser humano.

Eduardo von Hartmann, em sua obra *Filosofia do Inconsciente*, de 1869, introduziu a noção de inconsciente, substituindo aquela de vontade e outorgou-lhe funções importantes na psique humana, incluindo a possibilidades de "conhecimentos" subliminares.

⁴³³ Cândido, op. cit., p.128. Para este autor, como já se pôde notar, o movimento no Brasil foi bastante medíocre, ressaltados os dois iniciadores, Cruz e Souza e Alphonsus Guimarães. Porém Bosi (op. cit., p 266 e ss), menos radical, ou então olhando por um outro prisma, arrisca uma explicação para o malogro do Simbolismo como visão de mundo, para este "rápido empobrecimento de uma corrente estética que descendia de gênios universais como Dostoiévski e Nietzsche e de poetas da envergadura de Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé": "o horror à mentalidade positivista da práxis burguesa pode inspirar belas imagens e melodias, fragmentos de uma concentrada paixão; pode dar novo brilho à prosa poética e fazer vibrar os ritmos que o gosto acadêmico enrijecera em formas métricas; pode enfim dinamizar o léxico, acentuando a carga emotiva de certas palavras, diluindo o prosaico de outras, ou trazendo à poesia conotações inesperadas. Mas toda esta floração estética, para sustentar-se à tona das águas móveis da cultura, precisa afundar suas raízes no chão firme da realidade histórica, respondendo às contradições desta, e não apenas a uma ou outra exigência de certos grupos culturais." Op. cit., p.266. Em outra palavras, o "irracionalismo literário" não foi capaz de substituir em força e universalidade as crenças tradicionais. Mas os Simbolistas tiveram um mérito: dizer do mal-estar profundo que enervava a sociedade industrial. P.267.

Mas foi Bergson, filósofo francês, que colocou todas estas questões mais próximas dos simbolistas, com suas idéias sobre *intuição* (conhecimento imediato da realidade) e *duração* (que postula o *tempo psicológico*, contraposto ao tempo cronológico do relógio).

Embora muitos estudiosos afirmem que o Simbolismo tendia a expressar-se melhor em poesia do que nos gêneros em prosa, devido à origem e natureza de sua estética, houve um esforço mais sistemático de alguns dos simbolistas "de criar uma prosa poética em moldes realmente originais", "anti-realista"! - entre eles Gonzaga Duque, Nestor Vítor e Rocha Pombo.

De forma semelhante, mas intensificada neste último, Bosi afirma ser "interessante" o apelo que os simbolistas fazem à esfera da anormalidade, tanto espiritual como física, situação esta que permite aos personagens acessarem uma vida "diferente" e "superior". O elogio da loucura, diz ele, principalmente quando esta aparece em matizes esquizofrênicos, "vira lugar-comum nessa ficção que dá resolutamente as costas ao cotidiano e ao terra-a-terra".⁴³⁴

Diferentemente da poesia, este fato choca no romance, segundo o autor, pois vai contra a sua própria tradição, que, desde o século XVIII, se tem mostrado comprometido com as realidades sócio- históricas, mesmo na sua variante passional e romântica.

Prova cabal é o romance *No Hospício*, cujo autor foi - irônica e curiosamente - um historiador, "um dos nossos mais conspícuos historiadores", que herdou de Poe e Hoffmann "apenas o gosto narrativo pelo excepcional (um hospício onde um jovem sensível foi criminosamente internado pelo pai), mas não foi capaz de imitar-lhes a arte de sugerir atmosferas pesadelares, pois carecia de recursos formais para tanto".⁴³⁵

⁴³⁴ Ver para esta discussão Bosi, op. cit., p.292 e ss.

⁴³⁵ Idem, p.294

Embora esta crítica seja pertinente ao que se relaciona com o "estado da arte" no Simbolismo brasileiro, a questão mostra-se um pouco diferente se for olhada pelo prisma da "loucura". É importante notar que o romance de Rocha Pombo, como se verá na próxima seção, re-articula as condições históricas referentes à loucura e à internação compulsória deste tipo de paciente, que, como diz este autor, foi "criminosamente" internado pelo pai, na história do romancista. Se o autor fala em "criminosamente" está fazendo um julgamento de valor sobre esta atitude, que historicamente, está vinculada às práticas de exclusão dos doentes mentais.

Assim, neste ângulo de visão, existiria sim um "compromisso" com uma realidade sócio-histórica, talvez de forma inconsciente. A valoração "criminosamente" não corresponde explicitamente ao que o romancista expressa, sendo, assim, adjetivação dos próprios críticos, o que pressupõe, de certa forma, que o romance predispõe as pessoas a enxergarem esta "verdade histórica" através de suas linhas.

Quando Afrânio Coutinho escreveu o prólogo da segunda edição de "No Hospício", em 1970, ele ressaltou, na sua caracterização do romance, além da "quase inexistência da trama", sua atmosfera espiritualizada e mística. Característica esta que Andrade Muricy chamou de "profundeza iluminada", sendo esta palavra *iluminada* aquela que realmente, para ele, se aplica à definição do romance, mais tipicamente simbolista pelo "vocabulário e estilo nefelibata e pela idealização de temas e fórmulas, ao gosto simbolista escritos em maiúsculas".

Em todo o livro, há a preocupação com o “espírito”. Um moço, mordido pela curiosidade e interesse por um doente mental internado no hospício, decide também se recolher aí a fim de conviver e observar aquele “caso”, aquele “espírito”. Tornando-se íntimo dele, deixa que a vida transcorra entre devaneios intelectuais, rasgos contemplativos e expansões poéticas. Em verdade, a obra é um mero pretexto para que o autor dê largo à sua imaginação e ao seu misticismo, através de discussões entre os dois personagens acerca de problemas metafísicos e temas fundamentais, como a origem da Vida, a natureza da Alma e da Matéria, o destino do Homem.⁴³⁶

O espiritualismo de Rocha Pombo, e todos autores são unânimes em dizer, é de sentido cristão, e com uma tendência a identificar-se com as doutrinas do cristianismo primitivo. Livro estranho, diz Afrânio, "no qual ressalta a carga forte de espiritualização nitidamente devedora à escola de que se inspirou". Para ele, não somente neste livro, mas também nos seus contos e impressões, Rocha Pombo cede a essa tendência, "à contemplação e ao misticismo, usando a ficção não mais que para dar corpo às suas fórmulas de definição mística e simbólica e ao seu pendor à contemplação e ao panteísmo."⁴³⁷

De maneira geral, para o simbolista importava os estados da alma e destes, somente aqueles que conhecia - os seus próprios. Daí a sua religião do eu, a forte nota individualista, oposta à filosofia social. E como decorrência natural destes dois princípios, tomam espaço as atitudes anti-racionalistas e místicas, o tom idealista e religioso, a tendência ao isolamento, o respeito pela música, a religião da beleza. Todos estes aspectos são contemplados no romance de Rocha Pombo e delimitam os conteúdos da loucura de Fileto, o personagem que desencadeia a trama, como será visto na próxima seção.

Também todos são unânimes em outra questão: sua figura de escritor, "de intelectual nessa linhagem de simbolista", ficou à sombra de seu *status* de historiador. Para Massaud Moisés, RP conheceu tamanha fama de historiador que acabou ofuscando o resto de sua produção

⁴³⁶ *No Hospício*. Apresentação.p.8.

⁴³⁷ *idem*, p.9.

literária. "Passou pela vida oculto sob uma máscara de historiador e de filólogo", disse Andrade Muricy, mas o melhor de seu legado intelectual está paradoxalmente em sua ficção, completa M. Moisés. A crítica simplista não tomou conhecimento deste instigante livro, disseram ambos. Para o segundo crítico, *No Hospício* trata-se de uma obra surpreendente, a qual "muda a visão convencional que se tem da prosa de ficção entre 1890 e 1922, e cuja complexidade merecia um exame detido, minucioso e à parte deste panorama".⁴³⁸

O "singularíssimo" romance, como o alcunha Muricy, muito sofreu por ter aparecido numa época de predomínio materialista e naturalista, porém, é neste livro que se observam notas precursoras do romance psicológico moderno, do "romance-ensaio". Nele "encontramos um elevado senso místico, aventuras curiosíssimas do pensamento, e sobretudo um soberbo escorço de poema épico-filosófico, além de numerosos poemas em prosa, admiráveis de profundidade iluminada, e tipicamente simbolistas, tanto no que concerne ao vocabulário, como à tematologia e à atmosfera espiritual".⁴³⁹

Para M Moisés, neste romance, está embutida toda uma teoria de história da arte simbolista, registrando de forma exemplar as inquietações doutrinárias que estavam em pauta no âmbito dos simbolistas e decadentes. É bastante inovadora a crítica que ele faz, dizendo que "o romance comporta em seu bojo a própria teoria de que se nutre e que ele justifica a feição psicológica e a estrutura". Para ele, é incomum, ainda neste período da literatura brasileira, o

⁴³⁸ Moisés, Massaud. Op. cit., pp.250-251.

⁴³⁹ Muricy, A. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Op. cit., p.77. Muricy ainda coloca que uma das raras pessoas que prestou atenção "na dualidade estranha da obra de Rocha Pombo" foi Fábio Luz, médico e crítico, talvez seu mais íntimo amigo no final da vida - juntamente com Nestor Vitor, Rocha de Andrade e Teles Meireles. Este escreveu em 1934, no livro *Dioramas*: "O misticismo baseado no panteísmo, tendo como preceitos e fórmulas vagas a contemplação da Divindade, a absorção do próprio *eu* pela idéia mais elevada que o espírito possa conceber, a Substância una e múltipla em suas manifestações, matéria e forma inseparáveis, Espírito-centelha d'alma, Alma-Verbo, Verbo-Deus; tudo, no fundo, sentimento cristão, com tendências francas aos primórdios da doutrina muito humana pregada às margens de Tiberíade e no sermão da Montanha; tudo o que constituía a alma de Novalis parecia ter-se transportado para a alma transparente, clara, límpida e serena deste Rocha Pombo". Op. cit., p.77.

ficcionista escrever a obra e simultaneamente enriquecê-la com as razões da filosofia estética nas quais baseou sua própria escritura.⁴⁴⁰

Sobre o enredo, ele identifica neste romance o traço simbolista, "desde o estilo em que foi plasmado até o seu recheio", pois "se contrai até se volver num fio tênue e esbatido", que não prejudica o todo da obra, ao contrário, colabora para que o clima psicológico e mesmo dramático ganhe densidade. Romance na primeira pessoa, "abstrato e mental", com pobreza de enredo e a projeção deste para segundo plano, correspondem, para ele, a um romance simbolista por excelência, com uma técnica romanesca acertada, pois visava permitir que o ficcionista lançasse mais luz sobre o que se passava entre os dois interlocutores, o narrador e Fileto - o louco internado.

Constituindo, no seu todo, um "demorado e irreal monólogo interior", o crítico resume da seguinte forma o "enredo quase inexistente, jogado para segundo plano" do romance:

⁴⁴⁰ op. cit., p.255.

O narrador, impressionado com Fileto, internado injustamente no hospício, consegue também internar-se a fim de acompanhá-lo nos transe da "loucura". À proporção que se conhecem melhor, vai-se revelando todo o maquiavelismo do pai de Fileto ao encarcerá-lo entre doidos, e todo o drama subjacente: Alice, irmã e muito amiga de Fileto, apaixonara-se por um moço que tivera o mesmo destino do seu irmão. Com efeito, o doido que urrava sem parar, era seu namorado, igualmente posto no hospício pelo malevolente de seu pai. Finalmente, o moço suicida-se quando sabe da morte da bem-amada. O narrador sai do hospício, tenta em vão demover o progenitor de Fileto, viaja para a Palestina e, ao regressar, tem notícia que o louco havia falecido. Esse entrecho, por si só linear e com um tudo-nada de folhetinesco, ainda mais se enfraquece pelo fato de compor algo como um segundo plano do romance. É através de fiapos de conversa, informações soltas, casuais, que vamos tomando ciência do que vai correndo atrás dos diálogos entre o narrador e Fileto.⁴⁴¹

Esta "impressão de leitura" de M. Moisés será cotejada, na próxima seção, a uma outra história sobre a mesma história, ou melhor, a uma outra sensibilidade sobre a mesma história, mesmo enredo, colocando a loucura, então, em primeiro plano.

4.2. Uma lágrima furtiva de um doido bem esquisito: sensibilidade nos jardins do hospício...

A tarde caía lentamente, lúgubre como os próprios ares do hospício. Naquele instante devia estar a caminho do cemitério o préstito fúnebre...Ah! Sagrado descanso da morte para os que sabem sentir profundo esta penitência da vida! Como devia andar aquele ente sereno e radioso da sua redenção. Quem sabe se será assim...Mas para que estrela te mudaria tu, oh cândida criatura?⁴⁴²

Os "ares do hospício" lembram, em muitos textos, este acima descrito... Locais lúgubres, sombrios, úmidos. Poucas descrições os contemplam de forma diferente. Apenas a sensibilidade dos autores, escritores familiarizados com a loucura, é que distribuem nuances nas narrativas sobre manicômios.

⁴⁴¹ Moisés, Massaud. Op. cit, p.251. A última frase desta citação foi também a primeira impressão que se teve após a primeira leitura do romance. Realmente, é através de pequenas pinceladas da obra, no meio de grandes "monólogos", que se vai tomando ciência do enredo propriamente dito e seu desenlace. E foram estas "pistas" de leitura que aproximou a análise das sensibilidades buscadas sobre a loucura, nesta época brasileira de virada de século, onde a literatura foi muitas vezes fundamental para a compreensão de nossa sociedade.

⁴⁴² No Hospício, p.226.

No início, eram apenas Sórora Teresa, o narrador e Fileto. Três personagens, três vidas que se cruzam. Um pano de fundo, o hospício. Ou este também seria um personagem?

Embora os críticos tenham sido enfáticos ao dizer que este romance não possui um enredo, pode-se bem entendê-lo com a seguinte estrutura dramática:

- 1- o *lugar* em que ocorre toda a história, em suas 310 páginas, é o interior de um manicômio, não identificado por nome ou lugar - seria, então, o "hospício imaginário" do autor;
- 2- não há uma *temporalidade* definida, não se sabe quando a história se passa, somente algumas pistas são dadas, neste sentido, que remetem à temporalidade, como por exemplo, a referência a escritos de Nietzsche, que é um filósofo morto em 1900 - outras questões quanto ao tempo do romance, serão apresentadas no decorrer desta análise, pois referem-se a pistas que levam à história da psiquiatria e manicômios, no Brasil;
- 3- há três *personagens* no início - sórora Teresa, narrador e Fileto e são estes mesmos que terminam o romance, com a morte deste último, mas há personagens secundários que possuem, também, funções bem definidas na trama: a família de Fileto que vai visitá-lo no manicômio [constituída pelo pai - aquele que detém todo o poder familiar e que tem o dinheiro, portanto, é ele que tem a autoridade de internar o filho - , a mãe, um irmão e uma irmã menor, com a qual Fileto tem grande afinidade], o diretor médico do manicômio, o louco do quarto em frente ao de Fileto e o amigo do narrador - responsável pela internação voluntária deste no hospício;

- 4- a exposição do *problema*, que consiste no desejo do narrador aproximar-se e travar amizade com o paciente que lhe inspira indagações sobre a alma humana, a fim de trocar com ele reflexões e os textos que escrevem;
- 5- a *peripécia* (do grego *peripeteai*, significando incidente, ou aquele lance da narrativa que altera o enredo, mudando a face das coisas, a ação e a situação dos personagens, em suma, os altos e baixos da história), neste caso, o momento em que, em meio a grandes divagações sobre a vida e a morte, a loucura, Jesus e o espírito humano, atinge-se um clímax, onde o narrador e Fileto já estão muito amigos e planejam sair do hospício e fazer uma viagem ao oriente, para que Fileto possa morrer na Palestina;
- 6- a *lise*, ou solução do problema apresentado, consistindo, neste romance, na saída do narrador do hospício e sua viagem ao Oriente Médio, e a morte de Fileto dentro do manicômio. Os detalhes de todo enredo serão apresentados no decorrer desta seção da tese.⁴⁴³

No começo da história, Sórora Teresa não entendia por que Fileto era um louco, ou considerado como tal. A própria família colocou-o lá - como Lima Barreto e TR o seriam e sem dúvida tantos outros também... Mas por que? Ela não compreendia...

⁴⁴³ Para maiores detalhes sobre este ponto de vista para análise de contos, romance e narrativas em geral, ver os textos: Von Franz, Marie Louise. Um método de interpretação psicológica. In: *A interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990, pp. 46-55; Propp, Vladimir. *Morfologia do conto*. Lisboa: Vega, s/d.

“Para não envergonhar a família”, conta ao narrador. Família rica e nobre. Estranha maneira de tratar um filho, diz Sórora Teresa. Pois se ele era considerado louco apenas porque caminhava pelas ruas a esmo, estudava muito e não se trajava como a família gostasse, então ela pedia que lhe explicassem que loucura era esta.

Na história manicomial brasileira, a hospitalização dos considerados loucos atendeu as reclamações deste gênero, isto é, contra seu trânsito pelas ruas, como já se teve oportunidade de ver. Relata Tácito Medeiros que, já em 1835, o doutor J.F.Sigaud publicou um artigo no “Diário de Saúde” contendo reflexões acerca do livre trânsito dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, onde dizia: “a classe desgraçada dos loucos ...embutados com grotescos andrajos, excitam as risadas dos viandantes... ou a torrente de grosseiras injúrias e ridículos epítetos”.⁴⁴⁴

Parece claro que os cidadãos loucos eram punidos pelo mal estar que causavam, e não pelos sintomas que apresentavam. Era inconveniente o trânsito destas pessoas pelas ruas, e seu recolhimento a “gaiolas humanas, postas na vizinhança de um cemitério e por baixo de enfermarias ajougadas de doentes” suscitava novos problemas.

Foram criados, então, hospícios, mas que tiveram, como se pode ver, a mesma função das prisões e “gaiolas de loucos”. RP escreveu seu romance, como já foi mencionado, num momento em que os manicômios brasileiros estavam quase todos erigidos, inclusive com população acima daquela programada. Sua “sensibilidade” de escritor-historiador fez com que descrevesse a prática de exclusão que ocorria na sociedade, que, se não era mostrada explicitamente – uma vez que já havia hospícios –, era então constituinte, em sua forma implícita, do seio das famílias.

⁴⁴⁴ Medeiros, Tácito. *Formação do modelo assistencial psiquiátrico no Brasil*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psiquiatria da UFRJ. 1977. Pp. 5-6.

“Mas era só isto que ele fazia: só vagueava pelas ruas?”, perguntou o narrador a sóror Teresa. “Só, é exato... mas a questão é que ele saía mal trajado, e muitas vezes dizem que as irmãs o encontravam assim, e voltavam chorando para casa ... as coitadinhas ... Afinal a família cansou e o remédio foi este – entregá-lo ao hospício. Ao menos aqui ele não sofre e não envergonha a família...”⁴⁴⁵

O romance assim começa, com a “irmã de caridade”, prestadora de cuidados aos enfermos desta instituição ficcionalizada por RP, conversando com o narrador que, ao visitar o hospício com certa frequência, interessara-se por este doente, de nome Fileto, que lhe parecia uma “criatura extraordinária”.

Soror Teresa, “de olhar nublado de uma piedosa desconsolação”, não se importava de dar as informações que ele pedia; e ela, em sua alma caridosa, também nutria muita curiosidade por este estranho paciente. “É um louco tão discreto... tem caprichos tão finos... que tem hábitos tão regulares e esquisitos, gestos tão graves e meditativos; que tem olhar tão meigo – que me deixa horas a cismar... Quem sabe lá que mistério anda ali! Quem sabe lá que estranho suplício estão

⁴⁴⁵ *No Hospício*, p. 23. Fica explícito neste parágrafo do texto que a exclusão servia à família. Mas um paradoxo estranho, é aí colocado: não "envergonhando a família", Fileto não sofria. Sendo assim, o hospício passa a ser, ou aparece como, um "bom lugar" ao louco, onde este escapa, ele também, das incomodações e críticas familiares. Como se verá mais adiante, ele opta em morrer no manicômio a ter que voltar para o lar. Esta reflexão será importante ao final, ao serem cotejadas as múltiplas sensibilidades sobre a loucura que foram resgatadas destes textos selecionados.

impondo àquela miserável alma!...”, dizia ela, no primeiro diálogo formulado por RP em seu romance simbolista.⁴⁴⁶

Irmã Teresa é importante à trama do autor, por fazer esta intermediação entre os dois personagens principais, mas também por ser um elemento feminino, que compensa a forte tendência masculina do texto: os pacientes são homens, o médico também, os assuntos discutidos são questões do "espírito", o "vilão" é o pai de Fileto, homem rico e poderoso que determinou a sorte do filho, que acabaria por morrer no manicômio. Talvez fosse ela a enfermeira preferida de Fileto, o qual, privado do contato com a família, também precisava de carinho, ou pelo menos, era aquela pessoa, até a entrada do narrador, que lhe prestava maior atenção. Não somente atenção, mas também ela lhe dedicava tempo de escuta, conversavam, entendiam-se,

⁴⁴⁶ Como atesta a história das instituições psiquiátricas, no Brasil, as “irmãs caridosas” foram as primeiras “enfermeiras” de doentes mentais, em leitos hospitalares para este tipo de paciente, e os próprios manicômios posteriormente, surgiram, em sua maioria, vinculados ou descolados de estabelecimentos religiosos, como as Santas Casas de Misericórdia. Na primeira metade do século XIX, época imediatamente anterior à formação dos hospícios brasileiros, como já se teve oportunidade de ver, os elementos divergentes da norma social ficavam “alocados” nas próprias residências, isolados do resto da família, ou nas cadeias públicas e em hospitais gerais, muitos destes sob a regência de Provedores religiosos. Desde o princípio da colonização surgiram, em solo brasileiro, as Casas de Misericórdia, que tiveram origem em Portugal. A primeira Casa de Misericórdia foi fundada na Vila de Santos, em 1543. Em seguida, ainda no século XVI, surgiram as do Rio de Janeiro, Vitória, Olinda e Ilhéus. Mais tarde Porto Alegre e Curitiba, esta inaugurada em 1880, com a presença de D. Pedro II e Dona Tereza Cristina. Eram estas entidades assistenciais que, através das “irmãs religiosas” prestavam cuidados aos pacientes internos e, algumas vezes, a domicílio. As atividades de enfermagem laica, no mundo, iniciaram-se com Florence Nightingale, florentina de pais ingleses, em 1854, na Guerra da Criméia. Porém sua formação como “enfermeira” foi feita em conventos religiosos e em escolas de enfermagem fundadas por Irmandades Católicas. “Decidida a seguir sua vocação, procura completar seus conhecimentos que julga ainda insuficientes. Visita o Hospital de Dublin dirigido pela Irmãs de Misericórdia, Ordem Católica de Enfermeiras, fundada 20 anos antes. Conhece as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, na Maison de la Providence em Paris.” Ver <http://www.enfermagemuniverso.ubbi.com.br> ; http://www.ellusaude.com.br/enfermagem/historico_enf07.asp. A organização da Enfermagem na Sociedade Brasileira começou no período colonial e foi até o final do século XIX. A “profissão” surgiu, no Brasil Colônia, como uma simples prestação de cuidados aos doentes, realizada por um grupo formado, na sua maioria, por escravos, que nesta época trabalhavam nos domicílios e ajudavam os religiosos, estes sim, já com algum conhecimento de “saúde pública”, sendo de grande serventia para cuidar da saúde da população. Porém, no Brasil, a formação de pessoal de Enfermagem para atender inicialmente aos hospitais civis e militares e, posteriormente, às atividades de saúde pública, principiou com a criação, pelo governo, da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, no Rio de Janeiro, junto ao Hospital Nacional de Alienados do Ministério dos Negócios do Interior. Esta escola, que é de fato a primeira escola de Enfermagem brasileira, foi criada pelo Decreto Federal nº 791, de 27 de setembro de 1890 e reformada por Decreto de 23 de maio de 1939. O curso passou a ter três anos de duração e ser dirigido por enfermeiras diplomadas e denomina-se hoje Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, pertencendo à Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO.

identificavam-se, sendo quase cúmplices, poder-se-ia dizer... “... Há dias que passo horas e horas a ouvi-lo...”⁴⁴⁷

Relatando as “visitas de todos os sábados” de sua “família de sangue”, ela compraz-se com esta figura de doente, sempre impassível e sereno, “parecendo um santo”, tanto que a faz emudecer de pasmo. Poderia ser ele um profeta, ou um vidente, “tão nítida e vibrante a eloqüência de seu discurso”, para com sua irmãzinha menor, por exemplo. Mas ela impressionava-se, mesmo, era com a misericórdia que emanava de seu olhar, pois era “tão cheio de luz e de doçura... que eu chego a cometer sempre o pecado de comparar ao [olhar] de Jesus”.⁴⁴⁸

⁴⁴⁷ No Brasil, a primeira enfermeira “laica”, que prestou seus serviços a partir de 1865 na Guerra do Paraguai, foi Anna Nery, que, como Florence Nightingale, rompeu com os preconceitos da época que faziam da mulher somente “profissionais do lar”. Mas também foi com religiosas que ela aprendeu seu primeiro ofício. A primeira Escola de Enfermagem fundada no Brasil por psiquiatra, em 1923, recebeu o seu nome. “Na psiquiatria brasileira, a eugenia esteve presente nas bases da formação da Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada no Rio de Janeiro, em 1923, pelo psiquiatra Gustavo Riedel, com a ajuda de filantropos do seu círculo de relação. O objetivo inicial era de melhorar a assistência aos doentes mentais através da renovação dos quadros de profissionais e dos estabelecimentos psiquiátricos. Interessante ao nosso estudo é o fato deste médico ter criado, antes de fundar a Liga, um ambulatório de profilaxia das doenças mentais (anexo à Colônia Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro), um “serviço aberto” para “psicopatas” (como eram chamados os doentes mentais neste período), um laboratório de psicopatologia e uma escola de enfermagem onde eram formadas as monitoras de higiene mental. Estes passos, com exceção do laboratório de psicopatologia, foram os mesmos seguidos por Jacintho Godoy no HPSP de Porto Alegre, desde que assumiu suas gestões, principalmente após 1937.” Santos, “*A tênue fronteira...*”, op. Cit., pp. 81-82. Em Porto Alegre, data de 1939 a fundação de escola para enfermeiros ligada ao HPSP, os quais seriam monitores de higiene mental, sob a direção de Jacintho Godoy. Estas reformas foram muito elogiadas por Belizário Penna, eugenista renomado, quando de sua visita ao hospital, como mencionado anteriormente. Rocha Pombo escrevia este seu romance entre 1900 e 1905, quando, muito embora a maioria dos manicômios do Brasil já estivesse sido construída, os cuidados aos loucos ainda permaneciam, em grande escala, nas mãos das irmãs de caridade, pois a profissão de enfermagem ainda lutava para ser efetivada em nosso meio. O autor mesmo explora esta idéia, ou assim ele imaginava o interior de um hospício, tanto que algumas vezes refere-se à irmã de caridade como “a enfermeira”. Foi também um longo processo, que cruzou o século XIX e as três primeiras décadas do XX, este de colocar profissionais formados em enfermagem nos hospícios brasileiros, assim como o de proporcionar que os hospitais psiquiátricos fossem dirigidos por médicos psiquiatras e não simples administradores. Ainda é possível que muitos dos homens chamados de “enfermeiros” pelos pacientes, mesmo em períodos posteriores, como no caso de LB e TR, nem curso tivessem; era um emprego como qualquer outro, como por exemplo, guardas das cadeias públicas. Jacintho Godoy refere isto em seu livro, ao dizer que quando assumiu a direção do hospital, em 1926, muitos eram guardas e atendentes, não havendo pessoal especializado. No caso do Hospício São Pedro de Porto Alegre, foram as irmãs da Ordem Religiosa de São José que assumiram desde o início esta “prestação de serviços assistenciais”. Godoy, op, cit., p217. Assim, nos primeiros tempos do século XX no Brasil mesclam-se objetivos: o assistencialismo das Santas Casas e das religiosas caridosas, com a “profilaxia” da saúde mental, na mão dos declarados eugenistas brasileiros.

⁴⁴⁸ *No Hospício*, p.18.

Logo em seguida, irmã Teresa foi referindo os hábitos do doente, que, para maior surpresa ainda do curioso ouvinte, eram de quem gostava de contemplar a natureza, pensar, ler, estudar e escrever. Fileto acordava cedo, esperava o dia no parque do hospital, e por lá vagueava até as sete horas, “muito pausado e pensativo, parando de instante em instante, a fitar o céu, percorrendo com os olhos todo o horizonte, como quem procura sinais pelo espaço e tendo uns movimentos de quem se entende com seres invisíveis”. ⁴⁴⁹ Também pouco conversava, e menos ainda gostava de companhia – “mas creio que é assim porque suspeita sempre que a sua prosa não vai agradar”.

Cerca de um mês depois que aqui chegou, ele passou doze dias sem abrir, sequer, a veneziana do seu cubículo: lia ou escrevia, sem cessar, dia e noite. Em seguida, mudou de repente: ficou sereno e expansivo... bem entendido, só expansivo como ele é capaz de ser - no semblante e, sobretudo, na calma do seu olhar augusto... olhar que sempre me parece ter alguma coisa de divino... E só então, começou a distrair-se pelo parque, a parar, estatelado, ante as palmeiras triunfais, a mirar longamente as flores exuberantes das leivas, ou à beira do tanque, a bater as palmas para chamar a atenção das aves.⁴⁵⁰

Existiria outra descrição tão densa, e ao mesmo tempo tão verdadeira, tão fidedigna, sobre o “estado do ser” de uma pessoa introspectiva – introspecção esta que poderia ser tanto de alguém que esteja pensando, refletindo, como também de alguém entregue a devaneios e fantasias, imerso numa viagem a seu mundo interno, tentando folhear as páginas de seu “livro interior”?

Supõe-se que esta sua afeição por ele, a forma como o descreve, a maneira como dele fala, é o que fez despertar no narrador seu interesse maior por Fileto. “E sóror Teresa suspirava com uma quase angústia de mãe que lamenta...”

⁴⁴⁹ Ibidem.

⁴⁵⁰ Idem, p.40.

E, assim, narrador e *sóror* tecem um pacto, presente na ficção desde o início da narrativa, onde ambos demonstram sua curiosidade e carinho; mas indo além disto, pois consideram-se a família dele nesta vida de exclusão. Ao identificarem-se com o “louco”, em suas sensibilidades, desfazem a fronteira pré-existente entre sanidade e loucura, pois os três pareciam “falar a mesma língua”: “Pedi a sóror Teresa que procurasse insinuar-me no espírito do enfermo, dizendo-lhe, sempre a meu respeito, coisas que pudessem chocar-lhe a sensibilidade, e dando-lhe a entender as minhas simpatias”.⁴⁵¹ Embora tenha demorado um pouco para acontecer, após a entrada do narrador no manicômio como enfermo, ele realmente conseguiu a “amizade” de Fileto.

Porém, antes de tornar-se um “paciente” – seu plano deu certo com a ajuda de Sóror Teresa –, ele impacientava-se e assombrava-se a cada relato da irmã, pois esta afirmava, veemente, que Fileto era portador de um espírito vastíssimo, de uma lucidez e originalidade fora do comum.

Fileto, como os outros “personagens” já estudados nesta tese, também era “amigo dos livros e das belas letras”, gostava de ler, escrever e estudar, como constata sua enfermeira.

Preferências? “De tudo ele se ocupa...”. Falava sobre ciência, arte, história natural, filosofia, jurisprudência. “Tudo”! Rocha Pombo presenteou seu personagem “louco” com uma vasta cultura, bem fundamentada em autores clássicos e importantes, destas áreas citadas, como informam os próximos capítulos da obra, onde os dois pacientes – loucos ou não? – irão deleitar-se em grandes devaneios filosóficos e místicos – o que proporcionou as críticas, já comentadas,

⁴⁵¹ Idem, p. 33.

dos eruditos de sua época e outras mais contemporâneas, no que tange tanto à questão da loucura, como da obra literária em si.⁴⁵²

Mas, novamente, a ficção mostrou-se inteira, numa divergência aguda com a realidade concreta, como se fosse uma peça teatral. É o que apresenta o seguinte relato, relativo a mais um momento do cotidiano de Fileto, onde as palavras saindo em turbilhões são incompreensíveis e o gestual é característico:

Agora ele vai estudar. Não deixa os livros e a mesa de trabalho um instante, no correr do dia. Estuda e escreve sempre. Às vezes levanta-se para recitar o que escreveu. E chega então a emocionar-se, **fica mais pálido ainda, estremece, agita-se todo, numas convulsões estranhas...quase que sorri olhando deslumbrado para fora e fazendo uns gestos misteriosos...** Mas quando recita não fala alto: revessa as palavras atropeladamente...E fica nos ares um vago sussurro, como as vozes que vêm de muito longe...Depois, cai imóvel por algum tempo, a dizer frases ininteligíveis, ou a meditar...quase que consternado...⁴⁵³

Ou, então, pode-se dizer que a ficção mesclou-se à realidade de um louco em pleno “surto”, em plena crise, pois é assim que as pessoas foram acostumadas a imaginar e a olhar um paciente de hospício...

⁴⁵² Para Roberto Vecchi, existe uma duplicidade de funções nas representações da loucura que aparecem no texto. Por um lado, elas são disfarce e mascaramento, “que retomam o *topos* estético acentuando o simbolismo da condição de doente mental como exilado do prosaísmo burguês e se compenetraram de sentido ideológico do romance” – exemplificado pela farsa do narrador ao transformar-se em doente, tendo este, a partir daí, uma visão paródica da doença: “a condição criada pelo disfarce consciente [‘sem pestanejar fui logo afivelando a máscara de louco’p.98] até produz no narrador a sensação privilegiada de recomposição do sentido unitário original do mundo: [Nunca me conciliei com o mundo! Agora, tudo mudou. Agora eu ficava sendo uma só coisa na vida, andasse como andasse, dissesse o que dissesse: eu era simplesmente um doido. E, como doido, eu ficava acima de toda a humanidade. P.30]”. Por outro lado, em alguns momentos do texto, emergem “infiltrações intermitentes do real que ressemantiza a loucura com seu sentido próprio, desmascarando o motivo literário e recolocando, de forma bastante realista e anti-simbólica, a separação entre razão e desrazão. Vecchi dá o seguinte exemplo para esta sua assertiva: “O infeliz rugia clamando que não era louco, fulminando com apóstrofes o mundo, sorrindo amargamente para a luz do dia, de mandíbulas abertas de fera faminta, a ofegar de dor, numa erupção de cóleras vulcânicas, como se a alma danada lhe tivesse a irromper dos olhos flamantes.” [p.81]. Vecchi, Roberto. *Excentricidade fora do Centro: simbolismo da loucura e crítica do moderno em Rocha Pombo*. In: Manzi, Joaquín. *Locos, excéntricos y marginales en las literaturas Latinoamericanas*. Coloquio Internacional. Université de Poitiers - CNRS- URA 2007- Centre de Recherches Latino Americaines. 1999. pp147-158.

⁴⁵³ P.21. Os grifos são meus.

Desde os primórdios das representações humanas, a loucura aparece como se assemelhando a este estado: convulsivo, irracional, “teatralizado”, com gestos estereotipados e “misteriosos”. De Hércules, do hino de Homero ou da tragédia de Eurípedes, *Hércules Enlouquecido*⁴⁵⁴, passando pelas históricas de Charcot na Salpêtrière do século XIX, até nossos dias povoando as centenas de manicômios contemporâneos, a loucura é vista sempre assim: possui uma representação “mais convincente que a realidade”, pois esta, remetendo “para além do espelho da realidade objetiva”, é “mais forte que o real”.⁴⁵⁵

No dizer de irmã Teresa, Fileto sofria de histerismo, ou neurastenia – conforme os médicos. Mas ela também não compreendia estes diagnósticos, pois eles não se adequavam à imagem que ela fazia dele. Além de tudo isto já revelado, havia uma outra coisa que a fazia cismar muito, e ela não entendia que fosse coisa que “doido gostasse de fazer”. Nas redondezas do hospital, havia um piano, que Fileto gostava de escutar “como se fosse a voz de alguém a lhe falar”. Sempre à tardinha, ele ficava na janela à espera daquelas músicas que pareciam dominá-lo: “e quantas vezes, ao recolher como quem se escondia, eu lhe vi rolar pela face uma lágrima furtiva. A princípio, quis adivinhar tudo, mas... enganei-me: *só a sua sensibilidade é que fazia aquilo*”.⁴⁵⁶

⁴⁵⁴ Várias lendas da Grécia antiga, assim como as tragédias, mencionam Hércules (nome do herói na Mitologia romana) tornado louco pela raiva de sua madrastra, Hera (ou Juno), esposa traída de Zeus (Júpiter). Hércules (nome do mesmo herói na Mitologia grega) era filho da traição de Zeus com Alcmena, e desde pequeno apresentava descomunal força, tanto que matou sozinho a serpente que Hera mandou a seu leito. Mas sua loucura veio na forma de surtos violentos, inclusive de assassinatos; em um de seus tantos acessos, ele matou toda a sua prole com Mégara, a filha de Creonte, rei de Tebas, queimada no fogo. Hera não o poupou deste ataque de loucura, nem tivera piedade de Mégara e dos pobres inocentes filhos. Seu sentimento de vingança à traição de Zeus falou mais alto. A maior parte das lendas refere seus 12 trabalhos como forma de se escusar de tão terrível feito, de limpar da própria alma o crime que cometera e livrar-se do remorso que o atormentava. *Mitologia Grega*. Abril Cultural, tomo II, s/d.

⁴⁵⁵ Esta noção de representação encontra-se em Ginzburg, Carlo. *Olhos de Madeira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

⁴⁵⁶ P.22. Os grifos são meus.

A freira mostrava-se bastante sensível à condição de Fileto, ao observar e comentar a própria sensibilidade do moço em relação às coisas que costumava fazer no hospício. Ela não entendia o porquê dele ser considerado louco, e tentava repartir isto com aquele homem - o narrador sem nome - que se interessava cada vez mais pelo paciente, a ponto de fazer-se passar por doente, aos olhos do diretor do hospício, dos médicos, pacientes e, principalmente, de Fileto.⁴⁵⁷

Ambas sensibilidades, supostamente contrárias à ciência médica de então, estão resumidas no pensamento do narrador, ao espantar-se mais uma vez com as declarações de *sóror*, do seguinte trecho: “Que ciência é esta que assim condena uma pobre criatura humana sem ouvi-la e abandona assim um espírito à solidão horrível de um hospício... Que ciência é esta que não cura os loucos!... Que sociedade então fizemos que não salva os perdidos!...” Ele não compreendia como uma pessoa tal qual Fileto pudesse passar despercebido lá dentro, como não havia no mundo quem se comovesse com aquela irremediável tristeza...

Assim, chegou o momento de sua ação. “É preciso não perder de vista aquele espírito”. O narrador resolve ficar mais tempo dentro do manicômio, e pede a ajuda de *sóror*, a qual não poupa esforços para verem alcançadas as suas intenções. Como ele não fosse médico, como ela pensava no início, e não quisesse passar por enfermeiro, guarda ou servente, só ficaria mais tempo ali se fosse paciente.

⁴⁵⁷ O romance começa já com o diálogo entre o narrador e *sóror* Teresa, cujo assunto era já Fileto. Com exceção da referida “nota de advertência” que consta na primeira edição de 1905, nenhuma outra introdução é feita, por parte do autor. Assim, não se sabe por que o narrador encontra-se no hospício, conversando com a irmã-enfermeira. Apenas ele está lá, e a partir disto, começa seu interesse pelo doente. Pode-se imaginar que ele fazia uma espécie de “trabalho assistencial voluntário”, pois à página 26, quando ele ainda não estava internado, ele dizia que “no outro dia não era permitido visitas aos doentes” dando a entender que ele ia ali sempre nos horários de visitas do hospital. O que o escritor quis mostrar com isto?

Idéia maluca esta, de se passar por maluco! Mas ela é tratada, pelo autor, com grande "ingenuidade", pode-se dizer, com alegria e mesmo com uma certa euforia. Não houve, em momento algum da obra, uma só idéia preconceituosa, sinistra, oculta por parte do romancista, em relação ao narrador assumir-se como louco. Ao contrário, foi um recurso coerente para discutir esta temática, e não somente colocar em pauta as questões tão caras aos simbolistas brasileiros, como a religiosidade e os parâmetros de sua estética. Mesmo sendo um dos temas preferenciais aos simbolistas brasileiros, como dizem os críticos e mostram algumas obras, por que o autor escolheu-o desta forma?

Se existe uma imagem estereotipada sobre a loucura, no romance, é fruto da representação que se tinha sobre ela naquele momento histórico, a qual, parece, ele também queria discutir. Porém, quando o narrador finge-se de louco, para poder ficar perto de seu objeto de interesse e “pesquisa”, não é bem a “visão paródica” da doença que entra em cena, mas a “anti-visão” da loucura, como contraponto àquela assumida pela sociedade.

Tem-se, portanto, nesta atitude ficcional, as “marcas de sensibilidade” do autor, consteladas no ato da escrita., remetendo, assim, à interioridade do texto literário. E de onde se percebe, ao mesmo tempo, na dialeticidade entre autor e seu processo criativo, os “traços de historicidade” – que remetem para fora do texto, ou seja, às representações sobre a loucura da sociedade da época. Não é difícil imaginar a intenção de Rocha Pombo, ou pelo menos supô-la, pois se *parecer louco* não era difícil, bastando com que o narrador fosse ele mesmo, dizendo, por exemplo, o que lhe bem aprouvesse, isto é, sendo sincero, então *ser louco* era algo que não deveria excluir socialmente o cidadão acometido por tais “condutas”.

Reflexão esta que estaria, de certa forma, também coerente aos preceitos simbolistas, uma vez que estes tentavam, entre outras coisas, ir contra os modelos rígidos estabelecidos de ordem positivista na sociedade. Sob o "disfarce da loucura", o ficcionista consegue expor, tanto com Fileto como com o narrador, um debate estético - da estética simbolista - e com ela abrir horizontes de ordem geral, notadamente de ordem filosófica, incluindo na discussão o debate sobre a própria loucura - o que, sem dúvida extrapolava, na época, os círculos dos simbolistas.

Em outras palavras, as questões sobre a doença mental abrangiam questões sociais e culturais mais amplas, e eram, neste momento histórico, discutidas também no cerne da sociedade letrada e não somente nos gabinetes de políticos ou médicos. As sensibilidades sobre este tema, povoariam, aos poucos, nossa literatura, talvez desde a escritura de "O Alienista" de Machado de Assis.

Escritas relativas a esta temática sobrepunham-se umas às outras, na Literatura brasileira - e mesmo naqueles que queriam ser escritores, mas eram "somente loucos internados em hospícios", como TR. Vê-se com clareza a intertextualidade existente nestas obras, como será demonstrado mais adiante.

Conseguido seu intento, de "freqüentar" o manicômio como paciente interno, vem a luta para aproximar-se de Fileto e ser aceito por ele. Como já mencionado, é, mais uma vez, sóror Teresa que se empenha, junto com ele, nesta questão.⁴⁵⁸

⁴⁵⁸ Ao procurar saber o nome daquele interno que o interessava, a irmã diz que eles são, no hospício, somente números, mas que ouviu a família chamá-lo de Fileto. Este era o número 87 e o narrador recebia o número 119 para sua identificação. Fidedigno à realidade da não ficção, faz lembrar a descrição de LB quando menciona que no HNA todos ali eram somente números!

Durante todo o texto, o romancista expõe, através dos escritos auto-referenciais de Fileto, noções sobre doença mental, implícita e explicitamente, que se supõe serem suas próprias opiniões e sensibilidade a respeito - mesmo sendo uma temática preferencial aos simbolistas no conjunto do movimento.

Porém, é importante destacar que uma grande parte do romance está recheada de divagações sobre o "espiritual", sobre a doutrina cristã, sobre Jesus, sobre o sentido da vida na terra, e isto é o que aproxima os dois personagens, aliás, os três, pois não deve ser "por acaso" que, neste texto ficcional, a enfermeira é também uma irmã caridosa.⁴⁵⁹

Por alguns dias, ambos, "87" e "119", ficaram observando-se mutuamente, solícitos, mas distantes, sendo a única intermediária a amiga em comum.

Não havia neste mundo criaturas mais felizes do que nós. Em menos de 15 dias eu me tinha familiarizado com o moço a ponto de nos tratarmos às vezes por tu, mas sempre com as reservas, os respeitos e as piedades que um doente deve ter para com outro. O que notei com mais surpresa foi que Fileto me observava a mim com a mesma solicitude e carinho com que, por minha vez, o observava eu. Éramos agora dois loucos, que ali nos íamos estudando; mas cada qual supondo-se com muito juízo e, portanto com o dever de mais misericórdia com o outro. Devo confessar, entretanto, que ele era sempre menos normal do que eu: criatura mais alta e mais fina, espírito extraordinário, imenso coração - portanto um amor tão generoso e tão humano, que parecia exceder à exuberância do seu gênio - Fileto chegava a obumbrar-me. Nunca se há de saber no mundo como aquele homem foi grande.⁴⁶⁰

⁴⁵⁹ Remete-se o leitor às páginas 83 a 92 do romance, para ter uma idéia geral do poema denominado *Jesus*, escrito pelo narrador em um de seus volumosos cadernos, durante sua estadia no hospício, exatamente com a motivação de "trocar" com Fileto. Foi este escrito que os fez aproximarem-se mais intimamente e conversarem pela primeira vez. Ele fazia de tudo para "chamar a atenção" do doente, dizendo interessar-se por estas questões do espírito e da alma, percebendo nele um eco para seus questionamentos. Como este assunto não interessa especificamente à presente análise, remete-se, então, à referência no texto. Foi dito por Massaud Moisés, com muita propriedade, que o narrador refletiria o pensamento do ficcionista, em suas idéias e manifestações simbolistas, nestas longas divagações sobre religiosidade e arte.

⁴⁶⁰ P.36. O verbo *obumbrar*, praticamente não usado nos dias de hoje, é utilizado por RP em inúmeras passagens do romance. Significa, neste caso, que Fileto e sua personalidade pareciam ficar obscuros ao entendimento pleno do narrador. Fileto ofuscava sua razão.

Destaca-se nesta passagem uma das primeiras comparações feitas entre sanidade e loucura, referindo-se aos dois personagens. As características do "menos normal" não possuem valor negativo, pois além daquelas físicas - mais alto e mais fino - , o narrador concede à Fileto traços psicológicos fortes e saudáveis, "espírito extraordinário, imenso coração". Reverencia, com isto, os preceitos simbolistas, colocando, assim, uma inversão de papéis: o louco era são.

Embora caminhassem juntos pelo parque e tivessem tornado-se amigos, ainda custou um pouco para que conversassem abertamente sobre as questões que a ambos afetavam, isto é, suas reflexões metafísicas - situação esta que deixava o narrador apreensivo. Passava-se um mês e nada de se aproximarem como ele intentava. Dentro deste regime de internato, um mês significa muito em questões temporais, porém na vida, este período é pequeno para realizarem-se mudanças e aproximações.

Mas de qualquer forma, ele se angustiava com isto. Nota-se que para Fileto a temporalidade vivida no hospício integrava-se à sua normal, pois os dias transcorriam "suavemente como a bruma de primavera", enquanto que para "119" tudo era novo, e adaptar-se a este tempo de "exclusão voluntária", em um "lugar de ares lúgubres de dias ominosos", era um suplício.

O narrador passava dias a fio tramando o tecido de seus escritos, os quais serviriam para chamar a atenção - e a curiosidade - de Fileto sobre ele. Mas nestes momento, quase desesperava, pois o vizinho de cela apenas o cumprimentava, era solícito e só - não pedia para ler seus textos.

Parecia ao narrador que Fileto achava-o doido, como doidos eram todos que estavam naquela casa. Assim, sanidade e loucura confundem-se, intencionalmente, na narrativa de RP, desde o princípio - e é esta "fórmula" que se entende ser o fio condutor do romance.

Remete-se, aqui, à intertextualidade com o texto de Machado de Assis, do conto "O Alienista", onde há "loucos e normais", sem qualquer possibilidade de distinção. Na cidade de Itaguaí, os cidadãos que pareciam loucos foram sendo um a um trancafiados no hospício criado pelo doutor Simão Bacamarte. Questionando as atitudes das pessoas e resolvendo estudar os "recantos psíquicos", o médico transforma a Casa Verde num cárcere a que todos estão sujeitos - uma vez que qualquer um é capaz de ter alguma anomalia. Assim, todo cidadão da cidade pode cometer um ato que, julgado anormal, é passível de tratamento.

Pouco depois, Bacamarte muda seu julgamento para a tese oposta, "a normalidade estava no desequilíbrio das faculdades mentais", achando que loucos eram aqueles que passavam por sãos, liberando assim aos que estavam internados e recolhendo estes à sua "casa de orates".

Estes "novos loucos" eram aqueles que possuíam um comportamento moral adequado até então: eram os modestos, os leais, os verdadeiros, os tolerantes, os magnânimos, os sinceros, ... Enfim, aqueles de virtudes visíveis nos parâmetros humanos.

A seguir, curando a todos e estabelecendo em Itaguaí o "reinado da razão", um outro questionamento vem à tona: "como pode existir um mundo sem loucos?" Fazendo mais uma e derradeira inversão de significados, admitindo que ele próprio é insano, coloca-se enclausurado, indo morrer na Casa Verde, sem conseguir a cura de si mesmo.

Embora outras análises e interpretações diversas já tenham dado conta deste texto de Machado em outros aspectos ⁴⁶¹, no viés da loucura percebe-se que ele é inovador para a época e pode ter influenciado os autores posteriores. As digressões do médico Simão Bacamarte mostram o quanto são indefinidas as fronteiras entre a sanidade e a loucura.

As lentes de Machado de Assis apontam, também, para a situação real do doente naquele período em que se passa a história, final do século XVIII - "cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam soltos pela rua." ⁴⁶² Não satisfeito com esta situação, ele resolve pedir licença à Câmara para agasalhar e tratar todos os loucos da cidade e adjacências no edifício que iria construir.

⁴⁶¹ Ver os textos de Regina Zilberman e Sandra Pesavento, por exemplo. Zilberman, Regina. "De médico e de louco todo mundo tem um pouco", ou Machado de Assis e a racionalidade da loucura. In: Manzi, Joaquín. *Locos, excéntricos y marginales en las literaturas Latinoamericanas*. Coloquio Internacional. Université de Poitiers - CNRS- URA 2007- Centre de recherches Latino Americaines. 1999. Pesavento, Sandra. Com os olhos de Clio ou a Literatura sob o olhar da história a partir do conto Alienista de Machado de Assis. In: Confrontos e perspectivas. *Revista Brasileira de História*, ANPUH-editora Contexto, SP, v.16, nº31 e 32, 1996, pp.108-118. A primeira observa que a crítica machadiana neste texto é a contra o exercício do poder absoluto. "A demência verificada e assustadora é a que provém do exercício do poder absoluto, e é esta que transtorna Bacamarte, tirano que atormenta a vida dos itaguaienses até levá-los à revolta". P.91. Para Zilberman, Machado foi lúcido na crítica que fez ao exercício do poder em sua época, valendo-se, neste texto, da Sandice "para mostrar os perigos que assolam os governantes, capitalistas, sábios e cientistas". De posse das armas da suspeita e da ironia, diz ela, ele atravessa a sociedade de seu tempo, "para apontar os delírios que presenciava e alertar para os perigos que corria." P.92. Pesavento compreende o conto de Machado através das lentes de Clio. Ela vê no texto uma metaforização do social, a partir das representações do real que a ficção oferece. Percebe o movimento do autor em fazer uma alegoria de sua época - cientificista e exaltadora da razão - e da sociedade em que vivia, na cidade do Rio de Janeiro. O médico Bacamarte exercia um poder, conferido por seu conhecimento científico, "capaz de desvendar o mundo, explicá-lo e representá-lo". Uma "galeria de tipos da época" foi colocada dentro da Casa Verde e Machado definiu-os como loucos. "frente à metáfora visível da imagem urbana, ocultam-se os significados implícitos da crítica social, arrasadora na sua mordacidade e na revelação das fraquezas humanas e das representações criadas por um mundo aburguesado de herança colonial e escravista, tal como o que fora criado no país". P.117 Para esta autora, ainda, a legitimação e aceitação consensual dos desvios de condutas e das práticas sociais correntes, que de condenáveis passam a aceitas, que de loucas passam a normais, são uma metáfora da hipocrisia social e, na visão lúcida do escritor, compõem o resgate sintomático de uma época. O eixo da novela poderá ser, entretanto, o arbítrio do poder, antes de ser o capricho de um cientista obcecado pelas leis da racionalidade.

⁴⁶² Assis, Machado de. *O Alienista*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. P.10

Machado é mordaz quando faz o narrador então dizer que, embora a proposta tenha atiçado a curiosidade de toda a vila, "a idéia de meter os loucos todos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico."⁴⁶³

Como não há registros deixados por Rocha Pombo sobre a gênese da obra, não se sabe se esta dimensão intertextual é consciente ou não de sua parte. Tampouco se sabe sobre seu conhecimento e aproximação com esta temática, a loucura, além e fora do romance - salvo as preferências da estética que ele segue.

Talvez seus críticos estivessem certos, talvez não, a respeito da motivação "simbolista" de utilizar esta temática. Mas se examinarmos o romance sob o prisma da loucura, isto é, cotejarmos com as representações que dela se fazia, ou com a própria realidade "intramuros" (isto é, "intramanicomial") da época, apresentada por outras fontes, serão trazidos à luz muitos pontos. O principal *parece ser* este: existe uma intencionalidade em fragilizar a barreira existente entre sanidade e loucura. Página após página as palavras são testemunho disto: "87" e "119" têm uma percepção quase idêntica das coisas da vida, do mundo, das pessoas e "obumbram-se" com as mesmas questões. Certezas e incertezas, aspirações e medos, reflexões e divagações sérias motivam aquela amizade, principiada pela tênue fronteira existente entre as duas "almas", que tanto podiam ser sãs, como doentes. Quem o sabe?

⁴⁶³ Ibidem.

Ele começou tendo-me dó e teve de acabar estimando-me e sendo meu amigo. Creio que no fundo, ele tinha a meu respeito, a mesma persuasão que tinha eu a respeito dele: isto é, ele me julgava tão doido como doido me parecia ele a mim. Talvez, mesmo, andássemos ambos enganados, acreditando-nos, cada qual, um louco para o outro. Eu estava certo de que ele não era, para mim, o mesmo doido que eu era para os outros: só ele é que supunha, talvez, que eu não via nele um homem normal. O mesmo se dava com Fileto a meu respeito. Era tal a dúvida em que vivíamos, um a respeito do outro, que, muitas vezes, ficávamos como duas estátuas, incompreendidos, num quase pasmo, com medo de dizer francamente o que sentíamos, porque, tudo que disséssemos, ia sair de lábios doentes...⁴⁶⁴

Mas em alguns trechos o escritor semeia a dúvida na mente do narrador de sua história. E se Fileto fosse mesmo doido? Pois ele passava dias mergulhado no mais absoluto recolhimento, não saía de sua cela para nada, só lia muito e meditava, sempre com um olhar direcionado ao vazio e mudo. Não comia nem dormia. Nestes momentos até à própria enfermeira ele era esquivo. "Quem sabe lá aquele moço não é mesmo um doido, que só tem momentos lúcidos... Talvez um maníaco, um doente, uma dessas criaturas incompreensíveis, que vieram à terra para ficar, diante dos homens, como indecifráveis enigmas desesperadores... (...)"⁴⁶⁵

Quando algo acontecia que ele não entendia, vinha novamente com suas dúvidas, como na vez em que Fileto recebeu a família e depois passou horas calado sem dizer palavra...

⁴⁶⁴ p. 34. Algumas outras passagens iniciais do romance, que remontam ao momento em que eles estão travando conhecimento um do outro, mostram como o narrador achava que Fileto o considerava um louco e estes pensamentos faziam-no pleno de ansiedade para que aquele logo o reconhecesse como um igual, isto é, como uma alma idêntica a sua. A única preocupação, neste momento de sua vida, era "penetrar no mistério daquele espírito", que "continuava fechado a meus olhos", dizia "119". Muitas passagens, frases e expressões são repetitivas, tornando o texto um tanto enfadonho. Por exemplo, a frase "só os espíritos [almas] sabem amar" ou "só as almas sabem amar as almas" é escrita muitas vezes, sempre que ele deleitava-se com algo que Fileto dizia, ou mesmo no início, quando este ainda não se revelara inteiro para o narrador. "O mundo, sem a presença, sem a luz daquela criatura, esboroava-se para mim; pois que só aquela criatura é que me explicava o mundo e me dava razão da minha existência". Assim, enquanto expediente literário, este texto foi criticado por alguns que se debruçaram sobre ele no passado. Porém, enquanto revelador de sensibilidade sobre a loucura, no plano "leigo", ele demonstra muita coisa, pois é exatamente em função deste fluxo constante, em seus discursos, de questões "metafísicas" e de amor, que muitos doentes recebem o diagnóstico de loucura ou insanidade mental. Os chamados "delírios místicos" estão, desde há muito, catalogados nos manuais de psiquiatria e psicologia como sinais e sintomas de doença mental. Desta forma, embora não saibamos o motivo disto, o romancista escolheu para um romance sobre hospício e loucura, uma temática (a mística e a metafísica) que lhe era cara por ser preferencial aos parâmetros da literatura simbolista, mas também estava plenamente de acordo com as manifestações da psique de muitos daqueles chamados de doentes mentais.

⁴⁶⁵ Idem, P.44-45.

Às vezes, como se desfaziam todas as minhas ilusões... O Fileto me queria parecer, não mais o homem extraordinário que o afastamento me fazia ver, mas um simples doente, com os seus caprichos e as suas manias, um enfermo genial, não há dúvida, mas, em suma, um enfermo, um desequilibrado que não sabe entender a vida, um visionário que a luz excessiva obumbrou e que não mais tem olhos para ver direito.⁴⁶⁶

Mas aquele que não era doido, o narrador, também tinha seus momentos de nostalgia, de sensibilidade aguda, matizada por uma vontade de não estar ali no hospício, e sim no mundo.

Parte dele uma das descrições mais sensíveis sobre o que é "não ser doido":

No outro dia, muito cedo, vi, pela janela do meu cubículo, o Fileto no parque. A manhã é esplêndida. O céu é brilhante, e os lados para onde fica o mar têm uma cor que nos acorda na alma a nostalgia de paisagens desconhecidas. Por um momento, tive desejos de não ser doido, de ser livre outra vez, para dar à minha vida a tensão de um grande êxtase. Como eu seria feliz de poder afastar-me para além, rumo do mundo, emergir na amplidão de grandes horizontes abertos, ver-me entre o céu e a terra, interrogar o desconhecido e saber se o oceano é tão vasto como eu penso?⁴⁶⁷

Esta passagem remete, mais uma vez, a uma intertextualidade. Desta vez, com a obra de Lima Barreto, quando este faz a descrição da enseada de Botafogo, no início do seu texto - tanto no diário como no romance. Os textos correspondem-se. São sensibilidades que se assemelham, de pessoas que estão sentindo a prisão tomar conta de suas emoções e sentimentos, e voltam-se, como num mecanismo de compensação, para fora, para a natureza que envolve o lugar onde estão.

Além disto, esta passagem é mais uma pista do local onde estão, pois se tem mar, pode ser Rio de Janeiro, uma vez que o autor lá morava. Mais adiante, Fileto conta que foi para o sul, Pelotas (RGS) e Minas Gerais, por ordem do pai, que queria se livrar deste filho maluco.

Nesta constante gangorra, entre lucidez e loucura, é que o texto se passa. O próprio diretor do hospício achava curioso e singular que dois loucos tivessem "juízo para camaradagens", que

⁴⁶⁶ Idem, P.103.

⁴⁶⁷ Idem, p.64.

só "gente sã é assentada para ter", chamando a atenção de seus colegas sobre eles, quando os via passear juntos pelo parque, todas as manhãs, "anchos e expansivos".⁴⁶⁸

Algumas vezes ele entrava na cela - ou cubículo, nomes estes que representavam o quarto onde eles dormiam e viviam -, onde os amigos encontravam-se a conversar, e dizia: "Então, excelentes enfermos! Amigos como dois frades, hein!". Ao que se segue o seguinte relato do narrador: "Sem pestanejar, fui logo afivelando a máscara de louco. Ambos erguemo-nos. O doutor nos fez sentir que somos uns doentes bem educados e nos prodigalizou elogios. Por pouco que não nos aperta as mãos".⁴⁶⁹

Há uma outra passagem no texto, anterior a esta, em que o narrador sente-se com medo de que o diretor descubra que ele não está ali por ser necessariamente um louco, mas sim, para pesquisar a vida de um deles. Lá no início da narrativa, quando ele quer internar-se no hospício, ele menciona que "desfez-se de toda sua vida", abandonou emprego - mas não diz qual era este, ou sua profissão, nada que revele quem ele era antes desta nova experiência - conseguindo o dinheiro para a hospitalização e nomeando um amigo seu, "o único a quem poderia confiar uma questão assim", como seu procurador e responsável por sua internação no manicômio.

Já lá dentro, tendo percebido que o diretor desconfiava um pouco de suas atitudes "sãs", se comparadas com aquelas dos outros doentes, ele pediu que o amigo conversasse com o diretor para que este lhe desse toda a "condescendência" possível, o que foi feito com sucesso, pois "ele estava habilitado a ser bom pagante".

⁴⁶⁸ RP, neste trecho, dá a entender que estes "colegas" eram médicos. E em outros, deixa transparecer que o diretor do manicômio é médico, mostrando-se bem "contemporâneo" à sua própria época, pois neste momento era recente o fato dos médicos e psiquiatras serem os dirigentes e administradores das instituições manicomiais, adquirindo o poder sobre elas, tanto quanto sobre o saber de sua especialidade.

⁴⁶⁹ p.96.

Isto quer dizer que o amigo ofereceu dinheiro ao diretor para melhor cuidar e alojar este "hóspede" e, assim, tudo ficou melhor para ele, pois o próprio diretor chegou a dar ordens muito especiais a seu respeito e junto de seu aposento, para que ele ouvisse ... e até com certa freqüência ele o procurava pela manhã, dando-lhe sempre "uns tantos instantes de prosa", gostando muito de ouvi-lo e rindo das suas ingenuidades e franquezas "de doido inocente e pacífico".⁴⁷⁰

Com esta passagem, mesmo que de forma sutil e com expressões polidas, tais como "bom pagante", Rocha Pombo mostra uma realidade que era explícita na não ficção de um manicômio: os pacientes "pagantes", isto é, particulares, tinham sempre prerrogativas que os outros não tinham. Mais adiante, o narrador novamente conta sobre um outro dia em que o diretor entra em seu cubículo e narra a seguinte impressão: "Notei que ele tinha para comigo uma deferência especial, que me quis parecer quase simpatia e solicitude curiosa pela minha situação. É provável que em grande parte a freira concorresse para isso; mas inegavelmente a munificência do meu curador, mais do que tudo, é que produziu aquele milagre."⁴⁷¹

Ao final do romance, ele chama este seu amigo "procurador" para dizer que quer sair do manicômio, e pede que este vá, então, falar com o diretor do hospital, para proceder à alta. No dia seguinte, apavorado por não ter tido mais notícias, fica sabendo pela enfermeira e pelo médico chefe que seu amigo se suicidara ao sair do hospital.

Pasmo com a situação, dá-se conta de que ele deve ter roubado seu dinheiro, pois deveria agora prestar contas. Toda esta explicação aparece muito sutil no texto, pois o mais importante era a discussão, colocada pelo autor, de como faria ele para sair do hospício.

⁴⁷⁰ P.35.

⁴⁷¹ P.67

Há, assim, um brevíssimo momento de *suspense* na trama, quase fazendo lembrar *O Processo* de Kafka, levando o leitor a questionar e sofrer junto, pensando que ele poderia ficar entregue "para sempre" aos mandos da instituição. Mas não, isto não passava de suspeita, um artifício real para o *suspense*, pois digno de nota foi a resolução do autor: como era um paciente "particular", pagava para estar ali, e agora já não tinha mais alguém "responsável" por ele, então estava livre: poderia sair do hospício por sua vontade, assim como entrou.

Foi mais um toque sutil do romancista, ou foi a única solução ficcional encontrada para o impasse da alta? Isto é, como o diretor daria alta a um paciente que julgava louco, apenas com o pedido do "tutor"? De alguma forma isto também acontece na "vida real", pois lembre-se de TR, em cuja papeleta médica estava escrito que tinha alta a pedido do pai, para tratamento em casa. Mas isto só acontece mesmo com pacientes que pagam pela internação, pois recusando-se ou não podendo mais pagar, então podem (devem?) ser retirados do leito hospitalar.

Outros trechos, no decorrer da narrativa, mostram o quanto o médico chefe do manicômio sentia-se curioso por estes dois doentes "especiais". "119" esforçava-se por "ter originalidade e desplantas que não destoassem" de sua loucura. Elogiava o hospício, a solicitude das enfermeiras, principalmente irmã Teresa, a limpeza do local, reclamava de um "colega rabequista" que não deixava sossego na cela da frente; em suma, conversava seguidamente com o doutor, argumentava, expunha-se como um "louco sensato", deixando este "meio embasbacado" com os assuntos que ele lhe trazia. "Mesmo um doido pode conseguir coisas que seriam impossíveis em outras condições!", diz ele, ao ver que o diretor retirava o rabequista do local para não mais incomodá-los.

Logo após um destes encontros, ele pergunta à irmã como o chefe da casa reagiu à sua conversa, ao que esta prontamente responde que ele havia dado as ordens mais inequívocas a seu respeito e ao colega ao lado (Fileto). E mais, que ele não se preocupasse, pois ele não suspeitava "contra a sua doença", estando convencido de que ele, o 119, "não passava de um caso bem caracterizado de **monomania literária**".⁴⁷² Quanto a Fileto, o médico acreditava ser um caso mais grave, e o narrador termina este capítulo argüindo:

Bom, pelo menos havia lógica na inconsciência do pedante. Somos afinal uns doidos inofensivos, que não reclamam nenhum rigor do regime. É exatamente a única coisa que nos interessa. O que nós ambos queremos é passar naquele retiro sem que nos incomodem. **Uma vez que não temos direito algum desde que nos encontramos com a sapiência dos doutores que regem o nosso destino, e que dispõem, como árbitros supremos, da nossa vida,** o que há de mais razoável é acomodar do melhor modo a nossa loucura com as contingências em que a sorte nos pôs.⁴⁷³

Este momento da obra é um dos mais explícitos em relação às críticas do próprio autor. Ao mesmo tempo em que ele se utiliza de argumentos que fazem desvanecer os limites entre saúde e doença, manipulando, por exemplo, seu discurso ao diretor manicomial, e dando um diagnóstico "literário" ao narrador sadio, ele também identifica este a um doente que é submisso ao saber médico onipotente nestes casos.

Rocha Pombo tanto usa nomenclatura coerente àquela da época, para caracterizar os loucos como a sociedade o fazia, "loucos inofensivos", como faz também a crítica ao poder

⁴⁷² pp.67-68. Os grifos são meus. Foi Esquirol (1772-1840), discípulo de Pinel, o criador do conceito de monomania, que deu lugar a uma nova modalidade do conceito psiquiátrico de loucura moral (*moral insanity*), definida como a doença mental própria de uma pessoa com bom nível de inteligência, mas com graves defeitos ou transtornos de seus princípios morais. Definiu-a como um delírio parcial que afeta uma parte do campo cerebral, podendo o sujeito ter intervalos de lucidez e loucura alternadamente. Este conceito foi usado muito na psiquiatria e antropologia criminais, mas também foi amplamente afetado no correr dos tempos, isto é, redefinido, conforme variadas correntes psiquiátricas. A característica que a acompanha, "literária", depende de cada caso. Neste, o diretor via bem que estes pacientes gostavam de ler e discutir autores. Mas além desta interpretação, tem-se a impressão de que Rocha Pombo admite sua própria "mania", aquela da literatura, que foi o mote de toda sua vida pessoal e profissional. Existe também, por exemplo, a "monomania religiosa", cujos delírios adentram este campo da religião e misticismo. E se era este um outro caso perceptível nos personagens deste romance, por que não foi este o diagnóstico "tirado da manga" do autor?

⁴⁷³ P.70. Os grifos são meus.

absoluto que a Medicina intenta ter sobre eles, reclamando aquilo que a sensibilidade de todos os "loucos" reclama - e isto foi visto em todos os textos aqui trabalhados - ou seja, a falta de liberdade concedida a estes para serem donos de seus destinos.

Algumas outras discussões estão implícitas na obra do historiador e escritor Rocha Pombo. O texto remete, por exemplo, àquele debate que fala do hospício como um depósito de pessoas que não são loucas, "basta fingir bem, que o médico não descobre". Mais uma vez pode-se perguntar, que Medicina é esta que não sabe diferenciar um homem são de um doente? E, ao mesmo tempo, que sociedade é esta que por motivos pessoais e egoístas leva um cidadão a uma situação de exclusão? E o que leva realmente alguém a enlouquecer são suas próprias "predisposições", ou a loucura pode ser construída pelo interesse de alguns?

Há uma parte da narrativa, adjacente à história principal que corrobora o ponto de vista de que o autor quis colocar algumas outras discussões em pauta. Em determinado dia em que Fileto e o narrador, já amigos íntimos, estão entregues às suas leituras profundas e discussões, um dos "loucos furiosos que ocupam a série de células que ficam na outra aba do edifício", na frente das celas destes, prorrompe num alarido imenso, pondo em alarma toda a casa.

"O infeliz rugia, dizendo que não era louco, fulminando com apóstrofes o mundo, sorrindo amargamente para a luz do dia, de mandíbulas abertas de fera faminta, a ofegar de dor, numa erupção de cóleras vulcânicas, como se a alma danada lhe estivesse a irromper dos olhos flamantes." ⁴⁷⁴

Ambos ficam impressionados diante de tal cena, fazendo "87" o comentário de que a prova que aquele era louco mesmo estava no afã desesperado com que estava clamando aos ares. "O pobre não sabe que só os loucos protestam contra a força". "119" não concorda de todo com o amigo, questionando sobre a possibilidade de aquela criatura ser mesmo "vítima da ignorância dos doutos", aliás, como ele próprio, que estava ali a enganar o próprio médico chefe do hospital - embora isto não tenha referido a seu colega.

Fileto discutia esta questão, a da loucura, tão avidamente, como todas as outras a que se prestavam seus devaneios.

Ele achava que, mesmo que o paciente da frente se visse na necessidade de ser louco à força, "devia ter o bom senso de ser um louco discreto e digno". Ao que o narrador respondeu: "Por mim, não sei o que seria do meu espírito se um dia aprouvesse à ciência dos homens

⁴⁷⁴ P.81. Sob o prisma da literatura em si, segundo Massaud Moisés, Rocha Pombo conseguiu superar as dificuldades das limitações de escrever um romance na primeira pessoa e evitar o perigo da monotonia dos extensos "monólogos". "Primeiro: porque faz confluir para o hospício as personagens cujo drama interessa perscrutar, ainda que secundariamente (o pai de Fileto, Alice, etc); assim, pode refletir todos à vontade, usando o simples expediente de provocar o seu encontro num só espaço físico; segundo: o diálogo e o intercâmbio literário entre os dois protagonistas criam "janelas" para outros horizontes, psicológicos ao menos, dando origem a situações que enriquecem a equação principal; terceiro: como o narrador não pode ser ubíquo na sua qualidade de protagonista da ação, o romancista inventa um alter ego capaz de suprir-lhe a ausência, ou seja, Sórora Teresa. Deste modo, devido a um invulgar equilíbrio interno (invulgar dentro das balizas simbolistas, bem entendido), o romance mantém viva a atenção do leitor ao longo de suas 273 páginas. E mantém-na não pelo enredo, mas pelo progresso das relações entre narrador e Fileto: nas verdade estas fazem as vezes duma intriga absorvente, ou acabam por assimilar-lhe as feições. De qualquer modo ficamos rendidos ao desenrolar a amizade entre ambos, e tendo no espírito a indagação usual nestes momentos: e depois? E depois?". Op. cit. p.252. Sob o prisma da "loucura" ver-se-á quão rica é a inserção da história deste "louco furioso" em frente à cela de Fileto, na trama.

sepultar-me num daqueles recintos, entre aquelas grades de ferro... Até que ponto o meu bom senso seria responsável pela minha compostura?" ⁴⁷⁵

Note-se, aqui, a ligação que existe entre a expressão grifada, "sepultar-me num daqueles recintos" e a imagem que Lima Barreto fez do hospício, nomeando seu romance de *Cemitério dos Vivos*. Mais uma vez observa-se, portanto, a intertextualidade presente na obra, esta dimensão "palimpséstica" que existe nos textos, onde as escritas se "sobrepõem" e dialogam entre si.

Após um outro episódio com este mesmo "louco", mais adiante na narrativa, o narrador desabafa em suas linhas:

Eu sentia, portanto, uma necessidade de prece, para redimir-me daquela imensa culpa de não ser também um desgraçado como os loucos que ali estão. A dor de não sofrer no meio dos que sofrem é horrível! Antes daquela fase da minha vida, nunca poderia eu acreditar que num hospício a gente chegasse a aspirar a demência... E no entanto, quem me diz que no fundo desta caridade estranha que ali se desperta em nossa alma não haverá, dissimulado, o mais monstruoso dos egoísmos? Sim: **porque os loucos talvez não sofram como os que vêm sofrer aos loucos...** ⁴⁷⁶

"É assim, a tristeza dos homens", completa. A sensibilidade indignada do narrador frente ao sofrimento alheio é aguda, nesta parte da história, sendo um dos fatores que predispõe ao que se aponta ser o "esfacelamento" da fronteira entre saúde e doença, nesta ficção, pois só sendo doente num lugar daqueles para não sofrer com a doença do outro

Ambos estão "meio pasmados" com o que enxergam e escutam na cela do outro lado; emudecem, refletem, ficam "imersos em profundas meditações", vêem o louco desandar a chorar, ao passar o ataque violento - são os chamados "loucos furiosos", pela sociedade - e pensam que

⁴⁷⁵ Idem, p.81. Os grifos são meus.

⁴⁷⁶ Idem, p.127

"sua fronte macerada para além, para o amplo dia triunfal que, lá fora, alegrava a vida, é como quem apelasse para a misericórdia de alguma potestade invisível".⁴⁷⁷

O questionamento de ambos sobre a loucura, expresso pela narrativa do autor, aprofunda-se nos próximos parágrafos do texto e mescla-se, sem dúvida, ao modo de ver o mundo do romancista, demonstrando através deste complexo de assertivas, quem sabe, sua própria *Weltanschauung*:

Vamos admitir que aquele homem sofre, de fato, algum desarranjo na dinâmica do seu organismo...Pergunto: serão aqueles, meu Deus, os meios racionais, os meios mais eficazes e principalmente, os meios mais humanos de restaurar o equilíbrio daquela vida, a consciência daquele ser? Suponhamos que se trata, não de curar a doença, mas apenas de segregá-lo por comodidade dos sãos; mas então é preciso crer que não seja possível tornar menos doloroso e menos medonho aquele castigo?⁴⁷⁸

Diante de tal reflexão, Fileto emudeceu para, minutos depois, sair de seu "transe reflexivo" e exclamar: "Ah...Este problema da demência é para mim um abismo insondável que me atrai. Eu devia ser médico e viver no meio dos doidos.."

Algumas horas depois deste "incidente", o diretor fez sua visita costumeira aos "excelentes enfermos", e logo foi inquirido sobre o "louco ali da frente" de suas celas, tendo o narrador utilizado um elogio ao médico, dizendo "Ah, doutor, nós sempre somos um pouco mais mansos do que aquele ali da frente, hein! Faça idéia da sua piedade por aquele infeliz...Se conosco o senhor é tão bom!"⁴⁷⁹ Desta forma, conseguiu que o douto revelasse dados importantes sobre a história daquele paciente, e que remete à análise, referida acima, sobre as

⁴⁷⁷ P.82. É digno de nota este contraste apresentado entre o dia da natureza, exuberante, e a injustiça sentida pelo louco furioso, em sua cela, tentando ver na natureza externa alguma divindade que o pudesse salvar daquela prisão em que se encontrava, ainda mais clamando por justiça, pois não se sentia louco. Esta sensibilidade do louco para com o seu estado mental é que parece desde sempre não ter sido escutada pela sociedade nem pelos doutos que, como diz o nome, detém o poder da sabedoria sobre estes doentes e seus "estados de alma". Ver-se-á a seguir o motivo deste paciente ter sido internado.

⁴⁷⁸ P.82.

⁴⁷⁹ p.98 e ss.

motivações de uma doença e o que a sociedade faz para aumentar o desequilíbrio de certas situações.

Assumindo "toda a responsabilidade de sua infinita ciência", o médico foi logo retrucando que a prova mais cabal de que aquele louco era louco mesmo era a de bradar que não o era. O narrador e Fileto ficaram pasmos com esta afirmação, mas foram em frente com seu intento.

Então ouviram que o "pobre moço tem mesmo é um romance comovente". Tinha ido parar ali, há dois dias, estando calmo até a manhã daquele. Era de uma família pobre e obscura de Minas, mas à custa de sacrifício pôde fazer sua educação, tendo se formado em São Paulo, entrado para a diplomacia e ido para Europa e América do Norte. Voltando ao Brasil, há cerca de um ano, enamorou-se perdidamente por uma moça de família opulenta "daqui".⁴⁸⁰

A recusa da moça, no início, não o desiluiu e continuou a "cortejá-la", ao invés de voltar a seu posto no estrangeiro. Quando esta não aceitou definitivamente casar com ele, caiu então em desgraça, "perdendo aquilo que vale mais do que tudo - a paz e o prumo". E o médico foi terminando, assim, o relato deste infortúnio: "Para que se lhe completasse a obra do amor mal sucedido, perdeu também o lugar... caiu em complicações... afundou na miséria... entregou-se de todo à desgraça... até que a loucura furiosa se caracterizou...Vejam os senhores o que é capaz de fazer uma paixão desastrada!..."⁴⁸¹

⁴⁸⁰ Este "daqui" mostra o lugar de onde falam eles, da cidade onde o manicômio está instalado, mas certamente não é São Paulo, mencionado na frase.

⁴⁸¹ P.100. No meu entender, este é o enredo subjacente, e não as peripécias filosóficas de Fileto e do narrador no manicômio, que estão em primeiro plano. Ou seja, descobre-se depois que a irmã querida de Fileto, Alice, a menina sensível e doente, é esta moça que recusou o pretendente que foi parar no manicômio. Este "gancho" que o autor faz, com episódios dramáticos da vida real, como o envolvimento em uma "paixão desastrada", cujo pretendente é internado no hospício, dá o tom da ficção. Esta façanha tem implicações tanto na narrativa, que se verá posteriormente, como na análise que ora se configura.

O que eles não souberam, naquele momento da narrativa, foi o que Sórora Teresa contou ao narrador, ao final do livro, quando a trama estava se resolvendo com a idéia dos dois amigos irem para a Palestina - terra santa que aos olhos de Fileto seria um bom lugar para morrer -, ao saírem do hospício.⁴⁸²

No afã de demonstrar àquele que não era um louco de verdade (o "119") que o pai de Fileto, comendador Seixas, não permitiria a saída do moço daquela casa e muito menos que fosse viajar, ela relata que a moça pela qual aquele paciente se apaixonara era Alice, a irmã mais moça e muito querida de Fileto. E que havia sido o próprio comendador a internar o rapaz lá:

Aquele moço tinha-se apaixonado, como já lhe contei, por uma rapariga... A família da moça, muito rica e muito poderosa, melindrada no seu orgulho, tratou de afastar violentamente o rapaz. Este reagiu e quis fazer escândalo, mas o pai da menina conseguiu arrastá-lo até aqui e interná-lo como doido furioso... O infeliz, por fim, parece que ficou mesmo doido. Veja que coisa horrível... Que mais não se fará, neste mundo, com dinheiro, meu Deus!⁴⁸³

Assim, mesclando realidade e ficção, Rocha Pombo tangencia este assunto, oculto nas linhas apresentadas, que é o da manipulação da "loucura" pela sociedade e, principalmente, em escala reduzida, no microcosmo familiar.⁴⁸⁴

⁴⁸² A Palestina aqui, e a cidade de Jerusalém mais adiante mencionada no texto, são outras pistas sobre a postura nefelibata de Rocha Pombo e a predileção dos temas "orientalistas" pelos simbolistas.

⁴⁸³ p.285.

⁴⁸⁴ Remete-se, também, o leitor à dissertação de mestrado "As Tênuas fronteiras...", a fim de ler relatos de casos em que pacientes não eram "loucos" e mesmo assim foram internados no HPSP de Porto Alegre, à revelia, com outros fins que não a cura, e sim, por "caprichos" da família e outros motivos mais, como afastar o sujeito de uma herança... Neste romance de Rocha Pombo, o destino foi trágico a ambos, pois a menina Alice, tão sensível quanto Fileto, morreu em sua casa, definhando, dando a entender, pela narrativa, que seria uma espécie de apatia e depressão, embora estes termos não tenham sido usados. E o rapaz, o "louco furioso" da cela da frente de Fileto, apaixonado por Alice, suicidou-se dentro do próprio manicômio. Numa das visitas da família, onde todos iam, inclusive a menina, a mãe ficou estupefata diante de umas das crises deste paciente, mas sem saber, possivelmente, quem era, disse ao filho: "assim se perdera também um moço com quem Alice se recusara a casar". Se fosse uma história real, embora existam muitas semelhantes, nunca se saberia, após este trágico desfecho, se a menina se recusara a casar ou se o pai teria impedido este amor de se realizar. Ambas hipóteses são plausíveis, principalmente quando se lê a descrição que Fileto faz tanto da irmã, quanto do pai. Fileto nunca ficou sabendo esta verdade no hospício, até morrer, embora acho que ele desconfiasse, por algumas frases que ele "soltava" sobre a irmã, para seu amigo narrador.

Alice, tão amada por seu irmão Fileto, era uma menina frágil, de saúde precária e também amante dos livros e das meditações, havendo uma grande afinidade entre ambos. Ele fez questão de apresentá-la ao narrador, "nosso mais novo amigo", na primeira visita que ela fez ao hospital, depois que a amizade dos dois ficou consolidada. Este último ficou-se pasmo frente aos encantos da alma da moça, percebendo-a quase como uma santa.

Momentos depois, na trama, o amigo desabafaria com este a tristeza que sentia ao ver seus pressentimentos realizados: a adorada irmã estava doente, "transfigurada naquela sua formosura divina, que sempre me encheu a alma de uma claridade olímpica", apresentando um sintoma estranho e alarmante: "um sono profundo de longas horas e de dias inteiros, do qual não há nada que a desperte". E mesmo acordada, "sua vigília é quase um êxtase...de olhos parados... revessando palavras ininteligíveis".

Os médicos pasmam diante dela, diz Fileto, eles não lhe entendem a doença estranha. "Em casa, dizem todos que ela é idiota... e é por isso que eu prefiro e até me ufano de ser ali, entre os meus, mais idiota do que ela. (...) E só eu sei lhe entender a misticidade profunda em que vive sepultada".

E, após longa pausa, acrescenta: "Acredite que minha irmã é um caso mais extraordinário talvez que o daquela própria Serafita de Balzac, um caso de maravilhar o século e confundir toda a ciência atual".⁴⁸⁵

⁴⁸⁵ Ver, para a descrição mais detalhada que Fileto faz da irmã, as páginas de 105 a 110. Ele chega a dizer que o pai proibia a menina de ir mais vezes vê-lo no manicômio, pois "dois malucos aumentam o mal um do outro". E também a ela não dão o direito de ter as leituras que deseja, lutando "dias e dias para conseguir que nosso irmão mais moço lhe compre um livro". Ela é mais uma que adorava ler e o "119" vê-se mais uma vez atônito frente a estas descobertas, declarando, inclusive que Fileto, comparado a ela, já parecia até um ser normal... Falando dela, o narrador escreve: "Aquele menina é que é realmente estranha! Aquele sua paixão pelos livros e por livros como os de Dante, como alguns de Balzac, como os de Swedenborg, e os de W. Crooks, o de Novalis, os de Maetterlink, os de Goethe, os de Carlyle, os de Ossian, os de Ibsen, os daqueles grandes russos que se chamam Dostoievski, o angélico e Tolstoi, o humano...toda essa excelsa família, olímpica e sagrada, de entes que representam já a grande visão do

Os assuntos que eles conversavam não se esgotavam. Passavam por Augusto Comte ("ah! Aquele mísero Comte!...ele quis destruir para reinar!"), Nietzsche ("uma das inteligências mais poderosas!"), sobre o artista e a arte ("ele [Fileto] não sabia compreender arte fora de seu círculo místico em que girava seu espírito!"), sobre do "gênio" - o gênio é a visão...é uma quase sensação dos grandes mistérios... é o espanto do sábio em presença do Universo...é o esforço da vida para atingir a grande consciência...-, sobre instinto religioso - este era o fenômeno mais divino da natureza humana - e muitas outras questões "filosófico religiosas-metá físicas".⁴⁸⁶, ⁴⁸⁷

Também houve espaço na narrativa para as idéias de Fileto sobre loucura, não sendo, assim, as do narrador que prevaleciam, nem as do diretor, nem aquelas de irmã Teresa ou de sua

Tempo...E isso sem nada haver aprendido, sem convívio que a edificasse, a não ser do irmão... E depois aquele sono...e aqueles êxtases...Ah! ... é de fato uma extraordinária criatura, um fenômeno novo na vida". Resta a pergunta de por que o pai não teria também internado a filha, se ele tinha ambos como doidos? A menina, deste jeito como era, não o envergonhava? O tratamento para uma moça, na época, seria diferente daquele dado a um rapaz? Ou por ser mulher e frágil, a mãe da família teria mais autoridade sobre ela? Por que teriam os hospícios uma população masculina maior que feminina, mesmo nestes tempos, em que a histeria era muito diagnosticada, principalmente em mulheres?

⁴⁸⁶ Ver, por exemplo, as páginas de 110 a 118 do romance, onde estes assuntos foram contemplados "em bloco". Depois de uma longa discussão sobre estes assuntos, o narrador expressa seu pensamento no texto: "Todo homem é uma obra de arte - disse o filósofo, então é como obra de arte que Fileto é grande: ele me deixa tanta coisa a adivinhar e a pressentir!..." E chega a uma conclusão sobre seu amigo: "Consequência ou desenvolvimento de seu desamor pelos homens - ele mostrava sempre um desafetado e absoluto descuido pela vida material. Para ele, subsistir nada era: a vida do seu espírito é que é a vida, a única legítima e digna de ser amada". P.119-120. Esta é uma das percepções que as pessoas em geral têm do doente mental, ou seja, que ele pouco se interessa pela "materialidade" da vida, incluindo o cuidado com o corpo, sensibilidade esta respaldada tanto pelo modo de vestir e se alimentar, como pelas divagações e reflexões que surgem no campo de seu imaginário. As narrativas dos três "personagens" analisados nesta tese e as descrições que existem deles aí, respaldam esta assertiva. Uma outra característica do "louco", que aparece tanto na estereotipia que dele se faz, como nas próprias "grades" da sintomatologia diagnóstica dos psiquiatras, é a indiferença, a qual Rocha Pombo recoloca na discussão da seguinte maneira, pelas palavras do narrador: "Não havia em Fileto a alta caridade dos gênios; ele é indiferente... é de uma indiferença absoluta pela ordem social e pela sorte dos homens. Nem havia, na sua alma, o egoísmo temporal e humano - tão explicável e tão digno de perdão: o homem sabia ter, pela própria existência, um desprezo de bárbaro. Como é que havia eu de conciliar tudo isso com a grande inteligência e com o grande coração daquela criatura?" p.122.

⁴⁸⁷ Já Massaud Moisés, fazendo estritamente a crítica literária, diz que Fileto está profundamente, "doidamente", impregnado das idéias [simbolistas] que preconiza: "espiritualista, prega a superioridade do espírito sobre o corpo, elogia o gozo espiritual, defende sectariamente o Cristianismo, sonha, no seu individualismo extremo com a Guerra ao Estado, lê Tostói, leva Nietzsche às nuvens, argumenta em prol da arte espiritualista, anseia misticamente por uma sociedade noutras bases, um "Reino dos Céus", um "Reino de Deus", em que uma heroicidade à Carlyle levasse a considerar como heróis do nosso tempo o sábio, o poeta, o artista...". Para ele, Fileto encarna o artista simbolista, é "seu arquétipo vivo e agitante", "antipositivista, mas conduzido por um espiritualismo cristão e ocultista que na base se confunde com o socialismo utópico". Op. cit., pp.256-7.

família. Elas começaram a ser apresentadas por Rocha Pombo, na temporalidade do romance, após aquele episódio do "louco furioso" na câmara da frente.

O paciente "119", resolvendo ir ao cubículo de "87", encontra-o absorto, sentado junto à janela a meditar sobre o que acabara de ocorrer. Diz, à entrada do amigo, que está a pensar, a partir do acontecido da manhã e das experiências consigo mesmo, "qual louco é mais louco dentro deste hospício". E revela que está formulando uma teoria, uma tese de psicologia, na qual vai sustentar "idéias novas e originais sobre a intensidade da visão em certas condições do organismo".⁴⁸⁸

Fileto tinha visões, no hospício, e tentava fazer com que o narrador acreditasse nelas, e mais, que ele visse também o tal vulto que passava no corredor à noite. Embora este episódio, na narrativa, tenha ficado um tanto obscuro, sem solução, serviu para introduzir reflexões sobre a psique e psicologia, em um farto relato presente às páginas 130 e seguintes (até 144). Ele entregou ao narrador dois cadernos, em cuja capa do primeiro estava escrito "Psicologia das visões", volume este dividido em cinco capítulos⁴⁸⁹, que expressam bem a *Weltanschauung* do autor, colocada, aqui, nas palavras de um doente mental.

Resumidamente, este "compêndio" de psicologia, digno da virada do século em que foi escrito, não escapa da "fórmula" de "biologizar" toda manifestação psíquica, tornando cerebral, tudo aquilo que é inexplicável por outra via. Digna de nota é a seguinte passagem:

⁴⁸⁸ P.93. Ele ficara igualmente impressionado com o olhar que vira no "louco furioso" no episódio matutino, olhar este que, no seu entender, se dirigia aos céus, "às luzes do infinito espírito".

⁴⁸⁹ Introdução, capítulo I (A Vida), capítulo II (As faculdades subjetivas, diversas nas raças, nos povos, nas gerações, nos indivíduos), capítulo III (Histologia do cérebro, do nervo e do músculo - funções gerais), capítulo IV (Que é a alucinação), capítulo V (As várias formas de psicose). A visão que Fileto teve no hospício - um vulto que passava de madrugada pelo corredor e ia até a capela, transformando-se, à visão deles (o narrador também viu isto), em uma mulher de pura luz, à beira do altar - era uma prova irrefutável da existência do fenômeno, a qual ele usaria em seu tratado. Vê-se, nisto, um pouco do olhar do *historiador* Rocha Pombo, pois o narrador fala em documento, em provas de que aquilo teria mesmo acontecido. (pp178-179)

Quando estivermos habilitados a estudar a psicologia comparativa dos homens de gênio e dos homens comuns, mas fundados principalmente na histologia, na anatomia e portanto na fisiologia, havemos de ver as diferenças existentes entre os organismos de uns e o de outros: é verdade que diferenças apenas de progresso, de refinamento de estrutura, mas em todo o caso suficientes para determinar a diferenciação do poder mental. Veremos então que o que se dá nos homens de gênio é uma capacidade excepcional da composição anatômica, e portanto das funções fisiológicas também, para transmitir vibrações; e que por isso, nos gênios, o poder do espírito é mais completo e livre. A ação molecular e a reação espiritual, ou vice-versa, são mais vivas, mais fortes, mais instantâneas. E é neste caso, que o espírito tem mais poderosa a faculdade que não é menos do que o poder de consubstanciar, por assim dizer, no cérebro as forças gerais orgânicas que devem ser postas em ação pelo *eu*.⁴⁹⁰

No capítulo sobre as várias formas de psicose, Fileto começa dizendo que a psiquiatria é a parte da medicina mais atrasada, pois não conhece a causa de muitos fenômenos que constata. Começando pelo questionamento sobre a febre, passando pela afirmação de que é no cérebro ("sede da Força Desconhecida") que a "vibratilidade molecular" se torna mais intensa, ele desagua suas especulações na questão da visão, dizendo: "Por que será que brilham tanto os olhos dos loucos? Não será por que esses, pelo menos em certos casos de loucura, têm toda a alma nos olhos? Conforme Goethe, em certas horas da paixão, as visões tornam-se luminosas".⁴⁹¹

Em sutil comparação com a loucura, ele termina por falar no "homem de gênio": "O homem de gênio é um desequilibrado, dizeis; é uma verdade, mas é uma verdade que os Lombrosos não explicam, nem entendem", pois este desequilíbrio não é um "desconcerto cerebral", é, ao contrário disto, um desequilíbrio fisiológico. Ele nega, ainda, que as visões sejam ilusões dos sentidos, "estou com os próprios sensualistas, como vê, Tracy e Condillac não pensariam de outro modo".⁴⁹²

As explanações são extensas e vão adiante, ainda, por algumas páginas. Interessante é notar que Rocha Pombo coloca estas reflexões, agudamente, nos escritos do louco, e não

⁴⁹⁰ p.135.

⁴⁹¹ p.140.

⁴⁹² Pp.142-145.

naqueles do narrador. Tem-se, aqui, o núcleo da inversão entre sanidade e loucura, remetendo, também, à dimensão intertextual com as outras obras. O louco é culto, ele escreve e lê para além da média das outras pessoas. Assim como TR escrevia sobre questões da Igreja Católica, sobre economia e outros assuntos de cunho coletivo e LB concentrava-se mais em assuntos de literatura e também sobre a sociedade em que vivia, este paciente - Fileto - primava em pensar o Espírito humano, relacionado à "sintomatologia" da qual sofria, isto é, as visões que, para os médicos, eram alucinações do estado normal da visão, corroborando na época achados da psiquiatria organicista.

Dizia ele que o hipnotismo, o magnetismo, as alucinações, os pressentimentos, as visões, a imposição da vontade, o sono de faquir são todos fenômenos da mesma natureza, todos têm uma analogia fundamental, pois em todos "o fato é produzido por uma concentração mais ou menos completa da vitalidade orgânica". E continua, linhas abaixo:

os nossos sábios nos dizem que as alucinações, os êxtases, etc, acusam sempre um estado mórbido... Mas isso é exato num sentido: no tal estado mórbido, a vitalidade geral e uniforme é insuficiente para corresponder às reações cerebrais, e, muitas vezes, sob a ação de um agente externo, essa vitalidade se concentra mais facilmente, num ou noutro sentido, quase sempre o da vista. Em regra, as visões não acusam cerebropatia. Sem cérebro perfeito, não há visões.⁴⁹³

Sendo assim, as visões são legitimadas, pois constituem-se em manifestações genuínas do cérebro sadio. Fileto ganhou a fama, no hospício, de visionário, pois era um louco "calmo" e dado a visões. Mas tentava, quando podia, desfazer esta fama com a enfermeira Teresa, dizendo a ela que "119" também havia visto uma de suas "visões". Neste momento a irmã "nos encarou meio incrédula, tendo nos olhos a doce misericórdia dos entes equilibrados".

⁴⁹³ p.142.

O narrador, ao "transcrever" estas notas de Fileto, coloca-se atônito frente a tudo o que leu. Teriam muitas outras coisas a serem transcritas, mas ele estava curioso pelo outro volume, "Fragmentos", entregue pelo paciente. Entre a impressão medíocre que lhe ficou deste volume I e o "abismo aberto na alma" que ele esperava após leitura do segundo, "119" faz a crítica da maneira de escrever de Fileto: "Aquele homem escreve como constróem os pedreiros: levantava antes as colunas mestras do edifício e depois os muros; ou então, como um pintor, desenhava e depois ia dando aos quadros a vida das cores e da luz".

Fragmentos, capítulos por terminar, frases aparentemente sem conexão, para depois uma ordem ser colocada em tudo, eis a característica de alguns escritos que já foram examinados, como os de LB e TR. Seria esta forma fragmentária própria à escrita de doentes? "A obra não tem unidade orgânica: consiste em pensamentos destacados sobre questões variadíssimas".⁴⁹⁴

Esta afirmação denota que RP possui idéias que se adequam às da medicina do século XIX, no período em que examinavam os escritos dos doentes a fim de fazerem diagnósticos, como se viu na obra de P. Artières. Embora, em parágrafos anteriores, o narrador tenha dito que nem tudo o que estava escrito nos cadernos de Fileto merecia sua adesão, achando algumas coisas inclusive medíocres, o autor - Rocha Pombo - traz à baila esta discussão. Isto é, ressignifica o debate sobre a escritura ordinária do louco, que poderia ser tanto "fora da razão", fragmentária, como também algo criativo, que revela algo "de um espírito que se afirma", estando implícito aí, o poder criativo que pode existir numa psique tida como "anormal" frente aos parâmetros da sociedade.

⁴⁹⁴ P.157, sobre o volume II, "Fragmentos", de Fileto. Os grifos são meus.

Da página 158 à página 172, o romancista coloca os LXX fragmentos do segundo volume escrito pelo doente. Sendo desnecessário reproduzi-los na íntegra neste momento, destacam-se alguns que são pertinentes ao estudo atual.

A maioria versa sobre moral, sobre a obra de Nietzsche, sobre a importância da alma, da arte, etc. "Fragmento XII - Amo a meditação, não amo o estudo. O estudo embota. Só leio alguma coisa que me faça pensar. O mais me entrava a alma".⁴⁹⁵ Esta frase assemelha-se aos "estudos" autodidatas de LB e TR, pois nenhum deles levou um estudo acadêmico até o final, e sim entregaram-se a leituras e "estudos" que os faziam pensar...

Os fragmentos XXX, "Uma alma me interessa muito e muito mais do que uma nação..."⁴⁹⁶ e LII "Quanto mais intelectual menos artista... da arte pequena... O grande espírito só se revela aos espíritos"⁴⁹⁷, dizem respeito a uma certa crítica ao Simbolismo.

O narrador discutia com Fileto todos os fragmentos, todos os inúmeros cadernos que este lhe passou para ler, tentando ser sempre sincero em suas observações e críticas. É digna de ser mencionada a seguinte passagem de seu argumento:

notei-lhe ainda uma vez, e muito de propósito, a ausência, no seu espírito, de preocupações de ordem social, e ele repetiu o que em um dos seus trechos já me havia dito - isto é - que ficaria sempre no domínio das almas e que era absolutamente nulo o interesse que lhe merecia o destino das sociedades, dos povos ou das nações. Que o Estado é a violência e que a política é a marca da miséria deste mundo... **Que a própria História (que aliás é a injustiça definitiva porque é quase sempre a mentira sancionada)** nos diz que a autoridade política tende a morrer...⁴⁹⁸

O narrador criticava Fileto por este não apresentar um pensamento voltado para o social, dizendo que ele era "frio" em relação ao humano comum, característica esta, como se viu,

⁴⁹⁵ P.161

⁴⁹⁶ p.165.

⁴⁹⁷ p.169.

⁴⁹⁸ p.180. Os grifos são meus.

apontada em muitos doentes. Mas também faz jus aos preceitos simbolistas, como se viu, de negar a "filosofia social" e a política, importando-se, somente, com os "estados de alma" individuais. Esta noção surge como um afastamento da obra de Machado, pois esta revela-se sempre, conforme a vida de seu autor, como uma metáfora de crítica social e política.

Porém, na ótica de Rocha Pombo, Fileto era o poeta simbolista, enquanto que o narrador, talvez seu "alter-ego", fazia o papel de "advogado do diabo", assumindo, dentro da própria obra, uma crítica à sua escola estética.

E o que dizer, então, quando, como historiador que é, se refere à História como uma "mentira sancionada"? São as descrenças de uma época, é a postura decadentista que assume, com a desilusão frente a um Brasil que se tumultua nestes primórdios de República e de novo século. Os decadentistas, como o nome diz, tinham menos uma postura crítica e mais uma forma de julgar o mundo como se não houvesse solução para os problemas.

Mas Rocha Pombo neste romance, parece fazer, sim, uma crítica a estas questões todas, talvez velada, nas entrelinhas das discussões entre "87" e "119". Na dialética entre estes dois seres, enclausurados em suas celas de manicômio, a loucura serve como forma de inserir estas discussões, sobre seu mundo, seu momento histórico, e onde ela mesma é trazida à tona e questionada.

Já o fragmento XLII, "Não é prudente brincar com o amor. Se há misticismos que triunfam dele, esses triunfos não chegam a convencer-nos"⁴⁹⁹, introduziria uma discussão sobre amor, presente também nos outros textos, revelando o tipo de relação que este "paciente" dispõe

⁴⁹⁹ p.168.

para com este tema. Aproxima-se, assim, das reflexões de Lima Barreto e da importância que esta temática possui na vida destes ditos "loucos".

Todos estes escritos e fragmentos poderiam ficar, assim, um tanto deslocados para a atual interpretação, como muitas das outras divagações metafísicas que ambos entrelaçam - corroborando o que os críticos disseram sobre ele, principalmente o fato de não ter um enredo linear e em primeiro plano. Mas, se olhados pelo enfoque a que se pretende, ou seja, escritos ordinários de uma pessoa "comum", que vive, neste momento, um período de exclusão em hospício - indo sucumbir, inclusive a esta experiência - ganham em sentido e em originalidade.

Parafraseando M. Moisés - autor que, de todos críticos pesquisados, é aquele que se mostra o mais "entusiasmado" com esta obra simbolista -, o livro cumpriu com sua função, pois "é irrecusável a capacidade de Rocha Pombo para nos convencer e nos "iludir" com a sua ficção" - tanto no aspecto literário quanto naquele que a literatura é "mestre", isto é, ser uma fonte especial ao historiador que procura por sensibilidades do passado.

Que melhor mérito podemos exigir, *inicialmente*, de um romance? Releva notar que a ilusão se fundamenta em elementos não episódicos, ou seja, no conteúdo metafísico e "alucinado" das conversas e dos escritos de Fileto e do narrador. O próprio plano intelectual é que se impõe ao leitor, ao menos àquele desinteressado de encontrar no romance a mera sucessão de peripécias horizontais. Por isso, podemos classificá-lo legitimamente de romance estético, romance intelectual, ou como faz, com muita propriedade, Andrade Muricy, de romance-ensaio".⁵⁰⁰

⁵⁰⁰ Moisés, M. P.253.

Daqui para a frente, o romance vai tomando o rumo do final. Algumas outras "divagações" metafísicas são feitas, entre elas algumas boas páginas são escritas sobre a idéia de uma reforma social, delineando uma sociedade utópica, de cunho socialista, prefigurada para um futuro idealizado na mente do narrador. A cidade do futuro será saudável, não terá doenças da alma nem as outras, serão desnecessários os remédios e os cientistas médicos e, ao invés de "reis do petróleo e das minas de ouro", terá o sábio, o poeta e o artista, isto é, os "modernos heróis", como dirigentes.⁵⁰¹

Outros dois tomos de escritos foram ofertados por "87" a "119", um dos quais era um ensaio sobre arte, intitulado "Minhas criaturas", e o segundo, um ensaio filosófico. O narrador dedica mais alguns dias seus no hospício para decifrar estes textos, concedendo, assim, mais algumas páginas do romance a novos devaneios, o que o torna pesado, e muitas vezes enfadonho, chegando até a ser repetitivo em algumas temáticas e questões.⁵⁰²

De vez em quando, ele introduzia em algum parágrafo do texto, uma descrição sobre o cotidiano no hospício, como esta:

Estávamos prostrados de tédio (...) Na aba do edifício onde temos os nossos cubículos, há muitos outros doentes em condições mais ou menos idênticas às nossas: doentes, quando muito, nesta perpétua, indefinida convalescença que é tão da ciência e do gosto do dr. Tristão. Ora, nada mais natural e simples do que um enfermo, que tivesse o capricho de esperar pela hora da recolhida, para meter-se no seu robe de chambre e ir, por exemplo, ao banho.⁵⁰³

Veio, neste ínterim, a notícia da morte da irmã de Fileto, a pequena Alice, como já foi aludido, fato que atirou o doente na mais profunda tristeza, potencializada pela quietude do

⁵⁰¹ Ver páginas 185 a 195.

⁵⁰² Ver páginas 200 a 217.

⁵⁰³ P.128.

hospício, cujas noites eram sempre "sugestivas de impressões lúgubres". Nem mesmo as conversas, até então mantidas com grande eloquência com seu vizinho de cela, faziam-no feliz.

O próprio narrador já dava mostras, há tempos, de que estava cansado de ficar no hospício, vendo toda aquela "desgraça da loucura" em seus semelhantes, e "a esfera de minhas cogitações alargava-se e, por associação de idéias, meu espírito ia se afastando daquela atmosfera do hospício, para encontrar-se com o mundo".⁵⁰⁴ E não se conformava em ver o amigo resignado, disposto a ficar eternamente no hospício. Foi assim que teve, então, a idéia de sugerir a Fileto que fossem embora dali e viajassem para Europa, a fim de ver "as grandes metrópoles da arte, da ciência, da política e da indústria".⁵⁰⁵ Este não somente assentiu, como foi além: queria morrer em Jerusalém! Pois "só parecemos doentes enquanto estamos no hospício", disse ele, dando a entender que está tão são quanto o narrador, para poder empreender tal viagem.

A despeito de tudo o que Rocha Pombo até então havia colocado nos lábios do narrador, ou melhor, nas linhas de sua escrita sobre o doente que pesquisava, é o próprio Fileto, que, no seguinte trecho, com aguda consciência de si mesmo e com uma sensibilidade não esperada por aqueles que consideram o louco um "fora da razão", fez sua "catarse", lembrando muito aquela que TR fez em uma de suas cartas.⁵⁰⁶

⁵⁰⁴ P.173

⁵⁰⁵ p.234 e ss.

⁵⁰⁶ Esta parte do texto, aparece como uma justificativa do porquê ele acha que seu pai lhe dará a permissão de ir para Jerusalém, porém, interpretando o romance, ela significa uma espécie de "confissão" sobre seu passado.

Talvez não se lembre que meu pai é homem de fortuna. O senhor, naturalmente, não acredita que ele me viesse a amparar um projeto de viagem ao Oriente. No entanto, já não lhe devo agora ocultar os motivos que tenho para nutrir esperanças. Deixe-me dizer-lhe tudo. Eu sou, desde menino, uma causa de grandes desgostos para minha família... Eu tenho sido, mesmo, a vergonha dos meus, se deste *meus* eu tiver de excluir aquela que continua a ser tão *minha* como nos poucos dias sem que me iluminava com o seu olhar a alma detestada. . . Nos meus primeiros tempos, meu pai me internou num colégio; mas, longe de ser um bom colegial, eu fiz logo a fama de excêntrico, de doente, ou de malandro. Compreendi bem que todos andavam querendo dizer que eu não era mais nem menos que um degenerado. Não era a um educador que me deviam confiar, mas a um psiquiatra. Não podendo mais permanecer no colégio, meu pai me *prende*u no seu escritório; e eu, ali, não fiz mais do que continuar a comprometer a minha integridade mental. Por fim, os meus deixaram de lastimar a minha desgraça, e me foram aborrecendo, pois, no meio da sua fortuna e das suas alegrias, eu era uma nota dissonante: só eu não me alegrava da opulência e não me fazia digno da graça divina em que todos andavam. Todos — digo mal: ali mesmo, no seio da família, em breve, uma outra criatura se erguia como um espectro, em contraste com a felicidade ruidosa daquelas criaturas. E então me consolei do meu exílio no meio dos meus: só a Alice não me lastimava e não me afligia. Passamos a viver, um da sanção consciencial do outro. O senhor, desde que me viu, naturalmente ficou certo de que sou um esquisito, um misantropo, insociável e talvez até que me julgasse anti-humano e odiento... Mas eu não era assim, meu caro: fizeram-se assim, os meus... e o mundo. Não quiseram que eu fosse o que eu era e eu não pude ser o que queriam que eu fosse... Quis ver se encontrava no lar de meus pais um amor legítimo, simples e digno e fui iludido. Entre os moços, os companheiros de colégio, e em seguida entre os intelectuais de meu tempo, quis ver se encontrava, já não digo a simpatia que faz a aliança das almas, mas ao menos a lealdade saudável dos espíritos... e, meu caro, encontrei tudo falso, tudo contrafeito... Julgais que se presumem cavaleiros - eis o que tive em torno de mim. Compreendi que fora daquele triste lar paterno que se me andava fechando, havia a *città dolente* que me acenava com a eterna dor... este *Pandemonium*, que nem sequer é uma grande aldeia, porque é só uma aldeia grande, onde impera o *botocudo* tanto na indústria, no comércio, na política, como na imprensa, no magistério, nas letras, nas artes, em tudo... compreendi que, em regra, em todas as esferas da nossa vida coletiva, é a zebra que tem o domínio do dia. E então, fugi como um desesperado, como se eu fosse um outro animal bravio que tivesse querido sair das grotas e alcantis para ver os plainos alegres e amplos da terra, mas que volvesse para a furna espantado dos animais que vivem no sei tripúdio feroz. **Foi então que me escondi em mim mesmo e fiquei idiota.** Ferido no seu orgulho, meu pai não permitiu que por muito tempo durasse aquela paz. Vexado de minha presença em seu lar, desterrou-me para o Sul, em companhia de um amigo seu, residente em Pelotas. A esse amigo recomendara muito que me afastasse o mais possível da cidade, e como o homem era fazendeiro, lá fui parar numa fazenda. Ali passei quase um ano, sem livros e sem, ao menos, a convivência de um amigo. **E foi ali que me acostumei a andar afastado das almas.** Só me entendia com o céu do Sul e com a campanha. Por mim, desesperei, e o homem não teve remédio senão me fazer voltar. Chegando à casa de meus pais, encontrei um só coração aberto e o senhor sabe quem é. Meu pai me disse coisas horríveis; ao cabo de umas poucas semanas me enviou para Minas. Eu já vivia resignado com tudo: era idiota e como idiota nunca protestei. Não pude estar por muito tempo em Minas: resolvi e bati... a pé, nas estradas desertas, dormindo ao relento, pois quiseram impedir-me de voltar... Entrei na casa de meus pais debaixo de um alarido imenso. E passados uns dias, vinha eu para esta casa. Meu pai não compreendeu que não era junto dele que eu queria estar. Tudo isso vem, meu amigo, com o intuito de lhe fazer sentir os motivos que tenho para esperar que meu pai me habilite a ir para Jerusalém. A Terra Santa é muito longe daqui, e ele terá a certeza de que lá morrerei sem vergonha para a família.⁵⁰⁷

⁵⁰⁷ pp. 274-276.

A extensão da citação é necessária devido à importância de seu conteúdo, representando a exposição de sua história pessoal, correlata da história psicológica, fundamentais para o entendimento de seu estado atual. É o único momento do romance em que há uma confissão pessoal, plena, um "escrito de si" absolutamente sensível, da parte de Fileto, revelando sua lucidez diante de seu passado e de sua "doença".

Rocha Pombo coloca, assim, a denúncia da exclusão na voz da própria sensibilidade do doente, a qual se assemelha sobremaneira àquelas dos pacientes "reais" como LB e TR. Na continuidade do texto, Fileto ao ver a expressão abismada do amigo, diante de tais palavras, fala um pouco mais justificando que não achava que isto fosse "miséria humana": "sou uma criatura que nunca tive no mundo aquilo que têm os corações - nunca tive conforto de família".

Apenas a amizade de sua irmã existiu em sua vida. "Se eu tivesse família, talvez preferisse morrer aqui. Mas enfeitado, espúrio de amor, sem missão no mundo...o que aspiro é só isto; é aproximar-me da consolação infinita..." Com algumas poucas diferenças, inerentes à especificidade de cada um, seu discurso poderia ser o discurso de tantos outros, pois o sentimento de desamor da parte da família (e também da sociedade) é uma das grandes feridas abertas que estes doentes expressam em seus escritos, em seus desabafos.

Embora tenha até traçado o itinerário de sua viagem, o resto da história já se sabe, ou, pelo menos, imaginamos. Fileto escreveu uma carta ao pai, que foi entregue pelo narrador quando este saiu do manicômio. Comendador Seixas não revelou nenhuma sensibilidade, em sua alma "endurecida como os metais", por aquele pedido do filho. Não o retirou do hospital, não o enviou em viagem pela Europa e Oriente.

Neste mesmo tempo do romance, Fileto também escreveu uma carta ao amigo, desistindo de ir viajar com ele. Resignação diante da fatalidade do hospício.

O "não louco", o narrador, concilia-se com a vida, com o mundo. "Pude conservar-me, ante o grande horizonte descortinado, bastante humano para não me obsedar e não fugir ao convívio dos homens". "Louco" é aquele que anda apressado e que vai adiante. É preciso ir logicamente, razoavelmente, tranqüilamente, disse ele.

E, analisando as palavras do próprio narrador, conclui-se que o louco é mesmo Fileto, que sucumbiu à sua doença, morrendo no manicômio - não mais saiu de sua célula, deixou de erguer-se do leito, e, durante vinte dias, entregou-se a um jejum implacável e à contemplação... Morreu como se fosse um santo...

4.3 A obra e a loucura como a face de *Janus* – passado e futuro na intimidade das letras

Ali, no manicômio, o silêncio dos homens a refinar-lhes o amor, na ausência de todos os confortos possíveis na terra; quase privados da própria bênção dos pais; próximos da miséria como a carne dos sepulcros; assediados pela dor de centenas de infelizes; contando os minutos como pêndulos dos cronômetros; entendendo-se com os duendes e as sombras das árvores, como outros duendes que parecem; insaciáveis e torvos em presença do mundo...⁵⁰⁸

Das duas malas cheias de livros, que o narrador vislumbra no quarto de Fileto, para a morte dentro do hospício, passaram-se muitos dias, ou poucos meses, que o romancista não deixa o leitor entrever quanto.

⁵⁰⁸ P.273.

Este tempo "em suspenso" na história bem pode ser um artifício do *historiador* Rocha Pombo. "Eu tinha na alma, a sensação de quem sai de um subterrâneo", disse o narrador ao sair do hospício. "O grande dia me espanta, e sinto, em torno de mim, tudo estranho. Parecia-me haver passado no hospício todo um século, fora do convívio dos homens: e a claridade do mundo me importuna e me faz mal".⁵⁰⁹

A sensibilidade em relação ao tempo, que traduz a consciência de estarmos vivos e realizando a vida, é, nesta situação de clausura, influenciada por outros fatores. De alguma forma, isto foi expresso também pelo personagem. O espaço físico, seu entorno, as pessoas, o próprio fato de estar preso sem poder sair livremente a qualquer momento - dependendo de outrem, no caso, do médico - , e neste texto, ainda a realização das diversas conversas "espirituais" e metafísicas entre ambos pacientes internos.

O passado pensado pelo presente "parece um século" e remete a um futuro incerto, a um tempo que não se pode prever como será. Assim, a relativização do tempo - passado, presente e futuro - foi sentida, numa situação de isolamento do mundo externo.

A saída do narrador do manicômio foi ressaltada pelo escritor, emparelhando alegria com tristeza. Sentimentos contraditórios envolveram o narrador da história neste momento. "Em poucos dias foram-me impressionando os contrastes em que me punha com o meio para onde voltei".⁵¹⁰

⁵⁰⁹ p.312.

⁵¹⁰ *ibidem*.

O mundo mudara e sua alma também. "Não há dúvida que padeço... Há em mim uma grande mudança, que não posso explicar"... Por um fugidio momento teve vontade de ver Fileto e consolar-se com ele. O mundo de loucos estava, agora, fora do hospício, com o qual não sabia se ia se identificar novamente. "Também a terra estava tão triste! Ia tudo tão mudado! Os homens cada vez mais falsos, mais pequeninos e sempre tão banais! Políticos, literatos, artistas - todo o mundo desconsolador como a miséria! Semelha-se a um longo préstito fúnebre este meu tempo!...mas um préstito fúnebre em delírio de doidos!"⁵¹¹

Neste espelho ficcional, a obra de Rocha Pombo pode ser olhada como a face de *Janus*, o deus da mitologia romana, que tem uma dupla face: olha para o passado e para o futuro, qual porta do momento presente.⁵¹²

Se ela, por um lado, pode retratar muito bem as origens das instituições psiquiátricas no Brasil – os loucos sendo a vergonha da família e da sociedade, que “sujavam” uma *urbs* que se queria limpa de vestígios de marginalidade –, por outro, sua atualidade é digna de nota, mesmo sendo passados exatos cem anos de sua escritura e publicação.

De forma oposta ao que Massaud Moisés escreve em sua crítica, de 1966, que “lido hoje, o romance nos dá a impressão de um mundo exótico, ultrapassado para sempre, mesmo no nível da loucura”⁵¹³, pensa-se o romance de RP como algo atual e, de certa forma, ainda

⁵¹¹ Ibidem.

⁵¹² Durante a guerra entre sabinos e romanos, surgiu a figura do deus *Janus* (Jano), que não encontra correspondência em nenhuma outra mitologia indo-européia. Era representado sempre com dois rostos, pois na maioria das lendas relacionavam-no com *ianua* - portas - significando o deus que abre e fecha, que vigia as entradas e facilita as saídas; também era venerado como o deus tutelar de todos os começos. Em sua homenagem, o primeiro mês do calendário romano denominava-se *Januarius*. Sua presença na guerra seria uma espécie de aviso de que ela estaria quase terminando.

⁵¹³ Op. cit., p.258.

paradigmático, no que se refere à historicidade das sensibilidades sobre a loucura. Nele, passado e futuro se mesclam na intimidade das letras.

Porém, este mesmo crítico reconhece a importância de alguns aspectos do romance que justificam a atenção que pode ser dada a ele: sua "modernidade" e as características que o fazem "adiantado" para o tempo. Coloca o autor em seu devido lugar, como ensaísta e ficcionista, fazendo-o um emissário e defensor da vindoura modernidade - redimindo, desta forma, o silêncio da crítica especializada anterior:

Efetivamente, no todo e nas partes, no intuito e na execução, *No Hospício* se afigura como um romance- ensaio, pois o seu autor funde, nele, as duas propensões do seu espírito: o debate ideológico e o descortino aberto da fantasia. Realiza-se portanto, como ensaísta e ficcionista ao mesmo tempo. E ao cometer o cruzamento de duas atitudes aparentemente opostas, Rocha Pombo adiantava-se largos passos em relação à moda literária sua contemporânea, e renunciava de modo indiscutível a ficção moderna, pelo menos na medida em que irrigava a superfície romanesca da discussão de candentes e atuais problemas ideológicos. O fato é que tanto mais digno de nota quanto mais sabemos que semelhante procedimento em nossa ficção contemporânea é menos difundido do que seria de esperar, em virtude da força da inércia da tradição. Esse pormenor torna ainda mais estranha a presença dum romance como *No Hospício* na aurora deste século, quando ainda estava longe a moda de que ele servia de arauto. Ficou, por assim dizer, sem continuadores sua evidente modernidade. Vimos que a crítica silenciou por ocasião de seu aparecimento, decerto porque não possuía escalas de valor ou tábuas de referência para julgá-lo devidamente, tão estranho era num meio como o nosso, ainda preso aos esquemas da ficção realista. E se não teve descendência o seu exemplo, foi porque a nossa ficção tem custado a amadurecer no setor em que o romance de Rocha Pombo se situava.⁵¹⁴

É, sem dúvida, um romance que se pode chamar de denso, pesado. Mas de forma alguma desprovido de sentido. "Que amálgama de contraste é este mundo", exclama o personagem. A originalidade deste texto, como prosa de ficção simbolista, remete a uma visão diferenciada sobre a capacidade do louco a compreender o seu mundo e, ao mesmo tempo, o mundo em que vive. Mostra, em certo sentido, que a loucura também apresenta a face de *Janus*, pois a ela é dada a

⁵¹⁴ op. cit., p.253. Moisés completa esta sua assertiva dizendo que a modernidade do romance evidencia-se, do ponto de vista estrutural, pelos entrecortes existentes no fluxo narrativo, com interpretações de toda ordem, contos, poemas em prosa, notações filosóficas, etc. Isto pressupõe que o ficcionista, "em vez de incorporar a matéria doutrinária no magma romanesco", por meio de recursos técnicos como diálogo, descrição, narração dissertação, resolveu inseri-la em sua forma própria - e este processo como tal, "corresponde às linhas vanguardistas da ficção do nosso tempo".

prerrogativa de estar em contato com o inconsciente e manifestar o que é vivido de forma espontânea, simbólica e sem bloqueios.

Louco lúcido, ou falso louco, exilado da realidade contingente, e apenas voltado para um universo de quimeras e visões, suas idéias localizam-se no limite entre a intuição divinatória e o disparate caótico. Não obstante, sente-se que há nelas um quê de moderno ou avançado que nos obriga a reexaminar a alienação do seu autor: tem-se a sensação de que sua loucura, meio verídica, meio postiça, é ainda assim uma "representação" do espírito simbolista. Com efeito, Fileto constitui um símbolo imbuído da "loucura" consciente de viver em meio a símbolos, uma vez que o mundo material lhe aparece destituído da evidência e da realidade que somente o símbolo possui. Pois o seu internamento no hospício é uma imposição mais profunda do que faz crer a maldade do seu pai; é também uma metáfora: para sonhar com a redenção do homem num futuro melhor, não tinha como fugir à sua condição de visionário de esferas transcendentais, ou seja, tinha de se afastar do convívio humano.⁵¹⁵

"Louco lúcido" - Fileto e "falso louco" - o narrador, - o que também poderia ser invertido - ambos deixam-se viajar pelas esferas desconhecidas de suas reflexões, mostrando que realmente são tênues os limites entre loucura e sanidade, e entre realidade e ficção neste texto. Como personagens, um age sobre o outro, e como um verdadeiro processo dialético, suas psiques interagem, suas individualidades agem uma sobre a outra, resultando em pessoas modificadas ao final.

A força de Fileto, por exemplo, origina-se "de uma certeza quase instintiva nas idéias de salvação do homem pelo espírito" e tão convicto está de sua eficácia e verdade, "que pouco a pouco vai agindo sobre o narrador". Este, por sua vez "sadio" psicologicamente, "cede ao caudal filosófico e religioso do doente", afinal, foi esta matéria que os atraiu... Mas, também pouco a pouco, vai exercendo uma forte influência sobre a consciência do paciente, seu parceiro de divagações. "Como duas ampuhetas invertidas", eles vão, durante o romance, permutando suas posições, "assumidas no limiar de seu conhecimento", podendo-se dizer que enquanto Fileto vai ganhando uma ânsia de conhecer o mundo, de "concretizar suas utopias redentoras" ao preparar

⁵¹⁵ Moisés, Massaud. op. cit., p.257

sua viagem para Jerusalém, o narrador vai assimilando aspectos do "visionarismo iluminado e santo" dele.

Nesta troca, o lúcido acaba por ser Fileto, no balanço final da história, pois é aquele que via mais longe, graças à loucura que "o roubava da relatividade civil a fim de lhe oferecer a possibilidade de meditar a cerca dos grandes problemas do homem". Mas isto, talvez, pelo olhar do crítico literário, que via neste romance os preceitos simbolistas expressos pelo discurso da loucura, "numa lucidez espasmódica e alucinada".

Aos olhos de um historiador, que se debruça sobre a história da psique humana, sua fisiologia e patologias e, ainda mais, sobre as práticas - sociais e médicas - exercidas sobre ela, conclui-se que o romance de Rocha Pombo, embora transpirando uma sensibilidade aguda sobre a loucura, termina por fazer o que a sociedade sempre fez: excluir, ou melhor dito, retirar a possibilidade de vida, vida saudável, vida em sociedade, vida plena em todas suas instâncias, a um louco. Fileto era mesmo o louco, pois sucumbiu, morreu, não se realizou nesta vida, que é a única que se conhece para ser vivida - crenças à parte. Quanto àquele que era lúcido, desde o princípio, "dono de sua razão", o narrador, este conseguiu sair do hospício, viajou à Jerusalém, voltou para sua cidade e encontrou o louco - realmente - morto.

Assim, embora sensível, a ficção não muda o "*status quo*" da loucura em nosso meio. É um romance verdadeiramente simbólico⁵¹⁶ - talvez "sem o querer", como todas as obras criativas que estão em contato com o espírito de sua época -, pois retratando o presente através dos

⁵¹⁶ Símbolo, aqui, como conceituado nesta tese, visto a partir da definição junguiana. Na psicologia de Jung, torna-se simbólica toda e qualquer concepção que declare uma expressão como sendo a melhor forma possível para designar uma coisa relativamente desconhecida. Para ele, o processo contínuo de formação de símbolos leva o ser humano à cultura. "O símbolo exprime sempre que, em sua forma, reside, mais ou menos, uma possibilidade de nova manifestação de vida, de uma redenção dos vínculos e do cansaço vital". Além disto, o símbolo só se conserva vivo enquanto estiver repleto de significado. A função do símbolo é, entre outras, de síntese.

preceitos de uma vertente estética, revela o passado sobre a exclusão da loucura, desde sempre existente na sociedade brasileira e no seio das famílias abastadas. E também um certo futuro, que ao explorar muitas das percepções que o louco tem sobre sua própria loucura e a alheia, acaba por remeter a outras sensibilidades, vindouras, como será visto, no "tempo histórico" dos escritos posteriores de Lima Barreto e TR.

À sociedade daquele tempo deve-se a prática de exclusão em manicômios, perpetrada no Brasil desde, no mínimo, meados do século XIX, com a construção do primeiro hospício no Rio de Janeiro e vindo até hoje, franjas do século XXI. Mesmo com o dito movimento social em prol da desinstitucionalização da loucura, ainda são pouco perceptíveis os resultados - para não dizer nulos -, sendo a "sensibilidade" que ainda vigora de fato aquela da exclusão.

Na ficção, a internação de Fileto, proporcionada por seu pai, é, como tão bem mostra mais uma vez M. Moisés, uma imposição mais profunda do que faz crer a maldade de seu pai; é também uma metáfora: "para sonhar a redenção do homem num futuro melhor, não tinha como fugir à sua condição de visionário de esferas transcendentais, ou seja, tinha de afastar-se do convívio humano."⁵¹⁷

É paradoxal este ponto de vista. E nada melhor do que um texto da vertente simbolista para mostrar isto. Ao mesmo tempo em que coloca a questão do "louco" como sendo um visionário, como alguém que está para "além" do seu tempo - como vimos também em Lima Barreto e em TR, isto é, alguém que em suas "visões" perscruta o futuro, ou acaba tendo este "dom" por estar em contato com as fontes plenas da psique humana que é o inconsciente -, ele

⁵¹⁷ Op. cit., p.257.

"retira-o" do convívio humano, "desumanizando", assim, toda a possibilidade de redenção do ser humano.

Estão imbuídas, aí, as noções existentes de que os loucos visionários, ou os artistas geniais, ou mesmo os santos, estão fora do contato humano. É um primeiro passo para a perpetuação da exclusão, originando, quiçá, as múltiplas representações e sensibilidades que se tem sobre a loucura e sucedâneos...

Na página 279 do romance, há uma passagem em que Fileto resolve que vai escrever uma carta a seu pai, pedindo que este o retire do hospício e o mande para Jerusalém, para lá morrer. Em diálogo com seu vizinho de cela e agora amigo, o narrador, tenta persuadir a este de que o "plano" dará certo, pois ele bem conhece seu pai.:

Ora ...bem sabe que o espírito de meu pai é... o espírito de todo o mundo, é o espírito de todo burguês rico. **Estou certo de que se me fizer de doido mais ou menos como todos, ele se convencerá de que tenho juízo.** Mas, afinal, não é bem isso o que eu desejo, e até reconheço que o problema se tornaria mais formidável se custar-me semelhante esforço. O que eu quero é convencê-lo de que estou deliberado a sumir-me daqui, a deixar os seus olhos livres da minha presença. Se eu conseguir isto terei conseguido tudo.⁵¹⁸

"Se há neste mundo criaturas que devem ter muita discrição e muito comedimento com os homens, são os doidos. É forçoso que sejam hábeis até no dar provas de juízo. Convém que nunca sejam demais estas provas".⁵¹⁹

Resta, assim, o fingimento, da sociedade e do próprio louco, que usa de subterfúgios, para que possa se expressar, uma vez que seus semelhantes não o compreendem.

⁵¹⁸ Os argumentos que ele usa, neste diálogo, são dignos de serem mencionados, também, pois mais uma vez, através de uma forma de expressão peculiar, vê-se a confusão entre os limites do binômio sanidade-loucura.

⁵¹⁹ *No Hospício*, p.278.

O que poderia ser uma exposição legítima de seu estado psíquico, de seus problemas, de sua "lógica", acaba por ser visto como mais um sintoma de exílio do que é propriamente humano. Daí, que os loucos escrevem cartas. Assim, eles pintam e modelam o barro. Assim, eles escrevem suas memórias dentro do hospício. Assim, eles tentam um outro meio qualquer de exposição, desabafo, comunicação...

As questões místicas e religiosas, por sua vez, que concentram um bom espaço das preocupações dos pacientes internados - motivo, talvez, pelo qual, Rocha Pombo encaixou tão bem sua "visão de mundo simbolista" no texto -, surgem como conteúdos importantes nos escritos destes, em forma de indagações e, outras vezes mesmo, de afirmações contundentes. Na maioria das vezes, são consideradas pelos profissionais que tratam destes doentes, como "delírios místicos", sendo, como já se mencionou, sintomas descritos em muitos compêndios de psiquiatria.⁵²⁰

Remetendo, enfim, para um mundo além dos nossos dados racionais, longe de serem questões da loucura somente, fazem parte do cabedal humano da cultura, cultura esta que se forma e transforma há milhares de anos.

Estes dados irracionais, apresentados sob a forma simbólica também remetem aos grandes mistérios da vida e do homem, fazendo parte de nossas indagações filosóficas - sob as mais variadas formas e em todas as civilizações que até hoje existiram - desde sempre. Por que, em

⁵²⁰ Não posso deixar de pensar, neste momento, que Rocha Pombo pode ter escolhido a enfermeira freira de seu romance, embora todo um contexto externo à literatura endossasse isto, pensando que seria uma forma de contextualizar seus "devaneios" religiosos e metafísicos, sem parecer que isto fosse somente um delírio do paciente doído. Pois, sendo irmã Teresa a principal interlocutora deles, ela jamais chamaria de delírio alguém que falasse em Jesus e em preceitos cristãos - embora seus discursos fossem muito além disto. Na verdade há indícios, no início da ficção, deste fato, pois ela é a primeira a expressar, ao narrador, que não entende por que aquele paciente é tido como louco... "Que loucura é esta?", ela se pergunta, ao mostrar e descrever a este a forma como Fileto se portava dentro do hospício, seus modos refinados, suas palavras doces e sábias.

algum momento da história, isto também se transformou em sintoma de doença e matéria de loucura?

Existe um sentido, sim, nestas expressões vindas dos loucos, e que são difíceis de serem apreendidas e compreendidas, quanto mais o homem moderno se afasta do inconsciente, das fontes de vida e utiliza sua "razão" para minar o que é "humano demasiadamente humano" em nossas vidas.

Existe, como sublinhado por Jung, uma "função religiosa" na psique humana, que, traduzida em termos psicológicos e não metafísicos, liga o ser humano a seu mundo interior, de onde vem toda sua força, sua energia vital, e que, transposta para o mundo "externo" é simbolizada pelos símbolos religiosos, crenças, dogmas e mitos.

A religião, no sentido de observação cuidadosa e consideração de certos fatores invisíveis e incontroláveis, constitui um comportamento instintivo característico do homem, cujas manifestações podem ser observadas ao longo de toda a história da cultura. Sua finalidade explícita é preservar o equilíbrio psíquico do homem, pois ele sabe de maneira espontânea que sua função consciente pode ser perturbada, de uma hora para outra, por fatores incontroláveis, tanto de natureza exterior como interior. Dessa maneira, o homem sempre cuidou para que toda a decisão grave fosse, de certo modo, sustentada por medidas religiosas. Nasceram, assim, os sacrifícios para honrar forças invisíveis.⁵²¹

Talvez fosse preferível encarar o ser humano como Ernst Cassirer (1874 - 1945), o filósofo neo-kantiano do início do século XX, que o descreve como um *animal symbolicum*. E de onde o historiador teria seu ganho, ao tentar compreender o passado e seus percalços, suas formas de expressão e seus personagens de uma forma mais sensível, mais ... humana, eu diria!⁵²²

⁵²¹ Jung, C.G. *Presente e Futuro*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.12. Para este autor, a religião é uma *terapêutica* "revelada por Deus". "Suas idéias provêm de um conhecimento pré-consciente, que se expressa, sempre e por toda parte, através de símbolos. Embora nossa inteligência não as apreenda, elas estão em ação porque nosso inconsciente as reconhece como expressão de fatos psíquicos de caráter universal. Por isso basta a fé, quando existe. Toda ampliação e fortalecimento da consciência racional, entretanto, leva-nos para longe da fonte dos símbolos. É a sua prepotência que impede a compreensão de tais símbolos. Tal é a situação que enfrentamos em nossos dias. Não se pode fazer a roda girar para trás, nem voltar a acreditar obstinadamente naquilo "que sabemos não existir". *Mas bem poderíamos prestar atenção ao significado real dos símbolos*. Isto nos permitiria não apenas conservar os tesouros incomparáveis da Cultura, como também abrir um novo caminho que nos devolveria às verdades antigas, as quais, por causa do caráter singular de sua simbólica, desapareceram de nossa "razão". Como pode um homem se Filho de Deus e ter nascido de uma Virgem? Isto é como que uma bofetada em plena face. Entretanto, um Justino Mártir não mostrou a seus contemporâneos que eles atribuíram tais coisas a seus heróis e com isto não encontrou audiência junto a eles? Isto aconteceu porque, para a consciência daquela época, tais símbolos não eram tão desconhecidos como para nós. Hoje em dia, esses dogmas encontram ouvidos moucos, pois já não existe mais nada que corresponda a tais afirmações. Mas se tomarmos essas coisas como são, isto é, como símbolos, teremos forçosamente de admirar sua verdade profunda e declarar-nos gratos àquela Instituição que não somente as conservou, mas as desenvolveu através dos dogmas. Ao homem de hoje falta a capacidade de compreensão, que poderia ajudá-lo a crer." Jung, C.G. *Interpretação psicológica do Dogma da Trindade*. Petrópolis: Vozes, 1983. Este texto foi escrito pelo autor em 1940.

⁵²² As considerações de Cassirer partem de uma investigação dos pressupostos do conhecimento humano. Cassirer preocupa-se com a questão da conceitualização das ciências da natureza, a partir de suas relações com a matemática, a fim de determinar em que medida estes modelos podem ser utilizados para as ciências denominadas *culturais*. Investiga a possibilidade de mensurar os dados relativos aos sentidos, de modo a transformá-los em símbolos numéricos. Estudando as funções numéricas, Cassirer afirma que os símbolos algébricos são de ordem transcendente à realidade sensível, podendo ser encarados como elementos formais de caráter universal. Uma das mais importantes contribuições de Cassirer reside em seus estudos da cultura e da linguagem humana, de modo a elaborar as bases de uma antropologia filosófica. Cassirer afirma que o principal objeto de estudo das ciências relativas ao homem e sua cultura consiste na origem das *funções simbólicas*. O homem é compreendido, nesta acepção, fundamentalmente, como um *animal simbólico*, uma vez que todas as suas atividades podem ser definidas, em última instância, como criações de símbolos. Mito, linguagem, arte e história são modalidades de simbolização analisadas por este pensador, de modo a mostrar como, através de diferentes maneiras de simbolizar, o homem constrói sua cultura. Os símbolos constituem a trama na qual a realidade pode ser articulada, apreendida e recriada. São elementos formais universais, devendo, por isso, constituir objeto de estudo de uma filosofia transcendental. A postura neokantiana defendida por Cassirer consiste, fundamentalmente, na conversão da *crítica da razão*, proposta por Kant, em uma *crítica da cultura*, através da análise da produção e função de suas formas simbólicas.

No campo da Antropologia Filosófica, este autor fala sobre a necessidade de percebermos o símbolo abrangendo os mais variados aspectos da vida cultural, inclusive seus aspectos irracionais, tão rechaçados pelas ciências humanas e biológicas do último século: "... o que ele também [o historiador] encontra logo no início de sua investigação não é um mundo de objetos físicos, mas um universo simbólico - um mundo de símbolos. Antes de mais nada, ele precisa aprender a ler estes símbolos." ⁵²³

Para Cassirer, a aquisição de um sistema simbólico transforma toda a vida humana. Em confronto com outros animais, o homem não somente vive uma realidade mais vasta, mas também vive uma nova dimensão da realidade. E desta forma ele define o homem não mais como um *animal rationale* e sim como um *animal symbolicum*. "Deste modo, podemos designar sua diferença específica e podemos compreender o novo caminho aberto ao homem: o da civilização", leia-se, o caminho da cultura.

É neste aspecto que se pode declarar que as manifestações dos loucos abririam portas para o que existe de humano, dentro de cada um de nós, podendo levar, como Rocha Pombo tentou mostrar, à "redenção do homem num futuro melhor".

⁵²³ Cassirer, Ernst. *Ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p.285. Poderíamos dizer "destes últimos dois séculos", não esquecendo que mais um século se passou após as palavras de Cassirer. Ele comenta que cabe ao historiador, que encontra este universo simbólico - "um mundo de símbolos", como ele diz -, aprender a decifrá-lo. "Qualquer fato histórico, por mais simples que possa parecer, só pode ser determinado e entendido por uma tal análise prévia dos símbolos." Ele vai bastante longe, no que concerne à época em que escreve, quando coloca que à reconstrução empírica dos fatos, a história acrescenta uma reconstrução simbólica. Para ele, o "sentido histórico" não muda o aspecto das coisas e acontecimentos, mas dá aos mesmos uma nova profundidade. O que o historiador procura é, *a priori*, a materialização do espírito de uma época passada, o que se faz através da mediação simbólica. "A história é a tentativa de fundir todos estas *dissecta membra*, os membros espalhados do passado, sintetizá-los e moldá-los em um novo aspecto." P.290.

E não é exagero perceber que escrever, foi, para Fileto, assim como para os outros, a forma simbólica de mostrar seu desespero frente ao desumano de suas condições e relações. E, ao mesmo tempo, a forma com a qual o escritor ficcionista, porém também historiador, conseguiu "recolher os membros espalhados do passado" e dar uma nova profundidade às questões da loucura, em seu tempo, através de seu romance. Mas não percebidas lá, puderam ser resgatadas aqui...

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS ...

Para que as histórias permaneçam vivas, é preciso recontá-las.

Assim, nossas fontes falaram. Falaram de sensibilidades, de loucuras, de medos, de opressões, de ressentimentos, de reflexões, de esperanças, de amor, enfim... falaram de um vasto mundo “para além” daquilo que a sociedade impõe ao “seu louco”, falaram para além das letras que tingem um papel.

E o hospício, a casa do louco por excelência, espaço "privilegiado" construído em nossa sociedade para abrigá-lo, retê-lo, excluí-lo e quiçá curá-lo, ofereceu-se à decifração, para além de seus muros...ou por dentro das almas dos doentes ...

É difícil escrever, neste momento, algo que seja "conclusivo", como se almejaria nestas páginas finais de um trabalho acadêmico. Apresentar algumas considerações, abrindo a reflexão para possíveis "modos de interpretar" o que foi exposto, parece ser mais profícuo, sendo esta a opção da presente escrita.

A loucura tem muitas definições. De um lado, existem as definições "gerais", isto é, aquelas que designam aquilo que todos pensam ou aprenderam a pensar sobre ela; assim, pode ser uma designação genérica e popular de toda alteração grave e duradoura da personalidade. Mas também pode ser tudo aquilo que é fora do comum, ou que não está de acordo com as normas coletivas de uma sociedade.

Genericamente, também, o louco, em muitas culturas antigas, era tido como possuído pela divindade e, por isso, era digno de todo o respeito; em outras, ou em outros momentos, como no medievo, ele seria um possuído pelo demônio, e deveria ser excluído, quem sabe até morto. Outros sinônimos, não menos "populares", são demência, alienação - nomes estes muito usados na época desta pesquisa -, insânia, excentricidade, imprudência.

Nos idos anos 30, do século XX, aqui em Porto Alegre, havia uma questão que incomodava a população: os loucos fugiam do hospício e vagavam pelas ruas, preocupando as mães, como hoje nos preocupam o trânsito de veículos e os assaltos. Isto era o que dizia minha avó - e muitas outras pessoas da cidade - e é *recontado* por minha mãe, hoje com 83 anos.

Quando ela tinha em torno de 9-10 anos, morando relativamente perto do colégio, ela ia sozinha e a pé, com alguns de seus irmãos menores, todas as manhãs, para as aulas. Moravam no centro da cidade, na esquina da Jerônimo Coelho com a Vigário José Inácio, "zona nobre" do centro, onde hoje é o Hotel Embaixador. Relata ela, que, sempre que saía de casa para a escola, minha avó dizia: "Cuidado com os loucos na rua". Pois eles fugiram do hospício, complementava.

E lá iam as crianças, cuidando para desviar daqueles que elas imaginavam serem os loucos fugidos do hospício - se é que sabiam distinguir quem seriam estes!

O que hoje recomendamos aos filhos, que se cuidem com os ladrões que andam à solta, ou "com o trânsito maluco desta cidade", antigamente era dito a respeito dos loucos, pessoas loucas, personagens deste urbano que se queria sem máculas.

O que nos leva a crer que ter criado hospícios para enclausurar e conter estes seres vagabundos, improdutivos e "perigosos" não resolveu muita coisa... Pois eles fugiam e continuavam a assustar a cidade e seus habitantes... Tal era o imaginário popular... O famoso "grito de poder" - "Aos loucos, o Hospício!" - não resolveu, assim como aquele "Independência ou morte!" deixou a desejar...

Se esta história é recontada até hoje, ainda, permaneceria ela viva?

Nas artes, como mostram as duas obras colocadas no início deste trabalho, eles - os "fora da razão" - também foram representados inúmeras vezes e em inúmeras versões. A "Nau dos insensatos" de Bosch e "O Manicômio" de Goya são exemplos disto.

Hieronimus Van Aeken Bosch, artista flamengo medieval, inscreveu sua maravilhosa obra no século XVI. Firmemente aparentada, pela simbologia, com a fantasia popular e a cultura da época, sua insólita obra, cáustica e imaginativa, prenunciou as grandes realizações da pintura flamenga e holandesa dos séculos XVI e XVII. A concepção pessimista de um mundo dominado pela idéia do pecado e da fragilidade da natureza humana, típica do pensamento medieval, encontrou expressão plástica em sua pintura.

O simbolismo de suas composições - que inclui também o "Jardim das Delícias", com representações "bucólicas" da natureza e atos humanos, e todas as outras - no entanto, são tachadas de delirante e hermético pelos críticos, sem com isto estarem denegrindo sua obra, ou usando estes termos com valoração negativa. O pintor foi apreciado por seus contemporâneos e exerceu, séculos depois, grande influência sobre todos os pintores que tentaram penetrar nas fontes do irracional e nos "temores inconscientes" dos subterrâneos humanos, particularmente os

surrealistas. A representação da loucura pode ter sido, neste sentido, mais uma forma de representar a realidade da alma que lhe atormentava.

Com Francisco José de Goya y Lucientes, pintor espanhol do século XVIII, "um iluminista que fustigava as crendices de seu tempo", o imaginário já era outro. Representou em uma de suas obras, por volta de 1812 o espaço dos loucos, e mostrava, logo depois, que "o sono da razão produz monstros" - título de uma de suas gravuras mais instigantes.

Especula-se sobre um estado mental alterado e uma possível depressão de Goya, nos anos 70, tendo, possivelmente, recebido tratamento psiquiátrico. Zapater, um grande amigo, relata os sintomas de estupor, delírios alucinatorios, alucinações visuais e auditivas. Sua surdez aumentava, e também se fala de enfermidades venéreas. Havia antecedentes de "loucura" em sua família, tendo ele tia e primo maternos internados no manicômio de Saragoça, sua cidade natal. Há quem diga que seu episódio psicótico pode ter sido produzido pela intoxicação pelo chumbo das tintas. Mas o forte tom crítico, em sua pintura e desenhos, fizeram-no um dos espanhóis mais importantes das Belas Artes. Ele mostrava que racionalidade pura não pode ir muito longe, sem a sensibilidade que por sua vez pode levar a desastres, enquanto a razão sonha. Teria ele sido também mais um destes "loucos artistas" que o mundo perdoa pela distinção de sua obra?

Há, ainda, aquelas "representações-definições" não leigas, isto é, retiradas de manuais especializados, em geral médicos e psicológicos. Mas como existem muitas linhas teóricas e autores e grupos especializados em fazer diagnósticos (como o DSM - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* - dos EUA, e o CID10 - *Classificação Internacional das Doenças* - da Organização Mundial da Saúde), é difícil, atualmente, chegar a um consenso com uma só

definição. Nosso momento histórico prima pela "super especialização" das disciplinas, pulverizando mais ainda diagnósticos e definições já complicados por si mesmos.

Espera-se ter podido criar algumas respostas às indagações iniciais, embora também se saiba que muitas outras perguntas foram levantadas, no decorrer do texto.

O projeto desta tese iniciou-se com uma intenção bem mais ampla, aquela de mapear a sensibilidade sobre a loucura em escritos, entre os séculos XIX e XX, de literatos e autores do mundo inteiro, incluindo os brasileiros. É óbvio que, desde o início, esta proposta mostrou-se ampla demais e seria, sem dúvida, improfícua. Mas suponho ter atingido o objetivo geral que deu origem a tudo: perceber no universo sensível dos autores e textos, suas próprias sensibilidades sobre este “fenômeno”, ou “estados do ser”, desde sempre manifesto no ser humano.

Utilizando uma metáfora de Jung, tem-se a impressão de que os argumentos aqui colocados "subiram em espiral" por sobre um assunto, como um pássaro que voeja em torno de uma árvore. No início, tudo o que vê, perto do chão, é uma confusão de galhos e folhas. Gradualmente, à medida que voa mais alto, vê que os diversos ramos da árvore, interagindo entre si, formam um todo mais coerente, porém complexo, mas que se integra no ambiente do entorno. Alguns leitores podem achar este método de argumentação “em espiral” um tanto obscuro e até mesmo desordenado, no início. Mas espera-se que o processo todo – a forma que o estudo foi tomando – tenha levado vocês, leitores-intérpretes, a uma viagem, no mínimo, instigante.

Em muitos momentos deste percurso, precisei manter na devida distância o fato de ser uma psiquiatra indignada com o tratamento desde sempre recebido pelos chamados doentes mentais, a fim de prestar atenção a fatores históricos e de sensibilidades presentes nas falas dos próprios loucos. Pois a tendência seria sempre dar razão a estes, excluídos e oprimidos, e jamais

às instituições que deles “cuidaram”. Entretanto, como não posso apartar-me de minha subjetividade, como indivíduo e pesquisadora, acredito que, ao mesmo tempo, foi este olhar privilegiado de alguém que desde há muito preocupa-se e dedica-se a pesquisar a psique, que facilitou uma percepção mais aguda, ou mais direcionada, a estes fenômenos sensíveis pertencentes à alma humana.

“De perto ninguém é normal”, disse um compositor brasileiro em uma de suas músicas de grande repercussão. Mas não podemos esquecer de que existe uma grande distância entre esta frase – dita milhares de vezes por milhares de pessoas que já cantarolaram esta canção – e o real “debruçar-se” sobre a realidade das pessoas, de cada um, consigo mesmo e a sociedade com todos, inclusive dos profissionais abalizados para os cuidados de saúde.

O fato de aceitar-se tacitamente esta frase leva exatamente ao ponto inicial de meus questionamentos: o ser humano, a meu ver, não nasce doente, não nasce neurótico, como propunha Freud, e sim carrega dentro de si possibilidades inúmeras de saúde e criatividade, não importando onde nasça. O(s) problema(s) instaura(m)-se, quando instaura(m)-se, na medida em que existe um "desvio" no modo de perceber e interagir com a vida.

Dito de outra forma, quando as percepções internas de cada indivíduo chocam-se com as vivências externas dos problemas da vida, e instala-se um conflito, é neste momento que a "doença" pode aparecer, sendo cada caso um caso específico. Desta forma, é legitimada tanto na disciplina psiquiátrica quanto na disciplina História, trabalhar-se com micro-escalas, com percepções “finas” de sensibilidades individuais em relação a constatações de um período histórico, por exemplo.

Muitas vezes utilizou-se, nesta tese, a palavra louco entre aspas, “louco”, sendo as aspas um recurso lingüístico para denotar algo que não se adequa propriamente às conceituações estabelecidas para aquela palavra. Tentou-se mostrar, também com isto, que o uso da palavra louco causa um incômodo, pois não se tem como conceituá-la de forma exata, a despeito das várias definições que constam em um dicionário, a não ser baseando-se na visão de mundo de cada teoria psicológica, ou na visão que cada sociedade tem frente ao estranhamento causado por esta realidade: uma pessoa “louca”.

Também o exercício interdisciplinar, realizado nesta pesquisa, aponta para uma importância cada vez maior do cientista social e humano estar apto, com seu “capital simbólico”, a variar a estrada pela qual passa em seu percurso rumo à sua meta.

Procurou-se resgatar a loucura por meio de suas representações, de suas imagens, de seus discursos e, por isso mesmo, das “sensibilidades” ou “releituras” sobre temática tão “delicada”, como é a da loucura.

Neste trabalho, não se tratou, entretanto, de estabelecer ou de re-estabelecer uma “nova” História Social ou Cultural sobre a Loucura, no Brasil. Não se tratou, tampouco, de esquadrihar pela Literatura, pela História e pela Psicologia Analítica uma nova definição - psiquiátrica! - sobre a loucura.

Tratou-se, todavia, de re-traçar a escrita da loucura e sobre a loucura a partir dos indícios históricos, literários e documentais selecionados no interior desta investigação. Procedeu-se a uma revisão do tema (a loucura) a despeito dos paradigmas psiquiátricos tradicionais e de algumas considerações sociais e históricas já existentes. Desse modo, elegeu-se como perspectiva primordial o ponto de vista de internos e o que eles deixaram representado sobre o mundo dos

hospícios e da loucura, a partir de seus manuscritos e/ou impressos - fontes da pesquisa - produzidos durante o processo de internação. O que incluiu personagens da ficção, tão bem representativos das visões de seus autores.

As "marcas de sensibilidade" e as "marcas de historicidade" revelaram-se, nestes escritos. Observou-se permanências e rupturas, se assim quisermos chamar, entre as três obras analisadas – na verdade, conjunto de obras -, nos três tempos mencionados.

Ao folhear o "livro da loucura" nestes trinta anos de Brasil, vê-se que pouco ou nada mudou de concreto, na prática sobre a doença mental. De trás para a frente, de frente para trás, ele mostra sensibilidades, gritos de socorro, reflexões agudas que não foram compreendidas por seus contemporâneos. E talvez até hoje não o sejam, se falarmos em práticas sociais e culturais coletivas.

A “cronologia invertida”, forma escolhida para apresentar as fontes estudadas, mostrou um “tempo em suspenso”, metáfora reveladora de sensibilidades de épocas distintas que se entrecruzam, para diante e para trás. E, no “momento único” que é o da escritura, se encontram.

Ao pensar nos "escritos íntimos de hospício", ou "escritos pessoais da loucura", abre-se um universo de curiosidades, dúvidas e indagações, porquanto neles nota-se tanto semelhanças de narrativas e sensibilidades, como diferenças nestas percepções individuais.

Por exemplo, todos três personagens foram colocados no hospício pela família, à revelia; dois deles, foram levados também pela polícia, o que corrobora, de certa forma, a realidade e a veracidade da historiografia “tradicional”.

Todos liam muito e escreviam e foram criticados pela família por isto, respaldando uma corrente da psiquiatria, que cairia em desuso logo no raiar do século XX. Ao mesmo tempo, as nuances individuais, ou predileções, ou mesmo aptidões, levaram estes "loucos escritores" a fazerem um "arquivamento de si" por meio de gêneros diferentes de escritas. Por que TR escrevia cartas e não um diário? E por que Lima Barreto escrevia "notas de memória" - o "guarda-memória" - e não cartas, dentro do manicômio? Sabe-se deste último que ele deixou uma correspondência também volumosa, que infelizmente não foi o alvo da atual pesquisa. Mas não se tem conhecimento, até o momento, de que alguma tenha sido escrita no hospital.

E o que dizer de Fileto, o nobre rapaz burguês, filho de família importante de sua cidade e que podia fazer o que quisesse de sua vida - aos olhos de seus pais e contemporâneos, sua família tinha dinheiro o suficiente para pagar-lhe estudos no estrangeiro, por exemplo - mas restou em seus questionamentos sobre as questões "espirituais e importantes" da vida, sucumbindo à sua lucidez de louco tranqüilo? E seus volumosos cadernos de escritos, a qual categoria pertenceriam?

Da forma como foram percebidos, todos podem ser identificados como escritos de resistência e mesmo de transgressão, no sentido de tentarem ultrapassar não só os muros de um hospício, mas as barreiras que são colocadas pelos rótulos e diagnósticos sobre eles. Como já se teve oportunidade de mencionar, não adiantou Pinel ter tirado as correntes dos loucos, pois outras vieram, como o manicômio, a camisa de força de pano, depois a camisa de força dos métodos - eletrochoques, psicocirurgias, choques químicos - e medicamentos. Mas talvez pior seja a corrente que nunca foi tirada, nem mesmo pelo "pai" da psiquiatria: o imaginário que sempre existiu na sociedade, na consciência coletiva, sobre os loucos.

Os três "escritores-pacientes-personagens-loucos" reclamaram dos médicos e os "analisaram", compreendendo que médico também erra, que o douto nem sempre tem a razão de seus diagnósticos e suas intervenções. A Medicina, que "desequilibra para equilibrar" foi examinada pela lente minuciosa das sensibilidades deles, e não era de se prever que uns aceitassem e outros não os seus discursos. Não escapa à sensibilidade destes doentes que eles estão sendo açoitados pelos chicotes da ciência médica, remetendo, metaforicamente, à dor, sofrimento e humilhação que os escravos sofriam.

Escravidão, ser preso, ser louco. Práticas semelhantes, sensibilidades comuns... Como escapar disto, a não ser escrevendo?

Mas do jeito que sabiam, referiram-se, também, aos cidadãos comuns do povo, ou aos enfermeiros, ou aos familiares, ou aos outros pacientes, enfim, a este continente de seres que fazem a sociedade e suas regras, tácitas, imaginárias, representativas de visões de mundo que os excluem.

Nos três conjuntos de textos vê-se a expressão "os loucos lá fora", fazendo a inversão dos olhares, tal como o alienista machadiano. Quem é louco, afinal? Aliás, onde está a loucura?

O período de infância de Lima e a virada de século que ele descrevia, assim como alguns de seus escritos, é a fase que Rocha Pombo firma-se como historiador e como escritor. Porém, sua obra é colocada, na classificação da crítica literária, como de período posterior à corrente estética de RP. É também perto do ano em que TR nasceu, 1903, tendo todas estas temporalidades aproximado estes escritores, em algum momento.

Assim, tão perto e tão longe um do outro! Dois deles viviam na mesma cidade, andavam em meios literários próximos, e olhavam as mesmas mudanças do tecido urbano carioca. O outro, TR, mais ao sul do país, via uma realidade diferente, mas não deixou de procurar entender o seu meio, a sua época, o seu país. E também abismava-se, "obumbrava-se", com seus semelhantes.

De uma forma ou de outra, os três autores foram rechaçados em seu tempo, ou, pelo menos, tiveram críticas ferozes contra eles. Rocha Pombo por seus contemporâneos, o crítico literário José Veríssimo, e pelo historiador Capistrano de Abreu; Lima Barreto por todo um contingente de "intelectuais de elite" de sua época, aqueles que faziam parte do cânone literário estabelecido; e TR por sua família, até onde se sabe, pelos médicos e psiquiatras que dele trataram no hospício e quem sabe pelos membros de toda a Igreja Católica - se estes tivessem tido a oportunidade de ler suas cartas. Neste exercício imaginativo, que é o da interpretação, teve-se a liberdade de pensar TR como um escritor, aquilo que ele almejava ser - e o era, em seu imaginário!

Um outro ponto em comum foi a "veia historiográfica" que os três escritores apresentaram. Todos queriam "ser" historiadores, também, de seu país. RP o foi, embora criticado. LB relata que nunca conseguiu escrever a tão sonhada "História do Brasil", mas pensava muito "historicamente" a nação. TR relata em uma de suas cartas que um dia escreveria a história de sua pátria e analisaria seu futuro promissor.

Um dado interessante é a forma como todos os três personagens, de alguma maneira, preferem o hospício a ter que voltar para casa. Como entender este paradoxo?

Fica explícito, através do texto ficcional de RP, que a exclusão de Fileto servia à família, como vimos, assim como à de todos os outros. Mas para ele, estar no hospício também servia a

seus propósitos, pois não "envergonhando a família", ele não sofria e nem era incomodado por eles, principalmente seu pai. Para Lima/Mascarenhas, a mesma coisa, projetada na figura do irmão e do sobrinho. E TR, pai e irmão se opunham a suas idéias e modos de proceder na vida, incluindo a "mania" de ler e escrever demais.

Sendo assim, o hospício passa a ser, em algum momento das ficções destas vidas, ou "aparece como", um "bom lugar" ao louco, onde este escapa das críticas familiares e do mundo hostil "lá de fora". Mas a realidade última não é bem assim. Fileto optou em morrer no hospital; Lima, morreu em casa e disse que para o HNA só voltaria morto. Sobre TR não se sabe; supõe-se que ele não tenha mais voltado a internações, pelo menos no HPSP, até porque os dados de seu prontuário terminam até onde foi esta pesquisa, em suas cartas.

Ainda sobre Lima Barreto, não se ficou com a idéia, analisando seus diários e o "romance de hospício", de que a literatura era sua "válvula de escape", ou um "modo de enganar a realidade", como alguns críticos o disseram. Ela se impunha, de dentro para fora, como um complexo criativo, tomando novamente emprestada a palavra de C.G. Jung. Ele era tomado pelas idéias, que o assolavam, que o subjugavam, que o faziam escravo, muitas vezes. Uma escravatura à qual ele se entregava e se integrava. E ele era, então, obrigado a colocá-las no papel – qualquer papel, mesmo os mais sujos e velhos, como aqueles que ele achava no hospício para escrever. Não somente ele, mas TR também. E Fileto...

Muitas de suas obras, e não somente *O Triste fim de Policarpo Quaresma*, foram escritas "de um só golpe". *Numa e Ninfa*, por exemplo, diz ele, foi escrito em vinte e cinco dias, logo que saiu a primeira vez do hospício. "Não copiei nem recopiei sequer um capítulo. Eu tinha pressa de entregá-lo, para ver se o Marinho me pagava logo, mas não foi assim e recebi o dinheiro aos

poucos. Escrevi-o em outubro de 1914”. Por mais que a necessidade material fosse premente, não é ela a “dona” da criatividade, nem a sua origem... Será que o valor literário se perderia por aí?

Foi na teoria de Jung onde se encontrou exemplos adequados para explicitar muitos dos pontos de vista desta tese, no que se relaciona às questões de psicologia. Esta teoria psicológica, vale ressaltar, vai ao encontro desta busca do sensível, da totalidade do ser humano enquanto tal, com sua luz e sua sombra, sem catalogar de doente as manifestações do inconsciente, simbólicas por excelência. Antes, elas são genuínas e pertencentes à história cultural da humanidade. A doença pode surgir na relação que se estabelece com estas fantasias, seja por um ego fragilizado que sucumbe a elas, como nos exemplos citados, seja pela negação das mesmas pelas “mentes racionalistas”.

Ao contrário do que preconizavam muitos de seus contemporâneos médicos, doença, para ele, é um desequilíbrio que, se momentâneo, possui uma finalidade, a de voltar a equilibrar a psique. Encara-se, portanto, a perda de equilíbrio como algo adequado, pois substitui uma consciência falha pela atividade automática e instintiva do inconsciente, que sempre visa a criação de um novo equilíbrio.

Tal meta, diz Jung, será alcançada sempre que a consciência for capaz de assimilar os conteúdos produzidos pelo inconsciente, isto é, puder compreendê-los e digeri-los. O mesmo vale para as fantasias criativas, pois surgem espontaneamente na consciência de quem as teve, com o intuito de re-organizar uma vida, ou o espírito de uma época – seja pela necessidade de novas posturas estéticas, nas artes, ou uma nova visão religiosa, ou um ponto novo filosófico a ser pensado, ou mesmo as descobertas científicas. Tudo provém do inconsciente, em primeira mão, mesmo que depois a mente racional se incumba de desenvolver...

A origem de toda a criatividade humana está no inconsciente, naquela parte ainda desconhecida da psique humana, e que pertence à toda humanidade, não a uma pessoa específica – daí a postulação e a construção da noção de um inconsciente coletivo na psique, por Jung. Não é de se acreditar que todas as manifestações culturais, dentre elas o próprio recontar das histórias do Homem – através de seus símbolos, como nas mitologias, artes, religiões – sejam meramente uma “sublimação” do instinto sexual, como dizia Freud “com todas as letras”. É claro que esta sua concepção, no mundo de hoje, já está falida, ninguém mais crê nisto.

Lidar com o inconsciente é um processo feito com e a partir de imagens. As imagens em si nada tem de patológicas; e, sim, são representações da vida humana dentro do sujeito.

As histórias únicas, de certa forma, imagens pessoais, individuais, balizam a norma, analisando-a. Deveríamos nos preocupar somente os "fatos", ou com o sofrimento que eles causam nas pessoa e suas conseqüências na psique dos indivíduos?

Sob o ponto de vista da psiquiatria, ou melhor dito, sob o meu ponto de vista sobre tratamento psiquiátrico – o qual foi eficazmente corroborado pelos achados desta pesquisa – pode-se dizer que não são as técnicas que irão salvar os doentes, e sim a compreensão humana que o terapeuta tem de seus humanos dramas. Assim, o psiquiatra pode ser comparado ao historiador, e ao historiador da cultura, pois a partir de uma história de vida, de seus traços deixados, por exemplo, nos escritos pessoais – aqui considerados representações simbólicas que re-criam o indivíduo enquanto personagem de si-mesmo – uma vida pode ser re-criada, a cura pode ser encaminhada, uma nova versão da história pode ser contada.

A tese é um quebra-cabeças que se vai montando aos poucos; entre achados e teorias, entre fatos e sensibilidades, vai o historiador construindo sua versão, recheando de sabores novos

aquelas histórias do passado. Nem a história está para além da literatura, nem a literatura está para além da história. Ambas, no exercício de remeterem a ficções, se complementam.

A tônica da pesquisa, neste aspecto, foi a presença da ficção nos três conjuntos de textos, que, de forma diferenciada, se cruzam em maior ou menor grau e de maneira incerta – é por este viés que os três escritos se aproximam e, ao mesmo tempo, se distanciam...

Assim, resgatar os “escritos de si” do indivíduo considerado louco, pela sociedade, é dar um novo sentido a fontes até então pouco utilizadas para tal. Bem como resgatar a internação psiquiátrica e os “delírios” dos chamados loucos como fontes históricas, simbólicas e concretas, de situações micro e macro estruturais, é, no mínimo ousado. Ousadia esta que o mundo contemporâneo comporta, parece, a partir de novas "cosmovisões" que vão, aos poucos, se estabelecendo. Ir além da discussão do “saber médico” e olhar por outro ângulo também – o ângulo do simbólico, das representações simbólicas, que permeiam toda a vida humana, e, portanto, social - foi revelador e útil.

Ao mesmo tempo em que se pensou, nesta tese, a sensibilidade sobre a loucura do “louco por ele mesmo”, através de escrituras ordinárias, ou escrituras que revelam muito de si, nestes momentos únicos da vida deles, também questionou-se o papel da psiquiatria, da sociedade, do governo, em relação a estes mesmos personagens, excluídos da sociedade dita “normal”.

Em entrevista para a revista *Psiquiatria Hoje*, de 1997, a doutora Nise da Silveira, pioneira, desde a década de 1940 no Brasil, em trabalhos de Terapia Ocupacional, a partir do referencial junguiano, com pacientes psicóticos internados – no Centro Psiquiátrico Pedro II de Engenho de Dentro, Rio de Janeiro – ao ser questionada sobre o que era tratar doentes mentais, respondeu: “É vestir um escafandro e mergulhar nas suas produções inconscientes, no fundo de

sua psique. É isto que importa. Toda doença mental representa algum trauma emocional muito intenso, algo que foi vivido emocionalmente de forma intensa, tão intensa que não pode ser representada. Os doentes começam a representar isto através de pinturas e de outras atividades plásticas: cabe a nós interpretá-las.”

Sua resposta remete-nos aos achados desta pesquisa.

Gostaria de terminar esta tese com uma frase, que me parece pertinente ao fim de um trabalho que vê a si próprio como uma porta aberta, louca para olhar o mundo, novamente, e a correr em busca de novos diálogos, pesquisas e reflexões: “Chega um momento onde todas as partes encontraram suas relações definitivas e, daí em diante, ser-me-á impossível não retocar nada em meu quadro sem refazê-lo inteiramente.” (Matisse)

Referências

Bibliográficas

I - Textos e obras de História Cultural, História e Literatura, Sociologia da leitura e leituras afins consultadas:

AGUIAR, Flávio e CHIAPPINI, Ligia (orgs). Civilização e exclusão - visões do Brasil em Érico Veríssimo, Euclides da Cunha, Lévi-Stauss e Darcy Ribeiro. São Paulo: Boitempo editorial, 2001.

ARTIÈRES, Phillippe. Arquivar a própria vida. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, p.9-34.

BACZKO, Bronislaw. Les imaginaires sociaux - memoires et espoirs collectifs. Paris: Payot, 1984.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. (principalmente os textos: "O Narrador" e "Sobre o conceito de história") São Paulo: Brasiliense, (s/data).

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). Memória e (res) sentimento - indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

BURKE, Peter. História cultural: passado, presente e futuro. In: _____. O mundo como teatro - estudos de antropologia histórica. Lisboa: Difel, 1992.

_____. (org.). A escrita da história - novas perspectivas. São Paulo: editora da UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. A história cultural, entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.

_____. Histoire et littérature. In: _____. Au bord de la falaise: l'histoire entre certitudes et inquiétude. Paris: Albin Michel, 1998.

_____. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII. Brasília: editora da UNB, 1998.

_____. et alli. La correspondance – les usages de la lettre au XIX e siècle. Paris : Fayard, 1991.

_____. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: editora da UNESP, 1999.

_____. Uma crise na história? A história entre narração e conhecimento. In: Pesavento, Sandra (org.). Fronteiras do Milênio. Porto Alegre: Ed da Universidade/ UFRGS, 2001.

_____. et alii. La sensibilité dans l'histoire. Paris: Gérard Monford, 1987.

CHAVES, Flávio Loureiro. História e literatura. Porto Alegre: editora da Universidade - UFRGS, 1999.

CHIAPPINI, Ligia. Relações entre História e Literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades. In: NODARI, Eunice e PEDRO, Joana (orgs). História: fronteiras. XX Simpósio Nacional da ANPUH. Volume II. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, ANPUH, 1999, p.805-817.

CORBIN, Alain. Saberes e odores - o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

DAVIS, Natalie Z. Du conte et de l'histoire. In: Le débat, Paris, Gallimard, n° 54, mars/avril, 1989.

DECCA, Edgar Salvadori de e LEMAIRE, Ria (orgs.) Pelas margens. Outros caminhos da história e literatura. Porto Alegre/Campinas: editora da Universidade - UFRGS/ editora da UNICAMP, 2000.

ELMIR, Cláudio Pereira. A História devorada - no rastro dos crimes da Rua do Arvoredo. Porto Alegre: Escritos, 2004.

FABRE, Daniel (dir.). Écritures ordinaires. Paris : POL/Centre Georges Pompidou, 1993.

FARGE, Arlete. Le bracelet de parchemin. Paris : Bayard, 2003.

FEBVRE, Lucien. La sensibilité et l'histoire. Comment reconstituer la vie affective d'autrefois? In: Chartier, R. et alii. La sensibilité dans l'histoire. Paris: Gérard Monford, 1987.

FERREIRA, Antônio Celso. História e Literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares. In: Assis - SP: Pos-História, 04:23-44, 1996.

FRANCO, Melo. Desenvolvimento da civilização material no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1944.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 1973.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

_____. Mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. Le juge et le Historien. Paris: Verdier, 1997.

_____. Olhos de madeira - nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de Si, Escrita da História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998.

HARTOG, François. A arte da narrativa histórica. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. Passados recompostos: campos e canteiros da História. São Paulo: editora da UFRJ/Editora da FGV, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. Buarque de. Para uma nova História - textos escolhidos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

HUNT, Lynn (org.). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JAUSS, Hans R. L'usage de la fiction en histoire. In: Le débat, Paris, Gallimard, n° 54, mars/avril, 1989.

LEENHARDT, Jacques & JOZSA, Pierre. Lire la lecture. Paris: Le Sycomore, 1982.

_____. Teoria da comunicação e teoria da recepção. In: Anos 90, revista do PPG História UFRGS. Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 1997, n.8, p.7-13.

_____. & PESAVENTO, S (orgs.). Discurso histórico e narrativa literária. Campinas: Unicamp, 2000.

_____. As luzes da cidade - Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. Texto apresentado no I Simpósio Nacional de História Cultural - ANPUH/RS. Porto Alegre, PUC/RS, setembro de 2002.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1996.

_____. As doenças têm história. Lisboa: Terramar, 1997.

LEMOS, Renato. Bem traçadas linhas - a história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Tempo, 2004.

LIMA, Luis Costa. A narrativa na escrita da história e da ficção. In: A aguarrás do tempo. RJ: Rocco, 1989.

_____. Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira. Rio de Janeiro: Toipbooks, 1997.

MANGUEL, Albert. Dans la forêt du miroir - essai sur les mots et sur le monde. Paris: Actes SUD, 2000.

_____. .. Uma história da leitura. São Paulo: Cia. das letras, 1999.

MAUCH, Cláudia et al. (org). Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. Ulbra/Ed Unisinos, 1994.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória - a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.

PESAVENTO, Sandra. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). In: Anos 90, revista do PPG em História da UFRGS. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, n.4-dezembro de 1995.

_____. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.15, nº 29, 1995, p.9-27.

_____. Com os olhos de Clio ou a Literatura sob o olhar da história a partir do conto Alienista de Machado de Assis. In: Confrontos e perspectivas. Revista Brasileira de História, ANPUH-editora Contexto, SP, v.16, nº31 e 32, 1996, pp.108-118.

_____. Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o "caráter nacional". In: Anos 90, revista PPG História UFRGS. Porto Alegre: editora da Universidade-UFRGS, n.8, dezembro de 1997.

_____. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. In: Nodari, Eunice e Pedro, Joana (orgs). História: fronteiras. XX Simpósio Nacional da ANPUH. Volume II. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, ANPUH, 1999, p.819-831.

_____. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: editora da Universidade - UFRGS, 1999.

_____. O cativo de Clio: Memória e História na escrita de Gilberto Freyre. In: Letterature D'America. Roma: Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Roma "La Sapienza", 2000.

_____. Esta história que chamam micro. In: Guazelli, Cesar et all. (orgs) Questões de teoria e metodologia na História. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 2000.

_____. Fronteiras da ficção - diálogos da História e da Literatura. In: Revista de História das Idéias. Coimbra: Faculdade de Letras, vol.21, 2000.

_____. (org.). Leituras cruzadas. Diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: editora da Universidade, 2000.

_____. Que história é essa? Uma incursão nos desafios do presente. In: Projeto - Revista de educação. Porto Alegre: Projeto, v. 2, n.2, 2000.

_____. Indagações sobre a História cultural. In: Revista Artcultura. Uberlândia - MG, vol 3, n.3, p.9-15, dezembro 2001.

_____. Literatura e compromisso: ficção e verdade no discurso. In: Revista Porto & Vírgula. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, jan/fev 2001, p.65-68.

_____. Uma outra cidade - o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2002.

_____ .. História Cultural, teoria e metodologia. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____ . Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades... Como mensurar o imensurável; como recuperar as sensibilidades dos homens do passado? Comunicação em V Jornada de História Cultural, Porto Alegre, novembro, 2003.

_____ . Revelações da casa-visitantes, convidados e intrusos. Comunicação, Porto Alegre, 2004.

PETIT, Michèle. Éloge de la lecture – la construction du soi. Paris : Belin, 2002.

POMIAN, Krzysztof. Histoire et fiction. In: Le débat, Paris, Gallimard, n° 54, mars/avril, 1989.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Campinas, SP: Papyrus, 1994, 3v.

_____ . La mémoire, l’histoire et l’oublie. Paris : Editions de seuil, 2000.

_____ . L’écriture de l’histoire et la représentation du passé. Annales HSS, n.4, juillet/août 2000.

RONCARI, Luiz. Ficção e História: o espelho transparente de Machado de Assis. In: Nodari, Eunice e Pedro, Joana (orgs). História: fronteiras. XX Simpósio Nacional da ANPUH. Volume II. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, ANPUH, 1999, p.845-859.

SCHORSKE, C. L’histoire et l’étude de la culture. In: Génèses, Paris: Calmant-Lévy, set, 1990.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

II - Textos literários, textos de história da literatura, crítica literária e leituras afins consultadas:

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. Teoria da Literatura. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

ARANTES, Marco Antonio. Loucura em Lima Barreto. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____ . Estética da Criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. RJ: José Olympio, 1965.

BARRETO, Lima. Diário Íntimo. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____ . Impressões de leitura. São Paulo : Brasiliense, 1961

_____. Os Bruzundangas. São Paulo, Ática, 1985.

Barreto, Lima. Como o "homem" chegou. In: A Nova Califórnia - contos. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. Triste fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: Moderna, 1993.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAYNER, Sonia. A mitologia urbana de Lima Barreto. In: Tempo Brasileiro. 33/34.Abril/junho de 1973, p.66-82.

BROCA, Brito. A vida literária no Brasil - 1900. RJ: José Olympio, 1975.

CÂNDIDO, Antônio. Presença da literatura brasileira. São Paulo, Difusão Européia do Livro, tomo II, 1964.

_____. Literatura e sociedade. SP: Nacional, 1973.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959, v. III, tomo I.

_____. A Literatura como fator da nacionalização brasileira. In: Tempo Brasileiro. 33/34.Abril/junho de 1973, p.25-46.

FELMAN, Shoshana. La folie et la chose littéraire. Paris: Seuil, 1978.

GOTLIEB, Nádya Battella & GALVÃO, Walnice Nogueira Falcão. Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GORKI, Maxim. Como aprendi a escrever. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

KAFKA, Franz. Escritos sobre el arte de escribir. Madrid: Fuentetaja, 2003.

LIMA E SILVA, Márcia Ivana de. O Processo criativo do narrador-historiador em Incidentes em Antares. In: Discurso, memória, identidade. Revista Ensaios e Letras. Porto Alegre: PPG Letras UFRGS, 2000. n. 15.

LOTTERIE, Florence. Littérature et sensibilité. Paris : Ellipses, 1998.

MOISÉS, Massaud. O Simbolismo (1893-1902). In: A Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1966, v.4.

MOOG, Vianna. Novas Cartas Persas. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

MOREAS, Jean. Manifesto Simbolista. In: Teles, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e Modernismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1973.

MONTESQUIEU. Lettres persanes. Paris: Gallimard, 1999

MURICY, José Cândido de Andrade. Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Departamento de Imprensa Nacional, 1952, 3v.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das letras. Rio de Janeiro: PUC, Dep. de Letras, dissertação de mestrado, 2000.

PROPP, Vladimir. Morfologia do conto. Lisboa: Vega, s/d.

RESENDE, Beatriz. Diário do hospício: a crônica da loucura. In: _____. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. SP/RJ: editora da UFRJ/editora da UNICAMP, 1993.

RIO, João do. A Alma encantadora das ruas - crônicas. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da letra. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SAWA, Miguel. Historia de Locos. Barcelona: Domenech, 1910.

SILVA, H. Pereira da. Lima Barreto, escritor maldito. Edição do autor, 1976.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. SP: Brasiliense, 1983.

VECCHI, Roberto. Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da história em Lima Barreto. In: Memórias, III Congresso Latinoamericano de la Universidad de Varsovia, 1995, tomo II.

_____. Specchi d'identità: frontiera interna e follia nel premodernismo brasiliano. In: Letterature d'America, Roma, v.X, n.45-46, 1992.

_____. Excentricidade fora do centro: simbolismo da loucura e crítica do moderno em Rocha Pombo. In: Manzi, Joaquín. Locos, excéntricos y marginales en las literaturas Latinoamericanas. Coloquio Internacional. Université de Poitiers - CNRS- URA 2007- Centre de recherches Latino Americaines. 1999.

_____. Estilhaços de ausência: vidas como texto em Olga, de Fernando Moraes, e No Hospício, de Rocha Pombo. In: Decca, Edgar S de e Lemaire, Ria (org). Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura. Campinas/Porto Alegre: Ed. da Unicamp/Ed. Universidade UFRGS, 2000.

VERÍSSIMO, José. Livros e autores de 1903 a 1905. In: Estudos de literatura brasileira. 6ª série. São Paulo-Belo Horizonte: EDUSP/Itatiaia, 1977.

VON FRANZ, Marie Louise. Um método de interpretação psicológica. In: A interpretação dos contos de fada. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

ZILBERMAN, Regina. "De médico e de louco todo mundo tem um pouco", ou Machado de Assis e a racionalidade da loucura. In: Manzi, Joaquín. Locos, excéntricos y marginales en las

literaturas Latinoamericanas. Coloquio Internacional. Université de Poitiers - CNRS- URA 2007- Centre de recherches Latino Americaines. 1999.

III - Textos sobre História da Psiquiatria, Psiquiatria e Medicina no Brasil, Psicologia e obra criativa e Leituras afins consultadas:

AMARANTE, Paulo. (coord) Loucos pela Vida - a trajetória da Reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

ANTUNES, Eleonora et all. (orgs). Psiquiatria, loucura e arte - fragmentos da história brasileira. São Paulo: EDUSP, 2002.

ARENDDT, Hannah. O Sistema Totalitário. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

_____. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

ARTIERES, Philippe. Clinique de l'écriture : une histoire du regard médical sur l'écriture. Paris : Institut Synthélabo, 1998.

BLAVIER, André. Les fous littéraires. Paris : ed. de Cendres, 2000.

BARRETO, Djalma. O Alienista, o louco e a lei. Petrópolis: Vozes, 1978.

BASAGLIA, F. (coord). A Instituição Negada. Relato de um Hospital Psiquiátrico. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BOULOUMIE, Arlete. Ecriture et maladie. Paris : Imago, 2003.

CALMON, P. O Palácio da Praia Vermelha. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1952.

CASTEL, Robert. A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

COCTEAU, Jean (org.). Insania Pingens. Basilea: CIBA, 1961.

COELHO FILHO. A psiquiatria no país do açúcar e outros ensaios. João Pessoa: SEC da Paraíba, 1977.

COSTA, Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil, um corte ideológico. Rio de Janeiro: editora Documentário, 1976.

CUNHA, M. C. Pereira. O espelho do mundo - Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. Cidades da ordem: a doença mental na República. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DEVAUX, Jean-David. Les espaces de la folie. Paris : l'Harmattan, 1996.

ELLENBERGER, H. El descubrimiento del inconsciente - história y evolución de la psiquitria dinámica. Madrid: Editorial Gredós, 1976.

_____. Médecines de l'âme : essais d'histoire de la folie et de guérisons psychiques. Paris : Fayard, 1995.

ENGEL, Magali Gouveia. As fronteiras da anormalidade: psiquiatria e controle social. In: Revista História, Ciências, Saúde: Manguinhos. V.5, n.3, nov/1998. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. - fev.1999, p.547-564.

_____. Imagens limianas da loucura e do hospício: elementos para uma reflexão. In: Revista do Departamento de Psicologia, 3-4 (1-2): 65-77. Niterói: Universidade Federal Fluminense, janeiro, 1991-1992. (*)

_____. Os delírio da razão - médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: editora da Fiocruz, 2001.

FIGUEIREDO, G. O príncipe e os insanos. São Paulo: Cortez editores, 1988.

_____ e FERRAZ, Marcos. Século XIX no Brasil: D. Maria I, fundação do ensino e hospício de alienados. In: Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria. RJ, 20 (3) : 75-85, 1998.

_____ e _____. Hospício, caridade e psiquiatria. In: Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria. RJ, 20 (1): 1-8, 1998.

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

_____. Doença Mental e psicologia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

FREYRE, Gilberto. Médicos, doentes e contextos sociais: uma abordagem sociológica. Rio de Janeiro/Porto Alegre: editora Globo, 1983.

GODOY, Jacintho. Psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: edição do autor, 1955.

GOFFMAN, Erwin. Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

JAMES, Tony. Vies secondes. Paris : Gallimard, 1997.

JUNG, C.G. O Homem e seus símbolos. RJ: Nova Fronteira, 1983.

_____. O espírito na arte e na ciência. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Presente e futuro. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1989.

_____. Tipos psicológicos. Petrópolis: Vozes, 1991. James, Tony. Vies secondes. Paris : Gallimard, 1997.

LAMARCHE-VADEL, Gaetane. *L'Asile*. Paris: Recherches, 1978.

LOPES, L.A. A psiquiatria e o velho hospício. In: _____. 4 séculos de cultura. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1966.

LUZ, Madel. *As Instituições Médicas no Brasil: instituição e estratégia de hegemonia*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

MACHADO, Roberto (org.) *Danação da norma: medicina social e formação da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MEDEIROS, T. *Formação do Modelo Assistencial psiquiátrico no Brasil*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psiquiatria da UFRJ, 1977.

MEIER, C.A. *Sonho e ritual de cura: incubação antiga e psicoterapia moderna*. São Paulo: Paulus, 1999.

MURAT, Laure. *La maison du docteur Blanche : histoire d'un asile et de ses pensionnaires, de Nerval à Maupassant*. Paris : JC Lattès, 2001.

PAULA, Richard Negreiros de. *O Pensamento Psiquiátrico na Primeira República: formulações psiquiátricas sobre a criação de uma identidade nacional*. *Revista Cantareira*. 6ª edição on-line. Homepage: <http://www.historia.uff.br/cantareira>

PÉLBART, Peter Pál. *Da clausura de fora ao fora da clausura - loucura e desrazão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PÉRES, Heitor. *Narrativas de um psiquiatra*. Rio de Janeiro: Coelho Branco editor, 1950.

PESSOTTI, Isaias. *A loucura e as épocas*. Rio de Janeiro: editora 34, 1994.

PLAZA, Monique. *Ecriture et folie*. Paris : PUF, 1986.

PONNAU, Gwenhael. *La folie dans la littérature fantastique*. Paris : PUF, 1997.

POSTEL, Jacques e QUÉTEL, Claude. *Historia de la Psiquiatria*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da Loucura - Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

RIGOLI, Juan. *Lire le délire - aliénisme, rhétorique et littérature en France, au XIX siècle*. Paris: Éditions Fayard, 2001.

SANTOS, Nádía Maria Weber. *A tênue fronteira entre a saúde e a doença mental: um estudo de casos psiquiátricos à luz da Nova História Cultural*. Dissertação de mestrado. PPG em História-UFRGS, 2000.

_____. Afinal quem sou eu? Elementos da comicidade na dramaturgia de Qorpo Santo. In: Anos 90 - revista do PPG em História da UFRGS. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, n. 14, dezembro de 2000, p.96-112.

_____. A concepção de inconsciente na História do final do século XIX à Nova História Cultural. Comunicação realizada na II Jornada de História Cultural, junho de 1999.

SCHIAVONI, Alexandre. Um furacão na cidade : o hospício São Pedro na Porto Alegre 'fin de siècle'. Cadernos de estudo do PPG em História da UFRGS, n.10. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

_____. O corpo insano. Concepção popular e saber médico na virada do século XIX. In: SAÚDE: revista do NIPESC/UFRGS, vol.1, 1996.

_____. A institucionalização da loucura no Rio Grande do Sul: o Hospício São Pedro e a Faculdade de Medicina. Dissertação de mestrado, PPG História, UFRGS, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da vacina - mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: editora Scipione, 1993.

SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. RJ: editorial Alhambra, 1981.

SZASZ, Thomas. Ideologia e doença mental-ensaios sobre a desumanização psiquiátrica do homem. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1980.

TUNDIS, Silvério Almeida e COSTA, Nilson Rosário (orgs). Cidadania e loucura - políticas de saúde mental no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

UCHÔA, D. M. Organização da Psiquiatria no Brasil. São Paulo: Sarvier, 1981.

VENÂNCIO, Ana Teresa. Ciência Psiquiátrica e política Assitencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, vol.10(3): 833-900, set-dez, 2003.

WADI, Yonissa M. "Palácio para guardar doidos": uma história das lutas para a construção do hospício de alienados e da psiquiatria no RS. Porto Alegre: editora da Universidade/ UFRGS, 2002.

_____. "Eu, Pierina C., que afoguei minha filha": criminosa ou louca? Comunicação apresentada no I Simpósio de História Cultural. Porto Alegre, PUCRS, setembro de 2002.

_____. Leituras de uma certa loucura: a escritura entre o sintoma e a recriação de si. PROJETO HISTÓRIA. São Paulo, n. 26, p.133-162, jun.2003, PUC/SP.

_____. Manuscritos singulares: experiências de loucura em registros de internamento e cartas de internos. Comunicação Coordenada no II Simpósio Nacional de História Cultural. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, setembro de 2004.

_____. Louca pela vida: a história de Pierina. Tese de Doutorado. História Social, PUC, São Paulo, 2002.

Fontes

Literárias:

- Romance: No Hospício (Rocha Pombo, 1905) - foi utilizada a segunda edição, organizada por Afrânio Coutinho e publicada pelo Instituto Nacional do Livro, em 1970. Cabe ressaltar que esta é a única edição desta obra que foi encontrada em Porto Alegre até o momento;
- Memórias/Romance: "Diário do hospício", in: "Cemitério dos vivos - memórias" (Lima Barreto, 1920) - foi utilizada a edição organizada por Francisco de Assis Barbosa e publicada pela editora Brasiliense, em 1956, volume 15;
- Cartas: "Cartas de Hospício" de TR (paciente internado no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, em 1937) – foi utilizada a transcrição na íntegra destas cartas, realizada em 1998 e que consta na cópia final da dissertação de mestrado "A tênue fronteira entre saúde e doença mental: um estudo de casos psiquiátricos à luz da Nova História Cultural, de 1937 a 1950" (PPG de História UFRGS; biblioteca do IFCH da UFRGS) e publicada em "e-book" (Jeweb editora digital) em 2002.
- "Rocha Pombo - o escritor e o historiador", escrito por Elmano Cardim, publicado em 1958, no Rio de Janeiro, pela Gráfica editora Jornal do Comércio. [CASA DE RUI BARBOSA, RJ]

Hospitales:

- Prontuário médico de 1937, n. 7381, do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, onde constam as cartas do paciente TR (arquivado no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul)
- Relatório apresentado ao presidente do Rio Grande do Sul Antônio Augusto Borges de Medeiros pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior doutor Protásio Alves (1905/1906), 15-09-1906 (6-9.1) , **SIE.3-014** , onde consta o relatório do diretor do Hospital São Pedro, dr. Tristão Torres, do ano de 1905. (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul)
- Relatório apresentado ao presidente do Rio Grande do Sul Antônio Augusto Borges de Medeiros pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior doutor Protásio Alves - 1919 - **SIE. 3-031** (tomo i) e **SIE. 3-032** (tomo ii) - Relatório do diretor do Hospício São Pedro, dr. Dioclécio Sertório Pereira. (AHRs)

OBS: Não foi encontrado o relatório do diretor do HPSP de 1937, ano em que TR estava lá internado, mas supõe-se que esteja no próprio hospital, cujo processo de restauro e arquivamento

(formação de um Centro de Documentação e Pesquisa) de todo seus documentos e patrimônio está sendo realizado neste momento.

Jornais:

"AUTORES E LIVROS", RJ, 1944. Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 6, 1944 - número especial dedicado a Rocha Pombo. [CASA DE RUI BARBOSA , RJ]

CORREIO DO POVO - 1 a 30 de abril de 1937. [MCSHC]

Homepages:

VIDA E OBRA DE ROCHA POMBO - <http://www.casarochapombo.pop.com.br> - Ultimo acesso em 12.12.2004

VIDA E OBRA DE VIANNA MOOG - <http://www.academia.org.br/imortais/frame3.htm>- Ultimo acesso em 20.03.2003

VIDA E OBRA DE ROCHA POMBO - <http://www.academia.org.br/imortais/frame3.htm>- Ultimo acesso em 13.10.2004

TOMO II

Anexos

Anexo I CERTIFICADO DE INTERNAÇÃO HPSP

DADOS COMEMORATIVOS (1937)

Anexo II A OBRA DE TR***CARTAS DE HOSPÍCIO*****1937**

Anexo III AS OBRAS DE LIMA BARRETO***DIÁRIO DE HOSPÍCIO E CEMITÉRIO DOS VIVOS*****1920**

Anexo IV A OBRA DE ROCHA POMBO

NO HOSPÍCIO
1905